PERDIGÕES
COMPLEXO ARQUEOLÓGICO

PERDIGÕES MONOGRÁFICA | 01
PROGRAMA GLOBAL DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS PERDIGÕES

01
OS PERDIGÕES NEOLÍTICOS.

GÉNESE E DESENVOLVIMENTO

(De meados do 4º aos inícios do 3º milénio ac).

Editado por
António Carlos Valera

NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA
ERA ARQUEOLOGIA

PROGRAMA GLOBAL DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS PERDIGÕES (INARP)

PERDIGÕES MONOGRÁFICA

1

OS PERDIGÕES NEOLÍTICOS.

GÉNESE E DESENVOLVIMENTO (DE MEADOS DO 4º AOS INÍCIOS DO 3º MILÉNIO AC).

Editor:
ANTÓNIO CARLOS VALERA

2018

Colecção PERDIGÕES MONOGRÁFICA

Volume 1

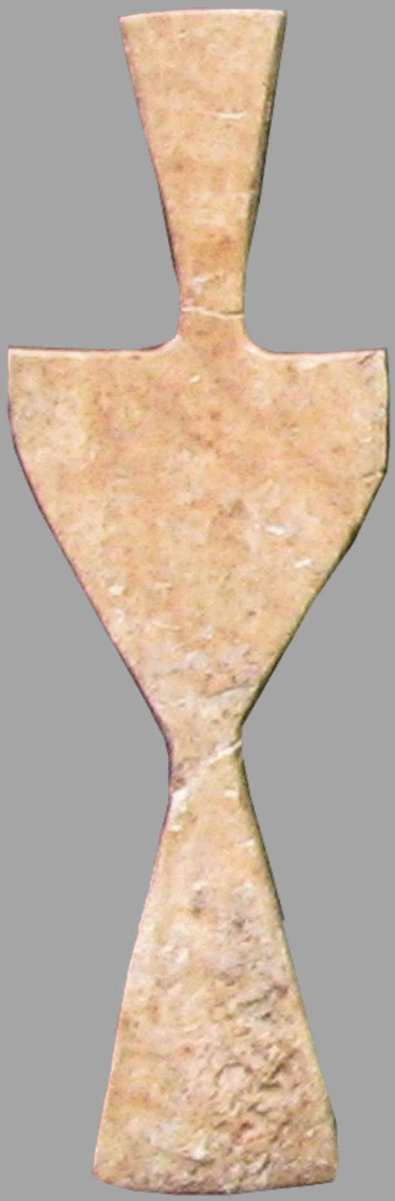
Edição: NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA (NIA)
ERA ARQUEOLOGIA S.A.

ISBN: 978-989-98082-2-5

Local e data de edição: Lisboa, 2018.

Trabalho parcialmente realizado no contexto do projecto PTDC/EPH_ARQ/0798/2014 financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, sendo instituições participantes a Era Arqueologia, ICArEHB (Univ. Algarve) e Laboratório Hércules (Univ. Évora).

Colaboram neste volume: Ana Catarina Basílio, Ana Maria Silva, António Carlos Valera, Cláudia Costa, Inês Leandro, Lino André, Lucy Shaw Evangelista, Nelson Cabaço, Patrícia Castanheira, Ricardo Godinho.



Índice

Prefácio 11
1 Introdução 13
2 Espaço prévio. a arquitectura começa com a escolha do lugar 15
3 Temporalidades e espacialidades durante o Neolítico nos Perdigões 23
4 Estruturas negativas, estratigrafias e processos de enchimento 39
4.1 A Fase 1 do Neolítico dos Perdigões 39
4.1.1 Os fossos 39
4.1.2 As Fossas e Buraco de Poste 48
4.2 A Fase 2 do Neolítico dos Perdigões: Neolítico Final 52
4.2.1 Os Fossos 52
4.2.2 As Fossas 69
4.2.3 As duas estruturas de tipo hipogeu 72
4.3 Depósitos externos, taludes e erosões 80
5 Os materiais: abordagem tipológica 83
5.1 Os recipientes cerâmicos (A.C. Valera) 83
5.1.1 O conjunto de recipientes cerâmicos da Fase 1 83
5.1.2 O conjunto de recipientes cerâmicos da Fase 2 88
5.2 "Cachimbos" e colheres" (A.C. Valera) 106
5.3 Os elementos de tecelagem, discos em cerâmica (A.C. Valera) 107
5.4 Instrumentos musicais (?) (A.C. Valera) 108
5.5 Pedra talhada, pedra polida e moagem (A.C. Valera) 110
5.5.1 Pedra Talhada 110
5.5.1.1 Fase 1 111
5.5.1.2 Fase 2 117
5.5.2 Pedra Polida 125
5.5.3 Utensílios de moagem 126
5.5.4 Outros 126
5.6 Elementos de adorno e mágico- religiosos (A.C. Basílio) 127
5.6.1 Conjunto, contextos e cronologias 127
5.6.2 Elementos de adorno 129

5.6.3 Artefactos ideotécncios 131
5.6.3.1 "Ídolos" (Almerienses e de Cornos) 132
5.6.3.2 Placas de Xisto, lajes e ídolo placa 134
5.6.3.3 Pigmentos vermelhos: Ocre 141
5.6.3.4 Cerâmica simbólica 141
5.6.4 Contextos e representatividades 143
5.7 Utensilagem em osso (P. Castanheira, N. Cabaço) 146
5.7.1 Critérios de análise dos artefactos 146
5.7.2 Artefactos sobre osso: resultados da análise 148
5.7.3 Dados em contexto 149
5.7.4 Algumas leituras possíveis 151
6 Contextos funerários e manipulação de restos humanos 155
6.1 Os contextos funerários das Fossas 7 e 11 155
6.2 Restos humanos em fossos e fossas. 160
6.3 Breve nota sobre os contextos funerários e de manipulação de restos humanos durante a fase neolítica nos Perdigões 162
7 Perdigões neolíticos: os vertebrados 163
7.1 Introdução 163
7.2 Materiais e Métodos 163
7.3 Resultados 164
7.3.1 Peixes e anfíbios 164
7.3.2 Répteis 165
7.3.3 Aves 165
7.3.4 Mamíferos 168
7.3.4.1 Perfis de mortalidade de suínos e caprinos domésticos 173
7.4 Tafonomia 176
7.5 Considerações finais 178
8 As faunas malacológicas 191
9 Os Perdigões neolíticos: notas para um modelo do processo histórico do 4º milénio ac (antecipando o 3º) no Sul de Portugal. 195
9.1 Breve resenha da evolução interna dos Perdigões neolíticos 195
9.2 Os Perdigões e a ocupação do vale da Ribeira de Vale do Álamo durante o Neolítico Médio / Final 198
9.3 A questão agrícola, as componentes cinegética e pastoril, a variável subsistência e a sua coerência 201
9.4 Interacção: no do plano material e do imaterial 209
9.5 Recintos, para que vos quero? O "*Takeoff*" e o "ideológico em interacção". 213

9.6 Perdigões, um projecto de sucesso..... 219
10 Referências Bibliográficas (organizadas por capítulos)..... 223

PREFÁCIO

Há vinte e um anos, penso que num dia janeiro de 1997, cheguei aos Perdigões pela primeira vez na minha vida. Chovera intensamente durante toda a viagem, mas quando ali cheguei uma curta aberta permitiu que caminhasse no sítio e compreendesse que, perante o que tinha pela frente, sentia algo que nunca mais se repetiria. O espanto e a excitação que o local provocou geraram uma energia que me moveu no sentido de ajudar a salvar este extraordinário sítio arqueológico do abandono e destruição. Ali, naquele dia, foi iniciado o processo de conhecimento que nos trouxe ao presente; ali, foram lançados os fundamentos de uma estratégia de salvaguarda que então começou.

A génese do Projecto Perdigões está na origem da ERA Arqueologia. A ideia de a constituir estava latente e nunca saberei se sem ali ter estado naquele longínquo dia a empresa teria de facto sido criada. Em qualquer dos casos, uma vontade e urgência de fazer arqueologia, de a fazer com paixão, exigência e qualidade, consolidou-se ao longo da primeira campanha de escavações arqueológicas que alguns meses depois começou e que culminou com a conclusão de estarmos face a realidades desconhecidas, bem preservadas e de enorme importância para os processos de conhecimento da Pré-história peninsular. Uma equipa de arqueólogos, de uma geração que se começava a afirmar, participou então numa experiência de enorme relevância para a definitiva profissionalização dos arqueólogos portugueses.

Mais de duas décadas depois daquele dia, é tão imenso aquilo que sabemos sobre os Perdigões que não me restam dúvidas: valeu a pena a persistência e o caminho trilhado. O sítio está protegido, prestes a ser classificado como Monumento Nacional, e o processo de investigação então iniciado prossegue de forma consolidada, sucedendo-se as campanhas de escavação, os projectos de investigação fundamental e as colaborações com diferentes investigadores ou instituições. Através de um labor de publicações sucessivas, os Perdigões são hoje incontornáveis para quem se dedica à investigação da Pré-história recente europeia e afirmaram-se junto do público em geral. Paralelamente, é evidente um crescente impacto social do nosso trabalho.

É neste contexto que a ERA publica esta primeira monografia dedicada ao sítio, através do seu Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA) orientado por António Valera, que tanto já deu ao projecto. Porque na longa escala do tempo ainda estamos no início de um vasto processo, muitas outras se sucederão, provavelmente mais aprofundadas, abrangentes ou específicas, eventualmente mais inovadoras ou consistentes. Mas no caso presente, começamos, de certa forma, pelo princípio da história dos Perdigões que terá a sua origem algures no Neolítico. É sobre esse tempo, na medida em que a investigação já realizada nos permite, que esta publicação se debruça, revelando dados e interpretações que seguramente serão revisitados ou repensadas no futuro, mas que aqui encontram a sua cristalização presente.

Muitas gerações de arqueólogos irão trabalhar nos Perdigões; todas elas olharão para este volume sobre as suas primeiras fases como original e precursor. Cada tempo produz o seu conhecimento; quanto a nós, aqui estamos a persistir num sonho que se gerou num dia de inverno de 1997.

Miguel Lago
Lisboa, novembro de 2018

1 INTRODUÇÃO.

A.C. Valera

Com a presente monografia, centrada nos contextos neolíticos intervencionados nos Perdigões entre 2007 e 2018, inicia-se uma série dedicada à publicação de trabalhos de cariz monográfico realizados neste notável sítio arqueológico e integrados no seu Programa Global de Investigação Arqueológica (INARP), dirigido pelo Núcleo de Investigação Arqueológica da Era Arqueologia SA.

Esta iniciativa editorial coincide, e não seguramente de forma inadvertida, com duas situações importantes na vida recente do sítio dos Perdigões: o facto de o seu projecto de investigação programada ter completado duas décadas de existência com actividade continuada, apresentando uma dinâmica crescente de colaborações e internacionalização que o transformam num dos projectos de referência da Arqueologia Pré-Histórica portuguesa e ibérica; e o facto, a que não é estranha a circunstância anterior, de o sítio estar prestes a ser classificado como Monumento Nacional. A Perdigões Monográfica nasce, assim, como um momento de um processo, herdeira de duas décadas de trabalho e investigação e de um reconhecimento patrimonial que ajuda a comemorar, mas orientada para dar continuidade e aprofundar essa trajectória de sucesso.

A bibliografia relativa ao complexo arqueológico dos Perdigões é já bastante extensa (Valera, 2017) e na altura em que este texto está a ser redigido conta com 78 artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, 9 teses de mestrado e 4 teses de doutoramento, resultado da intensa investigação desenvolvida. Estes são, contudo, trabalhos sobre assuntos e temáticas específicas, faltando ainda publicações de cariz monográfico que disponibilizem, de modo amplo e integrado, contextos, materiais, resultados analíticos e respectivas problematizações.

Naturalmente, num sítio com a dimensão e complexidade dos Perdigões, em que a investigação continua em permanência, é sempre difícil encontrar o momento ideal para redigir uma síntese, pois enquanto esta é escrita as coisas não param de mudar e, quando se termina a escrita, já se sente o desconforto da desactualização. Temos, pois, que nos forçar a esse momento, tanto mais que a partilha da informação que se vai acumulando com a comunidade científica é uma obrigação que sempre foi sendo assumida (e que número de publicações atesta).

Desta forma, o presente trabalho incidirá sobre os contextos e dados disponíveis relativos à fase neolítica dos Perdigões. Tendo o sítio um amplo espectro cronológico, actualmente genericamente compreendido entre 3500 e 2000 a.C., entendeu-se que seria útil, mais por razões de gestão da informação que por qualquer descontinuidade histórica estrutural, não abordar a totalidade da cronologia. De facto, o volume de dados e de materiais é grande, pelo que o seu processamento e disponibilização terá que ser faseado.

Por outro lado, convém frisar que esses dados a apresentar, e que sustentam o discurso que os enquadra, resultam de uma área intervencionada arqueologicamente ainda inferior a 2%

do total do sítio. Este número estabelece um importante patamar de ponderação, ao qual tudo o que se disser terá que ser relativizado. Coisas estarão sobre dimensionadas, outras claramente sub representadas. Nem tudo poderá ser extrapolado da mesma forma para as diferentes áreas do sítio, pois o espaço humanizado é descontínuo e heterogéneo. Contudo, é igualmente importante sublinhar que, se apenas cerca de 1,5% do sítio foram submetidos a escavação, mais de 80% foram submetidos a geofísica, com os excelentes resultados que são já largamente conhecidos. Esta imagem possibilita que determinadas realidades possam ser analisadas em escalas mais amplas, ultrapassando as limitações resultantes da ainda reduzida área intervencionada, que em termos absolutos é, porém, das mais amplas para contextos neolíticos da região. É a conjugação dos dados provenientes de escavação com a informação proporcionada pelo magnetograma que viabiliza, de forma mais sustentada, este primeiro intento de caracterização dos Perdigões neolíticos.

Não existindo uma descontinuidade histórica estrutural entre os Perdigões neolíticos e os Perdigões calcolíticos, pois a imagem que foi emergindo ao longo destas duas décadas de investigação é a de uma trajectória social muito dinâmica, mas sem significativas rupturas internas, também é verdade que existem diferenças, tanto quantitativas como qualitativas entre as duas grandes fases. Clarificando a compartimentação, a diferenciação que aqui se estabelece entre a fase neolítica e a calcolítica corresponde à percepção da existências de patamares internos que podem ser identificáveis numa trajectória social específica que colapsa no final do 3º milénio a.C.. Que fique claro que não traduz sistemas sociais diferentes, antagónicos e subsequentes, mas estádios de desenvolvimento de uma mesma dinâmica, progressivamente mais diversificada e complexa. Assim, se o texto se inicia abordando o "nascimento" dos Perdigões, não termina no seu fim, mas na sua "adolescência", deixando para mais tarde os capítulos relativos à sua fase "adulta".

As metáforas etárias traduzem a necessidade de abordar o sítio em termos biográficos, pois, com cerca de 1500 anos de existência, os Perdigões foram *sendo*, num processo de crescimento e desenvolvimento dos seus papéis sociais, ainda que certamente arritmado. Mas ao contrário da biografia de um indivíduo, cuja a espectativa é que cresça e se desenvolva, ao sítio essa trajectória não está destinada à partida. As razões do seu crescimento engendrar-se-ão nas circunstâncias da sua vida inicial e nas redes de relações que vai estabelecendo com o que o rodeia a diferentes escalas. Os Perdigões nasceram, cresceram e viveram milénio e meio. Outros recintos, não muito distantes, nasceram mais ou menos ao mesmo tempo, mas morreram cedo, outros mantiveram-se pequenos e sem a capacidade de se integrarem em relações de larga escala. Por outras palavras, explicar o sucesso do recinto dos Perdigões implica pensar que poderia não ter tido sucesso, obriga a tentar perceber o que, a cada momento, o fez desenvolver-se e emergir ou o que, desde o início, lhe conferia vantagem diferenciadora.

As raízes da exuberância que os Perdigões apresentam durante o 3º milénio AC estão, pois, nas dinâmicas e nas relações locais, regionais e transregionais que foi forjando ao longo da segunda metade do 4º milénio a.C., mas eventualmente também nas motivações iniciais e nas circunstâncias concretas em que se gera o seu aparecimento.

A apresentação dos dados e contextos dos Perdigões neolíticos procurará, assim, estar enquadrada numa perspectiva genealógica, que ambiciona perceber as condições prévias que condicionaram o nascimento do sítio e as dinâmicas iniciais que favoreceram o seu crescimento, estabelecendo as bases para o seu desenvolvimento futuro. É um texto essencialmente sobre o sítio e rede local em que se insere, que não tem por objectivo produzir uma síntese regional sobre as dinâmicas sociais do período abordado. Mas, naturalmente, não poderá deixar de olhar para ele como um sinal dos tempos e, nessa medida, discutir um conjunto de perspectivas sobre essas trajectórias sociais a partir dos dados que os Perdigões proporcionam.

2 ESPAÇO PRÉVIO. A ARQUITECTURA COMEÇA COM A ESCOLHA DO LUGAR

A.C. Valera

Condições de palácio tem qualquer terra larga,
mas onde está o palácio se o não fizerem ali?
(Bernardo Soares, Livro do Desassossego)

Abordar os Perdigões neolíticos implica colocar a questão da sua origem ou, para quem não se sinta confortável com a conotação quase criacionista que por vezes a palavra assume, do seu *aparecendo*.

De facto, a procura das origens, de um momento fundador essencial, é, curiosamente, um axioma partilhado pelo pensamento mítico (que associamos ao pré-moderno) e pelo pensamento moderno, ainda que no primeiro opere num templo cíclico e de retorno e no segundo se integre num tempo linear de inexorável afastamento. A procura do princípio, do momento em que começam as coisas, as trajectórias, os processos, é, porém, um inefável equívoco gerado pelas próprias características da nossa cognição, da sua forma de operar e da necessidade de encontrar, num devir contínuo e arritmado, uma plataforma estável a partir da qual se possa contar a história que queremos contar. Mais do que aparecer, as coisas vão aparecendo, num rizoma de possibilidades e relações causais onde o estabelecimento de um momento original é uma simples (que pode ser extraordinariamente complexa) arbitrariedade.

Arbitrário será, pois, o momento escolhido para começar a contar a história do lugar dos Perdigões, o qual terá começado a gerar-se como uma possibilidade no âmbito das dinâmicas sociais e das cosmologias neolíticas antes de ganhar forma como projecto e depois como arquitectura. Neste devir de contornos difusos escolheu-se, assim, um momento para iniciar a abordagem à biografia dos Perdigões. Escolheu-se uma escolha: a escolha do lugar.

Procurar compreender as razões que conduziram a que os Perdigões estejam onde estão implica uma abordagem no âmbito da antropologia e sociologia do Espaço (Sack, 1980; Criado Boado, 1993; Pearson, Richards, 1994; Muir, 1997; Crang, 1998; Távora, 1999; Ingold, 2000; Silvano, 2001; Valera, 2007), na qual espaço e pessoas funcionam de modo integrado, orgânico e relacional, recusando a perspectiva que concebe, de forma reducionista, o espaço como palco estático, passivo, e como simples recurso. O espaço é activo na produção e reprodução das organizações sociais, integrando-as como elemento constituinte e não como algo que lhes é exterior. Emerge simultaneamente como resultado e meio da acção social, onde cenários, práticas e materialidades operam de forma relacional na construção de paisagens de sentido, ou seja, de microcosmos. É arquitectado à medida e na medida em que é vivido, sendo, como os organismos sociais em que se integra, profundamente histórico e contingente.

Nesta dinâmica relacional, o humano arquitecta o seu espaço através dos elementos naturais, das experiências, das percepções, das formas como o percorre e usa, e das suas próprias interferências físicas, dotando esse espaço de sentidos e referências, isto é, transformando-o em paisagem. Nesta linha, a arquitectura ganha um sentido amplo e estruturante da organização social: "*A Arquitectura, enquanto actividade humana que se manifesta essencialmente na interacção Homem / Espaço (mas que está, naturalmente, imbuída de tempo), poderá ser definida como correspondendo a materialidades utilizadas para estabelecer determinadas organizações e inscrever sentidos numa relação espacial e que resultam de um maior ou menor trabalho de antecipação, ou seja, de projecto. Traduz leituras e vivências do espaço; é relativa a estádios e opções tecnológicas; cumpre funções práticas concretas (pelo que se integra nesses sistemas de actividades); mas, simultaneamente, expressa e age sobre as estéticas, as ideologias, as relações sociais vigentes, funcionando com dispositivo comunicacional de sentidos explícitos e implícitos, tanto através das suas estruturas físicas como através das formas em que organiza o espaço e sistemas de actividades associados. Corresponde, pois, à construção de cenários activos, condicionados (porque transportam a tradição e respondem a interesses sociais) e condicionantes (porque interferem activamente nas relações sociais em que se integram e que viabilizam), no contexto da agência humana num dado espaço e tempo."* (Valera, 2007: 398-399).

E nunca se constrói sobre um vazio. A construção arquitectónica de um lugar parte sempre das leituras prévias do espaço e dos processos de categorização e nomeação, ou seja, das referências existentes. Essas referências espaciais, elementos significantes nas paisagens, são pré-existências condicionantes e conformadoras do que vem de novo. De facto, os sítios, os lugares, como as coisas ou as pessoas, são sempre em relação. O espaço é contínuo, porque as formas e os vazios estabelecem relações recíprocas entre si. "*Significa isto que a análise arquitectónica não pode incidir apenas sobre o construído, mas terá que se debruçar sobre a relação que todo esse construído (na sua multiplicidade de unidades combináveis) mantém com as formas e os "vazios" que lhe servem de contexto e terá que ter em conta as pré-existências e a forma como estas participam na edificação.*" (Valera, 2007: 403).

Perceber o lugar é, por isso, perceber as razões da sua escolha e elas podem ser de vária ordem: as condições físicas (topografia, vegetação, geologia, água, etc.), a valorização que é feita dessas condições, os objectivos pretendidos e a tradição (constrangimentos sociais), factores que funcionam integrados e que frequentemente não se apresentam formalizados de maneira independente. Aqui é importante sublinhar os factores que se relacionam com a intenção e a tradição, pois é neles que se funda a diferença entre ocupar um espaço e organizar um lugar (Távora, 1999): ocupar é simplesmente estar no espaço físico, organizar é estar com desígnios num contexto de tradição (no sentido de Gadamer, 1998), construindo um espaço significante.

Olhando agora o caso concreto dos Perdigões, procuremos identificar e analisar as condições prévias, perceber a forma como estas nos podem revelar algo sobre a escolha do lugar e de como essa escolha, por sua vez, nos pode dizer algo sobre os desígnios subjacentes. Comecemos pelas condições físicas, nomeadamente a topografia, a geologia, a visibilidade, a disponibilidade de água, o coberto vegetal.

Administrativamente localizados na freguesia e concelho de Reguengos de Monsaraz, distrito de Évora (com coordenadas centrais de M 50134, P -136134, Z 239m), os recintos dos Perdigões surgiram ao centro de uma topografia natural que forma um anfiteatro de tendência circular aberto a nascente. Este local integra-se na vertente direita da parte inicial do vale da Ribeira de Vale do Álamo (RVA), o qual tem uma orientação sensivelmente Norte – Sul. Neste troço, o vale é delimitado a Oeste por uma elevação alongada, com cotas em torno aos 250m, a

qual se estende até perto da actual cidade de Reguengos de Monsaraz, onde a ribeira curva para Sudeste e o vale se torna mais amplo, orientando-se a Este-Sudeste (Figura 2.1).

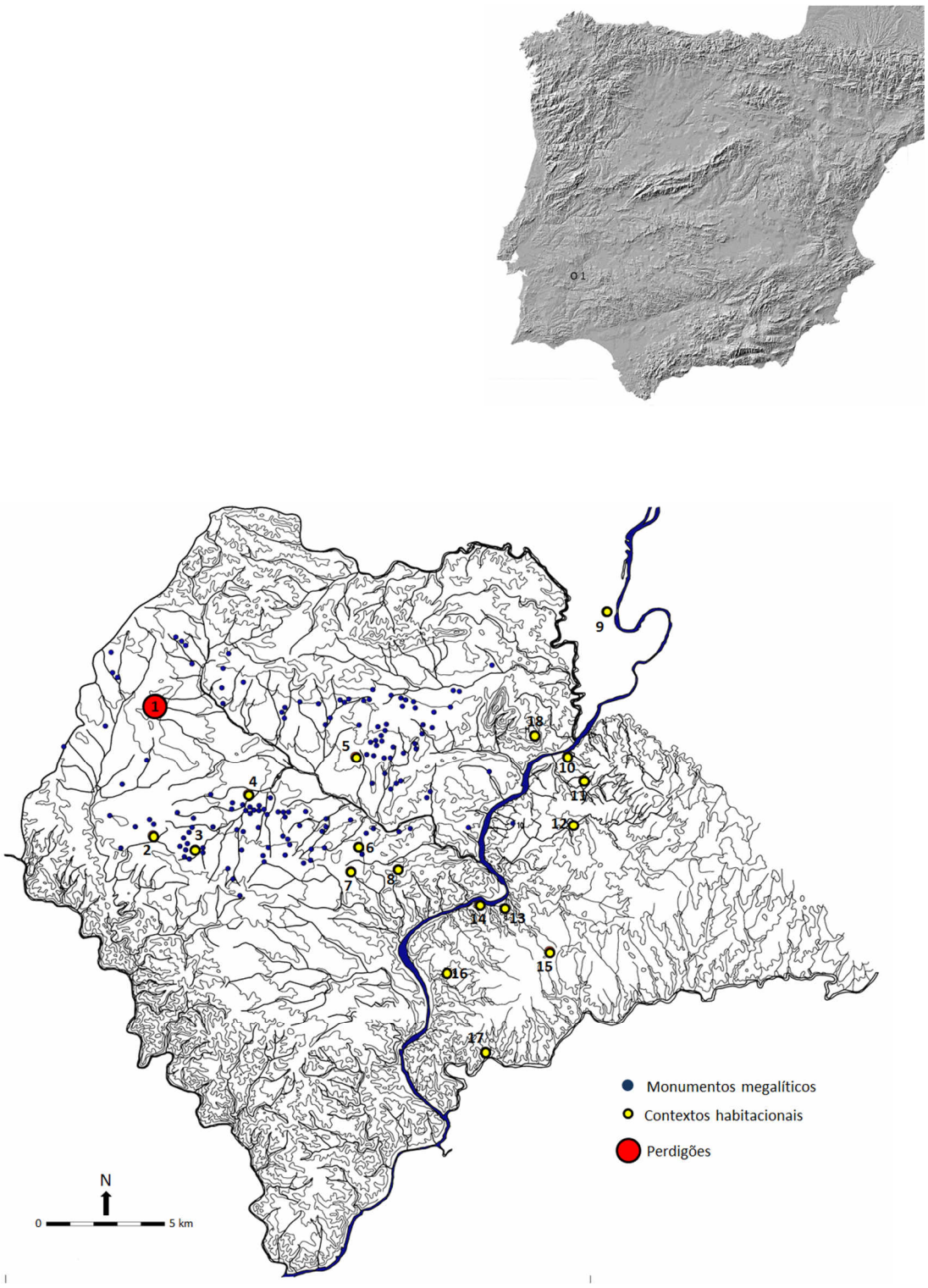


Figura 2.1 – Localização dos Perdigões (1) na Península Ibérica e no contexto do povoamento do 4º e 3º milénios a.C. do vale da Ribeira de Vale do Álamo e imediata margem esquerda do Guadiana.

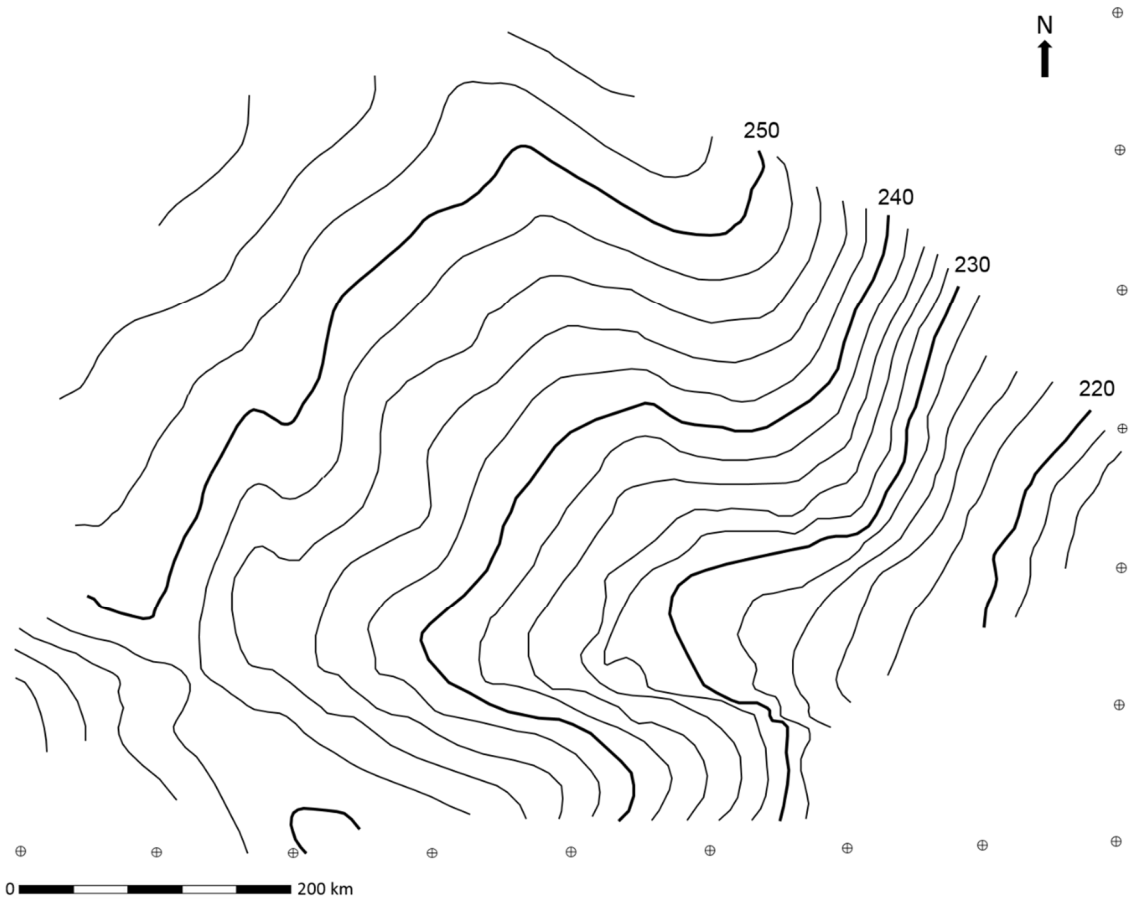


Figura 2.2 – Levantamento topográfico realizado em 1997 do anfiteatro natural onde se implantam os Perdigões e respectivos perfis topográficos, com indicação da localização do Fosso 1 (calcolítico), o mais exterior.

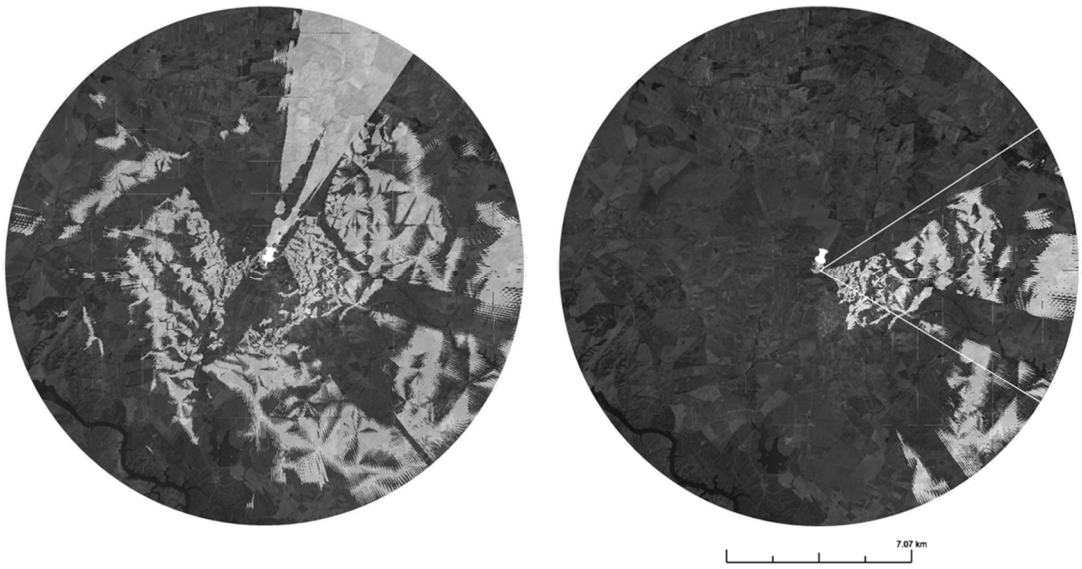


Figura 2.3 – Áreas de visibilidade a partir dos Perdigões (obtidas através do programa GooglePro, para um raio de 10km). À esquerda a visibilidade a partir do ponto mais alto da topografia local, localizado fora dos recintos e a cerca de 200m destes; à direita a visibilidade a partir do centro dos recintos (os traços brancos marcam os solstícios).

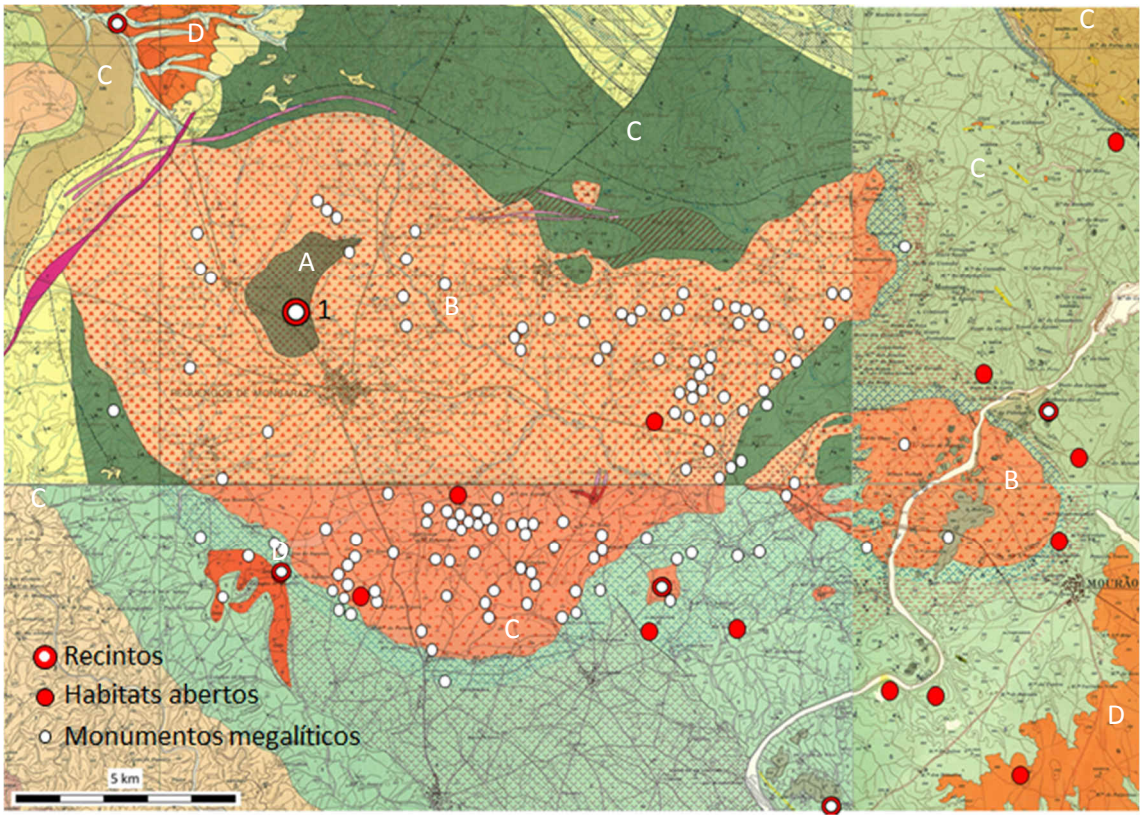


Figura 2.4 – Localização dos Perdigões (1) e outros contextos do povoamento do 4º e 3º milénios a.C. do vale da Ribeira de Vale do Álamo e imediata margem esquerda do Guadiana na Carta Geológica de Portugal, 1:50000 fl. 40B, 41A, 40D e 41C. A – Gabro-Dioritos; B – Granitos; C – Complexos xistosos; D – Complexos detríticos.

O anfiteatro natural escolhido para a implantação dos recintos situa-se perto do final da referida elevação que bordeja a Oeste o vale, precisamente na zona onde a ribeira vira para Sudoeste e o vale se abre. Desta forma o anfiteatro encontra-se no enfiamento do amplo vale da ribeira RVA, no seu extremo Oeste, abrindo-se para ele.

Trata-se de um anfiteatro de tendência circular, com um diâmetro de cerca de 500m, aberto a Este, como se observa pelas cotas dos seus perfis topográficos (Figura 2.2): num perfil sensivelmente Norte-Sul a elevação atinge os 259m a Norte e 253m a Sul, sendo que ao centro do anfiteatro a cota é de 239m, enquanto que no perfil perpendicular, no extremo Oeste a cota é de 254m e a Este é de 225m.

Esta localização confere ao interior do anfiteatro condições de visibilidade muito particulares sobre o espaço local. Os primeiros recintos de fossos, ao serem construídos na zona central desta depressão natural, tinham toda a visibilidade sobre a paisagem restrita pelos próprios limites do anfiteatro a Norte, a Sul e a Oeste, apenas obtendo um amplo domínio visual para Este, sobre o vale da ribeira RVA, até a um horizonte dominado pela elevação de Monsaraz, a qual se situa precisamente a 90º relativamente aos Perdigões. Contudo, bastava que os recintos se tivessem localizado 200 a 300m mais a norte, na zona de rebordo do anfiteatro, para que a visibilidade sobre a paisagem se ampliasse largamente, praticamente atingindo um controlo visual de 360º (Figura 2.3). Parece, pois, evidente que à escolha do local de implantação dos primeiros recintos não presidiu qualquer preocupação com um amplo controlo visual sobre o território envolvente, situação que se manteve ao longo da vida do sítio, na medida em que os recintos nunca ultrapassaram os limites do anfiteatro natural. Não se procurou a altura nem um controlo visual alargado, antes procurou-se um espaço naturalmente fechado com uma "janela" com uma orientação pretendida.

Outro aspecto central das pré-existências é a geologia do local escolhido. A geologia do vale da RVA apresenta uma configuração genericamente concêntrica, com uma mancha de gabro-dioritos, envolvida por uma área de granitos, a qual é rodeada por complexos xistosos, existindo pontualmente, a norte e a sul, manchas restritas de depósitos detríticos (Figura 2.4). Os Perdigões encontram-se implantados na mancha de gabro-dioritos, onde o substrato se apresenta por vezes bastante alterado, facto que facilitou a escavação das estruturas negativas. Todavia, esta mancha é mais ampla, cobrindo igualmente as áreas de cota mais alta e de ampla visibilidade sobre a paisagem envolvente. O sítio situa-se num dos seus extremos, já perto do contacto com os granitos, e, como se viu, numa área deprimida e de visibilidade condicionada. Fica patente que a visibilidade proporcionada pelo anfiteatro foi factor decisivo na escolha, pois as mesmas condições geológicas existiam nos pontos mais altos.

Por outro lado, a facilidade de acesso à água do principal curso é sensivelmente a mesma, se o sítio se localizasse na zona um pouco mais elevada. Já nas épocas de maior pluviosidade, a topografia do anfiteatro tenderia a formar acumulações de água que tornariam a habitabilidade do local mais difícil. Os fossos poderiam então, quer intencionalmente, quer de forma não pretendida, mas inerente, funcionar como drenos. Contudo, o facto de serem intencionalmente colmatados e raros serem os que apresentam enchimentos por formação hídrica (só a base Fosso 5) indica que não seria essa a sua função pretendida.

Ponderadas estas pré-condições, parece evidente que a questão da visibilidade foi o elemento preponderante, o que nos obriga a procurar entender o que nela foi procurado. Aqui ganham relevo as questões de intervisibilidade e as relações com as restantes formas e elementos da paisagem, sejam eles naturais ou construções humanas. E estas condições de visibilidade aplicam-se tanto ao espaço terrestre, como ao espaço celeste, assim como ao seu ponto de encontro (os horizontes).

Uma primeira evidência, já várias vezes sublinhada (Valera, 2008; Valera, 2012; Valera, 2013), é a de que a abertura do anfiteatro dos Perdigões se faz para Este, enquadrando todo o horizonte entre os solstícios ao nascer do Sol, tornando essa linha de horizonte num autêntico calendário solar anual. Acresce que nessa linha de horizonte a elevação de Monsaraz está a 90º em relação aos Perdigões, ou seja, marca os equinócios. Para quem está no interior dos recintos dos Perdigões, o nascimento do Sol é visível nesse horizonte distante durante todo o ano. Pelo contrário, o horizonte do pôr-do-sol, devido às condições topográficas, é constituído pelos próprios limites do anfiteatro a Oeste. Ou seja, o Sol levanta-se todos os dias nesse horizonte distante e põem-se "atrás" do sítio (Figura 2.5). Durante esse trajecto passa por cima do vale da RVA, ou seja, por cima de uma paisagem pontuada por largas dezenas monumentos megalíticos funerários e não funerários, alguns dos quais datarão ou serão prévios relativamente ao momento de construção inicial dos recintos de fossos. De facto, a grande maioria destes monumentos megalíticos localiza-se entre a linha de horizonte em que está integrada a elevação de Monsaraz e a linha de elevação onde se situam os Perdigões.

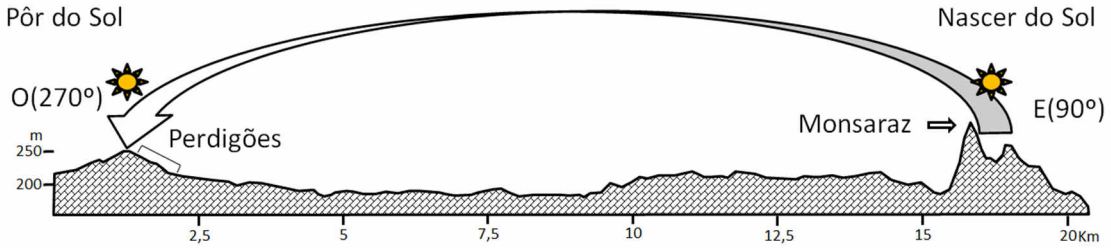


Figura 2.5 – Perfil Oeste – Este do terreno entre os Perdigões e Monsaraz (obtido através do programa GooglePro), indicação da zona de nascimento e pôr do sol nos equinócios a partir do interior dos recintos dos Perdigões.

Sendo a distância entre os Perdigões e a elevação de Monsaraz de cerca de 15km, muitos desses monumentos não seriam peceptíveis a olho nu, não só pela distância, mas também por irregularidades do terreno e do coberto vegetal, que "escondem" certas áreas (Figura 2.3). Contudo, as suas áreas genéricas de implantação são visíveis, sobretudo se conjugadas com mapas mentais de onde as coisas se localizam. A visibilidade proporcionada pelo anfiteatro dos Perdigões é sobre uma paisagem que se sabe povoada destes monumentos e onde se reconhecem as suas áreas genéricas de implantação, que se sabem existir mesmo por trás de determinadas barreiras visuais. Acresce que o coberto vegetal, sempre potencialmente condicionar, se apresentaria como uma paisagem relativamente aberta e já fortemente antropizada, como sugerem os estudos palinológicos (Danielson, Mendes, 2013; 2015) e os próprios estudos faunísticos (presença relevante de animais de grande porte como o auroque).

Nestas circunstâncias, as relações de espacialidade e visibilidade que os Perdigões estabelecem com o ciclo solar, o horizonte de Monsaraz e toda a paisagem monumental de permeio, criam uma coerência onde podemos reconhecer princípios cosmológicos neolíticos, visíveis noutros monumentos e paisagens. Poderemos mesmo interpretar esta organização espacial como uma reprodução dos princípios organizativos daquilo que serão os grandes monumentos funerários de corredor: orientação a nascente e longos corredores que terminam em câmaras funerárias, num jogo de oposições significante: Este, Nascer do Dia, Luz, Vida - Oeste, Fim do Dia, Escuridão, Morte. Talvez não seja por acaso que os Perdigões, ao longo da

sua história, vão revelando um intenso uso funerário, como que se constituindo como "uma grande câmara funerária circular" aberta a nascente. A aparente descentração dos Perdigões relativamente ao território megalítico de Reguengos de Monsaraz (Figura 2.1) ganha, assim, um novo sentido. Com essa localização estratégica e com as relações que estabelece, participa na construção de uma paisagem coerente, que expressa uma visão e uma forma de estar no mundo. A lógica simbólica que emerge destas relações diz-nos que devemos procurar as razões da escolha do local de implantação dos Perdigões mais nas condições de visibilidade e relação que este local proporciona no contexto de leituras e vivências da paisagem local, que em questões de base mais económica, como a proximidade a determinados recursos (alguns dos quais próximos), mesmo que estes naturalmente integrem o todo orgânico onde a decisão se formou. Por outras palavras, nas relações sistémicas em que emergem os processos decisórios, as pré-existências são de vária ordem e nem sempre são as mesmas as que desempenham um papel mais preponderante. No caso dos Perdigões, as que melhor se ajustavam à visão holística de uma paisagem significante e coerente parecem ter prevalecido, ou seja, as condições de visibilidade proporcionadas pelo anfiteatro natural, o seu posicionamento espacial, as relações que possibilitava para a estruturação dessa paisagem e o seu compromisso com uma visão do mundo em formação. Com isto não se descarta a proximidade relativa a importantes recursos, como a água, pastos ou bons terrenos cultiváveis, mas estes estariam igualmente acessíveis noutras possíveis localizações naquela zona.

Esta circunstância de localização acabaria por transformar-se num dos fios condutores da diacronia do sítio, conferindo-lhe uma "personalidade" e uma certa identidade que lhe proporcionam uma trajectória de vida coerente dentro de um determinado quadro cosmológico. Esse fio condutor traduz-se na forma como as arquitecturas se foram articulando com a topografia e a visibilidade que esta oferece, como as estruturas mais recentes foram sendo condicionadas e se foram relacionando com as anteriores (mantendo o novo sempre em permanente diálogo com o mais antigo), assim como determinadas práticas sociais se foram perpetuando e intensificando através dos sucessivos contextos que se desenvolvem nos Perdigões.

Naturalmente que, neste processo de emergência do lugar, terão igualmente funcionado como pré-existências significantes determinadas áreas residenciais e sobretudo monumentos megalíticos (entre os quais deveremos conferir particular atenção ao cromeleque dos Perdigões). Mas essas questões serão mais adequadamente discutidas no próximo e último capítulos, quado o leitor dispuser de mais informação sobre a cronologia e sobre os contextos dos Perdigões neolíticos.

3 TEMPORALIDADES E ESPACIALIDADES DURANTE O NEOLÍTICO NOS PERDIGÕES

A.C. Valera

Os sítios, como pessoas, animais e coisas, têm biografias. Sejam elas mais curtas ou mais longas, o que caracteriza a vida é a dinâmica, onde a identificação de patamares de permanência (nunca completamente estáticos) se articula com os diferentes ritmos de mudança que conseguimos perceber com as ferramentas conceptuais e técnicas que utilizamos. Conhecer o sítio, como a pessoa ou a comunidade, implica um trabalho de reconstituição biográfica. Trabalho complexo, pois as biografias, mais do que simples sucessão de patamares estáveis, são verdadeiros rizomas de ritmos de mudança e de trajectórias, em que diferentes variáveis e dimensões do humano se movimentam. Diferentes subsistemas comportam-se com dinâmicas próprias e distintas. Uns mais lentos, quase dando a sensação de absoluta permanência, onde a mudança só consegue ser captada em unidades de tempo de mais longa duração; outros mais rápidos, mas igualmente com ritmos variados, que mutuamente se vão condicionando.

Procurar criar patamares de permanência neste rizoma para construir uma narrativa biográfica é, pois, uma tarefa difícil e complexa, que terá que colocar em relação as diferentes velocidades de mudança que operam na vida, neste caso, de um sítio. Trata-se de um trabalho de síntese que deve reflectir o conhecimento global que, a cada momento da investigação, se tem do lugar e da sua multiplicidade de ritmos.

A dificuldade agrava-se, porém, com o facto de a investigação ser também ela fortemente arritmada, estando os estudos mais avançados numas componentes do que noutras, o que obviamente introduz distorções na percepção da dinâmica do sítio como um todo. Esta circunstância, que estará sempre presente, obriga-nos a privilegiar, no esforço periodizador, algumas variáveis melhor conhecidas, procurando deixar claro o quadro de referência de conhecimentos ao qual se reporta a proposta biográfica apresentada.

E o primeiro aspecto altamente condicionador nesse quadro de referência é o facto de, tendo os recintos dos Perdigões uma área global estimada em 16ha (não contabilizando a área do cromeleque), apenas 1,5% dessa área ter sido submetida a escavações arqueológicas, sendo que a distribuição das áreas escavadas é assimétrica, com duas grandes escavações em área, uma na zona central e outra na entrada NE, e escavações de menor extensão ou simples sondagens dispersas pelo sítio (Tabela 3.1, Figura 3.1).

Esta dispersão, contudo, resultou precisamente de uma estratégia desenvolvida para lidar com o problema das temporalidades do sítio, já que rapidamente se percebeu que os Perdigões tinham uma grande complexidade que necessitava de ser decomposta no tempo para poder ser abordada. Assim, a par de escavações em área desenhadas para responder a questões relacionadas com as dinâmicas de ocupação do espaço, com as arquitecturas e com as práticas sociais presentes, foram igualmente realizadas várias sondagens com o objectivo de começar a estabelecer o quadro cronológico dos vários recintos.

Tabela 3.1 – Áreas escavadas até 2018 nos recintos dos Perdigões.

Sectores	Sondagens	Área m^2
Sector H	H1	24
Sector I	I1	125,5
	I2	12
Sector O	O1	150
Sector P	P1	144
	P2	16
Sector Q	Q1	599
	Q2	36
	Q3	24
Sector L	L1	1020
Sector S	S1	60
	S2	65
	S3	14
Sector T	T1	50
Total		2339,5

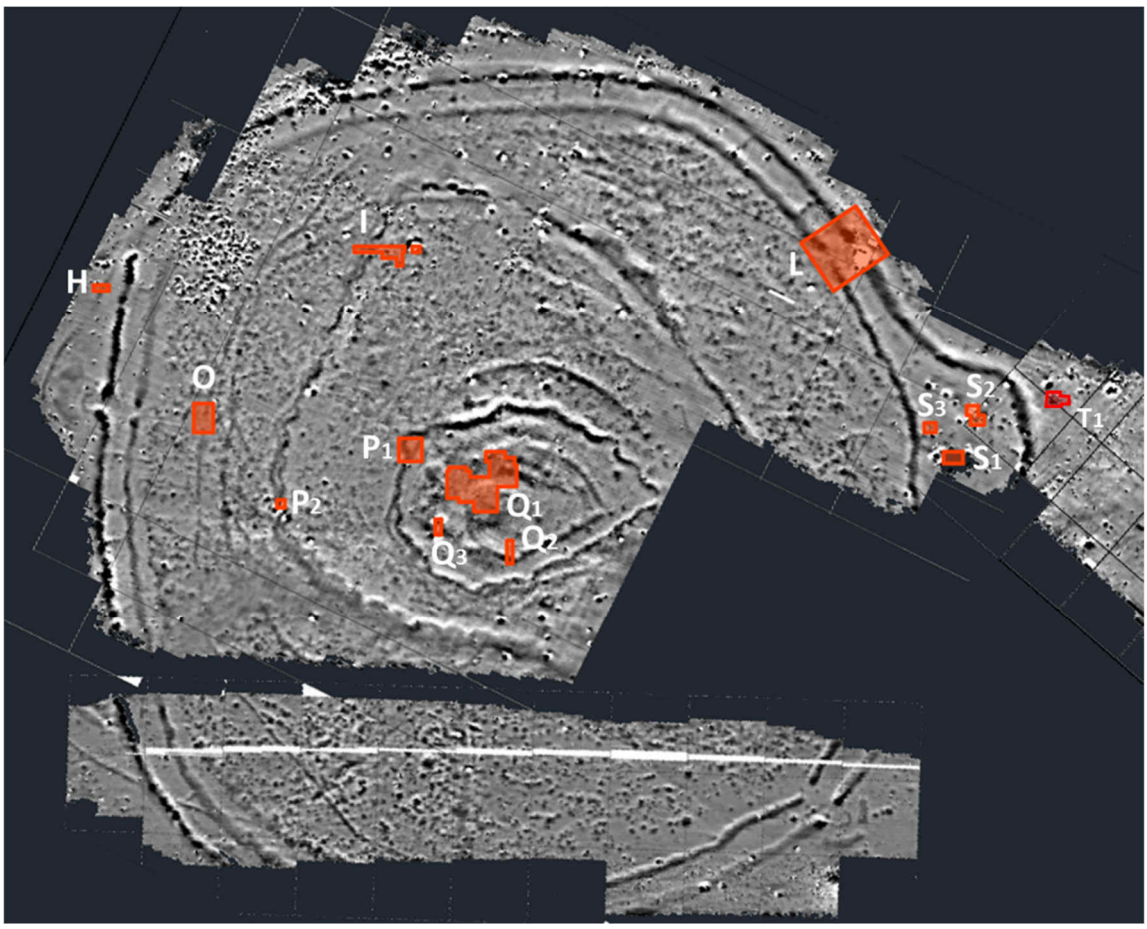


Figura 3.1 – Distribuição das áreas já escavadas nos recintos dos Perdigões (letras identificam os sectores e os números a sondagem dentro de cada sector).

A par da investigação de outras problemáticas, como as práticas e arquitecturas funerárias, a morfologia e formas de preenchimento de estruturas negativas, a estruturação de entradas, a variabilidade arquitectónica ou a mobilidade e interacção, a questão das temporalidades tem estado subjacente a todas as intervenções no terreno. Tendo por base o magnetograma realizado em 2009/10 (no âmbito da colaboração da Universidade de Málaga com o Programa Global de Investigação Arqueológica dos Perdigões), foram realizadas sondagens em pontos específicos com o objectivo de intervencionar troços de fossos que permitissem começar a ter uma noção genérica das suas cronologias. Simultaneamente, as escavações em área ou especificamente orientadas para sepulcros contribuíram igualmente para o alargamento do quadro cronológico global, o qual, dada a dimensão e complexidade estrutural do sítio, continuará em construção por muito tempo ainda.

As dificuldades de elaboração da sequência cronológica de um sítio como os Perdigões não derivam apenas das suas dimensões e complexidade estrutural, mas também da natureza dessas estruturas e das práticas sociais presentes. De facto, datar estruturas negativas, ou melhor, datar os seus enchimentos em sítios desta complexidade pode ser um processo bastante exigente. Os problemas já foram expostos e debatidos noutros textos, quer relativamente aos Perdigões (Valera *et al*. 2014), quer relativamente ao Porto Torrão (Valera, 2013a). Ritmos e processos de colmatação diferenciados, frequentemente dentro de uma mesma estrutura (nomeadamente de fossos), ou remobilizações frequentes de depósitos e materiais mais antigos com a escavação de novas estruturas ou reaberturas parciais das mais antigas, obrigam a uma selecção cuidada do material a datar e, sobretudo, obrigam a um número maior de datações por contexto, por forma a despistar *outliers* e a perceber as diferentes dinâmicas que cada estrutura pode apresentar. São, pois, necessárias muitas séries de datações, o que, face à quantidade e complexidade dos contextos existentes no sítio, implica significativos recursos financeiros, pelo que a construção de um quadro cronológico será sempre um processo de longa duração, pautado por momentos de síntese provisória.

Este é um desses momentos, dedicado à fase neolítica dos Perdigões. Presentemente, o sítio conta com um total de 98 datações de radiocarbono (não contabilizando datas consideras *outliers*), as quais abrangem 35 contextos distintos, sendo que o número de datações por contexto é muito variado. Globalmente, estas datações estabelecem um espectro cronológico para o sítio de cerca de 1500 anos, entre meados do 4º e o final do 3º milénio AC (3500/3400 – 2000 AC). Com base na correlação de diferentes categorias artefactuais (nomeadamente da tipologia cerâmica, da tipologia e matérias-primas da indústria lítica talhada, dos elementos de tear, da presença/ausência de metais e evidências de metalurgia, da presença/ausência e tipologia de objectos ideotécnicos) várias estruturas foram atribuídas ao Neolítico, das quais foram datadas 16 através de um total de 25 datas (Tabela 3.2). O tratamento estatístico deste conjunto de datas conjuntamente com as datas de contextos considerados calcolíticos (Figura 3.2) permite balizar a fase neolítica entre 3500/3400-2900 AC, demarcando-a bem da fase seguinte. De facto, até ao momento não existem nos Perdigões contextos com datações absolutas anteriores a 2900 AC que registem a presença de materiais tipicamente calcolíticos, como sejam os pratos de bordo espessado, os objectos de cobre ou evidências metalúrgicas. O final do primeiro século do 3º milénio AC afigura-se, de momento, como um marco relativamente seguro de uma alteração bem definida nos Perdigões (se implica ou não uma interrupção temporária da ocupação do sítio é uma questão ainda em aberto) e que se encontra alinhado com outras sequências cronológicas desta e de outras regiões.

Dentro das realidades contextuais que nos Perdigões se enquadram nesta fase de cinco séculos é, contudo, possível distinguir duas realidades que apresentam diferenças relevantes ao nível da cultura material, espacialidades e estruturas.

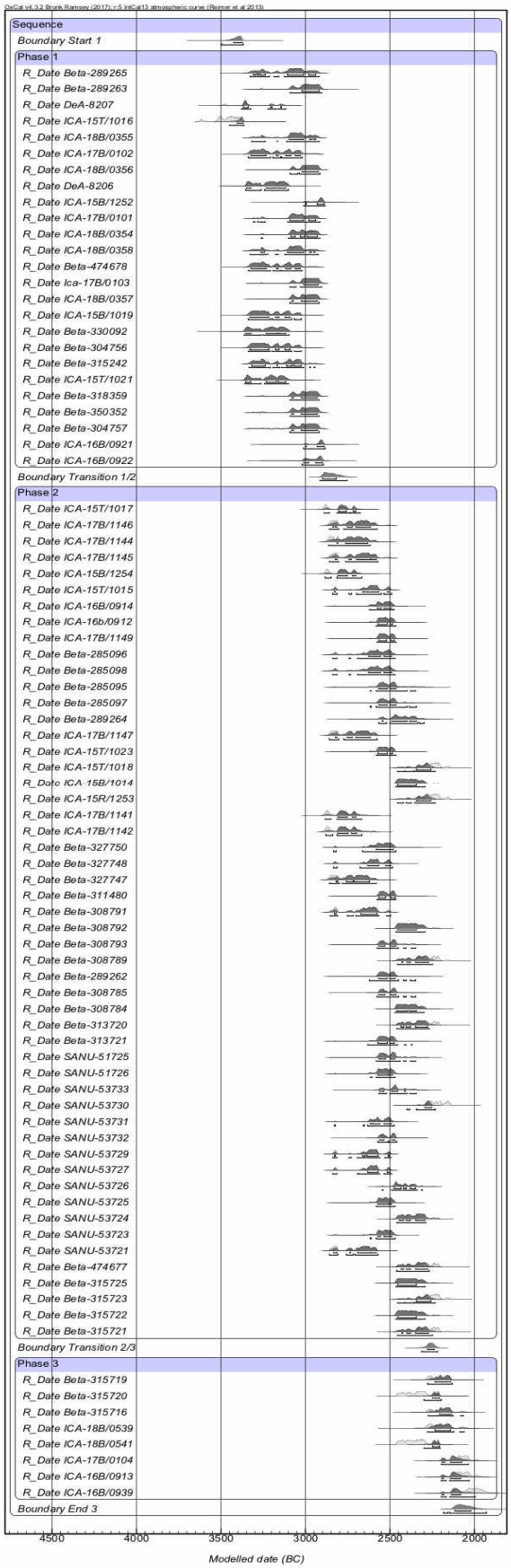


Figura 3.2 – Cronologia absoluta modelada para a globalidade dos Perdigões: Fase 1 – Neolítico; Fase 2 – Calcolítico; Fase 3 – Transição Idade do Bronze (não se incorporam as datas do Fosso 2, que estão a aguardar publicação).

Tabela 3.2 – Datas de radiocarbono para o Neolítico dos Perdigões.

Sector	Estrutura	Unidade	Amostra	Ref. Lab.	BP	Cal 2σ
Q1	Fossa 65		Fauna	DeA-8207	4577±28	3496-3118
Q1	Fossa 48	UE309	*Sus sp .*	ICA-15T/1016	4680±30	3620-3370
Q1	Fosso 13b	UE399	Fauna	DeA-8206	4518±28	3354-3102
Q1	Fosso 13a	UE395	Fauna	ICA-15B/1252	4310±30	3010-2890
Q1	Fosso 13c	UE499	Fauna	ICA-17B/0101	4410±30	3310-2920
Q1	Fosso 13C	UE485	Fauna	ICA-18B/0354	4400±30	3262-3254 (1%) 3099-2917 (94.4%)
Q1	Fosso 14a	UE501	*Cervos elaphus* tíbia	Beta-474678	4460±30	3337-3209 (48,3%) 3141-3021 (36,4%) 3194-3149 (10.6%)
Q1	Fosso 14b	UE511	Fauna	Ica-17B/0103	4370±30	3090-2910
Q1	Fosso 14b	UE511	Fauna	ICA-18B/0357	4390±30	3092-2918 (95.4%)
Q1	Fosso 14a	UE501	Fauna	ICA-18B/0358	4430±30	3326-3231 (20.7%) 3224-3220 (0.4%) 3175-3160 (1.8%) 3120-2926 (72.4%)
Q1	Fossa 75	UE446	Fauna	ICA-18B/0355	4420±30	3321-3272 (5%) 3266-3236 (7.1%) 3171-3163 (0.6%) 3115-2921 (82.7%)
Q1	Fossa 33	UE232	Fauna	ICA-18B/0356	4380±30	3090-3045 (15.1%) 3036-2913 (80.3%)
Q1	Fossa 82	UE510	Fauna	ICA-17B/0102	4460±30	3340-3020
H	Fosso 11	UE6	Bos sp.	ICA-15B/1019	4470±30	3340-3030
Q1	Fosso 12	UE250	Fauna	Beta-330092	4530±40	3365-3097 (95,4%)
Q1	Sanja 1	UE33	*Ovis/Capra* mandíbula	Beta-304756	4470±30	3339-3206 (52,4%) 3196-3081 (33,3%) 3069-3026 (9,7%)
Q1	Fosso 6	UE175	Fauna	Beta-315242	4450±30	3336-3210 (41,7%) 3193-3151 (7,9%) 3193-3011 (45%) 2977-2971 (0,4%) 2948-2945 (0,2%)
Q1	Fosso 6	UE107	Fauna	Beta-318359	4390±30	3092-2918 (95,4%)
Q1	Hipogeu 1	UE182	*Sus scrofa* mandíbula	Beta-304757	4390±30	3092-2918 (95,4%)
Q1	Hipogeu 1	UE242	*Ovis/Capra* mandíbula	ICA-15t/1021	4530±30	3360-3100
P	Fosso 8	UE53	*Cervus elaphus*	ICA-16B/0921	4310±30	3010-2890
P	Fosso 8	UE37	*Sus sp.*	ICA-16B/0922	4330±30	3020-2890
Q1	Fosso 5	UE451	*Ovis/Capra* mandíbula	Beta-350352	4390±30	3092-2918 (95,4%)
I2	Fossa 7	UE114	Falange de pé humano	Beta-289265	4430±40	3331-3214 (26,1%) 3186-3156 (4,4%) 3128-2922 (64,9%)
I2	Fossa 11	UE76	Falange de mão humana	Beta-289263	4370±40	3094-2903 (95,4%)

Um primeiro conjunto de estruturas concentra-se na área central do anfiteatro natural, onde sucessivas ocupações e construções ocorreram até ao final do 3º milénio AC, gerando situações de grande complexidade estratigráfica, com continuada obliteração de estruturas antigas por mais recentes, dificultando a compreensão de alguns desenhos arquitectónicos (Figura 3.3). Este conjunto é constituído por vários troços de fossos de pequenas dimensões (Fossos 13, 14 e 15) e por várias fossas circulares relativamente pouco profundas (Figura 3.4). Os enchimentos destas estruturas caracterizam-se por apresentarem depósitos anormalmente argilosos (nomeadamente os fossos) e conterem uma quantidade comparativamente diminuta de materiais arqueológicos, os quais revelam particularidades distintivas.

As cerâmicas, predominantemente pouco espessas, são dominadas por formas em calote esférica (taças, tigelas e esféricos), estando ausentes as formas carenadas. Acabamentos a almagre são relativamente frequentes e a decoração está ausente. Os pesos de tear são vestigiais (podendo até corresponder a contaminações). Na pedra talhada, o quartzo é esmagadoramente dominante (o sílex é residual), estando presente uma indústria orientada para produtos lamelares irregulares e lascas (algumas pequenas lâminas irregulares também ocorrem), os quais foram utilizados em bruto ou transformados em utensílios (raspadores, denticulados, pequenos geométricos). Estão totalmente ausentes as pontas de seta, assim como elementos de outras categorias artefactuais. A fauna evidencia também diferenças significativas

relativamente aos restantes contextos, revelando uma preponderância de animais selvagens de grande porte (Cf. Capítulo 7). Para estes contextos existem 13 datações, que, conjugadas com as características tipológicas dos conjuntos artefactuais, permitem integrar esta fase inicial dos recintos dos Perdigões no final daquilo que tradicionalmente se considera o Neolítico Médio.

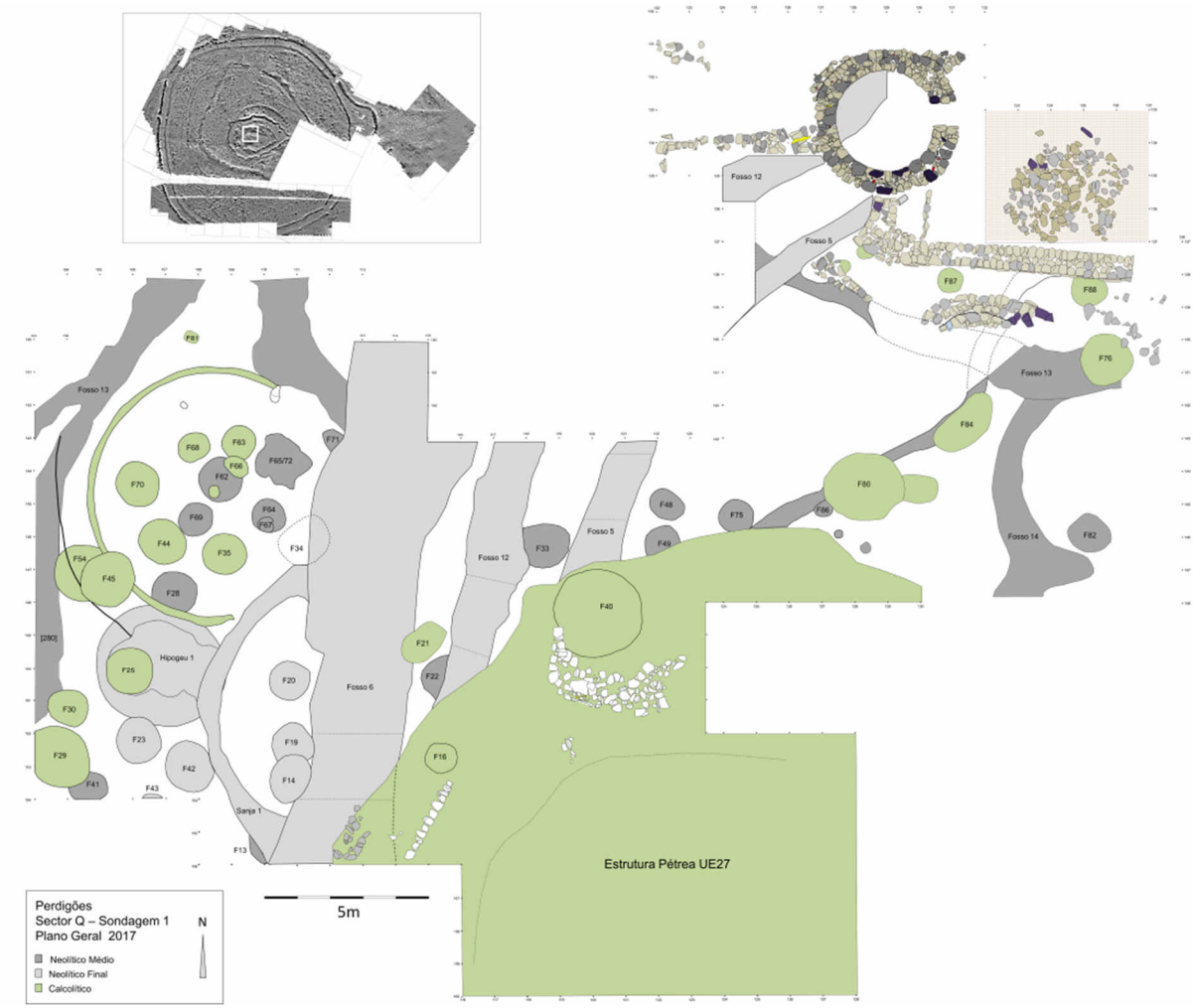


Figura 3.3 – Complexidade estrutural evidenciada pela área central dos Perdigões, com estruturas que se sobrepõem e/ou cortam e que cobrem toda a cronologia do sítio.

Um segundo conjunto de estruturas pode ser atribuído a um momento do final do Neolítico, correspondendo a fossos, pequenas sanjas, fossas e estruturas tipo hipogeu de grandes dimensões. Algumas concentram-se igualmente na mesma área central, onde cortam estruturas da fase mais antiga (Figura 3.4). Contudo, nesta fase surge um fosso numa área um pouco mais intermédia (Fosso 8) e um outro segue já grande parte do rebordo do anfiteatro natural (Fosso 11), numa trajectória próxima do fosso mais exterior da fase calcolítica, que se lhe sobrepôs parcialmente (Figura 3.5). Para além de uma abrangência mais vasta, algumas destas estruturas revelam igualmente dimensões superiores, traduzindo um significativo aumento de investimento na sua construção.

Figura 3.4 – Estruturas neolíticas da área central. A fase mais antiga representada a cinzento escuro.

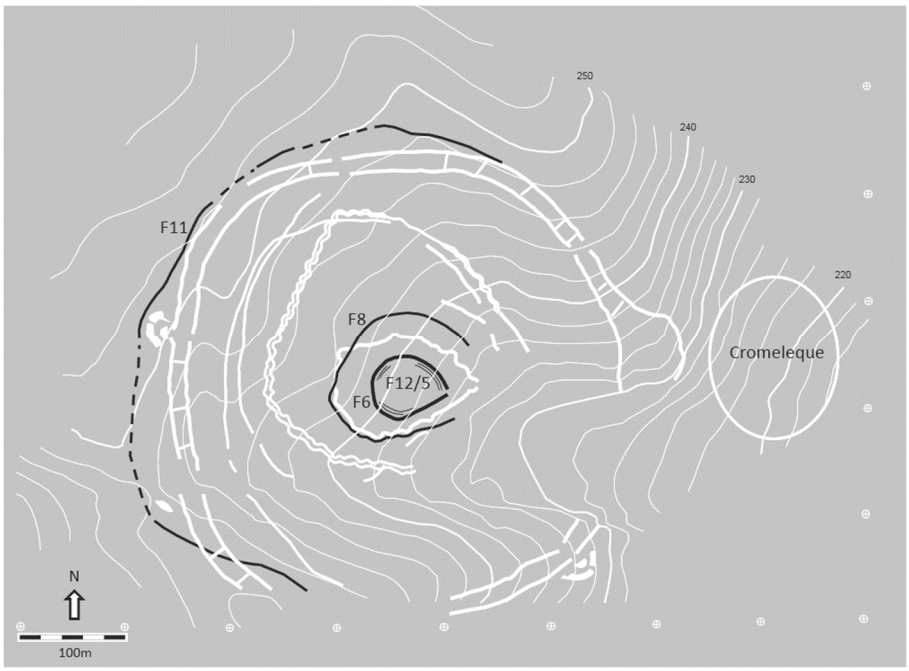


Figura 3.5 – Fossos atribuíveis ao Neolítico Final (realçados a preto).

Os conjuntos artefactuais associados a estas estruturas evidenciam algumas diferenças apreciáveis. Na cerâmica surgem agora recipientes de maiores dimensões, a decoração (ainda que com percentagens baixa) e as taças carenadas ou taças simples tornam-se frequentes. Na indústria lítica o quartzo continua dominante, mas o sílex está mais representado, nomeadamente em alguns segmentos de lâmina, embora uma indústria orientada para lascas e lamelas em quartzo continue. As pontas de seta estão agora presentes, ainda que pouco numerosas. Os elementos de tear (placas de duas ou quatro perfurações e crescentes) são um pouco mais frequentes, e os artefactos ideotécnicos fazem o seu aparecimento (ídolos almerienses, "ídolos de cornos", placas de xisto decoradas e a decoração simbólica em cerâmicas - Valera, 2015). Por outro lado, indicadores de interacção a longa distância estão melhor representados, como acontece com as conchas de origem marinha e estuarina (Valera, André, 2016/2017) ou com o sílex. Para estes contextos existem 10 datações de radiocarbono.

Para a construção de um modelo cronológico para este faseamento as datas existentes foram reunidas em dois conjuntos, um correspondente aos contextos atribuídos ao Neolítico Médio (13 datas) e outro com os contextos do Neolítico Final (10 datas). Existem ainda duas datações para dois contextos funerários em fossa (Fossas 7 e 11), que os colocam na segunda metade do 4º milénio AC, ou seja, no Neolítico. Contudo, como não existem materiais associados (para além de um pendente sobre concha) que permitam associá-los a uma ou outra fase, estas datas não foram utilizadas no modelo de faseamento.

O tratamento estatístico dos dois conjuntos de datações revela-se de leitura difícil. O faseamento modelado das 13 datações dos contextos atribuídos à fase mais antiga e das 10 correspondentes à fase mais recente apresenta um índice A_{model}=4.4 muito baixo. Esta situação fica a dever-se ao facto de várias datas dos contextos do Neolítico Médio se enquadrarem no intervalo abrangido pelos contextos do Neolítico Final. Algumas dessas datações, contudo, correspondem a amostras que foram recolhidas no topo dos fossos do Neolítico Médio, podendo sempre corresponder a contaminações ocorridas durante a fase seguinte (note-se que, até ao momento, não foram identificados depósitos neolíticos fora de estruturas negativas, o que indica que estas estruturas estariam expostas durante muito tempo depois de colmatadas, o que poderá ter favorecido algumas contaminações pontuais dos seus depósitos superiores).

Assim, procedeu-se a nova modelação deixando de lado as datas (4 datas) das amostras recolhidas no topo dos enchimentos das estruturas do Neolítico Médio. O resultado, porém, não foi substancialmente diferente. O índice A_{model}=8.2 aumentou um pouco, mas continuou muito reduzido, revelando uma concordância baixa. Em ambas as situações, porém, o ponto de transição entre as duas fases é situado a partir sensivelmente 3200 AC (Figura 3.6), ainda que possa vir a ser recuado ligeiramente com a obtenção de mais datas. A pouca concordância de várias datas com o modelo, revelando várias situações de justaposição dos desvios padrão entre datas das duas fases, poderá eventualmente estar a sugerir uma transição relativamente rápida, que, conjuntamente com as características da curva de calibração nesse troço de tempo, pode fazer com que o radiocarbono tenha dificuldade em conseguir discriminar bem a transição entre as duas fases. Mas, sobretudo, será necessário um aumento do número de datações.

De qualquer forma, a imagem diacrónica que resulta dos dados actualmente disponíveis indica que as primeiras estruturas, ainda de dimensões reduzidas, começaram a ser construídas na área central do anfiteatro a partir de cerca de 3500/3400 AC. Por outras palavras, estas primeiras ocupações procuraram logo desde o início a relação visual com a paisagem condicionada a Este, delimitada pela abertura da topografia natural (Cf. Capítulo 2), por oposição a um amplo controle visual de 360º que se poderia obter nas cotas mais elevadas do rebordo do anfiteatro.

Durante esta primeira fase foram abertos nesta área pelo menos três fossos, que se cortam, revelando uma sequência construtiva caracterizada por desactivações (abandonos?) e reactivações com configurações distintas, que as poucas datações de radiocarbono disponíveis ainda não permitem descriminar. Esta situação indicia uma ocupação intermitente, onde a permanência surge, não através da ocupação constante, mas através da recorrente utilização de um mesmo espaço, ainda que sucessivamente reformulado, circunstância que de certa forma está em conformidade com a reduzida dimensão de fossos e fossas nesta fase. De momento, contudo, ainda não dispomos de plantas integrais para os espaços definidos por estas estruturas (não se percebem no magnetograma), pelo que não conhecemos as suas sucessivas áreas e desenhos, nem sabemos se constituem recintos encerrados ou espaços delimitados, mas com amplas aberturas, como ocorre em alguns contextos do Neolítico italiano ou na região valenciana (Cavulli, Pedrotti, 2003; Cavulli, 2010; Flors, 2009), e como acontece com o Fosso 8 do Neolítico Final nos Perdigões.

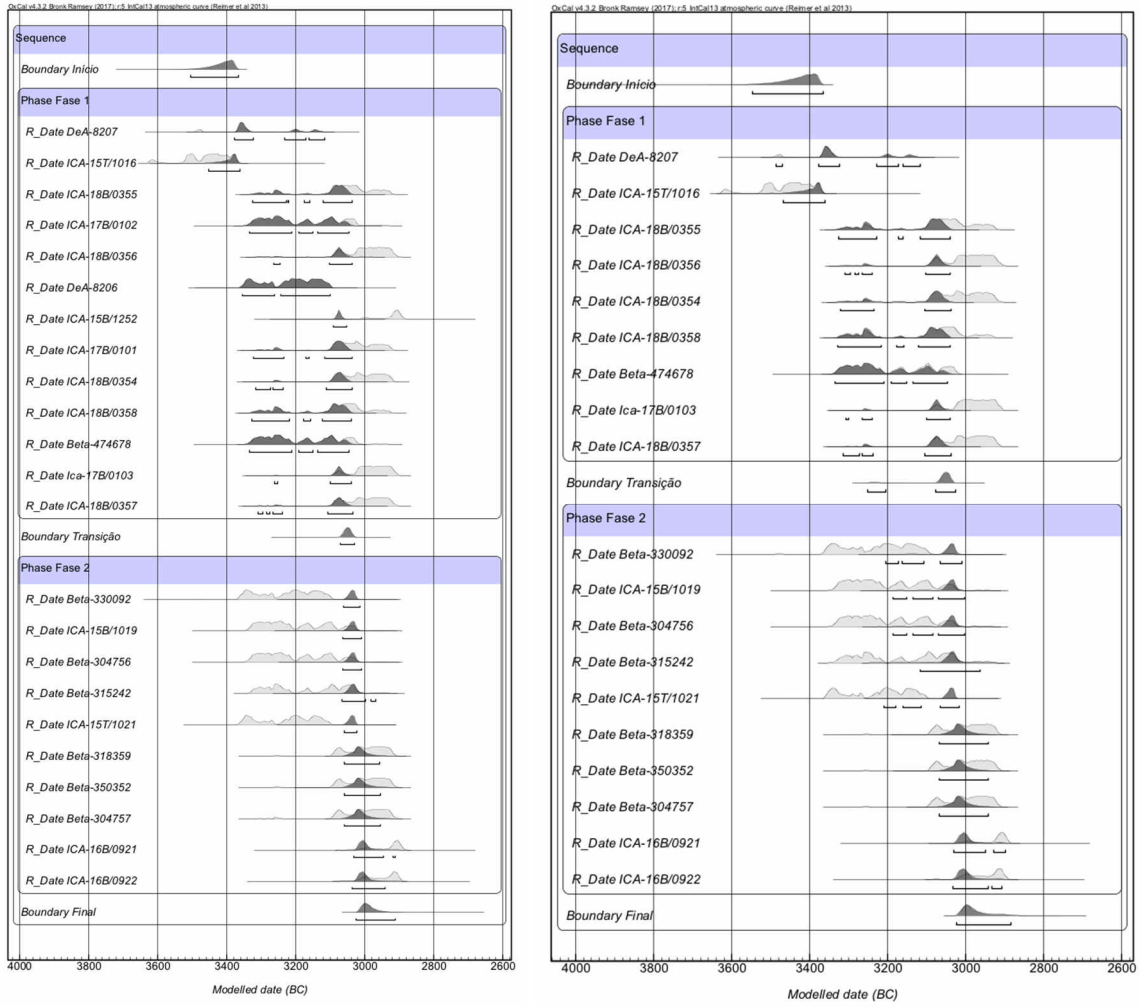


Figura 3.6 – Cronologia absoluta modelada para as duas fases neolíticas dos Perdigões: à esquerda com 23 datas (excluindo apenas as das fossas funerárias); à direita com 19 datas (excluído também as datas dos depósitos de topo da fase do Neolítico Médio). A construção inicial terá começado a partir de 3500/3400 AC e a transição entre fases terá ocorrido entre 3200-3100 AC, mas mais datas são necessárias para aclarar este momento de transição.

A partir de cerca de 3200 AC começa a desenvolver-se uma dinâmica de crescimento e intensificação da ocupação e do investimento arquitectónico. São então construídos na área central recintos com planos que são perceptíveis no magnetograma. Três fossos genericamente

paralelos descrevem uma trajectória circular que em determinado ponto se torna recta em direcção a uma entrada que se localiza do lado Este, onde se detectam já princípios de orientação astronómica (abertura a 90º, ou seja, ao nascer do Sol nos equinócios). Se os dois fossos mais interiores (Fossos 5 e 12) apresentam ainda dimensões modestas, o mais exterior (Fosso 6) revela-se de maiores dimensões (ver capítulo 4). O seu perímetro, totalmente perceptível no magnetograma, é de 199m, encerrando uma área de 2901m^2 (0,29ha). Com dimensões semelhantes aparece o Fosso 8 que envolve os anteriores com um desenho semicircular, mas aparentemente com uma ampla abertura a Este, como que reproduzindo em planta o próprio anfiteatro e a sua abertura à paisagem do Vale do Álamo. O seu perímetro (não contabilizando a abertura) é de cerca de 326m, definindo uma área de 11713m^2 (1,17ha). Finalmente, já nesta fase, o espaço encerrado atinge uma boa parte do topo do anfiteatro, com a construção do Fosso 11, que apresenta um traçado que mais tarde, na segunda metade do 3º milénio AC, vai ser genericamente acompanhado e parcialmente sobreposto pelos Fossos 1 e 2 calcolíticos. O seu perímetro percebido no magnetograma é de 779m, mas se assumirmos que é sobreposto pelos dois fossos calcolíticos referidos, pode atingir cerca de 1450m. A ser assim, a área estimada seria de cerca de 162000m^2, ou seja, os cerca de 16ha que têm sido apontados para área global ocupada pelos recintos dos Perdigões, revelando que no final do Neolítico o sítio teria já dimensões próximas do máximo que atingiu ao longo da sua biografia, abrangendo todo o anfiteatro natural.

Também nesta situação as datações de radiocarbono não são ainda suficientes para estabelecer uma descriminação cronológica entre estes fossos e entre os recintos que definem. Apenas podemos dizer que, com base no magnetograma, o Fosso 6 parece sobrepor-se ao Fosso 12 no lado sul (Figura 3.7). A confirmar-se, tal confere-lhe posterioridade, sugerido que estes três fossos centrais (5, 12 e 6), apesar da sua aparente concentricidade, não terão funcionado todos em simultâneo.

Na globalidade, estas duas fases revelam um crescimento do sítio durante o Neolítico, tanto no que respeita à sua área, como no número de estruturas e suas dimensões. Contudo, não temos ainda suficiente informação para poder estimar os ritmos construtivos dentro de cada fase, nomeadamente para perceber se, à imagem do que acontece com os fossos mais antigos, os fossos mais recentes tiveram igualmente um funcionamento sequencial ou se alguns funcionaram em simultâneo, ou ainda que quantidade e natureza de estruturas contemporâneas pode ser relacionada com cada fosso.

Este último problema coloca-se com particular acuidade na questão da articulação do complexo de recintos de fossos com o recinto megalítico que se situa imediatamente a Este, na transição do anfiteatro natural para a planura do vale do Álamo (Figura 3.5).

Vários dos menires que ali se encontram foram submetidos a escavação na década de oitenta do século passado, trabalhos que nunca foram publicados, apenas existindo um curto parágrafo referente a alguns contextos específicos. Da leitura dos relatórios dos trabalhos arqueológicos resulta a ideia de que os eventuais alinhamentos e/ou recintos que ali existiram já teriam sofrido significativas perturbações e reformulações durante o Calcolítico, nomeadamente com alguns a serem integrados em estruturas tardias (Gomes, 1987; 1988), revelando também eles uma biografia complexa. Nada, contudo, se discute sobre a eventual cronologia do monumento original.

A eventual articulação entre recintos megalíticos e recintos de fossos foi recentemente debatida (Valera *et al.*, 2017; Valera, 2018). É hoje inquestionável que a emergência dos recintos de fossos, tanto em Portugal como no resto da Europa, dificilmente pode ser separada da necessidade de formas de expressão monumentais que a trajectória social neolítica desenvolveu e entre as quais tem particular destaque o megalitismo.

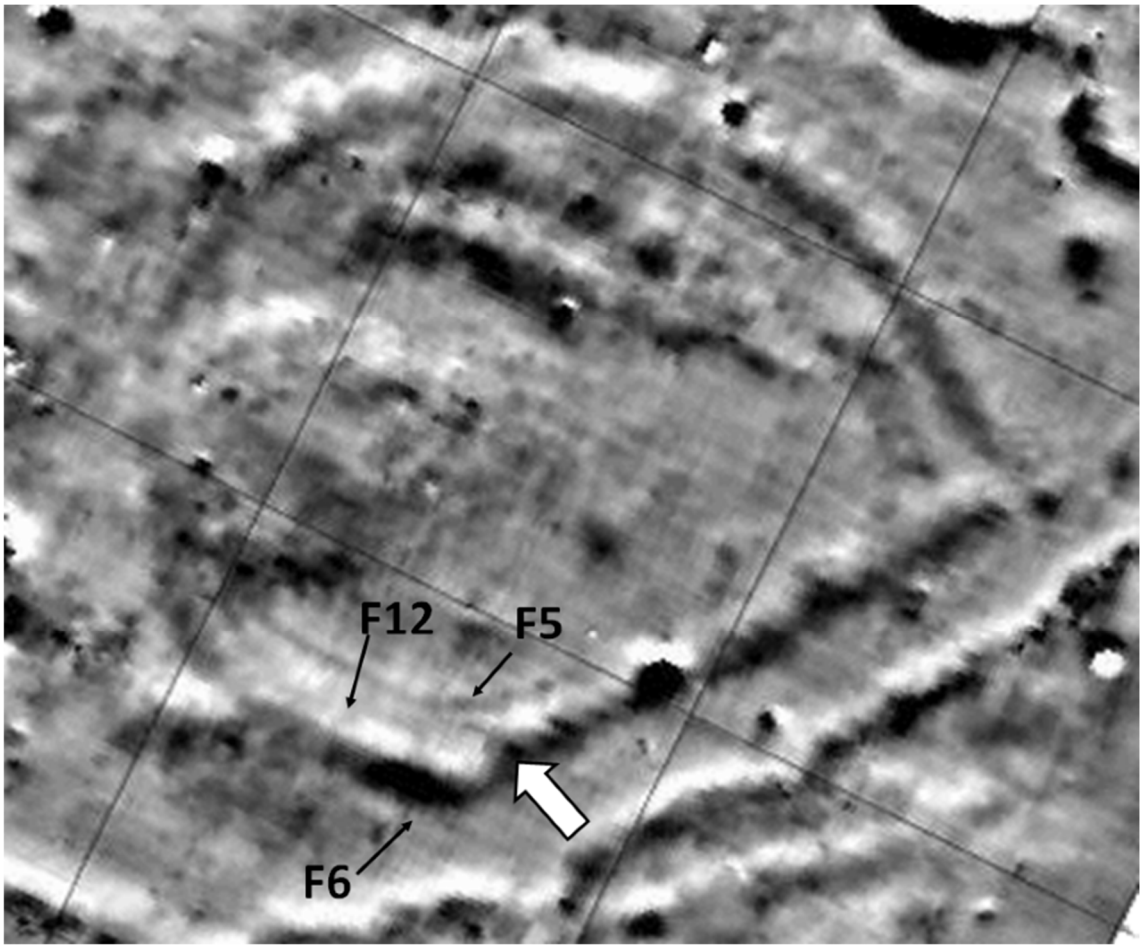


Figura 3.7 – Zona do magnetograma onde é sugerida a sobreposição do Fosso 12 pelo Fosso 6 (seta branca).

A origem destas formas de marcar o território e construir paisagens é, porém, uma questão ainda em aberto, nomeadamente no que respeita à cronologia do início da construção de cromeleques, alinhamentos ou menires isolados. Nas últimas décadas tem vindo a ser sugerida uma cronologia antiga para vários contextos deste megalitismo não funerário no interior Alentejo, propondo-se que recue pelo menos ao 5º milénio AC, associando-o ao processo de colonização dos territórios do interior (Gomes, 1994; Calado, 2004; 2015). Estas propostas têm sido sustentadas em evidências ainda algo difusas e nem sempre muito consistentes, mas que, tomadas na globalidade, conferem viabilidade à proposta. De facto, existe já alguma recorrência na identificação de materiais atribuíveis ao Neolítico Antigo junto a menires e cromeleques, em associações que, contudo, nunca são indiscutíveis. Mais seguros parecem ser os casos da presença de pequenos menires em zonas de *habitat* dessa cronologia na Caramujeira (Gomes, 1997), Vale Pincel 1 (Soares, Silva, s/d) ou Malhada da Ourada (Ferreira *et al*. 2009). Por outro lado, têm-se registado situações interpretadas como reutilizações de antigos menires e estelas em monumentos megalíticos, indicando a maior antiguidade dos primeiros. Para além dos casos bem conhecidos da Bretanha (Cassen *et al.* 2000), na Península Ibérica esta situação tem sido identificada em Espanha (Bueno Ramírez, *et al.* 2007; Bueno Ramírez *et al.* 2013) e no Sul de Portugal, casos do pequeno monumento "proto-megalítico" do Torrão (Lago, Albergaria, 2001), do Monte da Cabeça (Leisner, Leisner, 1959) ou da Pedra Escorregadia (Gomes, 1994).

A confirmar-se esta situação, e em função dos dados actualmente disponíveis para os recintos de fossos, a emergência de menires e cromeleques terá ocorrido com anterioridade relativamente àqueles, o que permite colocar a hipótese de alguns integrarem a sua genealogia, podendo os recintos megalíticos cerimoniais constituir-se como precursores dos primeiros recintos de fossos, existindo uma proximidade conceptual entre ambas as arquitecturas. Como já foi sublinhado (Valera *et al. 2017*; Valera, 2018), os dois recintos de fossos que apontam para cronologias mais antigas no Alentejo estão espacialmente associados a menires que constituiriam eventuais cromeleques: é precisamente o caso dos Perdigões e também o de Cortes 1 (Brinches, Moura). De uma cronologia um pouco mais tardia, já integrável no final do Neolítico, também o pequeno recinto do Torrão está espacialmente associado a um cromeleque, o qual poderá ter constituído a proveniência do já referido pequeno menir que se encontrava integrado no monumento "proto-megalítico" (Lago, Albergaria, 2001). Por outro lado, vários cromeleques parecem responder a princípios ideológicos que também se encontram em vários recintos de fossos (Valera, 2013b), nomeadamente a localização em vertentes suaves viradas a Este e as orientações astronómicas: casos de Almendres, Vale Maria do Meio, Portela dos Mogos, Cuncos ou Vale de Rei (Calado 2000; Silva, Calado 2003; Alvim 2006).

Parece, assim, viável colocar a hipótese de uma anterioridade de um recinto megalítico que poderia ter funcionado como factor catalisador relativamente aos primeiros recintos de fossos nos Perdigões. A possibilidade de o sítio começar como um cromeleque situado na boca do anfiteatro natural (no seu "palco" imediato e que como tal poderia ter funcionado) é, pois, uma possibilidade. Contudo, não está ainda demonstrada.

Mas para além das relações entre diferentes estruturas e espaços a nível interno, a questão da articulação do sítio com outros elementos da paisagem local durante o Neolítico é igualmente central para a sua interpretação. De facto, durante a sua fase neolítica os Perdigões terão sido contemporâneos da construção e utilização de alguns dos monumentos megalíticos que pontuam o vale da Ribeira de Vale do Álamo, sendo igualmente admissível que outros lhe possam ser um pouco anteriores, situando-se a grande maioria na paisagem para a qual se abre o anfiteatro natural, entre o complexo de recintos e a elevação de Monsaraz e vale do Guadiana no horizonte.

A relação visual dos Perdigões com os locais de implantação de muitos monumentos megalíticos isolados ou agrupados (mais do que com os monumentos eles próprios) é evidente e relevante (Figura 3.8A), ainda que a actual localização da cidade de Reguengos de Monsaraz mascare significativamente a visibilidade para Sudeste, e esteja a encobrir uma zona de concentração de monumentos cuja área de localização também seria, pelo menos parcialmente, visível.

De igual relevância na organização simbólica desta paisagem poderá ser um aparente alinhamento a 90º, portanto aos equinócios, entre os Perdigões, no extremo Oeste (mas aberto precisamente para Este), a elevação de Monsaraz que marca desse lado o horizonte e, de permeio, as duas grandes estelas-menir da região: Monte da Ribeira (Gonçalves, Balbín-Behrmann, Bueno-Ramírez, 1997) e Barrocal (Gomes, 2007), que poderiam estar integradas em recintos megalíticos (Figura 3.8B). É certo que não se sabe a localização precisa da estela-menir do Monte da Ribeira, deslocada do seu local de origem, o qual, contudo, segundo informações recolhidas na herdade, será numa vinha junto ao monte (Gonçalves, Balbín-Behrmann, Bueno-Ramírez, 1997) que se situa genericamente no alinhamento referido. Note-se que esse alinhamento percorre a área de maior visibilidade numa distância de 10km a partir dos Perdigões e que a elevação de Monsaraz marca precisamente o horizonte da paisagem visível a partir do interior dos recintos.

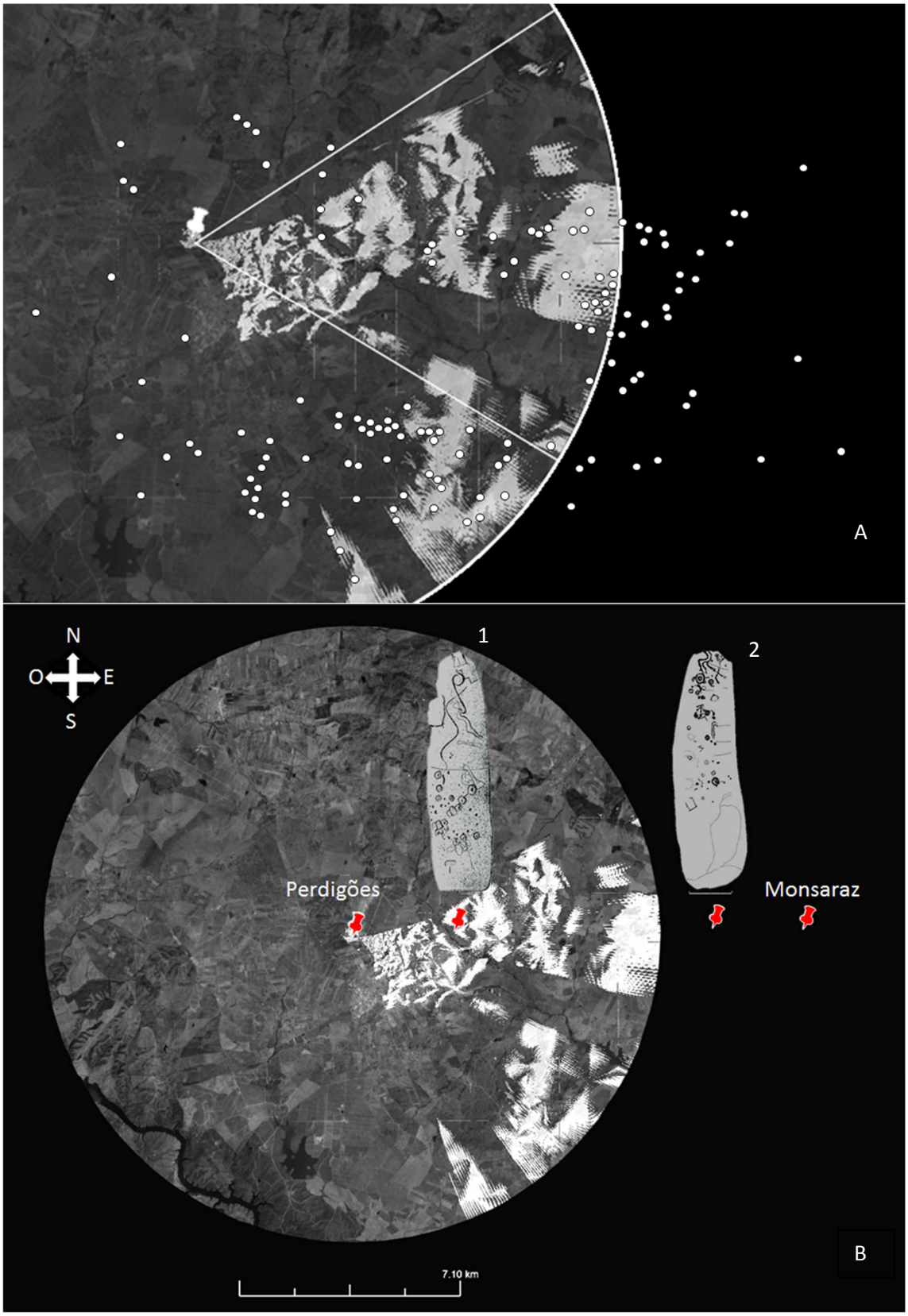


Figura 3.8 – Área de visibilidade a 10km a partir dos Perdigões e a sua relação com os monumentos megalíticos do vale da Ribeira do Vale do Álamo (círculos brancos) e alinhamento entre os Perdigões, elevação de Monsaraz e as grandes estalas-menir do Monte da Ribeira (1 – segundo Gonçalves, Balbín-Behrmann, Bueno-Ramírez, 1997) e Barrocal (2 – segundo Gomes, 2007). Os traços brancos marcam o alinhamento dos solstícios.

Figura 3.9 – Menir 1 dos Perdigões.

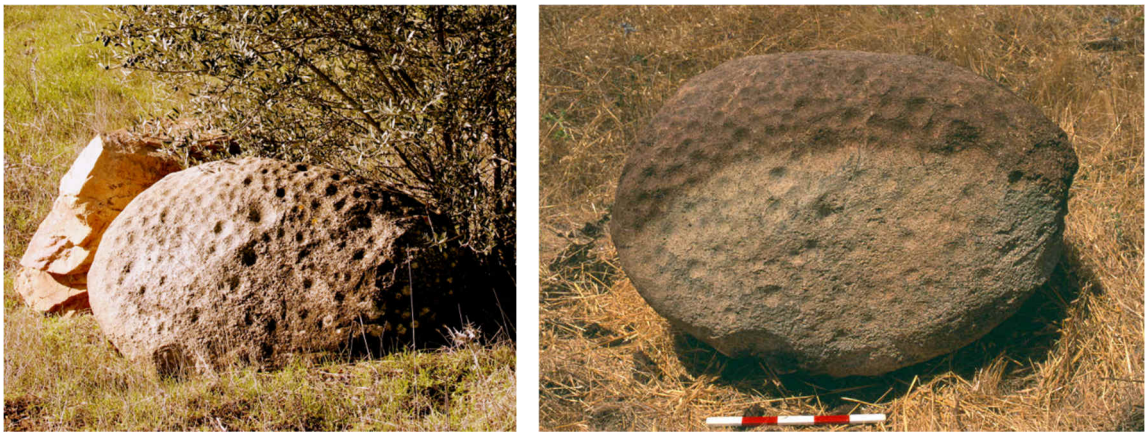


Figura 3.10 – Bloco profusamente decorado com covinhas que se encontra à superfície, na área intermédia do complexo de recintos dos Perdigões.

A ser intencional, este alinhamento equinocial, com uma distância de 14,5km entre os Perdigões e Monsaraz, seria constituído pela elevação atrás da qual o Sol nasce nos equinócios, e por três recintos megalíticos (note-se que tanto para o caso do Monte da Ribeira, como do Barrocal, os autores falam da existência de recintos megalíticos definidos por pequenos menires e/ou afloramentos), nos quais se destacariam os grandes monólitos (entre os 4,7m e os 5,72m) profusamente decorados (o grande menir dos Perdigões encontra-se abundantemente decorado com centena e meia de covinhas e um báculo – Gomes, 1988 – mas apresenta-se fracturado, não se sabendo qual seria a sua altura total – Figura 3.9). No seu conjunto formariam

um eixo dorsal que parece estruturante do conjunto de monumentos funerários a norte da Ribeira do Vale do Álamo.

Teremos, naturalmente, que colocar a questão relacionada com a cronologia destes monumentos e da sua eventual contemporaneidade. A datação deste tipo de estruturas é reconhecidamente difícil. Através da estilística de algumas das representações apostas no menir do Barrocal, a sua construção foi atribuída à primeira metade do 5º milénio a.C., tendo sido definidas sucessivas fases de gravação que revelariam a longa duração do desempenho social do munumento durante a Pré-História Recente (Gomes, 2007). Já para os autores do estudo do menir do Monte da Ribeira, a sua cronologia de construção seria do final do 4º, inícios do 3º milénio AC (Gonçalves, Balbín-Behrmann, Bueno-Ramírez, 1997), ou seja, posterior ao aparecimento dos recintos de fossos nos Perdigões de acordo com a informação hoje disponível. De facto, mais que um momento específico no tempo em que se erguem menires e se formam cromeleques e alinhamentos, parece existir uma longa vigência de construção destes monumentos, enquadrada por uma trajectória simbólica em continuidade. Acresce que muitos são sucessivamente remodelados e/ou acrescentados nos seus elementos, decorações ou *designs*, revelando complexas biografias nem sempre fáceis de desdobrar nos vários momentos que comportam. À formação deste hipotético alinhamento, contudo, não é indispensável uma simultaneidade da construção dos seus elementos arquitectónicos, os quais podem ir surgindo e evoluindo ao longo da progressiva constituição e codificação simbólica da paisagem local durante um certo período de tempo. A coerência espacial dos elementos à escala de uma paisagem só raras vezes resulta de um planeamento prévio. Antes, vai emergindo na vivência, nos sentidos e nas relações recursivas que se vão progressivamente estabelecendo entre os elementos que vão surgindo, tecendo no tempo e no espaço o fio condutor que dá sentido e ordem a essa mesma paisagem. Claramente, a coerência simbólica da paisagem da Ribeira do Vale do Álamo é uma construção, com sucessivas adições que densificam e complexificam as relações entre os seus elementos significantes. É, à escala da paisagem, o que podemos também observar internamente à escala dos Perdigões. Ainda assim, a presença de báculos nos três grandes menires destes monumentos poderá indiciar um momento relativamente recuado de contemporaneidade em que os três estariam socialmente activos e que poderíamos, com base nesse elementos iconográfico, referenciar ao Neolítico Médio (Gomes, 2007) ou Neolítico Final.

4 ESTRUTURAS NEGATIVAS, ESTRATIGRAFIAS E PROCESSOS DE ENCHIMENTO

A.C. Valera

Com excepção dos menires e do cromeleque que aqueles formariam, todas as evidências arquitectónicas até ao momento registadas nos Perdigões durante a sua fase neolítica correspondem a estruturas negativas, ainda que algumas delas se possam eventualmente relacionar com elementos em positivo. A descrição e caracterização que delas se fará em seguida segue o faseamento definido no capítulo anterior.

4.1 A FASE 1 DO NEOLÍTICO DOS PERDIGÕES

As estruturas atribuíveis a esta fase encontram-se todas na área central do complexo de recintos, no Sector Q. Correspondem a troços de pelo menos três fossos distintos que não são perceptíveis no magnetograma da geofísica e a um conjunto de 17 fossas e um buraco de poste.

4.1.1 Os fossos

De acordo com as relações estratigráficas de sobreposição e corte, os troços mais antigos correspondem aos Fossos 14 e 15, não sendo possível para já definir qual a relação temporal entre ambos.

O traçado identificado do Fosso 14 situa-se no extremo Este da sondagem do Sector Q (Figura 4.1) e apresenta uma planta de tendência circular, entrando pelos cortes Este e Sul da sondagem. Junto ao corte Este foi sobreposto pelo Fosso 13c, que depois se desenvolve para Oeste, enquanto o Fosso 14 curva para Sul onde, já junto ao corte, parece iniciar nova curvatura, como se existissem dois lóbulos semicirculares geminados, o que a ser assim, recorda os padrões sinuosos padronizados de recintos mais tardios, como Xancra, Outeiro Alto 2 ou Salvada (Valera, 2012). Esta situação, contudo, só poderá ser eventualmente esclarecida com o alargamento da área escavada, ainda que exista a forte possibilidade de o fosso estar cortado por um grande corte calcolítico que, na área central, obliterou vários fossos neolíticos (Figura 4.1).

Apesar de escavado em apenas cerca de 6m de comprimento, este fosso apresenta uma configuração e estratigrafia complexas. A metade norte da área em que foi intervencionado, ou seja, a que sai "de baixo" do Fosso 13c, foi designada por 14a. Apresenta um perfil em "V", com 0,90m de largura na boca, cerca de 0,20m na base e uma profundidade de 0,64m. Era preenchido por um único depósito, muito argiloso e compacto, e quase não forneceu materiais: apenas dois escassos bojos, um fragmento de *Pecten maximus* queimado e dois restos de fauna. Este depósito [501] era muito semelhante a um outro depósito que cobria a área exterior envolvente, quer pelo exterior quer pelo interior do espaço envolvido pelo fosso, e que se revelou arqueologicamente estéril.

Figura 4.1 – Planta das estruturas das duas fases neolíticas dos Perdigões: fase 1 – final do Neolítico Médio (cinzento escuro); fase 2 – Neolítico Final (cinzento claro).

Este troço de fosso tinha apenas 3m de extensão, terminando a cerca de 3m do corte Sul da sondagem. Porém, foi depois prolongado por um novo troço, designado 14b, o qual se lhe sobrepôs parcialmente na extremidade, cortando-o (Figura 4.2).

Este novo troço prolongou o traçado de tendência circular em cerca de mais 3m, para depois iniciar aparente novo semicírculo. Contudo, a sua secção (sub-trapezoidal) e dimensões são diferentes. É mais largo, atingindo 1,34m na boca e 0,90 na base, e menos profundo, com apenas 0,40m. A menor profundidade permitiu que, na zona da sobreposição, a base e o respectivo preenchimento do troço anterior se preservassem sob este acrescento e seus enchimentos (Figura 4.2: P4). Trata-se, assim, um traçado construído por adição de segmentos.

Este segundo segmento difere igualmente nos preenchimentos, que se revelam mais complexos. Há dois depósitos iniciais que preenchem a totalidade do troço, existindo posteriormente um *recutting* que cortou estes depósitos até à base numa extensão de 3m, os quais se preservaram apenas junto às paredes e na zona mais a Sul (Figura 4.2: P2 e P3; Figura 4.3: corte A-B). Esse recorte foi depois preenchido com uma sequência de depósitos, englobando dois momentos de deposições específicas. Um primeiro na metade Sul do recorte constituído essencialmente por pequenas pedras e alguma cerâmica [562] (Figura 4.2: P3) e outro posterior, abrangendo toda a área central do recorte, constituído por pedras um pouco maiores, alguma cerâmica e restos de fauna de grandes mamíferos, nomeadamente um grande fragmento de crânio [511]. Esta deposição foi depois coberta por um outro depósito [502], também ele contendo abundante fauna e cerâmica, incluindo um pequeno copo inteiro.

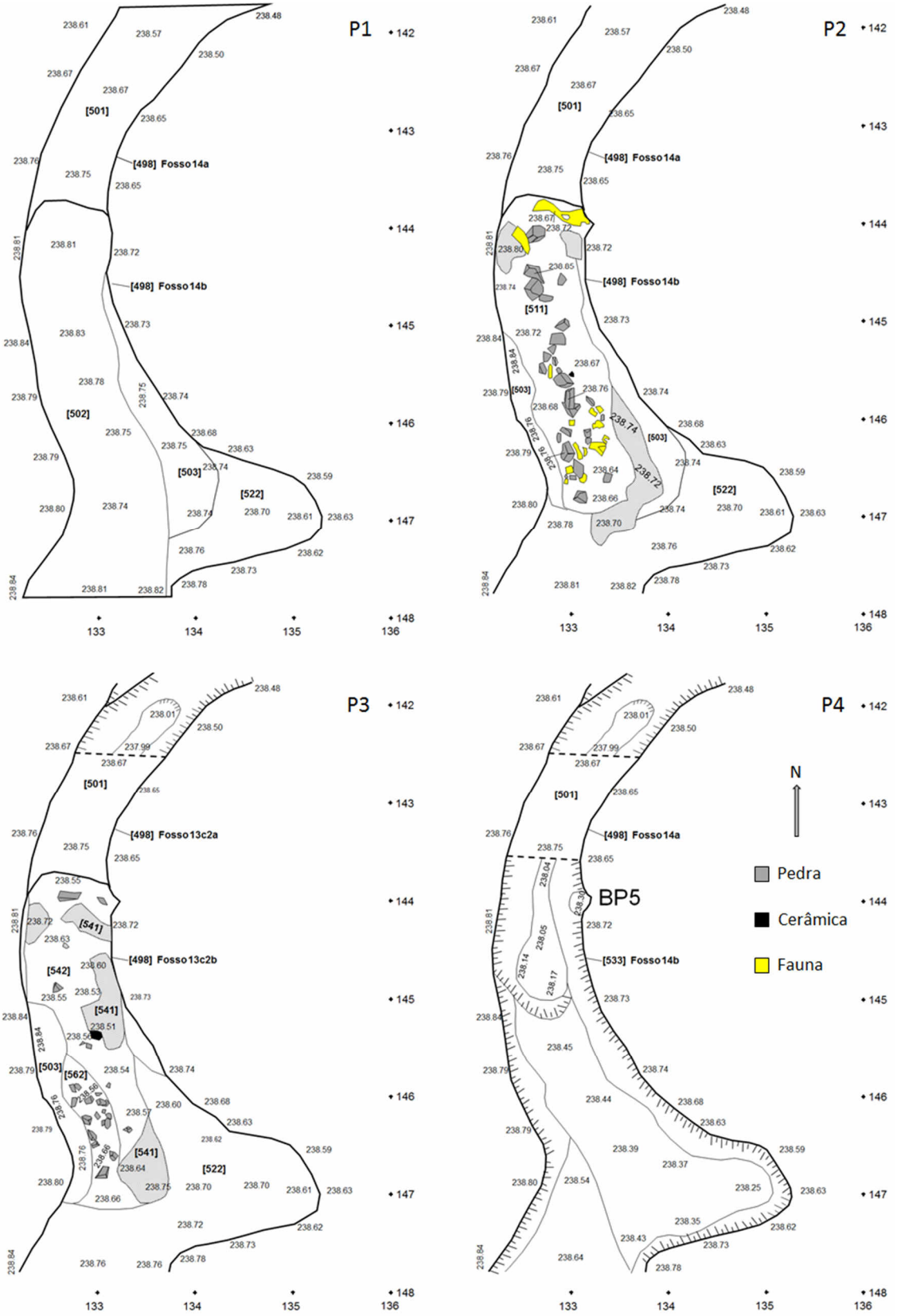


Figura 4.2 – Sequência de preenchimentos do Fosso 14.

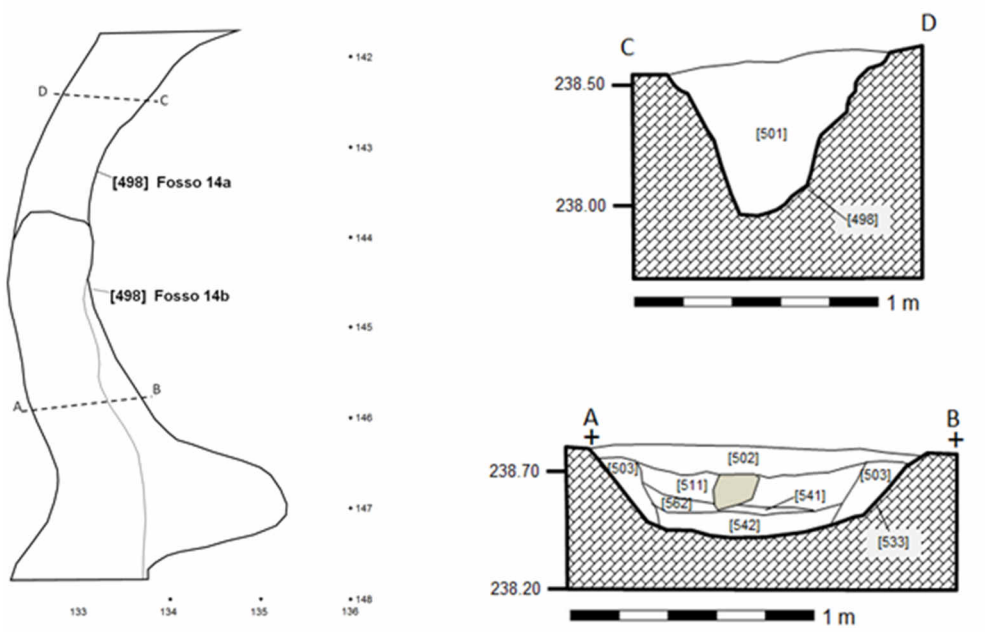


Figura 4.3 – Secções do Fosso 14.

Resumindo, nos cerca de 6m de traçado em que foi exposto e intervencionado, o Fosso 14 revelou uma construção aditiva por segmentos e, no segmento mais recente, a prática de recorte com preenchimento de deposições intencionais sobretudo de pedras e restos de fauna, onde predominam espécies selvagens de animais de grande porte (Cf. Capítulo 7). No espaço interno deste fosso abrangido pela área escavada apenas se registou uma fossa (Fossa 82), atribuível igualmente a este período (ver adiante).

O Fosso 15 atravessa na diagonal (SO-NE), e com um traçado ligeiramente ondulante, a área Este do Sector Q (Figura 4.1). A SO é obliterado pelo interface de corte calcolítico da zona central, enquanto que a NE é cortado pelo Fosso 13c e mete-se por baixo de depósitos e estruturas calcolíticas. Ao longo deste trajecto é ainda cortado por uma pequena fossa igualmente neolítica e integrável nesta fase inicial (Fossa 86) e por uma fossa de grandes dimensões (Fossa 80 / Hipogeu 2) atribuível já ao Neolítico Final (Figura 4.4). Foi escavado no troço entre o corte calcolítico e a Fossa 80 e entre esta e o Fosso 13c.

Trata-se de um fosso de muito pequenas dimensões, com 0,40m de largura e profundidades que variam na maioria do traçado entre 0,24m e 0,30m. O troço a SO da Fossa 80 era preenchido por um depósito argiloso muito compacto [555] e, junto ao corte da fossa, por outros depósitos argilosos, um mais rosado [554] e outro mais alaranjado [537]. Este continuava a preencher o troço a NE da Fossa 80 (sendo aí designado por [558]), sobrepondo-se a um outro depósito argiloso avermelhado já na zona do corte do Fosso 13c, onde a base do fosso faz um ligeiro degrau e se encontrava uma grande pedra.

Na globalidade forneceu um número muito reduzido de materiais arqueológicos, constituídos por alguns fragmentos cerâmicos e alguns restos de fauna mamalógica.

Já o Fosso 13 apresenta uma leitura mais complexa. Em face da área escavada e da interferência dos fossos do Neolítico Final e de cortes efectuados em época calcolítica, existem três troços que, de momento, se assume poderem pertencer a um mesmo fosso de traçado sinuoso e que foram designados por Fosso 13a, 13b e 13c (Figura 4.1). Os troços 13a e 13b desenvolvem-se do lado Oeste da sondagem e o troço 13c atravessa de Este para Oeste o lado poente dessa mesma sondagem. A interpretação que de momento se faz sobre o traçado é a de

que o troço 13c ligará ao troço 13b na área ainda não escavada, e onde serão cortados pelos fossos do Neolítico Final. O troço 13b, por sua vez, convergindo para Norte com o troço 13a, ligar-se-á a ele em curva ou formando uma entrada. Só o alargamento da área escavada para Norte dos limites actuais da sondagem permitirá esclarecer esta situação, já que também este fosso não é perceptível no magnetograma da geofísica.

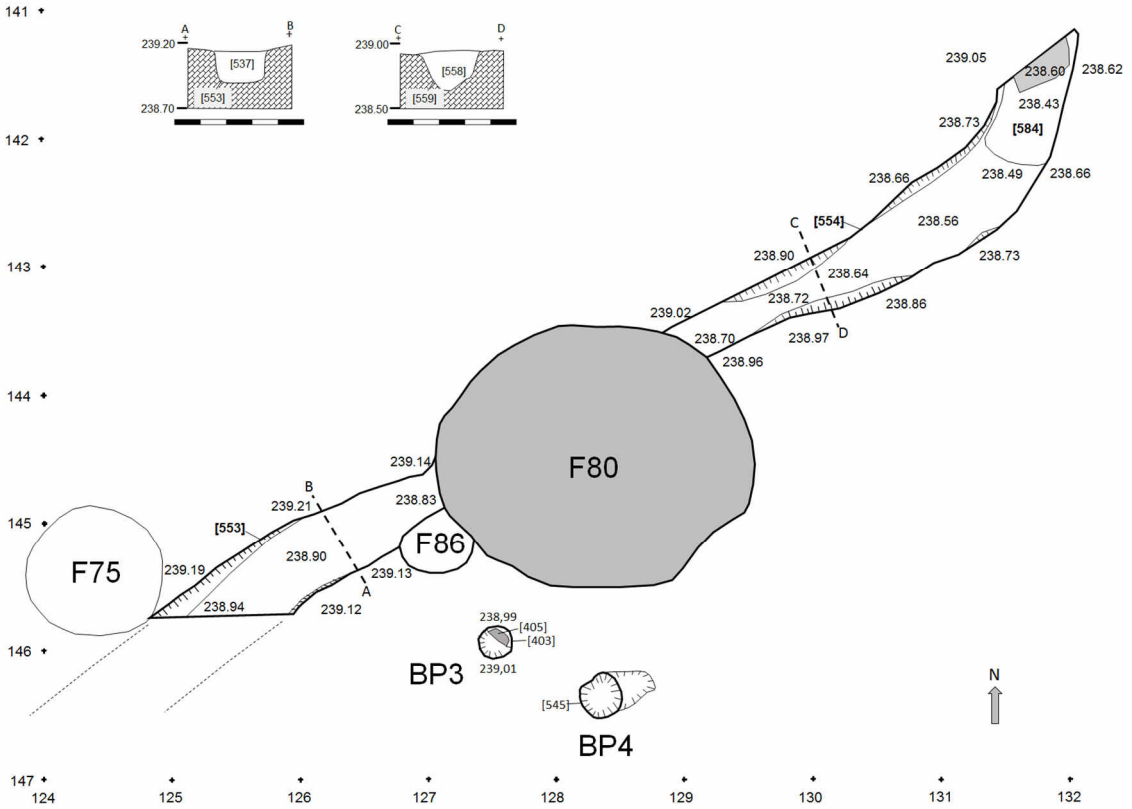


Figura 4.4 – Plano final e secções do troço escavado do Fosso 15.

De momento, nenhum dos troços foi escavado em significativa extensão. No troço 13a realizou-se uma secção e uma decapagem do topo do enchimento do lado Norte; no troço 13b apenas se realizou a decapagem do topo; no troço 13C fez-se uma secção com cerca de 2m de comprimento e decapou-se uma parte preservada na área em que é cortado pelo Fosso 5 do Neolítico Final.

A secção realizada no troço 13a (Figura 4.6) revelou um fosso de pequenas dimensões, e onde parte do seu topo foi ligeiramente obliterado por um corte de aplanamento do geológico para a construção de uma estrutura semicircular calcolítica. Na zona da secção apresenta um perfil em "V" com 0,90m na boca e uma profundidade de 0,52m, mas para norte as suas dimensões aumentam, atingindo os 1,70m de largura junto ao corte Norte. Na secção revelou um preenchimento composto por três depósitos: um fino depósito argiloso alaranjado na base [410]; um depósito intermédio espesso composto por sedimentos argilosos, mas incorporando abundante grão de diorito alterado sem materiais arqueológicos [397]; o depósito de topo, igualmente argiloso, onde se registou alguma fauna e fragmentos cerâmicos [395]. Uma datação de radiocarbono (ICA-15B/1252) deste depósito de topo revelou igualmente valores tardios, integráveis no Neolítico Final.

Figura 4.5 – Fosso 13c: planos dos *recuttings* e perfil estratigráfico.

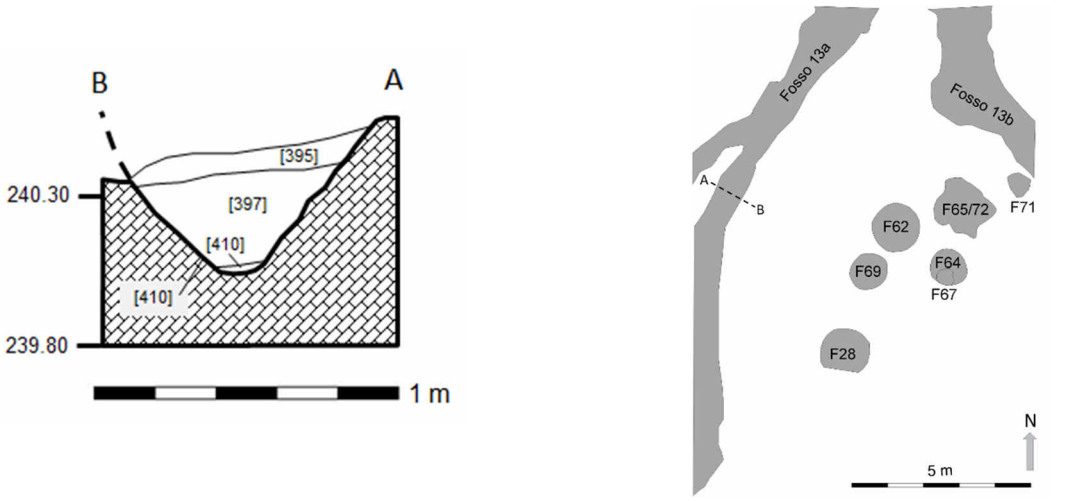


Figura 4.6 – Plano e secção do Fosso 13a.

Relativamente ao troço 13b, apenas foi decapado no topo, apresentando uma largura de 1,40m. Da mesma forma, uma datação (DeA-8206) do topo do enchimento revelou uma datação já do Neolítico Final. Esta circunstância poderá indiciar que estes troços não estariam totalmente colmatados no momento em que se começaram a abrir os fossos que estão cronologicamente enquadrados na fase mais recente do Neolítico.

Do lado Este, o troço 13c tem um enchimento mais complexo. Apresenta larguras variáveis, mas na zona em que foi sondado até à base revelou uma largura de 1,30m e uma profundidade de 0,88m. Evidenciou uma estratigrafia em que se intercalam níveis muito argilosos alaranjados ou a vermelhados com níveis de sedimentos mais castanhos e com mistura de caliços e pelo menos três momentos de deposição de restos faunísticos, cerâmica e pedras. O último desses momentos corresponde a um pequeno *recutting* na zona central do depósito, preenchido por fauna, cerâmica e pedras [449].

No meio dessa deposição foi identificada uma mandíbula humana, intencionalmente fragmentada por flexão na zona do queixo, e com uma metade depositada sobre a outra, mas orientadas para lados opostos, revelando inequivocamente uma acção intencional de deposição (Figura 4.8: F).

Na zona é que é cortado pelo Fosso 5 (Figura 4.5), repete-se a situação de *recutting* num sedimento argiloso, com preenchimento de pedras fauna e alguma cerâmica. Estas situações revelam a existência de uma sequência destes pequenos *recuttings* com espaçamentos, realizados quando o fosso está praticamente colmatado, nos quais se realizam deposições que integram genericamente o mesmo tipo de materiais.

Em suma, os troços identificados e atribuíveis a esta fase inicial apresentam dimensões relativamente modestas, com larguras que raramente excedem 1,5m e profundidades sempre inferiores a 1m. Não fornecem grandes quantidades de materiais, mas revelam momentos de deposições, por vezes em pequenos *recuttings* efectuados em depósitos prévios, de restos faunísticos, fragmentos cerâmicos e pequenas pedras, sendo que num caso se registou a deposição estruturada de uma mandíbula humana. O traçado destes fossos não é ainda perceptível na sua globalidade, pelo não sabemos exactamente que tipo de recintos desenham ou se definem espaços totalmente encerrados. A sobreposição, do Fosso 13 relativamente aos Fossos 14 e 15 revela, contudo, revela diferentes momentos construtivos, que serão

relativamente próximos no tempo. O preenchimento de algumas secções com depósitos muito argilosos alaranjados/avermelhados, quase arqueologicamente estéreis, e muito semelhantes a um depósito exterior também estéril identificado na zona dos Fossos 14 e 15 e Fosso 13c poderá sugerir a existência de uma pequena estrutura em positivo e feita em argila associada a alguns troços dos fossos. Os vestígios, contudo, não permitem pensar em algo de grande dimensão.

Figura 4.7 – A. Aspecto do segmento B do Fosso14 com a deposição de grandes ossos de fauna, pedras e cerâmicas [511]; B. Aspecto do segmento A do Fosso 14, preenchido apenas por um depósito argiloso [501]; C. Aspecto da sobreposição do segmento B (menos fundo) relativamente ao segmento A (mais fundo); D. Aspecto final dos dois segmentos do Fosso 14 e da Fossa 82 (já entulhada após escavação).

Figura 4.8 – A. Aspecto do Fosso 15, ao fundo cortado pela Fossa 80; B. zona em que o Fosso 13c corta o Fosso 15; C. Corte Oeste no Fosso 13c; D. Zona onde o Fosso 13c se sobrepõe ao Fosso 14.; E. Aspecto de um *recutting* ao centro dos enchimentos do Fosso 13c, preenchido por uma deposição de restos faunísticos, pequenas pedras e fragmentos cerâmicos, assim como uma mandíbula humana; F. Pormenor da deposição da mandíbula humana fragmentada em duas metades, com uma depositada sobre a outra, mas com orientações opostas.

4.1.2 As Fossas e Buraco de Poste

A esta fase foram atribuídas, com base em cronologias absolutas, características tipológicas de materiais e relações estratigráficas, 17 fossas e 1 buraco de poste. Das fossas, apenas 5 estavam completas, isto é, não tinham sido cortadas por estruturas posteriores. A que se acrescenta um caso de uma pequena fossa (Fossa 67) escavada no interior de outra desta mesma fase (Fossa 64). Registe-se ainda a abertura de uma fossa (Fossa 65) que se sobrepôs a outra (Fossa 72), obliterando-a parcialmente. Desta forma, duas fossas não possibilitaram a obtenção de medidas que permitam estimar as suas dimensões. As medidas das restantes estão expressas na Tabela 4.1.

Tabela 4.1 – Dados relativos às medias, preenchimentos e morfologia das fossas da fase 1 do Neolítico.

Fossa	Dboca	Dbase	Prof	Vol m3	Nº Depósitos	Plano	Perfil
13	?	?	0,1	?	1	?	?
22	1,3	0,92	0,18	0,1	2	Sub-circular	Convexo
28	1,30	1,18	0,16	0,19	1	Circular	Trapezoidal
33	1,52	1,52	0,32	0,58	3	Sub-circular	Sub-cilíndrico
41	1,10	0,98	0,18	0,15	1	Circular	Sub-Trapezoidal
48	0,88	0,82	0,42	0,28	3	Ovalada	Trapezoidal assimétrico
49	1,24	0,98	0,21	0,24	3	Circular	Convexo
62	1,26	1,34	0,3	0,39	1	Circular	Trapezoidal estrangulado
64	1,04	1,26	0,5	0,52	5	Circular	Trapezoidal assimétrico
65	1,46	1	0,16	0,19	3	Irregular	Convexo
67	0,46	0,14	0,12	0,003	1	Circular	Convexo
69	0,96	0,96	0,3	0,22	2	Circular	Retangular
71	0,62	0,54	0,26	0,07	1	Elipsoide	Sub-Trapezoidal
72	0,84	0,8	0,2	0,11	2	Circular	Trapezoidal
75	1,1	0,7	0,18	0,12	2	Circular	Trapezoidal
82	1,42	1,66	0,76	1,42	7	Sub-circular	Trapezoidal
86	?	?	0,4	?	1	Ovalada	Sub-Trapezoidal

O primeiro aspecto a salientar é o reduzido tamanho das fossas. Há apenas um caso acima de 1m^3 (Fossa 82), dois casos entre 0,60m^3 e 0,50m^3, um com 0,38m^3 e o resto abaixo de 20m^3, o que se traduz em profundidades médias entre 10cm e 32cm, apenas com dois casos entre os 40cm e 50cm e um com 76cm (Fossa 82). De facto, a Fossa 82 destaca-se claramente das restantes pela sua dimensão, que, ainda assim, não pode ser considerada muito grande (Gráfico 4.1).

Genericamente, as morfologias destas estruturas apresentam predominantemente plantas circulares ou sub-circulares e os perfis são sobretudo trapezoidais ou sub-trapezoidais. Dadas as suas reduzidas dimensões é natural que o número de depósitos que foram identificados no seu interior seja igualmente reduzido. Assim, quinze apresentam entre 1 e 3 depósitos, existindo uma com 5 e a maior (Fossa 82) com 7. Os materiais são essencialmente compostos por fragmentos cerâmicos, indústria lítica sobre quartzo e restos faunísticos e, com excepção da Fossas 64 e 82 (duas das maiores), nunca são muito abundantes, nomeadamente no que se refere às cerâmicas (Cf. Capítulo 5).

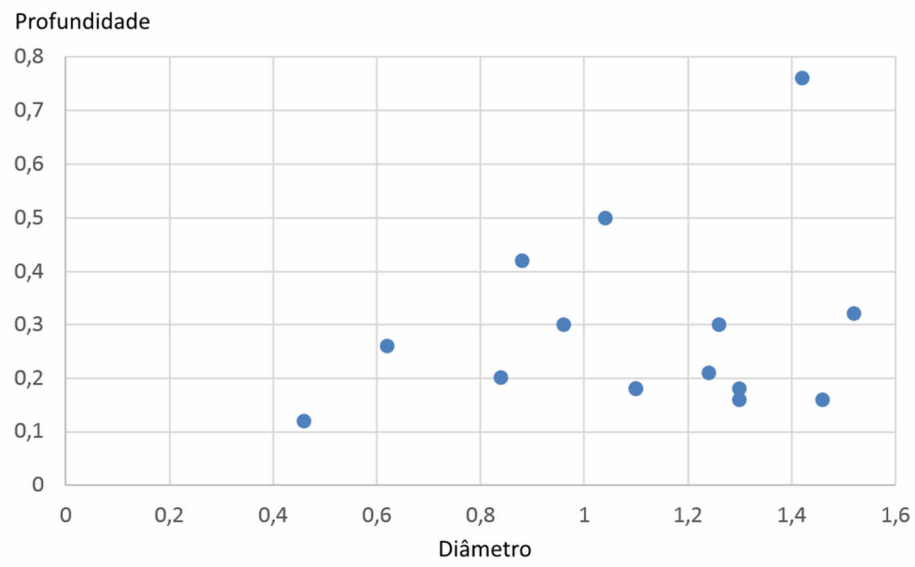


Gráfico 4.1 – Dimensões das fossas (eixos em metros).

A presença destes materiais ocorre de forma dispersa nos depósitos que preenchem as fossas e em apenas três contextos se registaram situações que poderão revelar um maior formalismo nas deposições.

O primeiro corresponde à pequena Fossa 67 que foi escavada no topo dos enchimentos da Fossa 64. Essa pequena fossa, escavada junto ao rebordo e não na zona mais central da fossa anterior, foi inteiramente preenchida por pedras de pequenas dimensões, envolvidas numa matriz de sedimento arenoso e muito solto. Entre as pedras foi registado um único artefacto, correspondente a uma pequena enxó de pedra polida (Figura 4.9: A). A deposição intencional e ritualizada de artefactos de pedra polida em fossas tem sido discutida noutros contextos genericamente contemporâneos (Valera, 2013; Senna-Martinez, 1995/96).

Na fossa 64, no enchimento da qual foi escavada a estrutura anteriormente referida, e após removida a camada de topo, foi identificado um depósito constituído por pedras, alguma cerâmica e fauna, onde predominavam sobretudo mandíbulas (Figura 4.9: B), sugerindo algum critério de escolha.

Finalmente, na Fossa 48, registou-se um nível de pedras de médias dimensões relativamente espesso (Figura 4.9: C), o qual se prolongava até à base da fossa integrando alguma fauna e com muito poucos materiais arqueológicos. Sob este aglomerado pétreo, e depositado directamente sobre a base da fossa, tinha sido colocado um corno inteiro de auroque (Figura 4.9: D). Esta estrutura forneceu uma das datações mais antigas até agora registadas nos Perdigões (ICA-15T/1016).

Desta forma, algum formalismo nas deposições foi identificado em várias das estruturas intervencionadas, tanto preenchendo *recuttings* em fossos, como no preenchimento de algumas fossas. A própria situação da pequena Fossa 67 escavada no enchimento da Fossa 64, pode ser paralelizável com as práticas de *recutting* nos fossos, pois corresponde a uma pequena reabertura realizada especificamente para ser imediatamente preenchida por uma deposição que apresenta algum nível de formalismo, nomeadamente na selecção das pequenas pedras e na incorporação de um único artefacto que se encontra completo.

Figura 4.9 – A. Fossa 67 escavada nos depósitos de enchimento da Fossa 64, preenchida por pedras pequenas e uma enxó (seta); B. Acumulação de pedras e restos faunísticos (sobretudo mandíbulas) na Fossa 64; C. Aglomerado pétreo que preenche a quase totalidade da Fossa 48; D. Corno de auroque depositado sob o aglomerado pétreo na Fossa 48.

Para além destas fossas, foi ainda atribuído a esta fase um buraco de poste (Buraco de Poste 3), na medida em que aparenta ser cortado pelo Fosso 14, encontrando-se na sua parede Este (Figura 4.10). O corte não é absolutamente inequívoco, pois ocorre de forma tangente pelo rebordo do fosso e sem uma significativa obliteração. Mas, a ser efectivo, estabelece uma relação de posterioridade do fosso em relação ao do buraco de poste. Este apresenta um perfil em saco, um diâmetro de boca de 0,20m e uma profundidade 0,40m, sendo preenchido por um sedimento arenoso escuro, relativamente solto, que não continha qualquer material arqueológico.

De momento é difícil relacionar esta estrutura com qualquer outra, podendo o poste funcionar de forma isolada ou corresponder a um elemento estrutural de uma qualquer construção. A sua identificação, contudo, parece documentar a existência de elementos arquitectónicos em positivo em madeira logo desde as fases mais iniciais dos Perdigões, circunstância que também já foi documentada para os períodos subsequentes, nomeadamente em várias estruturas calcolíticas desta mesma área central.

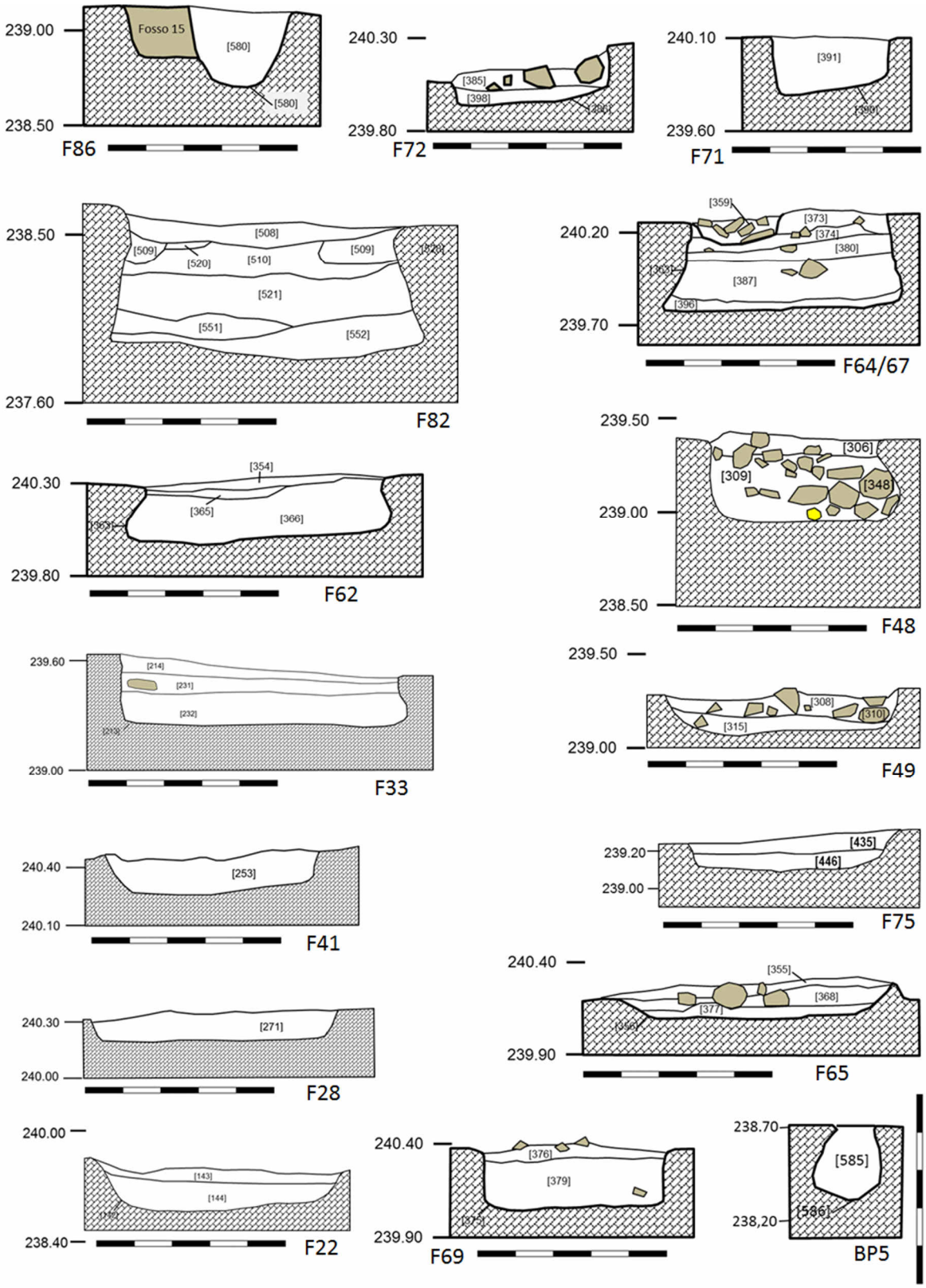


Figura 4.10 – Fossas e Buraco de Poste da fase inicial do Neolítico dos Perdigões.

4.2 A FASE 2 DO NEOLÍTICO DOS PERDIGÕES: NEOLÍTICO FINAL

Durante a segunda fase do Neolítico dos Perdigões a área encerrada foi significativamente ampliada, a pesar de a zona mais central continuar a ser objecto de uma intensa actividade construtiva. Para as zonas mais intermédias conhece-se ainda mal a ocupação desta fase, facto que ficará sobretudo a dever-se ao número ainda escasso de intervenções nesses espaços (nas sondagens realizadas na zona intermédia, apenas no Sector I se registaram duas fossas com uso funerário, ambas com cronologias absolutas do Neolítico Final). A esta fase estão referenciados cinco fossos e dez fossas, duas estruturas tipo hipogeu e duas pequenas sanjas.

4.2.1 Os Fossos

Na área central dos Perdigões, no sector Q, foram registados os três fossos (5, 6 e 12) genericamente paralelos, que definem um recinto central, ainda que exista a possibilidade de não terem todos funcionado em paralelo (Cf. Capítulo 3). Foram sondados neste sector na zona de escavação em área (Sondagem Q1 – Figura 4.11), onde cortam o Fosso 13 da fase anterior, e numa sondagem espacialmente mais restrita (Sondagem Q2 – Figura 4.11).

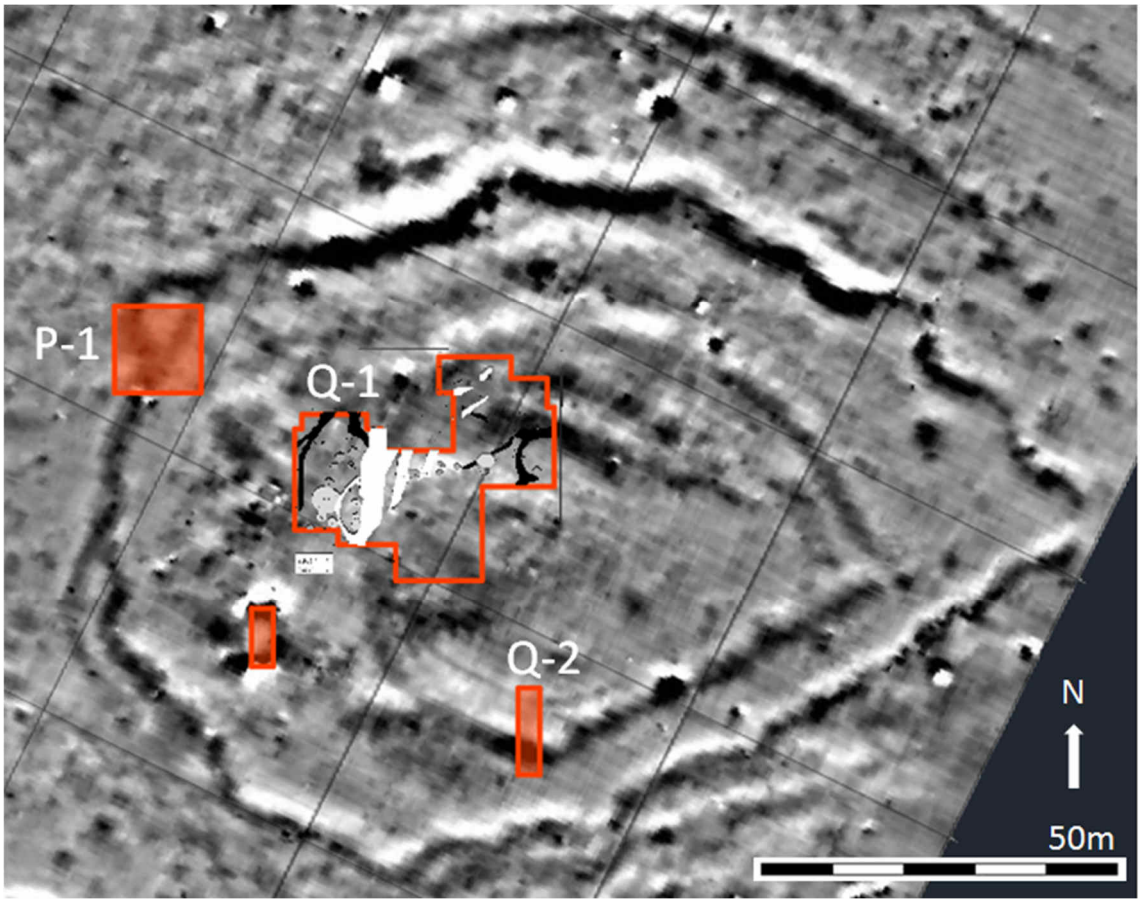


Figura 4.11 – Localização das áreas escavadas no sector Q (Q-1 e Q2) e no Sector P (P-1). A restante sondagem corresponde a um dos diagnósticos realizados em 1997.

O Fosso 5 foi intervencionado em ambas as sondagens, tendo revelado morfologias e preenchimentos distintos. Na Sondagem 1 apresenta um perfil em "V", com cerca de 1,35m de largura na boca e 1,10m de profundidade, sendo preenchido por nove depósitos. Genericamente, os depósitos têm uma tendência horizontalizada, com excepção do segundo a contar do topo, que revela uma deposição mais abaulada. Os cinco primeiros depósitos a contar do topo, e que preenchem cerca de 2/3 do fosso, apresentam matrizes argilosas ou argilo-arenosas, contendo alguma fauna, fragmentos cerâmicos e pedras normalmente de reduzidas dimensões, materiais que se encontram dispersos e nunca em grande quantidade (ao contrário do que é conhecido para os troços escavados nos outros fossos desta fase dos Perdigões). A base do fosso é preenchida por dois depósitos de areão intercalados com dois depósitos de argila fina praticamente estéreis e indiciando uma colmatação através de processos naturais e acção hídrica.

Na Sondagem 1, os fossos do Neolítico Final (5, 6 e 12) foram cortados por uma grande estrutura de tendência circular calcolítica (Figura 3.3). Esta estrutura foi depois cheia por vários depósitos, nos quais mais tarde, ainda em período calcolítico (meados do 3º milénio), se escavaram algumas fossas, duas das quais para receber a deposição de restos de cremações humanas (Valera *et al.* 2014a). Uma dessas fossas, a Fossa 40, foi escavada mesmo junto ao interface de corte da grande estrutura circular calcolítica e em frente à zona onde esta cortou o Fosso 5. A escavação da Fossa 40 permitiu verificar que o interface de corte calcolítico não foi tão fundo ao ponto de obliterar totalmente o Fosso 5, pelo que a base deste se prolonga sob essa fossa (Figura 4.12: B).

Nesse troço que se prolonga na base da Fossa 40 foi possível identificar dois depósitos: um na base composto por argila fina envolvendo pedras pequenas, sobreposto por um nível de areão. Estes depósitos são equivalentes aos dois identificados na base do fosso na zona da secção realizada. Observou-se ainda, neste mesmo troço que se prolongava sob a Fossa 40, a existência de um grande buraco de poste com 36cm de diâmetro e 21cm de profundidade, preenchido por sedimento argiloso e por uma pedra de calço. Tratar-se de um grande poste com fundação na base do fosso, mas aparentemente sem continuidade de outros postes (a não ser que os mesmos se encontrem em amplos intervalos regulares).

Já na Sondagem 2 o Fosso 5 apresenta 1,6m de largura por 0,54m de profundidade, tendo um perfil convexo, ou seja, é mais largo, menos profundo e tem um perfil diferente. No topo é colmatado por uma fina camada de sedimentos castanhos, muito argilosos e compactos, incorporando alguma pedra. Este depósito sobrepunha-se a dois outros que dividiam o preenchimento do fosso no sentido longitudinal, o [351] do lado sul e o [352] do lado norte. Ambos são compostos por sedimentos de areão alaranjado, em tudo semelhante ao geológico local desagregado, distinguindo-se essencialmente pela coloração ligeiramente mais clara do lado sul e por uma incomparavelmente maior presença de cerâmicas, fauna e alguns restos humanos no lado Norte (Figura 4.12: D e E). Embora em escavação não se tenha detectado mais nenhum depósito de características diferentes até à base do fosso, mantendo-se sempre esta bilateralidade, em corte, e depois dos sedimentos secos, foi possível observar ligeiras alterações de coloração a meio do fosso, revelando a presença de depósitos isoláveis sob os anteriores, mas mantendo a mesma bilateralidade. Assim, sob a [351] definiu-se a [353] e sob a [352] definiu-se a [354]. Também entre eles se registava uma inequívoca maior presença de cerâmicas e fauna do lado norte na [354].

Esta separação vertical da estratigrafia do fosso em sensivelmente duas metades longitudinais, associada à natureza arenosa (de geológico local) dos depósitos e à concentração de materiais de um dos lados, revela um preenchimento muito diferente de tudo o que foi até ao momento registado nos fossos dos Perdigões.

Figura 4.12 – Sondagens realizadas no Fosso 5. A - Secção realizada na Sondagem 1; B – Troço da base do fosso sob a Fossa 40 de cronologia calcolítica, vendo-se o grande buraco de poste com calço; C – Secção escavada na Sondagem 2 (juntamente com a do Fosso 12); D – Perfil do fosso na Sondagem 2, vendo-se a divisão vertical dos sedimentos arenosos; E – Plano dos depósitos de enchimento na Sondagem 2, vendo-se a divisão longitudinal dos depósitos.

Esta sequência é compatível com a existência de uma paliçada que usaria o fosso com infraestrutura de assentamento, sustentada com o material da escavação do próprio fosso, que depois terá sido removida, sendo o espaço preenchido por esses sedimentos, originando uma separação vertical dos preenchimentos. Situação estratigráfica semelhante para a sustentação de uma paliçada foi, por exemplo, identificada no recinto 2 de Coelheira 2/3 (Valera, Ramos, Castanheira, 2015).

Por outro lado, a existência de um grande buraco de poste com calço no fundo deste fosso na área escavada na Sondagem 1 e o carácter igualmente arenoso/siltoso dos depósitos

reforçam a ideia de que este fosso poderia ter servido para a implantação de uma estrutura vertical em madeira, posteriormente removida, originando preenchimentos distintos e já com uma componente artefactual significativa.

Na sequência do seu traçado na Sondagem 1, onde curva para NE, o Fosso 5 entra por baixo de depósitos e estruturas calcolíticas. Numa das zonas onde foi possível escavar esses depósitos calcolíticos até ao geológico observou-se a esquina de uma interrupção do fosso, a qual poderá corresponder a uma entrada, que, a confirmar-se, estará orientada a Norte (Figura 4.1).

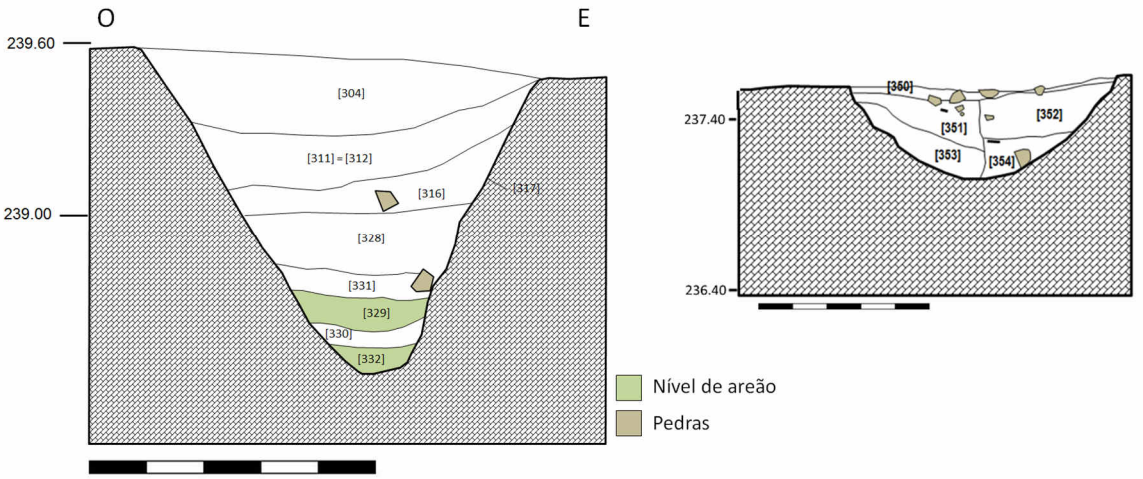


Figura 4.13 – Perfis do Fosso 5. Sondagem 1 à esquerda e Sondagem 2 à direita.

O Fosso 12 corre sensivelmente paralelo pelo exterior do Fosso 5, a menos de um metro de distância. Também ele revelou diferenças nas duas sondagens em que foi intervencionado.

Na Sondagem 1 apresenta um perfil em "U" de fundo aplanado, com uma largura de 1,5 metros e uma profundidade de 1 metro, revelando um preenchimento faseado e pontuado por episódios erosivos da parede Este. O seu topo era preenchido por um fino depósito alongado [137] e restrito à metade Este, composto por um sedimento argiloso que servia de matriz a uma espécie de "tapete" composto por fragmentos cerâmicos horizontalizados (Figura 4.14), cuja formação é de inequívoca origem antrópica e intencional e que corresponderá a um encerramento da sequência de enchimento. Note-se que estes fragmentos não proporcionam remontagens e apresentam sempre reduzidas dimensões. Este depósito preenchia uma depressão alongada no que lhe estava subjacente [212], o qual se sobrepunha a uma camada que embalava grande quantidade de pedras pequenas [229]. Seguia-se um depósito espesso, argilosos e húmido que embalava pedras de grandes dimensões e que assentava sobre uma camada de areão de geológico [247] com uma pendente Este-Oeste, correspondendo a um episódio de erosão localizada do rebordo do fosso. Sob o areão registou-se nova acumulação de pedras de pequena dimensão [248], com abundante cerâmica, fauna e indústria lítica em quartzo. Sob este depósito identificou-se novo momento de erosão da mesma parede do fosso, na mesma zona do anterior, mas ainda mais restrito ao recanto NE da área sondada.

Esta erosão deu origem à formação de um fino depósito de areão arqueologicamente estéril [249] com inclinação e características em tudo semelhantes ao [247]. Este depósito permitiu distinguir a [248] da [250], depósito que tinha características muito semelhantes, mas

que é anterior ao momento erosivo consubstanciado pela [249]. Trata-se de um depósito castanho e argiloso, embalando uma vez mais pedras de pequenas dimensões, abundante cerâmica, fauna e indústria lítica talhada sobre quartzo. Assentava directamente na base do fosso em quase toda a área da sondagem, excepto no recanto SO, onde cobria a [251]. Perto do corte sul da área sondada e a escassos 2 centímetros da base do fosso, foi identificada a deposição de um conjunto de cinco ídolos almerienses (Figura 4.15: C e D), contexto já publicado (Valera, 2012). Por último, o depósito [251] correspondia a uma bolsa de sedimento arenoso, de cor alaranjada, localizado no recanto sudoeste da área sondada na base da estratigrafia.

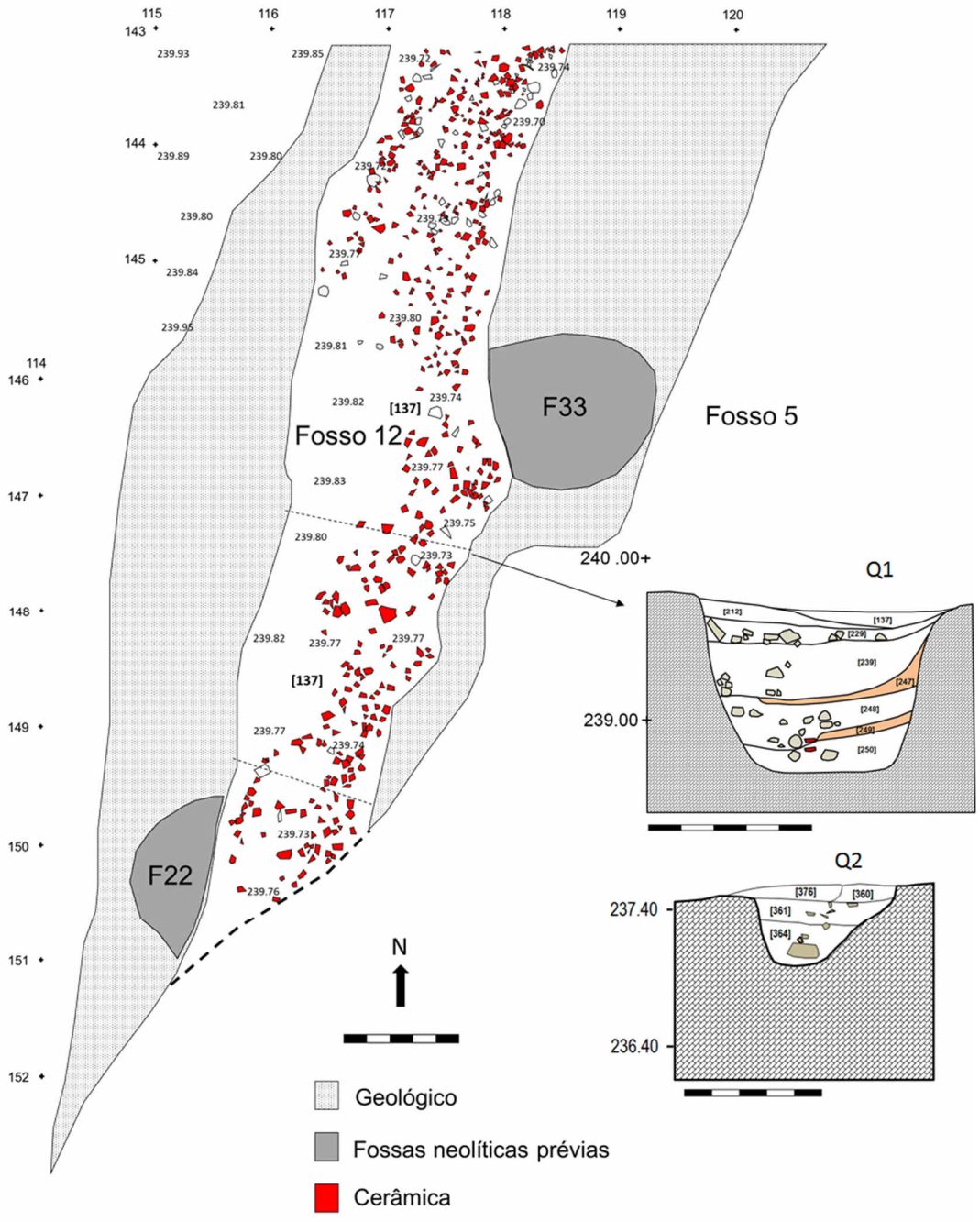


Figura 4.14 – Planta do depósito de topo do Fossa 12, com distribuição dos fragmentos cerâmicos formando um "tapete" de encerramento e perfis estratigráficos: Q1 na Sondagem 1 e Q2 na Sondagem 2.

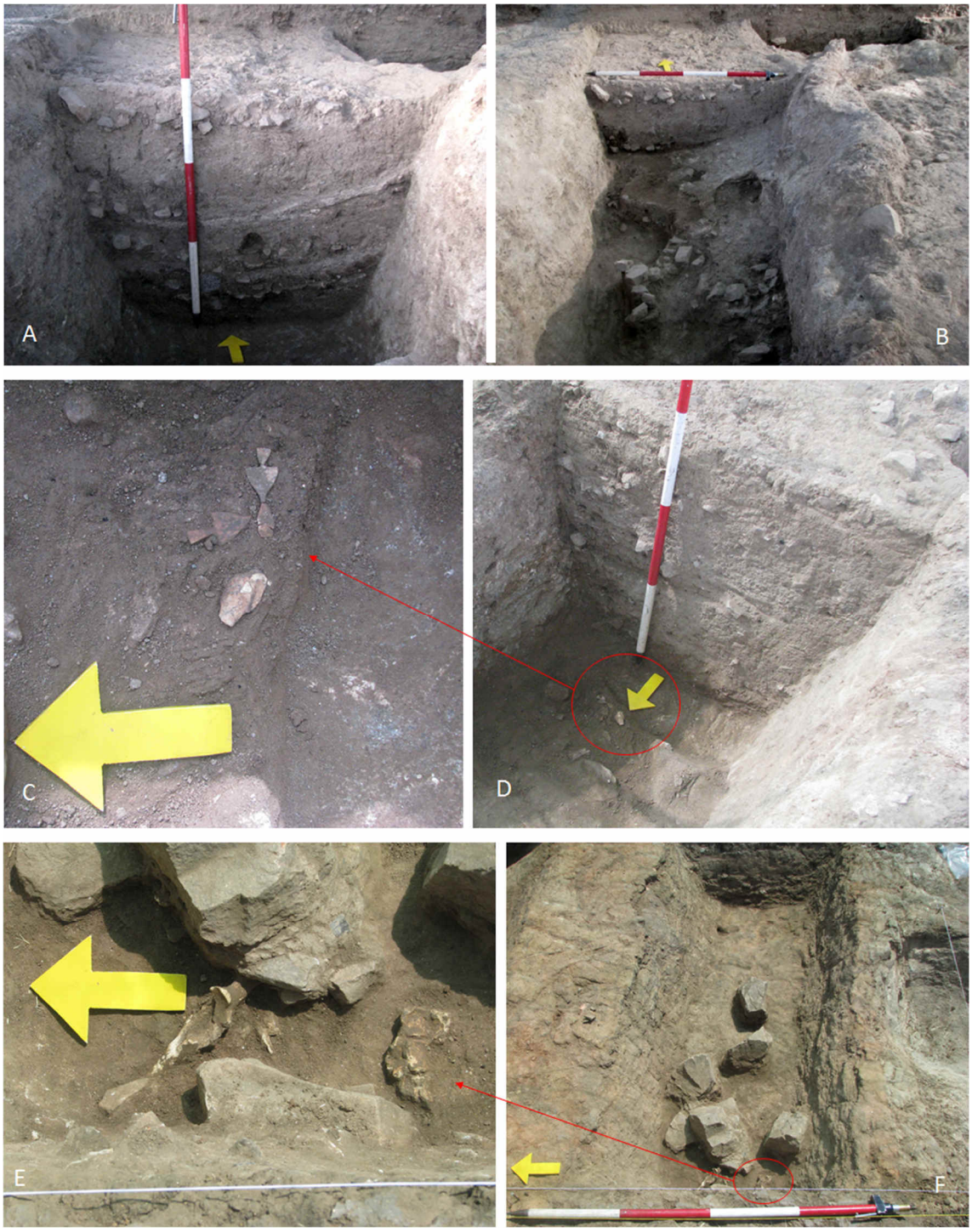


Figura 4.15 – Fosso 15. A - Perfil da Sondagem 1, vendo-se os dois momentos de erosão da parede Este que resultaram em dois finos depósitos de areão; B – Aspecto da escavação da concentração de pedras pequenas sob o segundo momento de erosão; C-D – Deposição de "ídolos almerienses" na base do fosso; E-F – Base do Fosso 12 na Sondagem 2, com conexão anatómica de vértebras de animal de grande porte.

Na Sondagem 2 as dimensões do Fosso 12 são mais reduzidas: 1,1m de largura por 0,60m de profundidade, apresentando um perfil genericamente trapezoidal (Figura 4.14). Era preenchido por apenas quatro depósitos. No topo o depósito [360], composto por sedimentos muito argilosos e compactos, que forneceu cerâmica, alguma fauna e uma conta de colar. Este

depósito sobrepunha-se ao [361], depósito heterogéneo, argiloso, com pequenas manchas circulares de sedimentos mais soltos e incorporando uma mancha de sedimento argiloso mais claro. A base da estrutura era preenchida pelo depósito [364], composto por um areão fino castanho alaranjado, sendo idêntico ao geológico local quando desagregado. Incorporava perto da base um conjunto de grandes pedras, as quais, na extremidade norte, se sobrepunham a restos faunísticos, entre os quais se contavam vértebras em conexão anatómica (Figura 4.15: E e F).

Aa diferenças relativamente ao troço do mesmo fosso escavado na área da Sondagem são novamente relevantes, quer ao nível das dimensões, quer ao nível da morfologia, sublinhando uma vez mais os perigos em que podemos incorrer ao projectar para o conjunto de uma estrutura tipo fosso as observações que se realizaram num dos seus troços.

O Fosso 6 é o mais exterior deste conjunto de fossos do Neolítico Final da área central dos Perdigões, e, tendo uma trajectória genericamente paralela aos anteriores, parece, como já se referiu no Capítulo anterior, sobrepor-se ao Fosso 12 no seu extremo Sul, indicando alguma posterioridade.

Apesar de se apresentar ligeiramente cortado do lado Este pelo grande interface de corte calcolítico, foi possível determinar a sua morfologia junto ao corte Norte. É já um fosso de maiores dimensões, apresentando um perfil em "U", com 2,93m de largura na boca, 1,2m na base aplanada e uma profundidade de 1,83m. A sequência de preenchimento é relativamente complexa e faseada, tendo sido identificados 24 depósitos no seu enchimento e algumas estruturas internas.

Na secção em que foi intervencionado, este fosso revelou dois grandes momentos de preenchimentos com características distintas, separados por uma fase de erosão da parede Oeste, que ocorreu quando o fosso estava já preenchido em cerca de metade (Figura 4.16). O topo correspondia a uma fina camada de areão de geológico [122], com uma inclinação Oeste – Este. Encostando à parede Oeste, não atingia a parede Este e, entrando pelo corte Norte, não atingia o corte Sul. Restringia-se, assim, ao quadrante Noroeste da área sondada do fosso. Apresentava-se arqueologicamente estéril. Este depósito cobria uma camada argilosa, castanho avermelhada [131], com a mesma distribuição espacial e inclinação, a qual forneceu sobretudo cerâmica, mas também alguma fauna. Esta camada, por sua vez, cobria uma sequência de três níveis finos de areão de geológico, intercalados por finos níveis de sedimentos argilosos castanho avermelhado, praticamente estéreis. Esta sequência, embora composta por níveis bem distintos, dadas as características de depósitos de sequências erosivas e de formação natural, foi designada por como uma só unidade [138], sendo os seus depósitos internos individualizados por letras (138a a 138e). A localização restrita destes depósitos, o seu carácter estéril, a sua composição e inclinação, parecem relacioná-los com uma concavidade erosiva que se observa na parede Oeste do fosso nessa área e da qual estes depósitos parecem resultar (Figura 4.17).

Registou-se, ainda, a existência de um pequeno buraco de poste no topo da UE138 e de outro mais a Sul, já num depósito de sedimentos diferente [140], o que revela que terá existido uma estruturação do espaço interno do fosso nesse momento, e permite também distinguir esta sequência dos dois depósitos com características semelhantes que se lhe sobrepunham. De facto, o depósito de areão [122], mais acima na estratigrafia e cobrindo um outro depósito com bastante material arqueológico, está relacionado com outro fenómeno, possivelmente a abertura de uma das pequenas fossas que bordejam o limite Oeste do Fosso, pelo que a sua formação se afigura mais como resultante de uma acção humana e não tanto com a erosão da parede do fosso.

Esta sequência de depósitos de areão de geológico marcam, como se referiu, um momento que permite claramente separar os enchimentos da parte superior do fosso dos da parte inferior. Estes últimos correspondem a uma sequência de dez depósitos, uns de abrangência integral da sondagem, outros de abrangência mais restrita, apresentando-se tendencialmente mais horizontais, por vezes com formação intercruzada (casos das [168] e [161]), que sugerem vias de sedimentação tanto a partir do lado Este (interior) como Oeste (exterior) do recinto definido pelo fosso. Pelo contrário, na metade superior a preponderância do lado de sedimentação é claramente o Oeste, ou seja, o exterior do recinto. Esta diferenciação em dois momentos é confirmada por duas datações de radiocarbono (data Beta-315242 4450±30BP 3330-3020 cal AC 2σ para a parte inferior; data Beta-318359 4390±30BP 3090-2910 cal AC 2σ para a parte superior).

Os depósitos da parte inferior são genericamente caracterizados por sedimentos acastanhados, areno-argilosos, contendo materiais cerâmicos, fauna e alguns elementos líticos, incluindo uma pequena placa de xisto gravada em fase de produção. As deposições de materiais apresentam-se também tendencialmente horizontais, contrastando com o observado na parte superior do fosso, reforçando a ideia que os processos iniciais de colmatação foram distintos dos últimos, independentemente dos processos serem dominantemente antrópicos. De facto, para além de níveis com deposições faunísticas mais bem preservadas, cabe destacar, já perto da base do fosso, a presença de um aglomerado de pedras [179] estruturado que se prolonga pelo corte (Figura 4.17: E). Esta estrutura apresenta do lado Oeste um alinhamento bem definido e claramente construído, que define um pequeno nicho preenchido pelo depósito [174], no qual foi recolhida alguma fauna e escassa cerâmica.

Já a parte superior dos enchimentos do fosso apresentam, como se tem vindo a afirmar, características distintas.

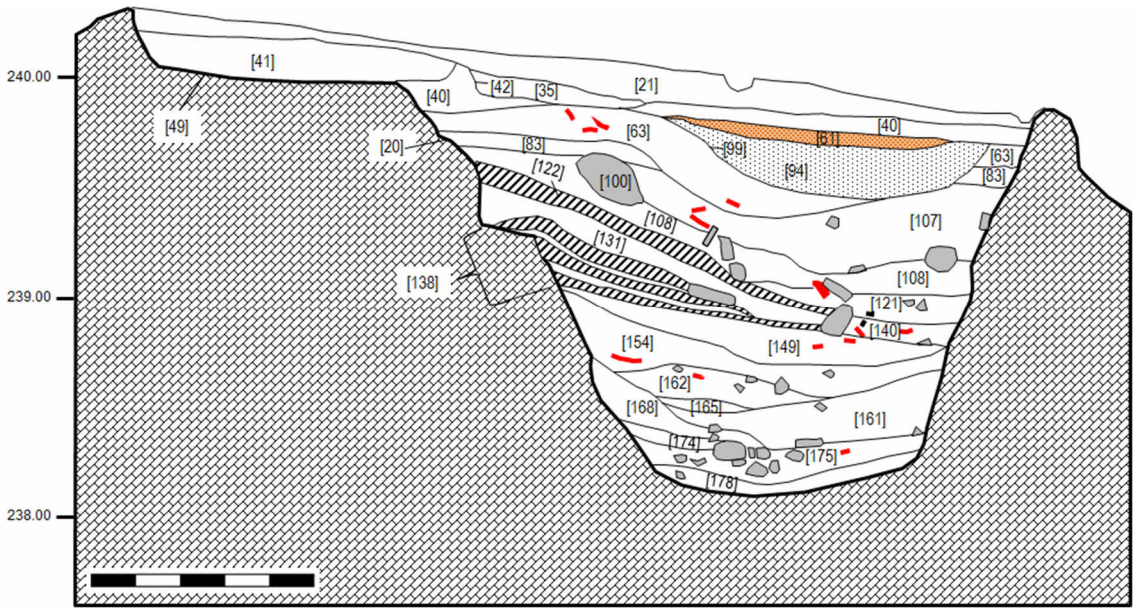


Figura 4.16 – Fosso 6. Perfil da Sondagem 1, vendo-se o momento de sucessivas erosões da parte Oeste, com a formação de finos depósitos de areão de geológico (depósitos listados), intercalados por depósitos argilosos igualmente finos.

Figura 4.17 – Sequência de escavação da sondagem realizada no Fosso 6. A – Base de argamassa (Forno? 4) no topo dos enchimentos; B – Derrube de pedras [100] a partir do exterior do recinto; C – Buracos de poste no interior do Fosso 6, a meio do enchimento, um deles num dos depósitos de erosão da parede do fosso; D – Vista dos depósitos erosivos que dividem a primeira da segunda fase de enchimentos; E – Estrutura pétrea na base do fosso; F – Perfil final Norte da sondagem no Fosso 6.

A colmatação da metade superior iniciou-se com a formação de um depósito argiloso [108] integrando faunas e fragmentos cerâmicos, que apresentava uma inclinação Oeste – Este. Sobre ele assentava um derrube de pedras de médias dimensões [100], com a mesma pendente, isto é, a partir do exterior do recinto (Figura 4.17: B). Sobre este derrube formaram-se depois dois depósitos. O [107] preencheu o lado Este do fosso, nivelando a zona mais baixa resultante da inclinação do derrube, e sobre ele depositou-se o [83]. No lado sul deste depósito foi aberta uma fossa no interior do fosso (Fossa 18), a qual só é abrangida pela secção escavada em cerca de metade. Já na área mais central, o depósito [83] parece ter sofrido uma acção de *recutting*,

a qual viria a ser preenchida pelo depósito [63], também com uma origem a partir do lado Oeste. Neste depósito seria posteriormente aberta uma depressão [99] na área central, e que se prolonga pelo corte Norte, a qual foi preenchida por dum depósito de areão de geológico [94] que serviu de preparação à implantação de uma base argamassada, muito similar a duas outras estruturas associadas ao topo deste fosso, podendo corresponder à base de um forno (Forno 4). De facto, no extremo Sul, na zona de contacto entre o Fosso e a Vala 1 (ver adiante), identificaram-se restos de argamassa correspondentes a um possível terceiro forno (Forno 3), que se apresentava mais destruído que os restantes e a uma cota ligeiramente mais baixa. Na argamassa e envolvência identificaram-se algumas perfurações verticais, algumas das quais com madeira carbonizada no interior.

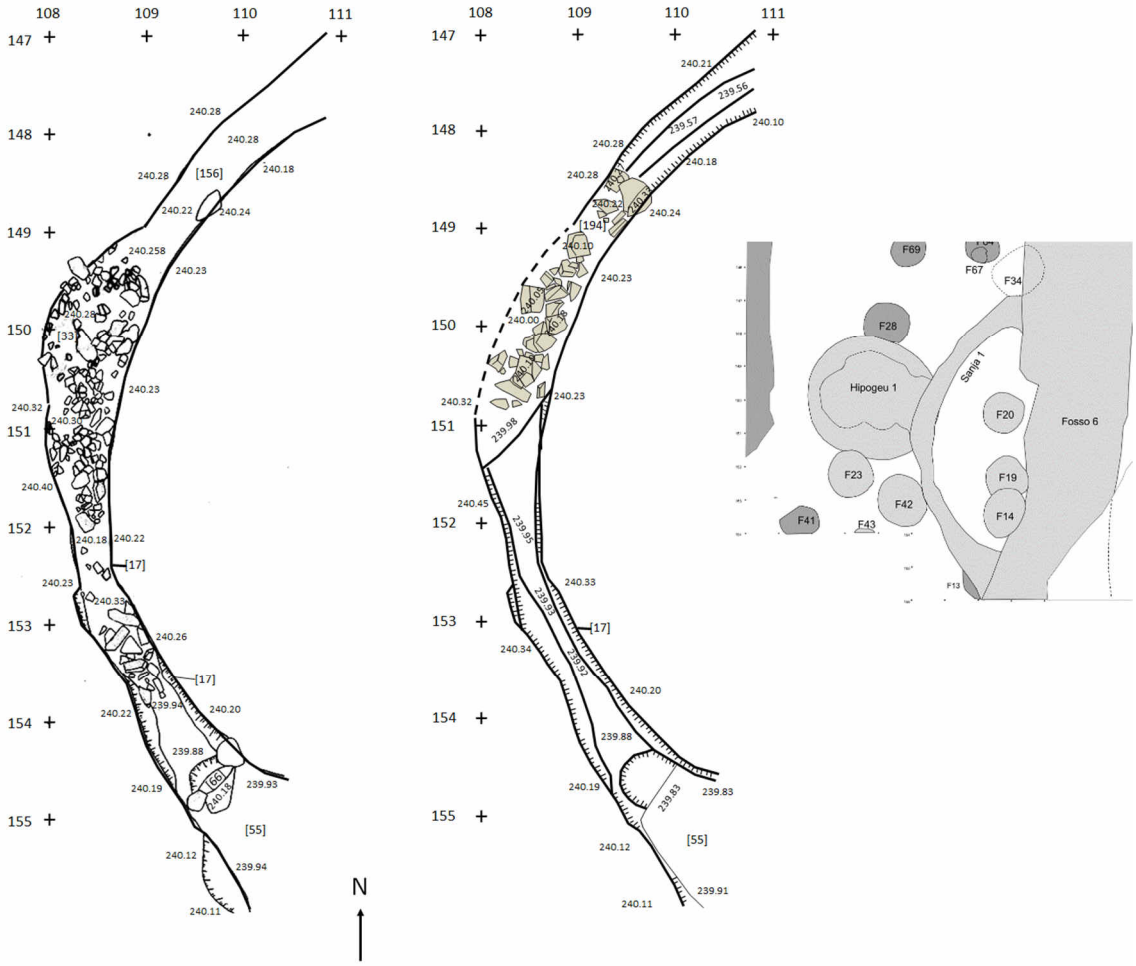
Estas estruturas foram cobertas pelo depósito [40] que abrangeu a totalidade da área sondada do fosso e que quase o preencheu na totalidade. Este depósito seria posteriormente cortado por duas pequenas fossas escavadas nele (Fossas 15 e 17) e parcialmente pelos limites de uma fossa escavada no geológico no rebordo do fosso (Fossa 14), todas também neolíticas. O preenchimento terminou com a formação da [21], integrando abundante cerâmica e fauna, a qual recobriu igualmente os enchimentos destas estruturas e dois outros fornos (Forno 1 e 2), que se situavam junto ao rebordo do fosso do lado Oeste.

Figura 4.18 – Aspecto do Forno 1 (à esquerda) e alinhamentos de orifícios feitos na argamassa do forno e sedimentos envolventes (à direita) na parte da Este da estrutura.

A Sanja 1 corresponde a um pequeno fosso de planta semicircular que aparentemente se conecta com o Fosso 6, não tendo sido ainda possível averiguar se a sua construção se relacionada com aquele fosso ou se lhe é anterior (Figura 4.19). Tendo já fornecido uma datação radiométrica, esta coloca-a a par da datação obtida para a base do Fosso 6. Tem uma largura média de 36 cm e 30 cm de profundidade a meio, aumentando na zona de contacto com o Fosso 6 do lado Sul, atingindo os 86 de largura.

Na sua zona mais central do semicírculo era preenchida por um depósito [33] composto por um aglomerado de pedras de médias dimensões, numa matriz de terras castanhas, que se sobrepunham a pedras de maiores dimensões [194]. Este depósito diluía-se para Sul, até desaparecer sensivelmente a meio do troço escavado, sendo sobreposto por um depósito de sedimentos castanhos claros [18], quase sem pedra, que, na metade Sul, preenchia a vala até à

base e encostava a uma estrutura de encerramento [66] construída junto à zona de abertura ao Fosso 6. Esta estrutura apresentava uma grande pedra central, ladeada por outras duas mais pequenas e que com uma disposição perpendicular à vala a encerrava. Sob estas pedras, a base da vala apresentava um aprofundamento subcircular, preenchido por um depósito mais arenoso [55]. Do lado Norte os aglomerados pétreos terminam pouco antes do contacto com o Fosso 6, passando a vala a estar preenchida por um sedimento castanho claro, muito argiloso e compacto [156]. Na sua área central, esta sanja corta uma grande estrutura negativa designada por Hipogeu 1 (ver adiante).



Sanja 1 – P1 Sanja 1 – P2

Figura 4.19 – Plantas da Sanja 1.

A funcionalidade desta estrutura não é clara. Dada as suas dimensões, nomeadamente o seu carácter estreito, poderia corresponder inicialmente à implantação de uma paliçada que desenvolveria um semicírculo pelo exterior do Fosso 6. Mas poderia igualmente estar relacionada com uma estrutura imediatamente prévia e obliterada em metade pelo próprio Fosso 6 (as cronologias absolutas dos respectivos enchimentos sobrepõem-se – Tabela 3.2, Figura 3.6). É ainda de notar que esta estrutura envolve três fossas, duas das quais, contudo, recortam o rebordo do Fosso 6, sendo-lhe imediatamente posteriores. Acresce que se encontra na zona exterior do referido fosso, precisamente em frente da área onde este foi sondado e se registou um derrube pétreo com origem no lado externo. Estas circunstâncias revelam existir

neste ponto uma dinâmica construtiva difícil de compreender, o que possivelmente só poderá ser conseguido com um alargamento da escavação desta área.

Relativamente ao Fosso 8, este foi intervencionado na Sondagem 1 do Sector P (Figura 4.11), numa zona onde começa a ser sobreposto pelo fosso calcolítico Fosso 7 (Figura 4.20). Define um recinto que envolve os fossos anteriores e que apresenta uma ampla abertura a Este, como que reproduzindo a abertura do próprio anfiteatro natural. Foi submetido a uma decapagem em cerca de 12m de extensão e a uma sondagem com dois metros de largura, numa área imediatamente anterior à zona onde é sobreposto pelo referido fosso calcolítico.

A realização de secção perpendicular revelou um fosso com um perfil em "V" de fundo aplanado, com uma largura de boca de 2,80m e uma profundidade de 1,50m. Os primeiros depósitos apresentavam uma configuração convexa, mas a partir do depósito [19] tendem para uma horizontalidade, que caracteriza a sedimentação na metade inferior do enchimento desta estrutura no ponto sondado.

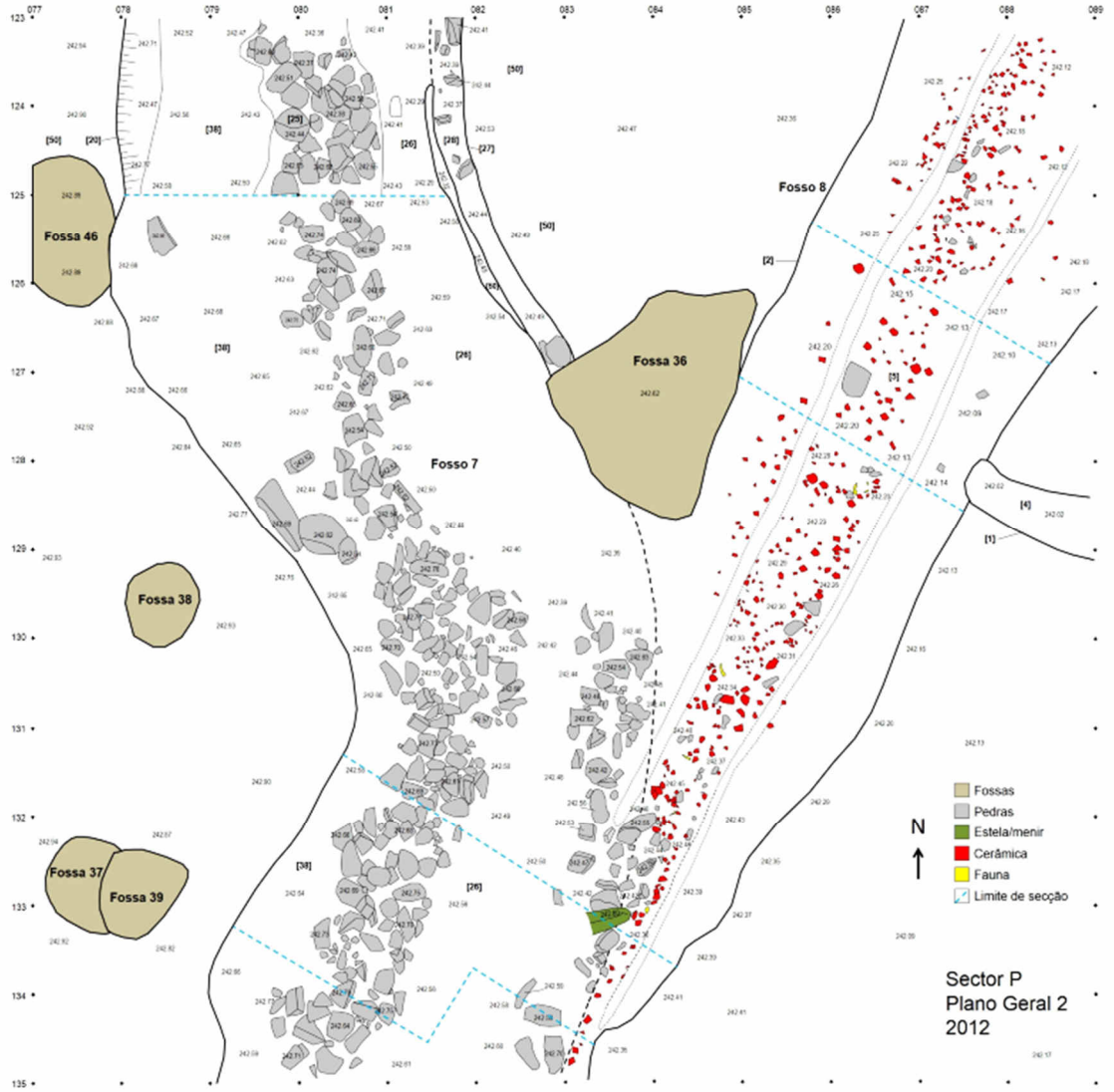


Figura 4.20 – Fosso 8. Manta de fragmentos cerâmicos que encerram o preenchimento do fosso e sobreposição do Fosso 7 calcolítico. As fossas presentes são todas calcolíticas. A pequena sanja (Sanja 2) a Este é de cronologia Neolítica e corta o rebordo do Fosso 8.

A convexidade dos depósitos de topo foi preenchida pelo último depósito [5] que encerrava a sequência de enchimento e que, tendo sido decapado em extensão, revelou dois momentos sobrepostos de deposição de um extenso manto de fragmentos cerâmicos, fauna, um dente humano e pequenas pedras, que abrangiam toda a extensão do troço do fosso exposto nesta sondagem (Figura 4.20). Esta colmatação final revela uma deliberada deposição destes materiais, encerrando o enchimento do fosso. Também aqui os fragmentos eram de pequenas dimensões, não se tendo registado remontagens entre fragmentos. Repetia-se, assim, a situação observada no encerramento do Fosso 12. Ainda ao centro da convexidade formada pelos depósitos de topo, a [5] sobrepunha-se a um outro depósito alongado [9] com grande concentração de restos faunísticos (entre os quais uma cabeça de canídeo depositada sobre uma "cama" de fragmentos cerâmicos) alguma cerâmicas e pedras de pequenas e médias dimensões.

A convexidade de colmatação do topo do fosso era formada por um depósito com pendente da Este para Oeste [3], ou seja, a partir do espaço interior definido por este fosso, e por um outro [11] com pendente oposta, ou seja, a partir do exterior do recinto. Este último quase arqueologicamente estéril, muito argiloso e compacto. Estes depósitos cobriam uma sequência de outros três ([12], [14], [15]) com superfícies ainda ligeiramente convexas, mas de pendente exclusivamente de Este para Oeste. Destaque para o intermédio [14], que corresponde à deposição de uma fina "língua" de cinzas e carvões. A partir da [15] a sedimentação torna-se dominantemente horizontal e mantêm-se assim até à base do fosso. Realce para a existência, sensivelmente a meio do enchimento do fosso, da acumulação de duas pequenas línguas alongadas de areão de geológico, uma encostada à parede Este [48] e outra mais chegada à parede Oeste, que revelam um momento erosivo das paredes, semelhante aos observados nos fossos neolíticos 6 e 12, e para uma outra concentração de cinzas [66], precisamente sob o areão [48].

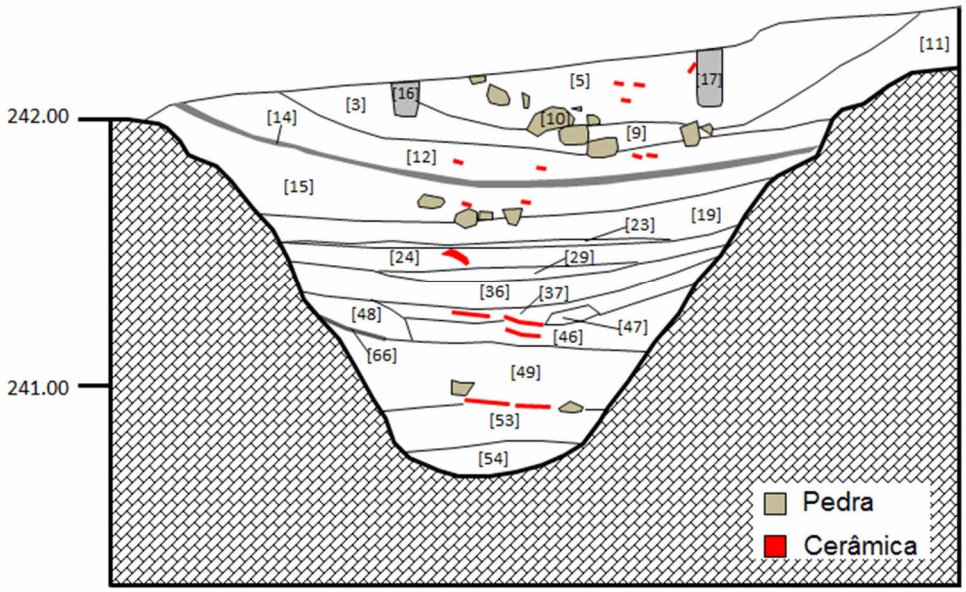


Figura 4.21 – Perfil Sudoeste da secção realizada no Fosso 8.

Figura 4.22 – Fosso 8. A. Cabeça de canídeo sobre fragmentos cerâmicos; B. Deposição [9] ao centro do fosso; C. Perfil final do fosso; D. Aspecto de uma deposição horizontalizada de cerâmicas e pequenas pedras a meio do fosso.

Um dos mais interessantes aspectos da sequência estratigráfica observada nesta secção do Fosso 8 é a intercalação de depósitos com intensa deposição de fragmentos cerâmicos (quase sempre horizontalizados), faunas e pedras, com depósitos com muito menos material arqueológico. Tal é bem visível na sequência de planos do fosso 8 (Figura 4.23). Os depósitos [12], [19], [24], [29] e [36] apresentam menos material e de forma dispersa nos sedimentos, sendo intercalados pelos depósitos [15] e [23] com concentrações centrais de grande quantidade de fragmentos cerâmicos, fauna e alguma pedra miúda. Ao [36] seguem-se dois depósitos, [37] e [46], com iguais concentrações do mesmo tipo de materiais, seguidos pelo [49], sem qualquer concentração, o qual se sobrepõe à [53] com nova concentração. Por fim, o último depósito [54] já quase não forneceu materiais.

Esta sequência indicia que, tal como acontece ao nível do depósito de topo [5], o fosso é preenchido intermitentemente com deposições em extensão de fragmentos cerâmicos, restos faunísticos desarticulados e pequenas pedras, sendo as restantes categorias de material arqueológico mais escassas. Trata-se de uma colmatação antrópica intencional, faseada e periódica, com alguma regularidade (expressa no facto de nunca se formarem espessos depósitos), onde se observa a sucessiva deposição horizontal de concentrações de materiais e respectiva cobertura por depósitos com menos material.

Destaque ainda para a já referida deposição de um crânio isolado de canídeo sobre o topo de uma concentração de fragmentos cerâmicos (Figura 4.22A), a qual encontra paralelo no próprio sítio, mas em contexto já calcolítico, em dois momentos de deposição de dois crânios de dois cães no interior do Fosso 3 no Sector I (Valera, 2008).

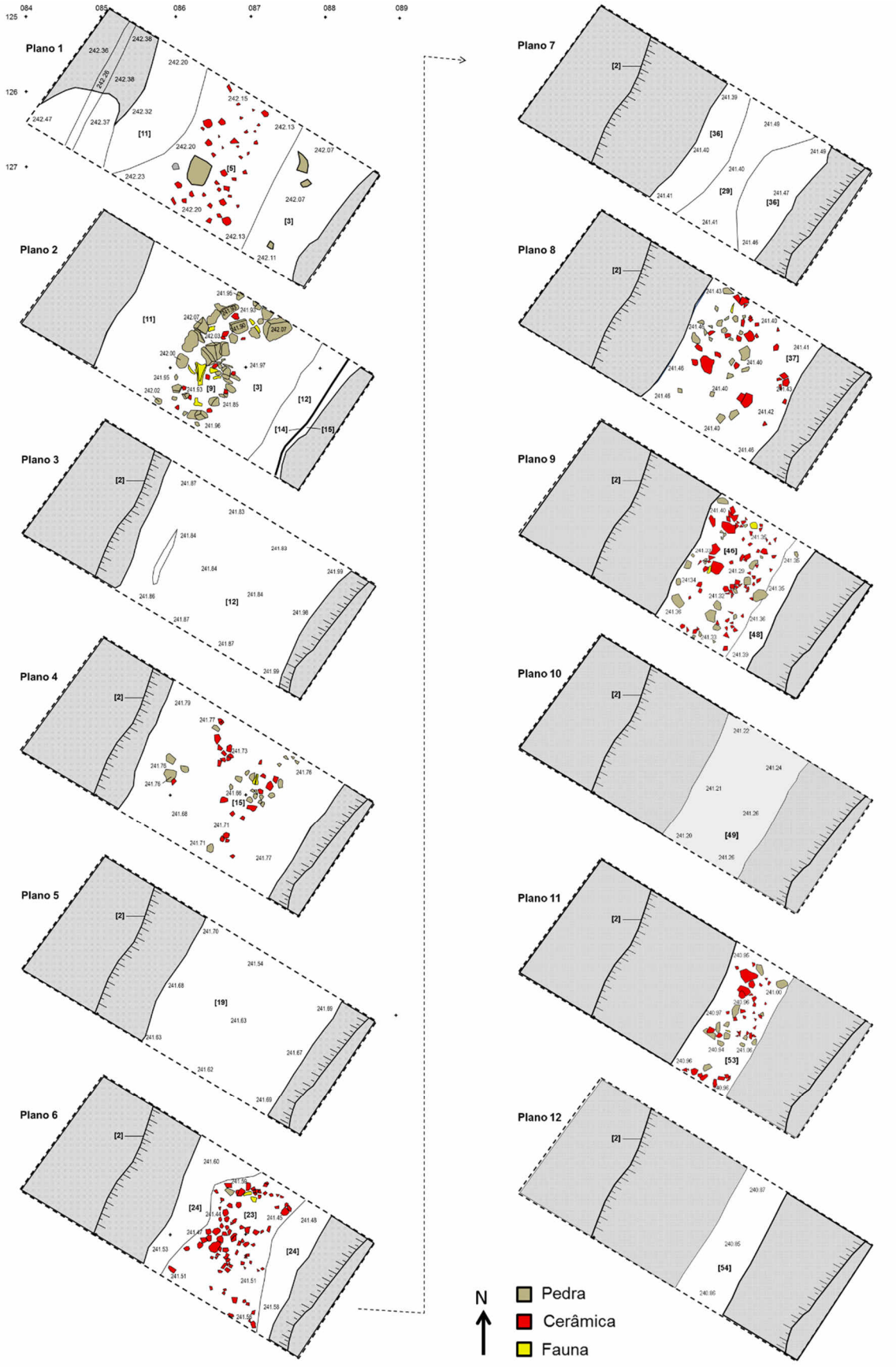


Figura 4.23 – Sequência de plantas da sondagem no Fosso 8, sendo visível o carácter intercalado das deposições de faunas, cerâmicas e pedras.

Por último, o Fosso 11. Como já foi referido, trata-se de um fosso que percorre uma área mais alta no anfiteatro natural, mais perto dos seus limites, nomeadamente do lado Norte. O seu percurso é perceptível no magnetograma na metade Oeste do traçado, parecendo ser sobreposto pelos fossos calcolíticos 1 e 2 na metade Este. Foi sondado no extremo Oeste, no Sector H, onde o seu trajecto é mais visível, tendo sido implantada uma sondagem com orientação E – O do eixo maior, de forma a ficar perpendicular ao traçado do fosso, tendo este sido intervencionado numa largura de 2m, reduzida a 1m a partir de metade do preenchimento. Na secção realizada, o Fosso 11 apresenta um perfil em "U" aberto, com 3,50m de largura no topo, 1,30m de largura na base e uma profundidade de 1,70m. É preenchido por um total de 19 depósitos individualizados, sendo que os dois últimos eram compostos por séries de finos níveis lenticulares que foram agregados em termos de registo.

A sequência estratigráfica evidencia diferentes episódios de preenchimento. A colmatação inicial terá sido feita num contexto de sedimentação natural hídrica, através de episódios curtos de sedimentação de elementos siltosos formando lentículas, correspondendo às duas primeiras unidades [23] e [22]. Segue-se uma sedimentação mais homogénea, aparentemente de origem distinta, podendo ser natural ou antrópica [21], correspondente a um depósito mais espesso (cerca de 16/18cm) de sedimento argiloso castanho. Inicia-se então uma sequência de sedimentações alternadas de sedimentos ora argilosos, ora de areão de geológico, uns com origem no lado Oeste outros no lado Este do fosso. Por causa do posterior recorte, esta sequência é mais visível na metade Este, sendo que os níveis intercalados de areão de geológico correspondem a episódios erosivos da parede do fosso (o geológico é nesta zona muito friável), provocando-lhe irregularidades no perfil. Tal significa um preenchimento relativamente lento e intermitente, permitindo que a parede ficasse exposta e fosse sendo erodida. Revela também que essa intermitência foi irregular, pois existem situações de alternância entre depósitos de areão e depósitos argilosos, mas também existe um momento em que se depositam três unidades argilosas com materiais arqueológicos [8, 9 e 10] sem sedimentação de areão. Fica igualmente claro que, há imagem do que acontece nos outros fossos, durante esta lenta colmatação do fosso por episódios erosivos intercalados não existiu qualquer acção de limpeza e de manutenção do fosso.

Esta sequência alternante prolongou-se praticamente até ao topo do fosso, sendo então este colmatado por uma camada espessa de argila rosada, fina e muito compacta [3=2], sem qualquer tipo de material arqueológico, e que selou o enchimento do fosso. Posteriormente foi realizado um recorte [17] nos enchimentos do fosso ao longo da metade Oeste, o qual apresenta cerca de 1,4m de largura e 1,20m de profundidade. Este recorte foi preenchido por dois espessos depósitos de argila castanha escura e muito compacta [7 e 1] também sem materiais.

Os materiais arqueológicos, sempre associados aos depósitos argilosos e ocorrendo na área central do fosso, são relativamente escassos (sobretudo quando comparados com os proporcionados pelos outros fossos desta fase), sendo compostos por fragmentos cerâmicos, escassos materiais líticos e alguma fauna mamalógica. A sua atribuição ao Neolítico Final é fundamentada na tipologia cerâmica (taças carenadas, tigelas e recipientes tipo saco com pegas) e na datação de radiocarbono obtida para a [6], que remete para os três últimos séculos do 4º milénio a.C..

A caracterização cronológica deste fosso alterou a percepção que até então se tinha da dinâmica de crescimento espacial dos Perdigões, revelando que a extensão máxima foi praticamente atingida logo no Neolítico Final (e não apenas em meados do 3º milénio, como havia sido sugerido anteriormente – Valera *et al.* 2014b) e que os contextos funerários do Sector I (ver Capítulo 6) se encontravam, de facto, no interior do espaço delimitado por fossos nesta fase.

Figura 4.24 – Vista do perfil Norte do Fosso 11.

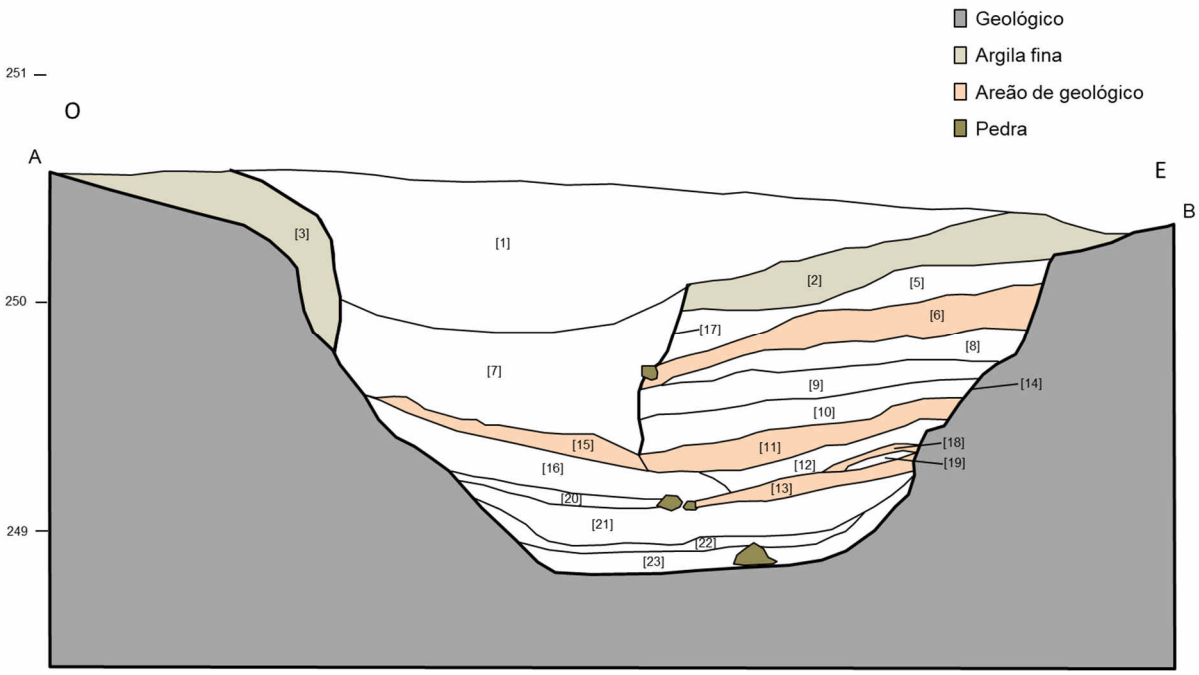


Figura 4.25 – Perfil Norte do Fosso 11 (Sector H).

Assim, e relativamente à fase neolítica anterior, verifica-se um aumento do número dos recintos (não sendo possível, de momento, discernir diferenças cronológicas entre eles, a não ser a já referida situação de eventual sobreposição do Fosso 6 em relação ao Fosso 12 – Figura 3.7), um aumento das áreas enclausuradas e uma tendência para fossos de maiores dimensões (Figura 4.26). Alguns destes fossos da fase do Neolítico Final atingem já dimensões que se aproximam das reveladas pelos fossos da fase calcolítica, ainda que durante o 3º milénio AC, onde se continuam a abrir fossos pequenos (como o Fosso 10), as dimensões tendam a ser ligeiramente superiores, tanto em profundidade como em largura (Figura 4.26).

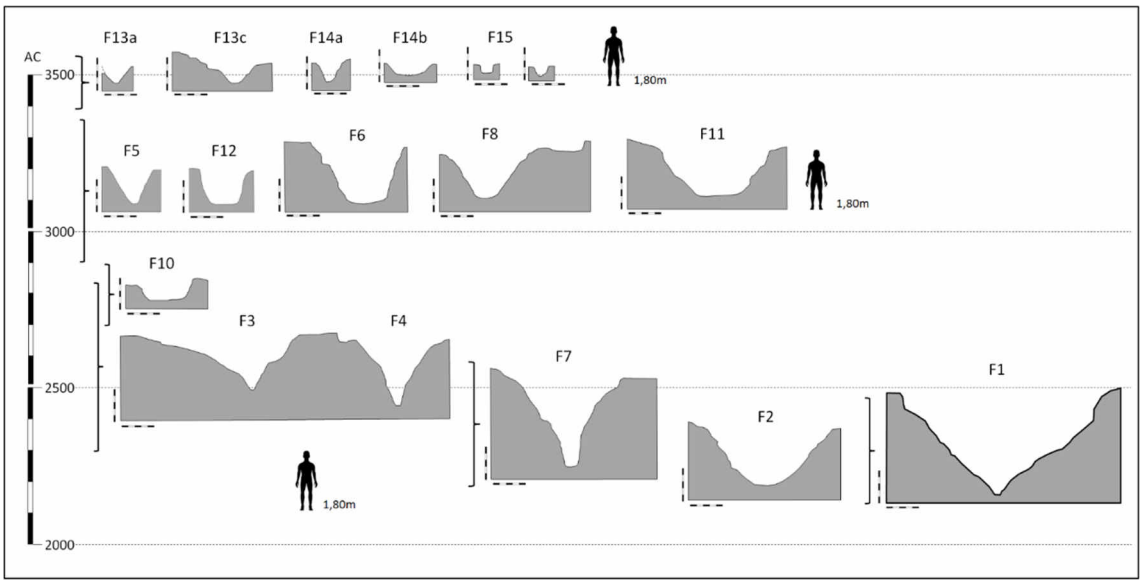


Figura 4.26 – Perfil dos fossos já sondados nos Perdigões, organizados diacronicamente.

4.2.2 As Fossas

O número de fossas atribuíveis ao Neolítico Final é ainda bastante reduzido. Apenas dez fossas estão atribuídas a esta fase, oito no Sector Q e duas no Sector I.

As duas fossas do Sector (fossas 7 e 11) correspondem aos dois únicos contextos funerários neolíticos até ao momento identificados nos Perdigões (excluindo as deposições de ossos humanos em fossos), e os seus conteúdos serão tratados no Capítulo 6.

As restantes oito fossas estão concentradas junto à sondagem realizada no Fosso 6 (Figura 4.1), estando três delas (fossa 15, 17 e 26, a última só parcialmente intervencionada) escavadas dentro do próprio fosso, nos sedimentos que o colmatam. As fossas 14, 19 e 20 localizam-se no espaço semicircular entre o exterior do Fosso 6 e a Sanja 1, sendo que a 14 corta a extremidade Sul da 19 e ambas obliteram ligeiramente o rebordo do Fosso 6 e os seus enchimentos de topo, pelo que lhe são posteriores. As fossas 23 e 42 estão imediatamente a Oeste da Sanja 1 e a Sul do Hipogeu 1.

Tomadas na globalidade, estas estruturas são de pequena dimensão, facto visível nos seus volumes. Com excepção da Fossa 7 (de uso funerário) com um volume de 1,46m^3, todas as restantes apresentam volumes reduzidos: duas com cerca de meio metro cúbico e as restantes com valores entre 0,33 e 0,05m^3. O reduzido tamanho traduz-se igualmente num número reduzido de depósitos por fossa. Uma vez mais com a excepção da Fossa 7 (com 7 depósitos) e da Fossa 14 (com 5), as restantes variam entre 1 e 3 depósitos. A Fossa 23 apresenta a particularidade de ter uma área de combustão central (com cinzas e carvões) entre dois depósitos de enchimento (Figura 4.27).

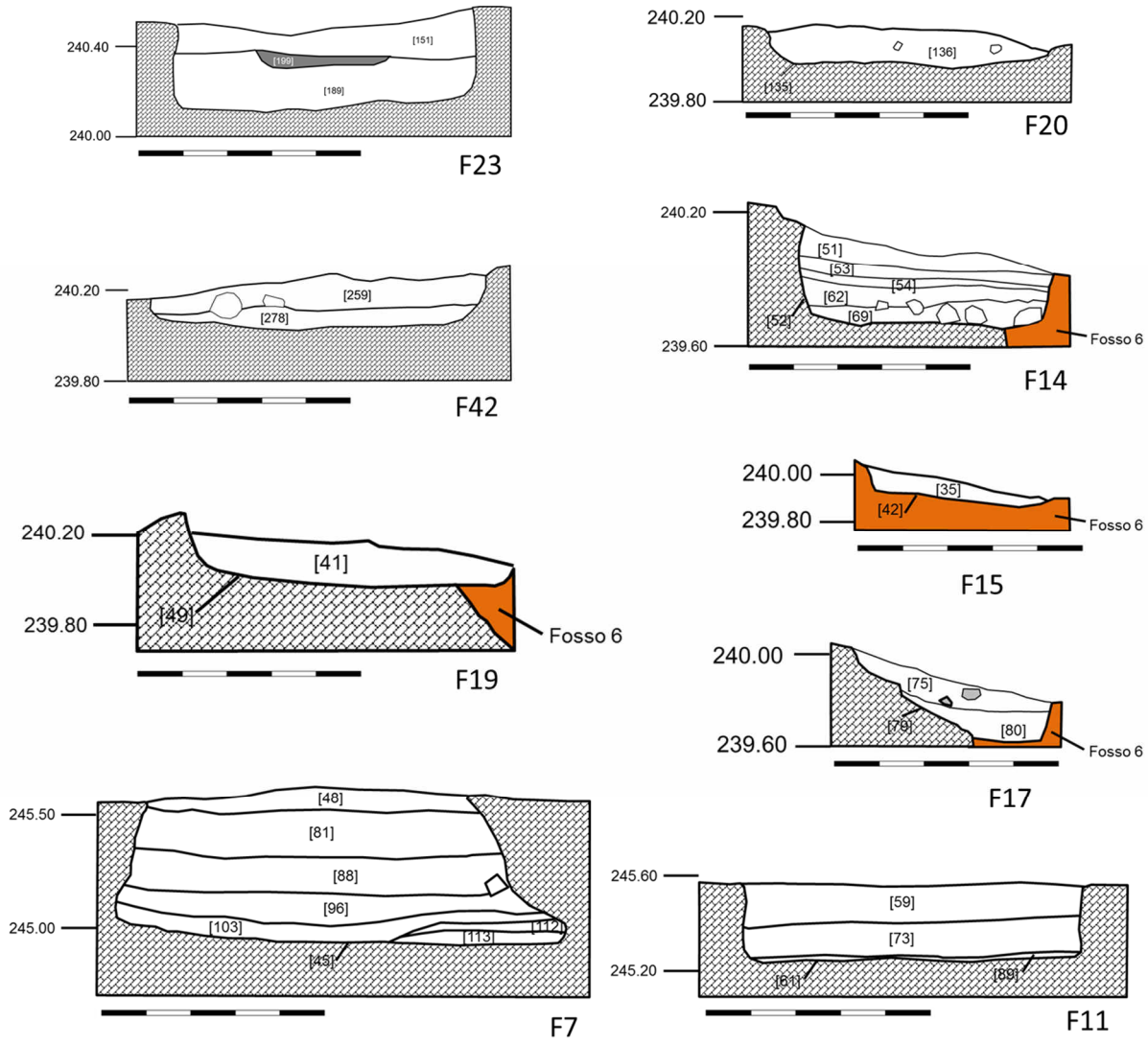


Figura 4.27 – Perfil das fossas atribuíveis ao Neolítico Final.

Tabela 4.2 – Dados relativos às medias, preenchimentos e morfologia das fossas da fase 2 do Neolítico.

Fossa	Dboca	Dbase	Prof.	Volm3	Nº Depósitos	Plano	Perfil
7	1,42	2,02	0,66	1,46	7	Circular	Sub-trapezoidal
11	1,5	1,5	0,32	0,57	3	Circular	Retangular
14	1,1	1,04	0,3	0,27	5	Elipsoide	Sub-trapezoidal
17	0,9	0,32	0,2	0,06	2	Elipsoide	Irregular
18	0,82	0,76	0,1	0,05	1	Elipsoide	Trapezoidal
19	1,48	1,3	0,22	0,33	1	Sub-circular	Trapezoidal
20	1,24	1,1	0,16	0,17	1	Circular	Convexo
23	1,36	1,36	0,4	0,55	3	Circular	Sub-retangular
42	1,5	1,36	0,2	0,32	2	Circular	Sub-trapezoidal

Os planos são circulares ou ligeiramente elipsoidais e os perfis predominantemente sub-trapezoidais e rectangulares/sub-rectangulares. Genericamente forneceram poucos materiais arqueológicos (nomeadamente as Fossas 11, 15, 19, 20, 23, e 42), com destaque essencialmente para fragmentos cerâmicos e restos faunísticos. Deixando de parte as duas fossas utilizadas para fins funerários, quase todas as restantes revelaram contextos relativamente simples, compostos essencialmente por depósitos de sedimentos embalando alguns materiais arqueológicos. Excepção feita às Fossas 14 e 19, as quais apresentavam um nível de deposição de pequenas pedras, e abundante fauna e fragmentos cerâmicos (Figura 4.28), numa prática comum a outros contextos de fossas, como acontece nas Fossas do Neolítico Final do Outeiro Alto 2 (Valera *et al.* 2013).

Destaque ainda para a situação de escavação de fossas no interior do Fosso 6, nos seus níveis superiores de enchimento, revelando uma ocupação desta área do fosso já quase colmatado, também traduzida pela já referida construção e utilização de estruturas tipo forno. Esta abertura de estruturas tipo fossa nos depósitos de enchimentos de um fosso já haviam sido reconhecidos noutros contextos do Neolítico Final, como no Fosso 1 do Porto Torrão (Valera, Filipe, 2004), e noutros contextos posteriores (como é o caso dos próprios Perdigões, no Fosso 1 – Suárez Padilla *et al,* 2013).

Por último, há que sublinhar que, tendo em conta as dimensões destas fossas, o facto de várias estarem escavadas totalmente ou parcialmente em sedimentos e de não existirem evidências de revestimentos impermeabilizantes, dificilmente poderemos associar a sua construção a qualquer intensão de armazenagem de produções agrícolas. Note-se que nenhuma destas pequenas fossas foi identificada no espaço já escavado em área no interior dos recintos definidos pelos fossos do Neolítico Final na zona central dos Perdigões (Fossos 5, 12 e 6).

Figura 4.28 – Aspecto do enchimento da base da Fossa 14, realizado com pequenas pedras, fragmentos cerâmicos e restos faunísticos.

4.2.3 *As duas estruturas de tipo hipogeu*

Bem diferentes das fossas acima descritas são duas grandes estruturas subterrâneas que, pelas características arquitectónicas e dimensões que apresentam, foram designadas por Hipogeus 1 e 2.

O Hipogeu 1 situa-se pelo exterior Oeste do Fosso 6 e do recinto por ele definido, sendo cortado na sua extremidade Este pela Sanja 1 (Figura 4.1). Trata-se de uma grande fossa escavada no substrato, com uma planta circular com 3,90m de diâmetro na base, uma profundidade de 1,50m e um tecto abobadado, no topo do qual existiria uma abertura de acesso. As dimensões e morfologia desse acesso original não são, contudo, conhecidas, pelo facto de parte da abóbada ter colapsado em determinado momento, circunstância marcante no preenchimento e reutilização desta estrutura. Contudo, pelo pequeno troço conservado do lado Sul aquando do início da escavação e pelos abatimentos registados, podemos estimar que seria de tendência circular e que teria entre 1m e 1,6m de diâmetro. O que se preservava, porém, permite perceber a estrutura abobadada, cuja pouca espessura no topo, associada ao carácter muito alterado do geológico no local (com várias diaclases preenchidas por caliços), terá contribuído para a ruína da cúpula. O volume global de estrutura é de 13,65m^3 e uma área de base de 11,95m^2.

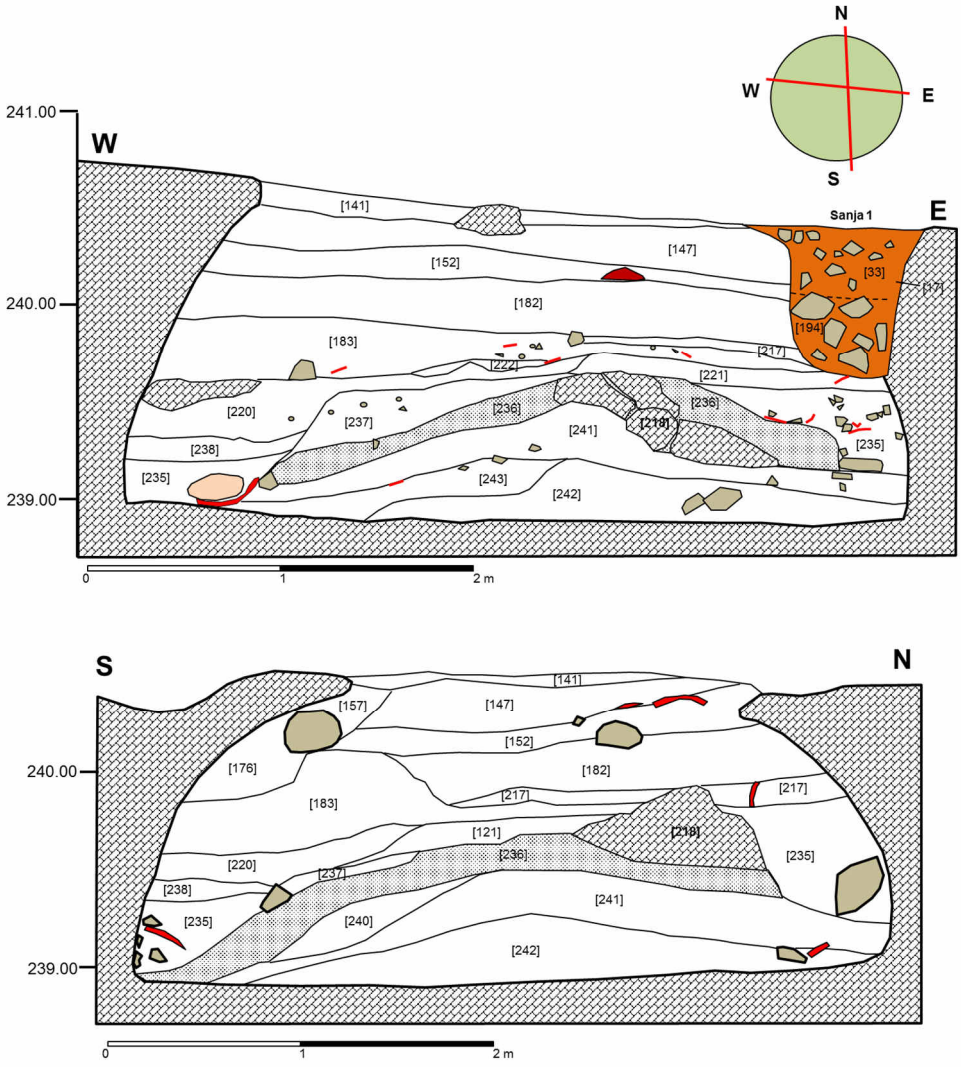


Figura 4.29 – Perfis estratigráficos do Hipogeu 1.

Dada a complexidade dos processos de enchimento desta estrutura, torna-se necessária uma descrição mais detalhada da sequência estratigráfica.

Os contextos que preenchiam o topo do "Hipogeu 1" começaram a ser definidos sob a [141], um depósito de formação calcolítica, ao qual se associava a Fossa 25, igualmente de cronologia calcolítica e que foi escavada no topo dos enchimentos do Hipogeu 1 (Figura 4.31, Plano 1). O topo desse enchimento era caracterizado por um depósito de areão de geológico e blocos de geológico em diferentes estados de desagregação [147], mas que não abrangiam toda a área definida pelas paredes da estrutura. Do lado norte já aflorava o depósito subjacente [152] e do lado sul havia-se intercalado um depósito argiloso entre a parede da estrutura e o depósito [147]. Este depósito [157] composto por geológico em diferentes estados de alteração parece corresponder à desagregação de parte dos rebordos das paredes da estrutura, ocorrida após a sua colmatação quase total.

Sob a [147] desenvolvia-se então um depósito que corresponde à última utilização da estrutura, no qual se registou a deposição de fragmentos de taças carenadas e potes mamilados, muitos dos quais remontaram. Junto à parede da estrutura, no quadrante Noroeste, este depósito encostava a uma estrutura [184], possivelmente de combustão, sobreposta igualmente pela deposição de grandes fragmentos cerâmicos (Figura 4.31, Plano 4). Esta estrutura, de planta tendencialmente circular, era constituída por pedras de médias dimensões e argamassa.

Já do lado Sul, registou-se um depósito mais solto e argiloso [182], o qual forneceu também grandes fragmentos cerâmicos, alguns dos quais remontavam com outros registados na [152], e uma concentração de fragmentos de taças carenadas com remontagens. A pouca distância desta deposição estavam os restos (que remontavam) de uma calote craniana de cervídeo com as duas hastes ainda implantadas, e que pode ser interpretado como parte de uma máscara ou adereço relacionado com o sagrado (Figura 4.32).

Sob a [182] detectou-se do lado norte o depósito [217], composto por sedimentos arenosos, cinzentos e pouco compactos, e do lado sul a [183], depósito relativamente espesso composto por sedimentos argilosos, que ficava mais fino para norte, prolongando-se sob a [217]. Forneceu abundante cerâmica e fauna mamalógica

Com a remoção da totalidade da [183] do lado sul expôs-se uma realidade mais complexa e com características distintas do preenchimento da estrutura registado até então. Do lado Este definiu-se o depósito [221], composto por sedimento muito arenoso, com areão de geológico e com pouco material arqueológico. Do lado Oeste, por seu turno, definiram-se duas concentrações de argila, uma branca [222] na zona mais central da estrutura e outra rosada [219] numa área mais a Sudoeste, enquanto a Este se concentrava uma outra mancha de areão [234]. Entres estas camadas aflorava o depósito [220] argiloso, solto e de cor castanho alaranjado, o qual se sobrepunha ligeiramente ao depósito de areão [221]. A sua escavação evidenciou uma estratigrafia diferente entre o lado Este e o Oeste, que começavam a ser separados pelo afloramento central de uma rocha de geológico alterado [218].

Do lado este, estes blocos de geológico eram encostados pela [237], composta por finas películas sobrepostas de argila, por vezes aparecendo em nódulos. Esta camada de argilas cobria uma nova camada de areão de geológico compacto [236], que correspondia à desagregação de blocos de geológico como os da [218]. Estas duas unidades [237 e 218] concentram-se na área central do hipogeu e apresentam uma disposição em cone. São interpretadas como abatimento do topo da cúpula da estrutura (pois localizam-se precisamente na zona onde não havia tecto preservado).

Apresentando uma disposição cónica, os depósitos [236] e [218] deixavam uma área de encaixe a toda a sua volta junto à parede da estrutura. Esse espaço, que se desenvolvia em torno à massa de geológico e respectivo areão foi preenchido intencionalmente, praticamente em

todo o perímetro da parede, por uma acumulação [235] de pedras, abundantes fragmentos de recipientes cerâmicos, por vezes quase inteiros e outros partidos em metades, alguma fauna e material lítico talhado. Do lado Oeste, este depósito era sobreposto por um outro, igualmente encaixado junto à parede, composto por sedimentos argilosos escorridos da [237] (designados por [238]). Esta acumulação [235] apresentava uma inclinação de Este para Oeste, onde já assentava na base da estrutura negativa (Figura 4.31, plano 7).

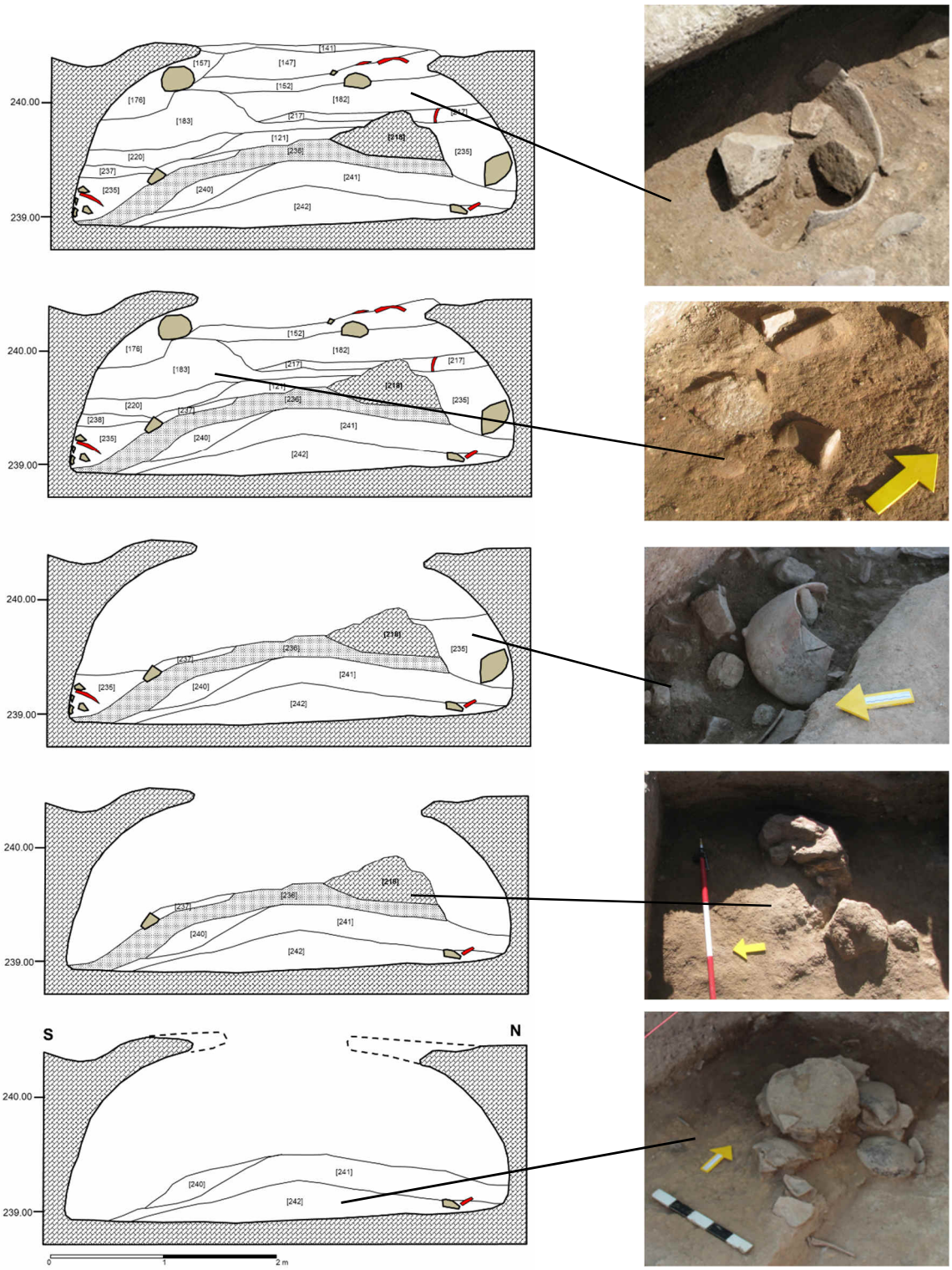


Figura 4.30 – Sequência de enchimento do Hipogeu 1.

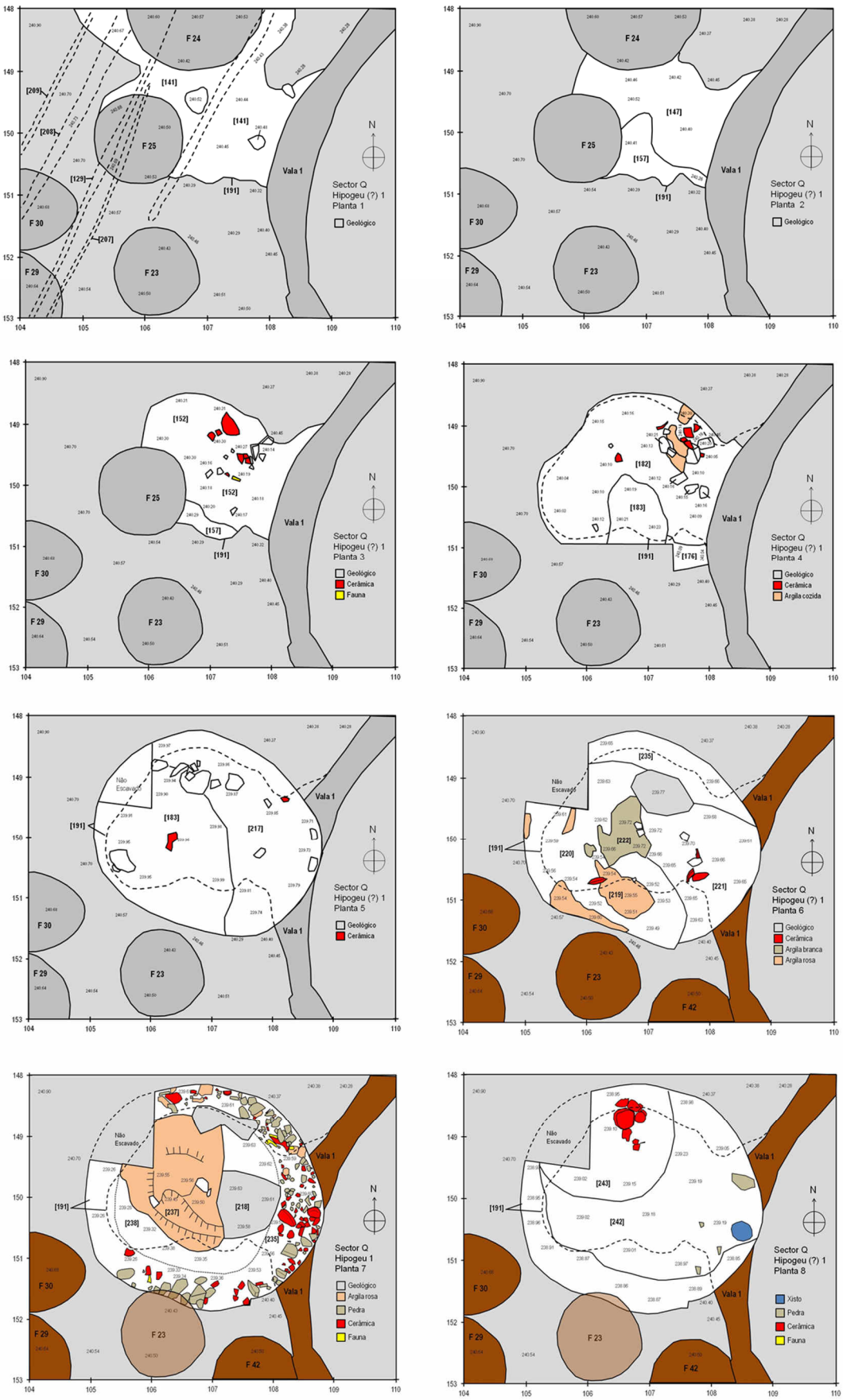


Figura 4.31 – Sequência de planos do enchimento do Hipogeu 1.

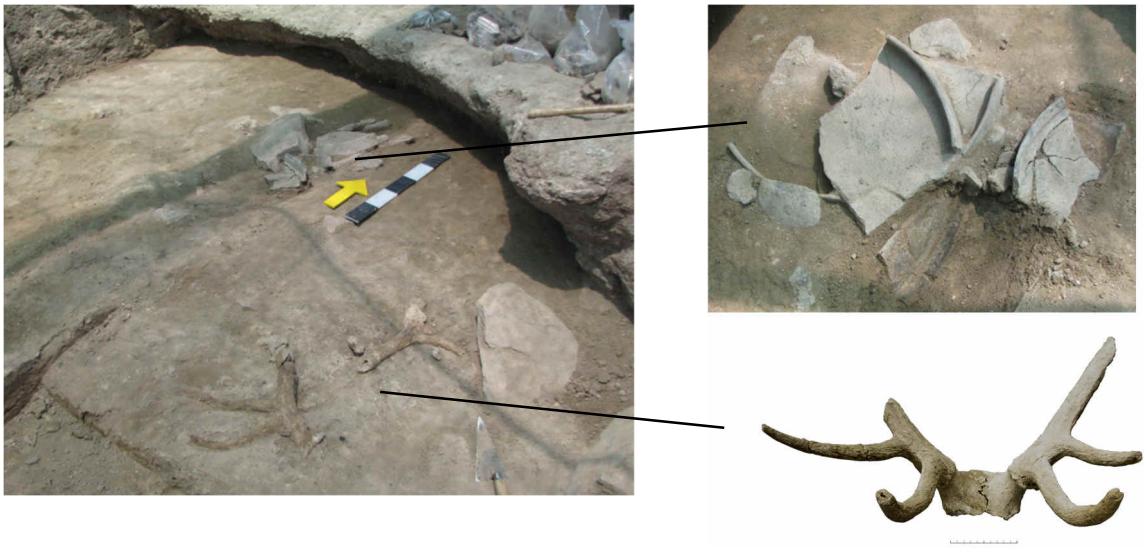


Figura 4.32 – Deposições na parte superior do enchimento [183] do Hipogeu 1.

Figura 4.33 – Deposições [235] ao longo da parede do Hipogeu 1, em redor dos depósitos cónicos do abatimento central.

Após a remoção da [235] e dos depósitos de blocos de geológico e areão da zona central, registou-se a presença de mais três depósitos sobrepostos, também com uma disposição ligeiramente cónica. O [241], um depósito cinzento arenoso, sobrepunha-se ao [243], depósito argiloso castanho claro integrando nódulos de argila alaranjada, e ao [242], depósito da base composto por sedimento castanho e argiloso contendo lentículas de argila esbranquiçada. Na metade norte, junto à base da sequência estratigráfica, registou-se uma deposição estruturada e concentrada de um grande recipiente quase completo e grandes fragmentos de taças carenadas.

Esta sequência estratigráfica revela, assim, cinco grandes momentos. Um primeiro com a formações dos depósitos de base [241, 243, 242], sendo que o [242] poderá ser relacionado com o momento inicial de desactivação do uso original da estrutura. Com esta fase relaciona-se a deposição do grande recipiente quase inteiro e os fragmentos de taça carenada, a que se associa uma grande tampa em xisto, e alguns elementos de carácter simbólico, como uma placa de xisto gravada, um pequeno ídolo placa e um ídolo almeriense (Cf. sub-capítulo 5.6). Seguiu-se o abatimento da cúpula com formação das [236, 218], areão e blocos de geológico estéreis, parcialmente sobrepostos por uma sequência lenticular de finas argilas. O perfil cónico formado, gerou um espaço circular ao longo do perímetro da parede que depois seria preenchido, no

terceiro momento discriminado, pela acumulação de grandes fragmentos cerâmicos, pedras e alguma fauna. O quarto momento corresponde à posterior formação de depósitos mais abrangentes e horizontalizados [183, 182, 152], onde se continuam a verificar grandes quantidades dispersas de materiais arqueológicos (sobretudo cerâmicas, faunas e pedra talhada), mas também concentrações e deposições claramente intencionais, presença de obejectos relacionados com o simbólico (ídolo de cornos, calote craniana com hastes de cervídeo), assim como um possível forno, revelando a utilização da estrutura quando esta já era uma fossa pouco profunda e com uma abertura ampla. O quinto momento corresponde à colmatação mais superficial, onde se observa uma componente erosiva do geológico envolvente, nomeadamente dos rebordos da própria estrutura, ao corte efectuado no lado Este pela abertura da Sanja 1 e pelas posteriores afectações calcolíticas.

Relativamente ao Hipogeu 2 (inicialmente designado por Fossa 80), a sua escavação está ainda por concluir, não se conhecendo as suas medidas integrais (sendo que a escavação já atingiu a base da estrutura, a qual revela uma profundidade de 2.58m). Trata-se de uma estrutura em poço com 2,38x2,04, que se prolonga em profundidade por cerca de 1,20/1,30m e depois começa a abrir lateralmente, começando a formar uma abóbada (Figura 4.34).

O seu topo (primeiros 50cm) era preenchido por contextos de cronologia calcolítica, os quais assentavam sobre um nível de empedrado que encerrava os contextos do Neolítico Final (Figura 4.35: 1 e 2). Uma vez que a escavação integral da estrutura não está terminada, a descrição da sequência estratigráfica neolítica será feita seguindo a ordem da escavação, ou seja, do mais recente para o mais antigo.

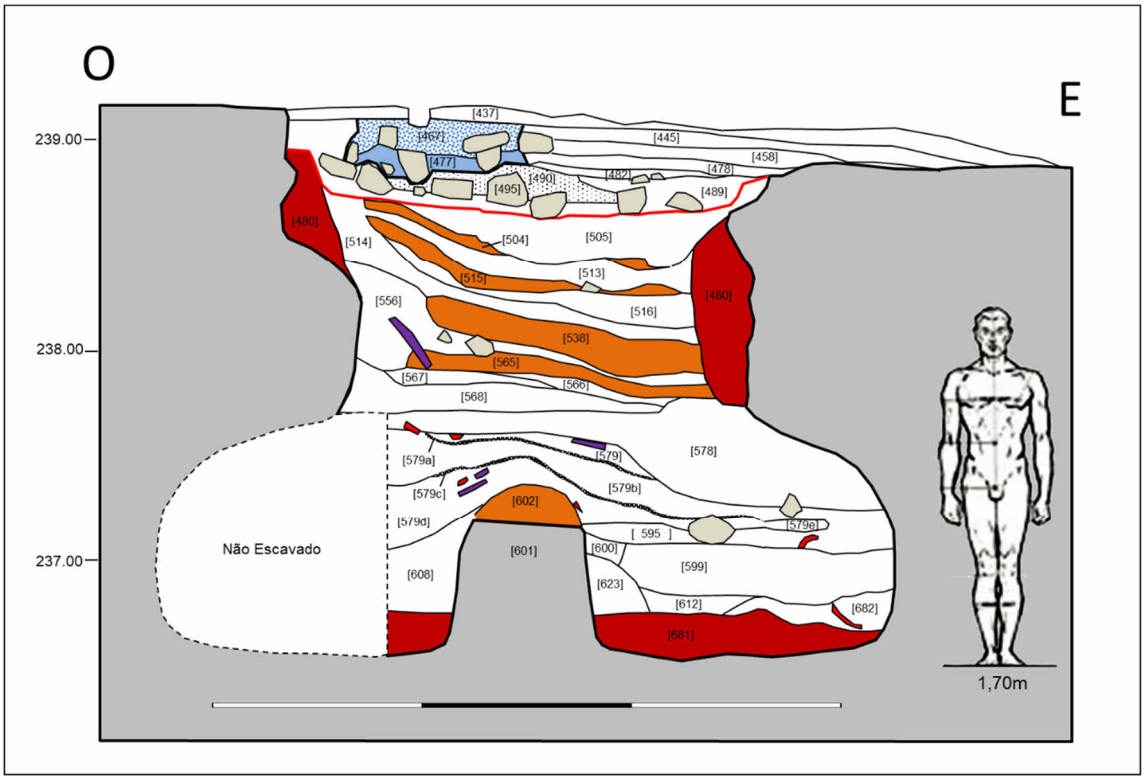


Figura 4.34 – Perfil da área já escavada do Hipogeu 2. A linha vermelha marca o nível de pedras que encerra os contextos do Neolítico Final e os separa dos contextos do topo de cronologia calcolítica.

Assim, o primeiro depósito definido foi o [505], arenoso, cinzento, com grão de diorito, e que abrangia a totalidade da área central da fossa, encostando a uma camada de argila, compacta e de cor castanho avermelhada [480], que revestia todo o perímetro das paredes da fossa e que já se observada na fase de enchimento calcolítico. Apresentando-se arqueologicamente estéril nas secções em que foi já escavada, esta unidade, com uma espessura média de cerca de 20cm, apresenta-se como um espesso revestimento de impermeabilização que se prolonga até ao inicio do alargamento em abóbada, zona em que desaparece. Ou seja, este revestimento foi feito quando a estrutura já se encontrava colmatada até ao topo da parte abobadada, abrangendo apenas o poço vertical. Esta diferença entre o poço e a parte mais abaixo da estrutura regista-se igualmente no seu enchimento, composto por uma alternância de depósitos de argilas finas e depuradas amareladas e depósitos arenosos, com uma inclinação de Oeste para Este (Figura 4.34). A partir do momento em que o poço começa a abrir a estratigrafia muda e a escavação, por razões de segurança (o geológico das paredes, muito degrado, começava a abrir fendas e a abater), a escavação prosseguiu em profundidade apenas numa sondagem de 1x2m na área mais central da estrutura até à parede Este, tendo atingido base da estrutura.

O topo desta nova sequência que se iniciava com o alargamento em abóbada era composto por três depósitos muito arenosos e com abundantes carvões dispersos, os quais se sobrepunham a um outro [578], que aumentava de espessura no lado Este aproveitando uma depressão nos depósitos subjacentes. Junto à parede envolvia um depósito de materiais cerâmicos [577], com destaque para uma grande colher apenas com o cabo partido e uma taça carenada decorada com um sol na base externa. Sob este depósito desenvolvia-se uma sequência, que foi numerada como [579], e constituída por uma intercalação de depósitos areno argilosos com blocos de argila e finos níveis de carvões [579a a 579d]. Estes depósitos apresentavam-se mais elevados ao centro, inclinando para Este e para Oeste. Esta situação deveu-se ao facto de cobrirem uma coluna circular em diorito que existe sensivelmente a meio da estrutura e que interferiu no processo de sedimentação, provocando um alteamento a meio e uma inclinação lateral dos sedimentos.

Esta coluna [601], que apresenta uma altura de 0,74cm, está ligada à base (escavada em positivo) e apresenta um perfil ligeiramente cónico, com 70cm de espessura na base, 50cm no topo, que é arredondado e revestido por uma camada de argila vermelha, muito depurada [602]. A Oeste era encostada pela [608], depósito arenoso e cinzento. Pelo lado Este e Sul era envolvida por um sulco preenchido por um depósito [600] de areão muito solto (talvez derivado da erosão das suas faces). Este sulco era delimitado pelo depósito [599] de argilas avermelhadas, o qual se sobrepunha (juntamente com a [600]) a um depósito argiloso que encostava à coluna a Este e ao depósito [612], de cor cinzenta e arenoso. Este depósito [681], de cor avermelhada, com cerca de 20cm de espessura e horizontalizado, cobria a base da estrutura. Não forneceu materiais arqueológicos, podendo corresponder a um piso de base da estrutura. Esta argila era semelhante à que envolvia o pilar central, ficando a ideia de que aquele envolvimento argiloso se fazia em continuidade relativamente a este depósito argiloso de base. Sobre este depósito registou-se um outro [682] junto à parede, que apresentava uma matriz arenosa com abundantes nódulos de argila e grão de geológico, envolvendo grandes fragmentos de recipientes cerâmicos (alguns fragmentados a metade ou quase inteiros, restos faunísticos e uma grande mancha de sedimento (ocre?) amarelo (Figura 4-36).

Os materiais recolhidos apontam todos para o Neolítico Final, destacando-se a abundância de cerâmica e de restos de fauna mamalógica.

Lateralmente, é possível observar que a estrutura desenvolve um perfil muito aberto, sugerindo uma ampla cúpula, cujo diâmetro ultrapassará os 3 metros na base, que estará a 2,5

metros de profundidade relativamente à superfície. Trata-se, pois, de uma estrutura subterrânea de tipo hipogeu de grandes dimensões, seguramente mais profunda e possivelmente mais larga que o Hipogeu 1. Estas dimensões poderão justificar a presença da coluna ao centro, a qual poderia estar relacionada com a forma como se produzia o acesso ou sustentando um patamar intermédio em materiais perecíveis. Uma coluna semelhante foi recentemente registada numa grande fossa do Porto Torrão (Rodrigues, 2017).

Figura 4.35 – 1 e 2 – Nível de pedras que encerra os contextos do Neolítico Final; 3 – Um dos depósitos de argilas da sequência que preenche o poço; 4 – Acumulação de cerâmicas com grande colher e taça carenada com sol na base fragmentada; 5 e 6 – Coluna ao centro da zona abobadada da estrutura.

Figura 4.36 – Deposições de cerâmicas e ocre (?) amarelo junto à parede Este do Hipogeu 2.

4.3 DEPÓSITOS EXTERNOS, TALUDES E EROSÕES

Por último, convém ainda sublinhar duas circunstâncias frequentemente discutidas relativamente aos recintos de fossos: a questão dos depósitos e estruturas positivas exteriores às estruturas negativas e a questão erosiva desses depósitos de eventuais taludes associados a fossos.

Em nenhum dos sectores em que se documentaram estruturas neolíticas nos Perdigões se registou a presença de depósitos de ocupação ou estruturas deste período exteriores a fossos e fossas. Nos sectores H, I e P, as marcas da surriba de 1996 atingiram o geológico e o próprio topo de algumas estruturas. Nesta situação, poderemos sempre aventar a hipótese eventuais depósitos de ocupação e estruturas em positivo terem sido destruídos, e integrados na camada superficial de revolvimento que então se formou. Contudo, as várias intervenções em diferentes pontos dos Perdigões têm revelado que nos últimos 10/15 das valas da surriba os contextos se preservam entre os rasgos, separados entre si por cerca de um metro. No entanto, nunca esta circunstância se verificou para contextos neolíticos, tendo sido registada frequentemente em contextos calcolíticos. Mas mais relevante é a situação observada na zona central, no Sector Q, onde se concentram a maioria das estruturas neolíticas intervencionadas e onde a escavação foi em área. Aqui, devido a uma maior espessura da estratigrafia original, a surriba não chegou ao geológico em várias partes do sector, tendo sido identificados inúmeros depósitos e estruturas calcolíticas exteriores a estruturas negativas. Estes depósitos calcolíticos assentavam directamente sobre o geológico e sobre o topo preenchido de estrutura negativas neolíticas e nunca sobre depósitos externos dessa cronologia, revelando que estes não existiam quando se processou o início da sua sedimentação. Um único depósito externo argiloso, situado no recanto Sudeste do Sector Q, revelou-se arqueologicamente estéril.

Por outro lado, a eventual erosão de depósitos e estruturas exteriores nesta área é pouco credível, uma vez que a mesma se encontra no centro do anfiteatro natural onde se implanta o sítio e, portanto, seria essencialmente uma área de recepção coluvionar e de sedimentação.

A mesma questão erosiva se coloca relativamente à existência de eventuais taludes do lado interior dos fossos, formados com os inertes extraídos da abertura dos fossos. Das dez secções realizadas em fossos de ambas as fases do Neolítico nos Perdigões, em apenas uma (Fosso 5 na Sondagem 2 do Sector Q) se registou um preenchimento parcial e significativo com material arenoso que corresponde ao substrato local. Nas restantes o que se regista são enchimentos de origem predominantemente antrópica, com sedimentos terrosos com forte componente artefactual, frequentemente com deposição estruturada, documentando processos periódicos, onde pontualmente também se registam episódios de erosão das paredes do fosso de fraca expressão estratigráfica (como os registados nos Fossos 6, 11 e 12). A própria existência de recortes (como nos Fossos 11, 13 e 14), ou os preenchimentos finais com alinhamentos de fragmentos cerâmicos (como nos Fossos 8 e 12) demonstram que não existiu um processo erosão na fase final de colmatação dos fossos. A terem existido, os taludes realizados com o geológico extraído com a abertura dos fossos não foram erodidos para o seu interior, e deles também não se encontram vestígios no exterior nem sobre os fossos já colmatados. Por outras palavras, as várias toneladas de geológico extraído para a abertura dos fossos não estão aparentemente presentes no sítio, nem dentro, nem fora das estruturas negativas. De facto, não há evidências de que tenham existido taludes associados aos fossos, com excepção da situação registada num troço do Fosso 5 na sondagem 2 do Sector Q, situação que, curiosamente, não se repete na secção realizada no mesmo fosso na sondagem 1 desse Sector, e que dada a presença de um grande buraco de poste no interior do fosso poderá sugerir que a presença do areão de geológico se relacione antes com a existência de uma possível paliçada implantada neste fosso. Há ainda a situação observada com o enchimento argiloso do troço A do Fosso 14 da fase mais antiga, o qual poderá resultar de uma estrutura em argila que, ao desagregar-se, poderá ter preenchido esse troço do fosso e ter dado origem ao depósito argiloso estéril que cobre o geológico no recanto Sudeste da sondagem. Mas também aqui não há qualquer evidência relativa ao geológico extraído para a abertura do fosso.

5 OS MATERIAIS: ABORDAGEM TIPOLÓGICA

Neste capítulo, os conjuntos artefactuais serão descritos seguindo uma tradicional compartimentação por categorias de objectos, análise que responde sobretudo a questões de ordem tecnológica e estilística. Assim, em cerâmica serão considerados os grupos dos recipientes (integrando aqui também colheres e dois possíveis cachimbos), da indústria lítica talhada e polida, elementos de moagem, possíveis utensílios musicais, utensilagem em osso e elementos de adorno e relacionados com o sagrado.

5.1 OS RECIPIENTES CERÂMICOS (A.C. VALERA)

A análise dos recipientes cerâmicos incide sobre a componente morfológica e decorativa, deixando de fora, de momento, a componente tecnológica, a qual deverá recorrer a uma abordagem arqueométrica, que ainda não foi realizada para cerâmicas desta fase dos Perdigões. Contudo, sempre que se considerar pertinente, serão feitas algumas referências pontuais a aspectos tecnológicos.

Foram analisados conjuntos cerâmicos de 18 estruturas, 11 das quais correspondem à Fase 1 do Neolítico dos Perdigões e as restantes 7 à Fase 2. Na globalidade, trata-se de um conjunto muito numeroso de materiais, tanto mais que as cerâmicas são quase sempre a categoria artefactual dominante nos Perdigões. A excepção a essa regra parece ser, precisamente a Fase 1 do Neolítico, onde, apesar do número de estruturas estudadas, o número de fragmentos classificados com atribuição formal (113) é incomparavelmente mais baixo que o proveniente das estruturas da Fase 2 (2054) e é menos representativo que a indústria lítica talhada.

5.1.1 O conjunto de recipientes cerâmicos da Fase 1

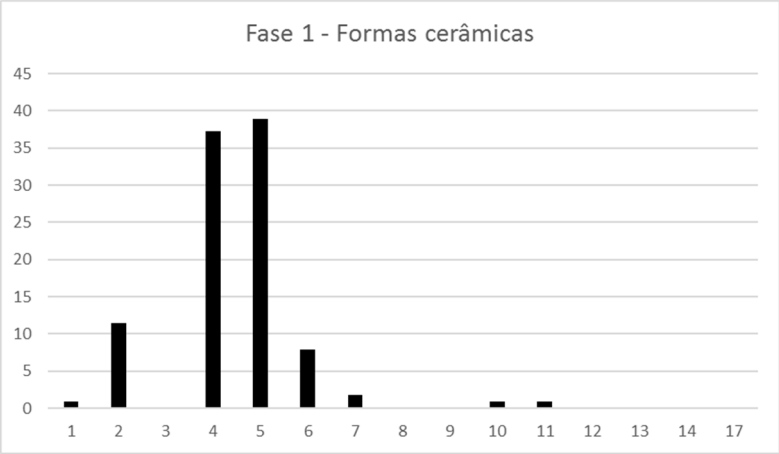
O conjunto de materiais cerâmicos analisado referente à categoria de recipientes nesta fase é proveniente das decapagens e secções realizadas em três fossos (Fossos 13, 14 e 15) e oito fossas. Na globalidade do conjunto foram classificadas em termos formais apenas 113 peças, resultado do reduzido número de fragmentos cerâmicos presentes nestas estruturas e do seu grau de fragmentação. Os materiais classificáveis foram categorizados em 9 dos tipos definidos para o Neolítico dos Perdigões: 1. Pratos; 2. Taças; 4. Tigelas; 5. Esféricos/Globulares; 6. Globulares achatados e de colo; 7. Tipo “saco”; 10. Copos; 11. Vaso oval. Alguns destes tipos apresentam pequenas variações internas, o que levou à definição de subtipos expressos na tabela de formas (Figura 5.4).

Tomado da globalidade, este aparelho cerâmico revela um claro predomínio dos recipientes esféricos e das tigelas fechadas e abertas, representando respectivamente 39% e 37,2% do conjunto, seguidas, já com uma baixa presença, pelas taças (sobretudo fechadas) com

11,5% e pelo globulares achatados com 7,9%. Com presença vestigial (valores abaixo de 2% ou de 1%) um prato de bordo simples, dois recipientes tipo saco, um copo e um recipiente ovalado. Este último apresentava-se muito deformado e queimado, tendo furos de suspensão ao longo do bordo (Figura 5.3: 1). O achatamento poderá corresponder, não a uma forma pretendida, mas uma deformação durante o processo de fabrico. Destaque ainda para uma grande tigela fechada, de paredes muito espessas e bordo aplanado, aparentemente com uma cozedura pouco intensa, tornando a pasta muito friável (Figura 5.3: 6). O conjunto apresenta uma clara predominância de formas fechadas (70%) sobre as formas abertas (30%). A decoração está totalmente ausente, se considerarmos o almagre (10 casos registados) como parte do processo técnico de acabamento e não decorativo. Ocorrem ainda quatro fragmentos com mamilo na Fossa 82.

Tabela 5.1 / Gráfico 5.1 – Formas cerâmicas presentes na Fase 1 do Neolítico dos Perdigões.

Tipo	Ocorrências	%
1	1	0,9
2	13	11,5
3	0	0
4	42	37,2
5	44	38,9
6	9	7,9
7	2	1,8
8	0	0
9	0	0
10	1	0,9
11	1	0,9
12	0	0
13	0	0
14	0	0
17	0	0



Trata-se de um conjunto cerâmico que se encontra ainda na tradição morfológica dos recipientes do Neolítico Médio, estando ausentes ou sendo muito raras várias das formas que marcarão o Neolítico Final, nomeadamente as formas carenadas (existe apenas um fragmento de uma carena na Fossa 82 – note-se, contudo, que esta fossa apresenta uma data de um depósito de topo junto à boca que é já enquadrável no espectro cronológico da Fase 2, o que poderá indicar que o seu enchimento final terá ocorrido já numa fase de transição, justificando algumas diferenças morfológicas já observáveis relativamente aos restantes contextos da Fase 1). É igualmente observável uma tendência para a reduzida dimensão dos recipientes e para uma menor espessura das paredes quando comparados com as mesmas morfologias da fase seguinte.

Situação semelhante é observável na Fossa 33. O depósito de base que enche grande parte desta estrutura e que continha material atribuível a esta fase mais antiga, era sobreposto por uma camada de areão arqueologicamente quase estéril (apenas com um bordo de uma tigela hemi-esférica), o qual preenchia a fossa quase até ao topo, ficando alguns centímetros por preencher. Esse topo foi depois preenchido por um fino depósito [212] com materiais integráveis na segunda fase, nomeadamente com a presença de taças carenadas, completamente ausentes nos depósitos inferiores e em todas as restantes estruturas integradas nesta primeira fase.

A circunstância de estruturas negativas não se encontrarem completamente preenchidas quando fases ocupação diferentes são identificadas não é muito comum nos Perdigões, mas pontualmente ocorre, como foi por exemplo registado na Fossa 80 / Hipogeu 2 (ver capítulo anterior).

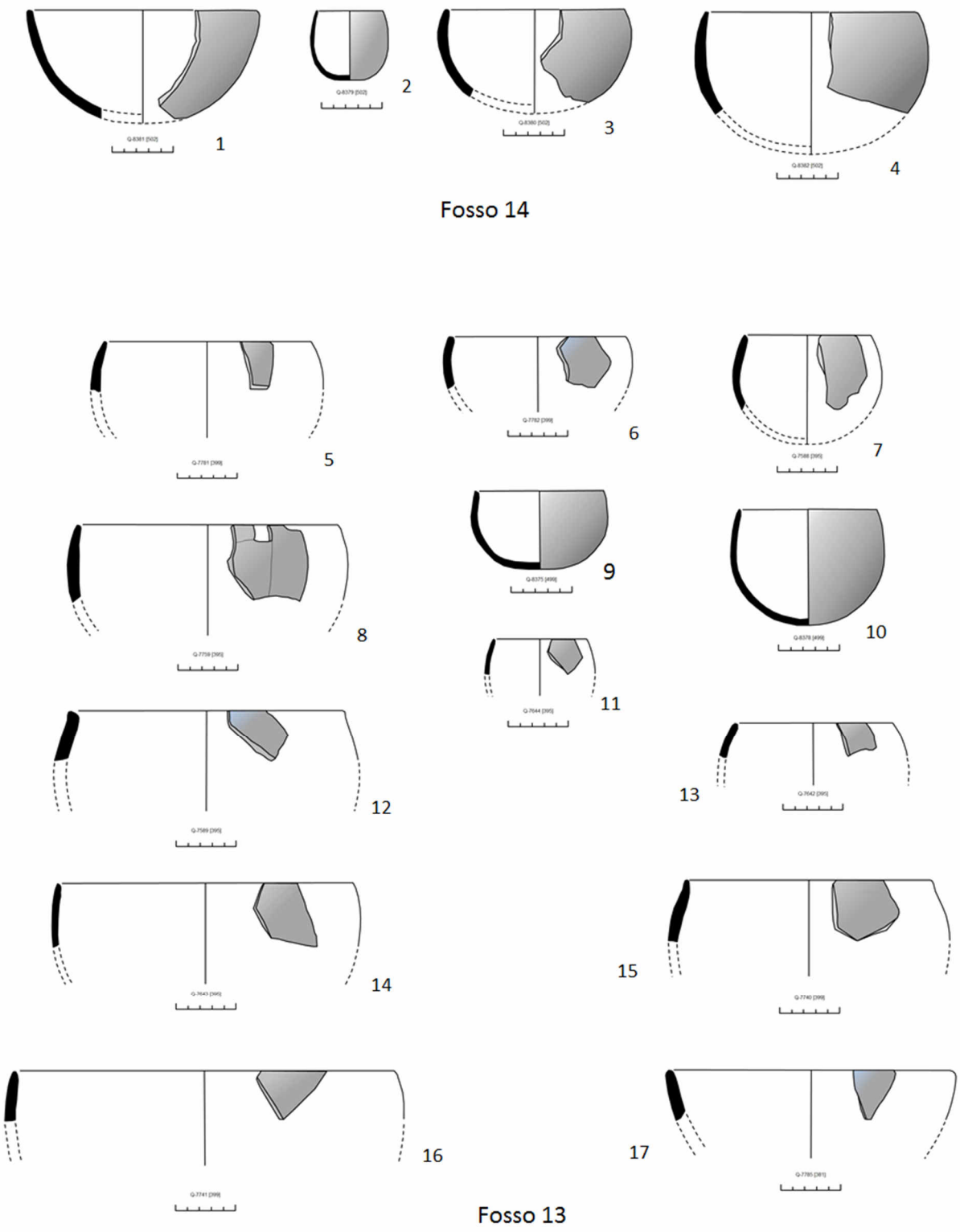


Figura 5.1 – Recipientes cerâmicos dos Fossos 14 e 13.

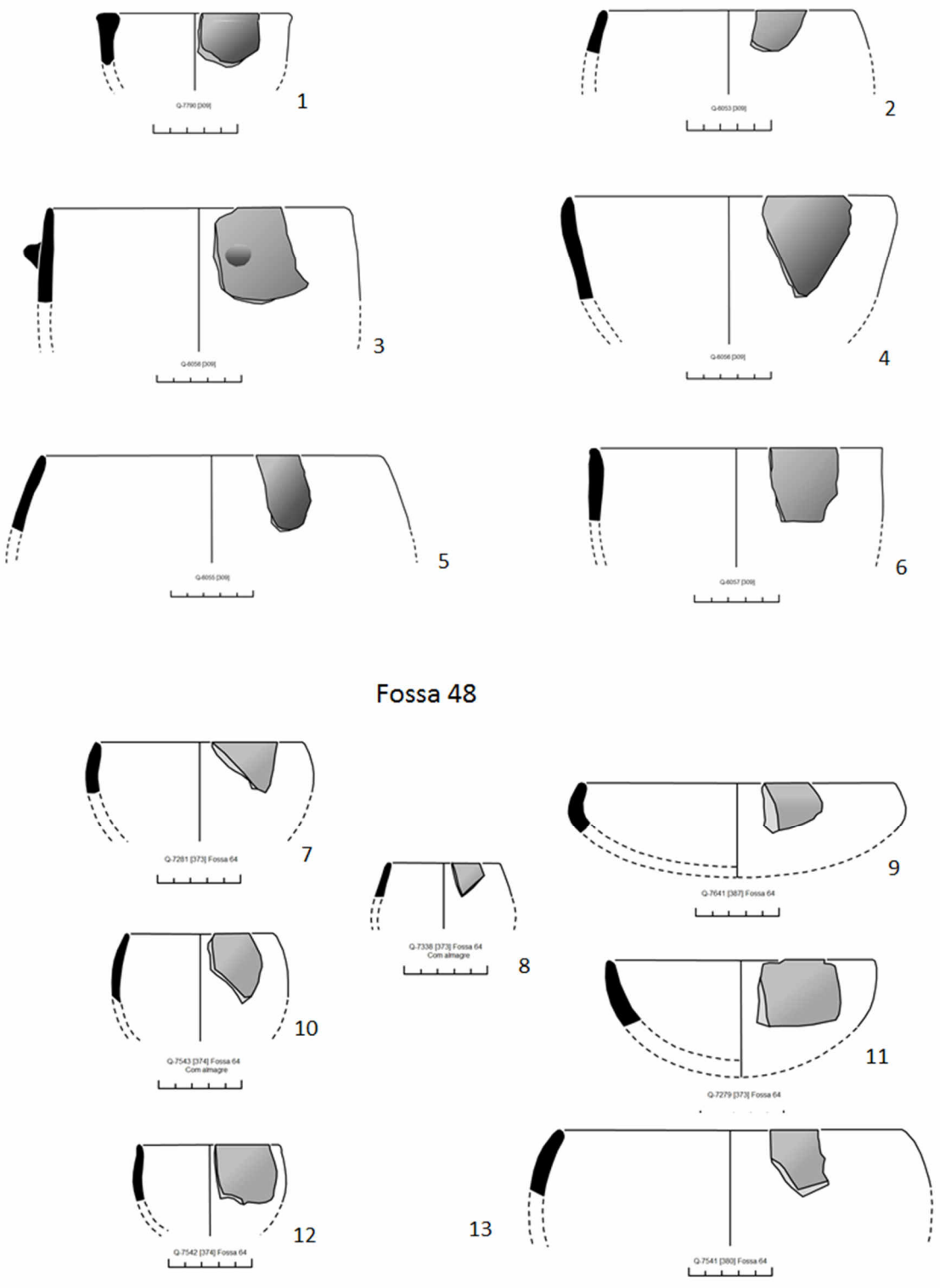


Figura 5.2 – Recipientes cerâmicos das Fossas 48 e 64.

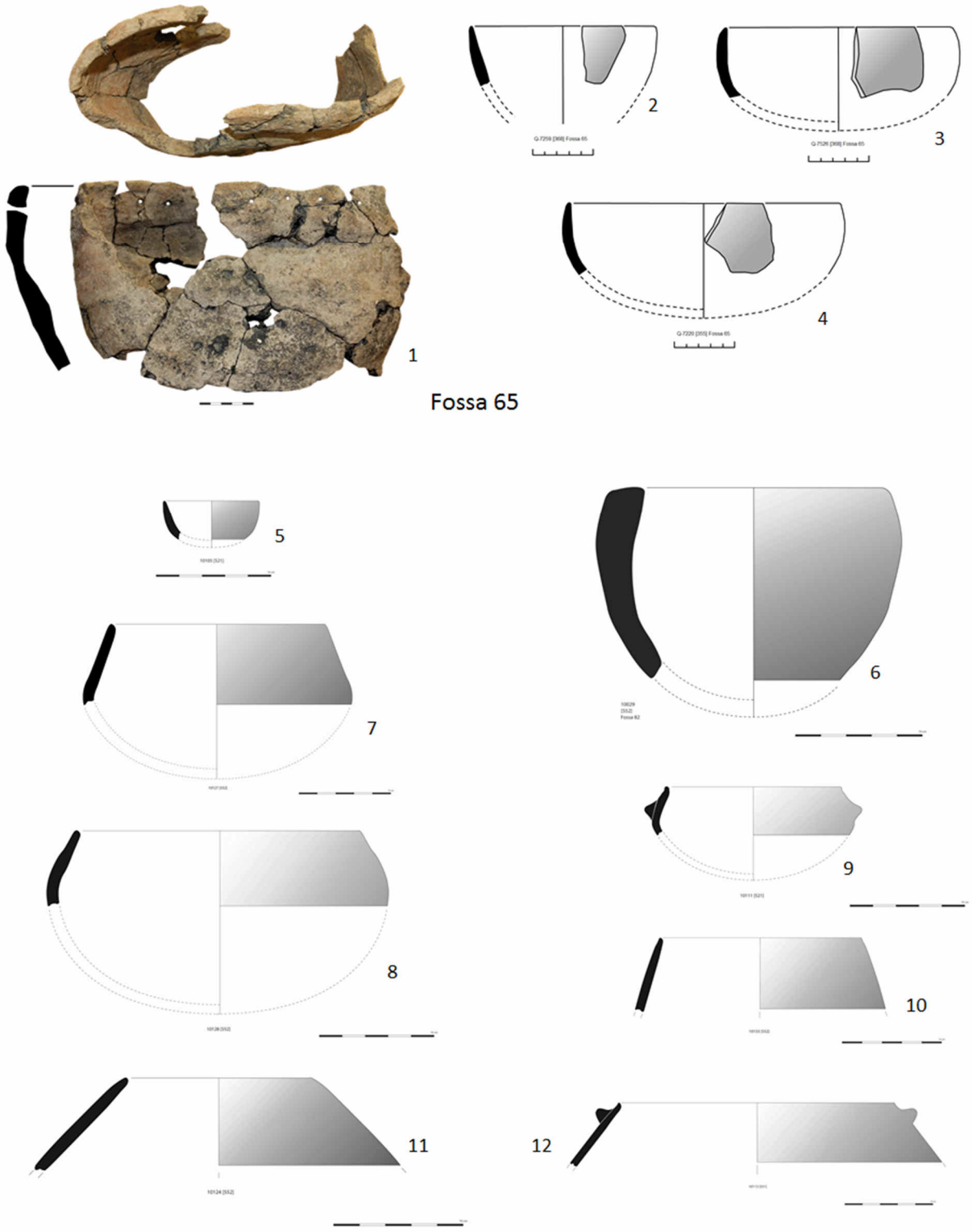


Figura 5.3 – Recipientes cerâmicos das Fossas 65 e 82.

5.1.2 O conjunto de recipientes cerâmicos da Fase 2

O conjunto de materiais cerâmicos desta fase referente à categoria de recipientes é proveniente das decapagens e secções realizadas em cinco fossos (Fossos 5, 6, 8, 11 e 12) e de duas grandes fossas de tipo hipogeu (Hipogeu 1 e 2, sendo que a escavação do Hipogeu 2 não está concluída). Na globalidade deste conjunto foram classificadas em termos formais 2054 peças, as quais foram categorizadas em 14 tipos: 1. Pratos; 2. Taças; 3. Taças carenadas; 4. Tigelas; 5. Esféricos/Globulares; 6. Globulares achatados e de colo; 7. Tipo "saco"; 8. Paredes rectas; 9. Carena média esbatida; 10. Copos; 12. Vasos de bordo horizontal; 13. Mini-vasos; 14. Vasos de carena baixa; 17. Vasos suporte (Tabela 5.2 / Gráfico 5.1), aos quais se acrescenta uma tampa (tipo 15). Apenas o tipo 11 (exclusivo da primeira fase) não está representado.

Tipo	Ocorrências	%
1	30	1,5
2	280	13,6
3	425	20,7
4	540	26,3
5	530	25,8
6	85	4,1
7	112	5,5
8	5	0,2
9	5	0,2
10	16	0,8
11	0	0,0
12	11	0,5
13	9	0,4
14	4	0,2
17	2	0,1

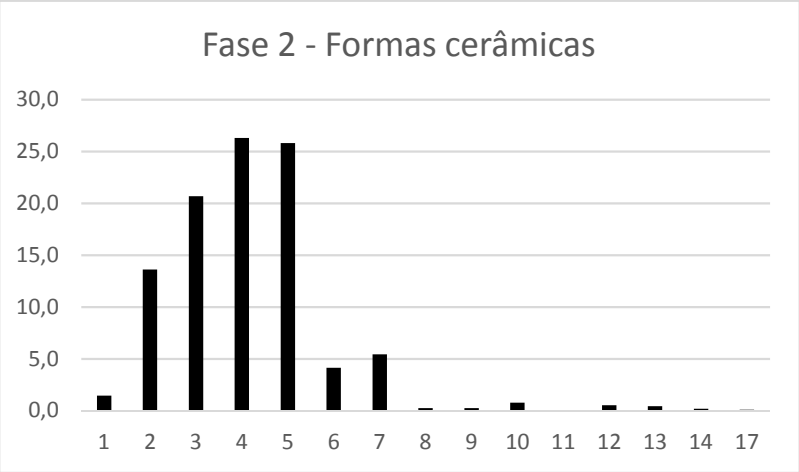


Tabela 5.2 / Gráfico 5.2 – Formas cerâmicas presentes na Fase 2 do Neolítico dos Perdigões.

Da análise do conjunto ressalta o aparecimento das taças carenadas, que se tornam num dos tipos mais representativos com 20,7% (sem contabilizar mais de uma centena de fragmentos de carena), a par das tigelas (26,3%) e dos esféricos/globulares (25,8%). Importa dizer relativamente ao grupo dominante das tigelas que elas são preponderantemente fechadas e com inúmeros exemplares de maiores dimensões com pegas ou mamilos (Figura 5.4: subtipo 4.2). Seguem-se as taças (13,6%), que passam a ser sobretudo abertas, os recipientes tipo saco (5,5%) e os globulares achatados (4,1%), também estas formas agora com exemplares de grandes dimensões, por vezes com pegas e mamilos. Os restantes tipos são vestigiais. Os pratos (bordo simples), apenas com 1,5%, tornam-se um pouco mais numerosos em termos absolutos (pois a baixa percentagem é relativa a um universo bem maior) e, sobretudo, com uma maior diversidade de subtipos, como os carenados e os de bordo reentrante. Os recipientes de paredes rectas e de carena média esbatida (tipos 8 e 9) são relativamente raros, assim como os copos, também eles, ainda assim, morfologicamente mais variados. De novo, ainda que com muito baixa representatividade (sempre abaixo de 1%), surgem mais quatro tipos.

O tipo 12 corresponde a recipientes de bordo reentrante plano, alguns dos quais poderão corresponder ao tipo por vezes designados como "vasos-lucerna"; o tipo 13 corresponde aos mini-vasos, alguns dos quais com muito reduzidas dimensões (onde mal cabe a cabeça de um dedo no interior); o tipo 14 corresponde a vasos de carena muito baixa e colo troncocónico; e o tipo 17 aos tradicionalmente designados vasos-suporte, peças largas, sem fundo, sendo que uma delas apresenta, na metade conservada, um mamilo perfurado na vertical pelo lado de dentro (Figura 5.20). A natureza desta peça será discutida mais adiante.

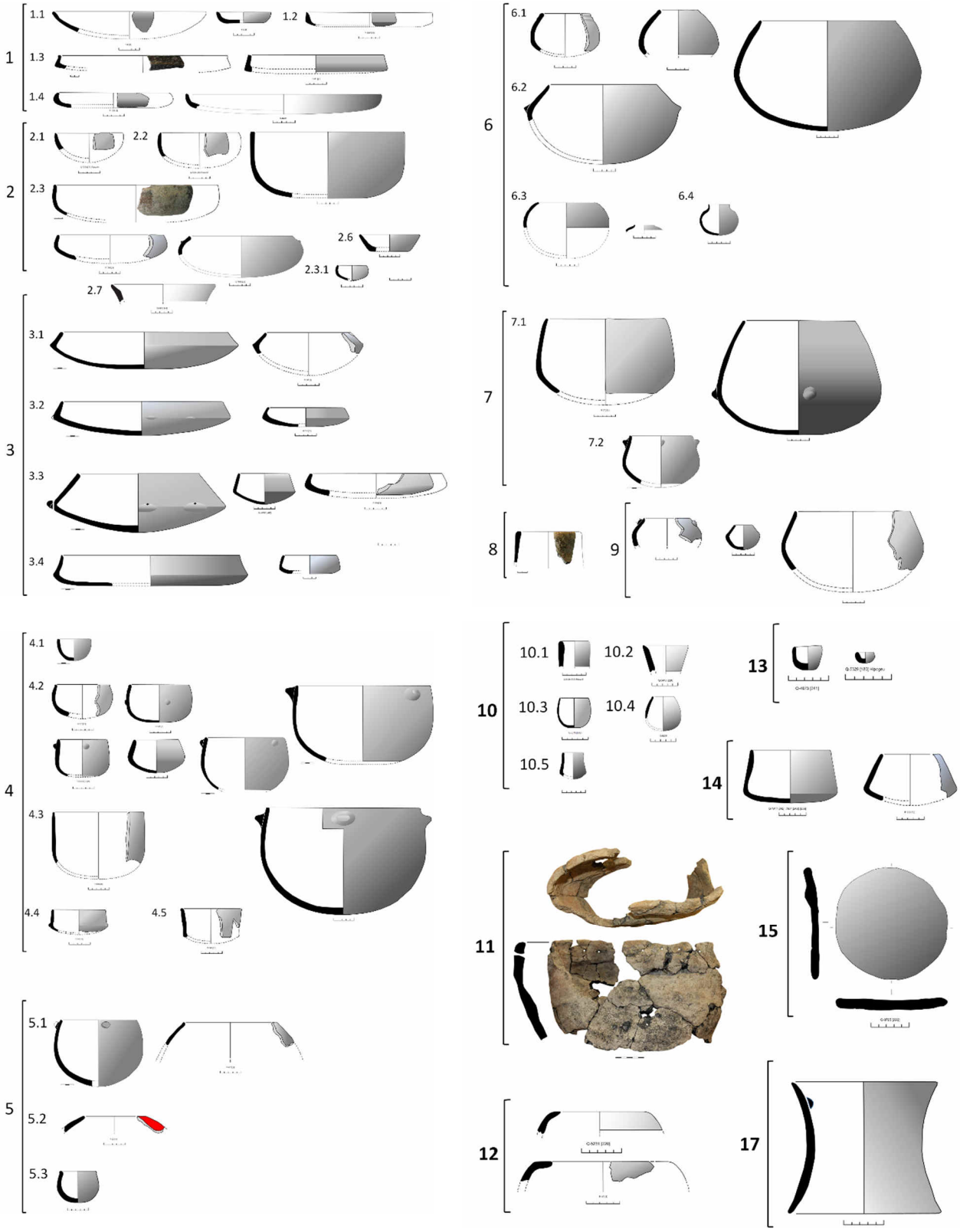


Figura 5.4 – Tabela de formas para o Neolítico dos Perdigões (Fase 1 e Fase 2). A numeração não continuada resulta de existirem tipos ou subtipos na tabela global dos Perdigões que não ocorrem na sua fase neolítica.

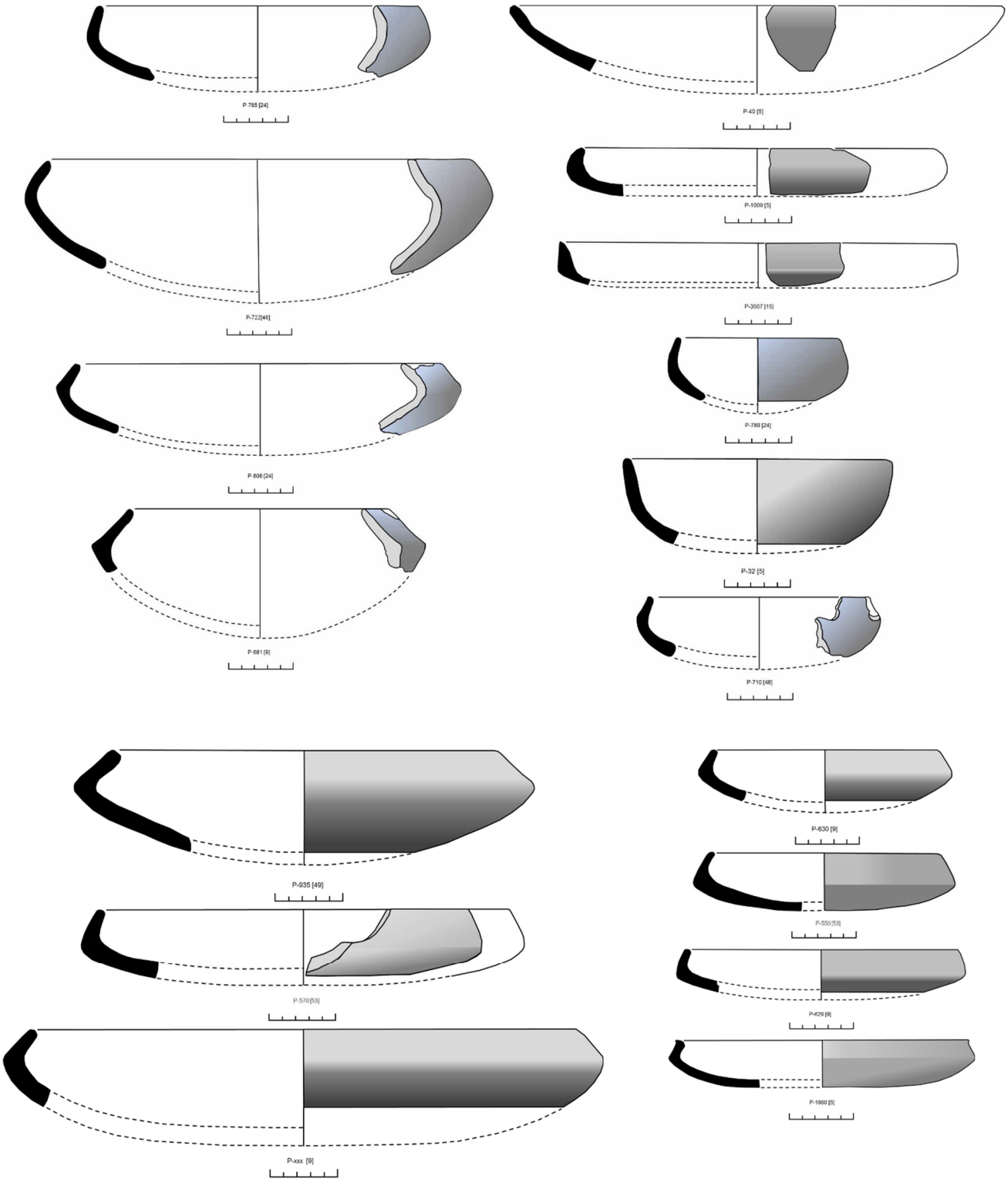


Figura 5.5 – Recipientes cerâmicos do Fosso 8

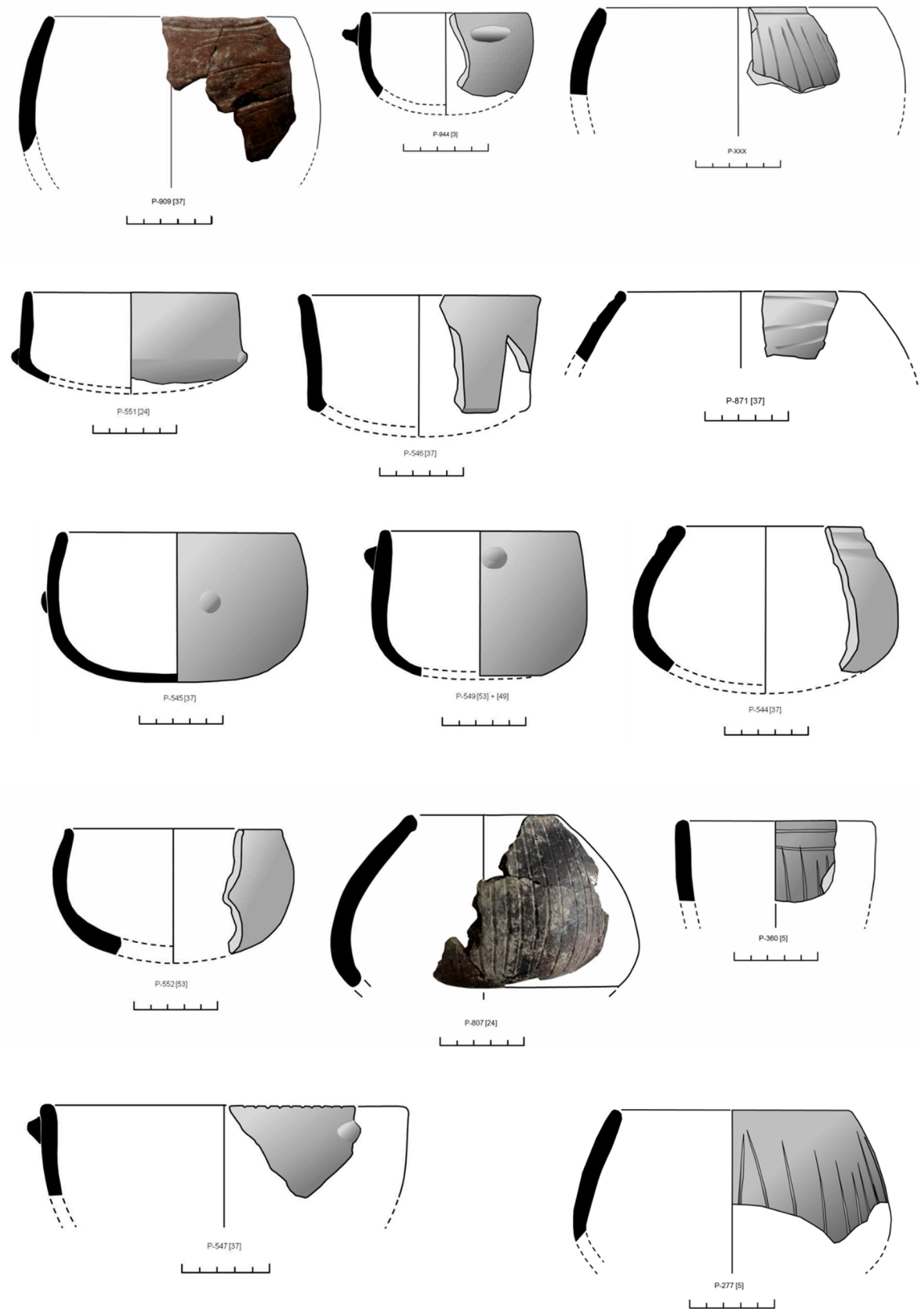


Figura 5.6 – Recipientes cerâmicos do Fosso 8.

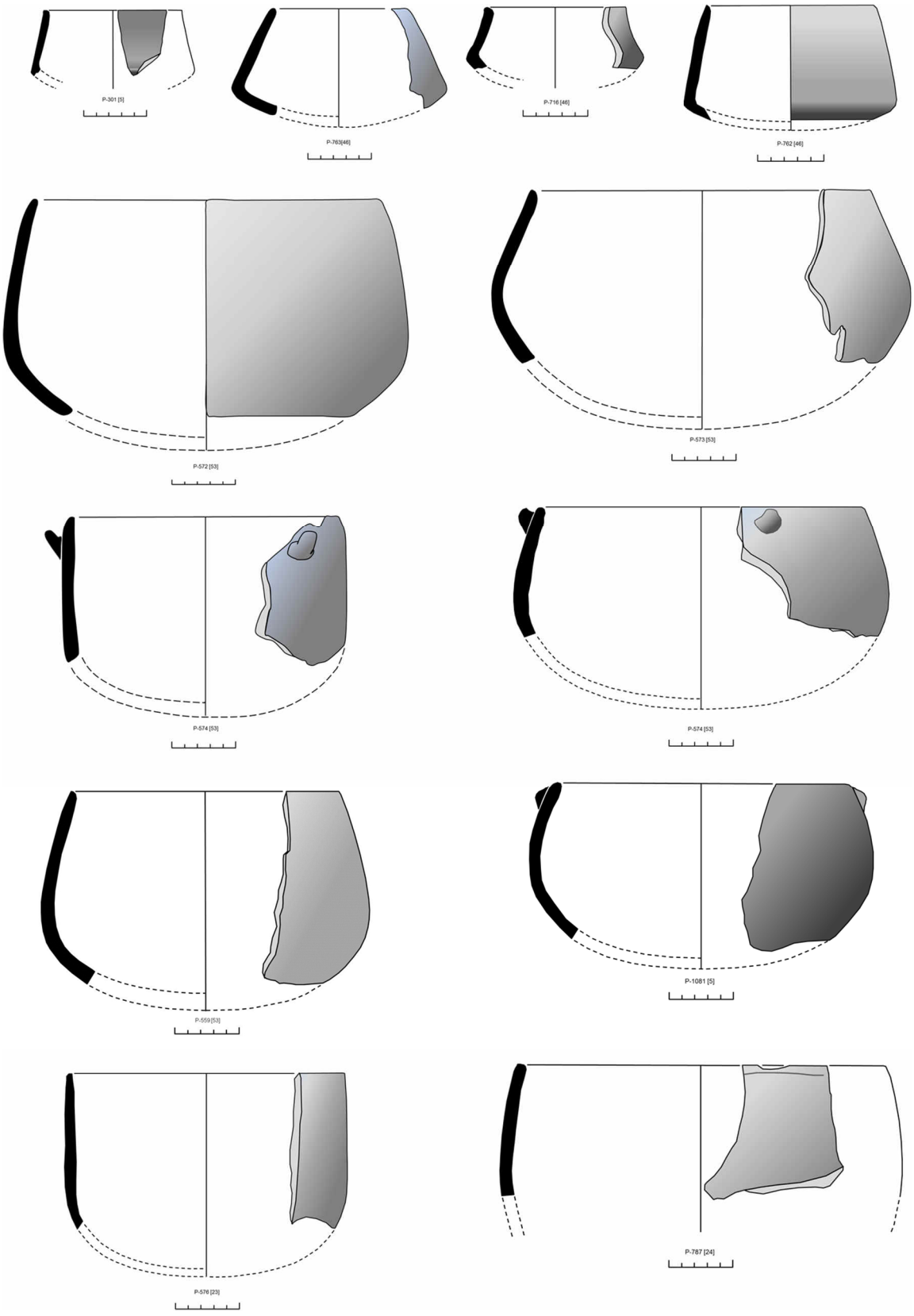


Figura 5.7 – Recipientes cerâmicos do Fosso 8.

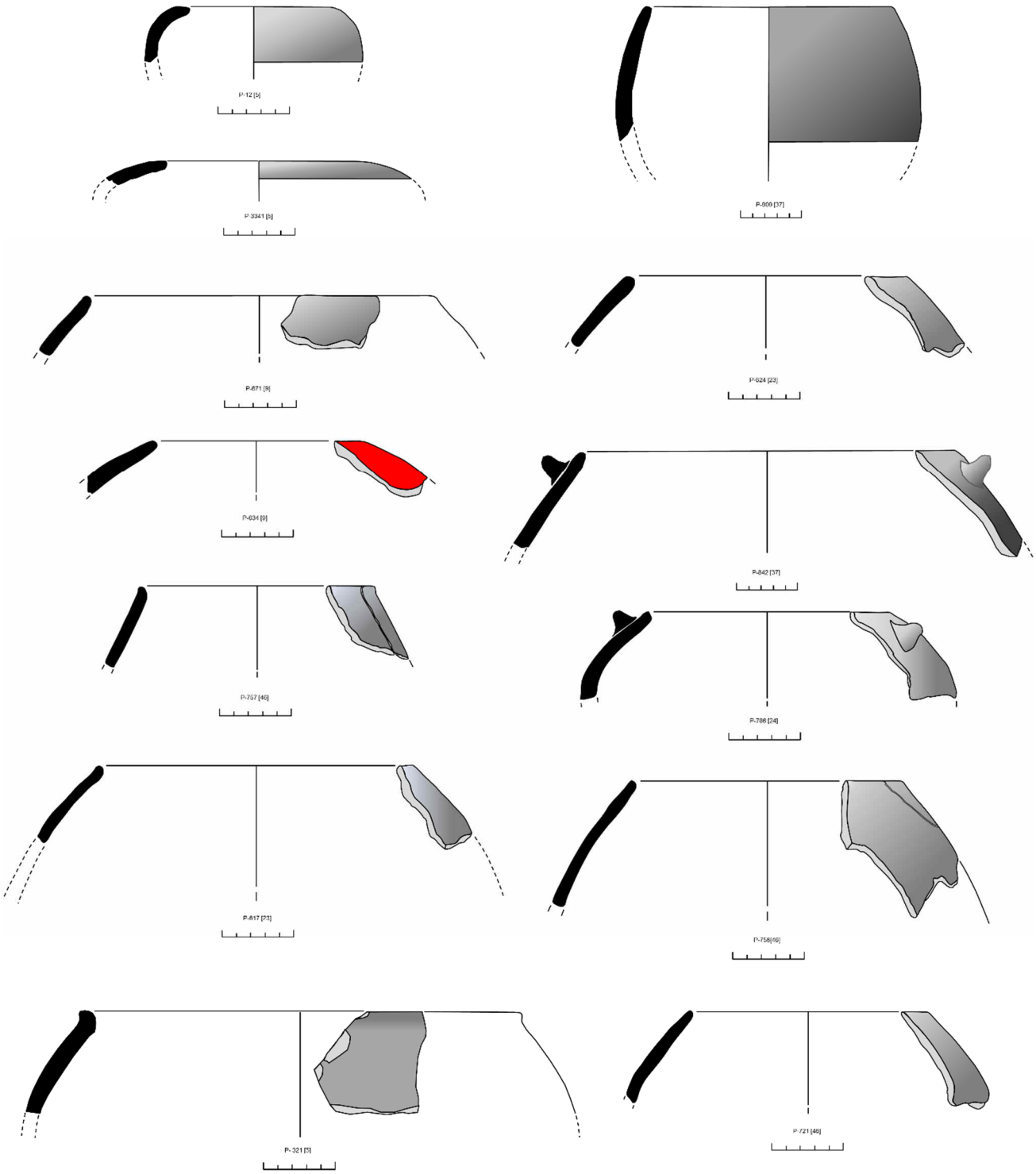


Figura 5.8 – Recipientes cerâmicos do Fosso 8.

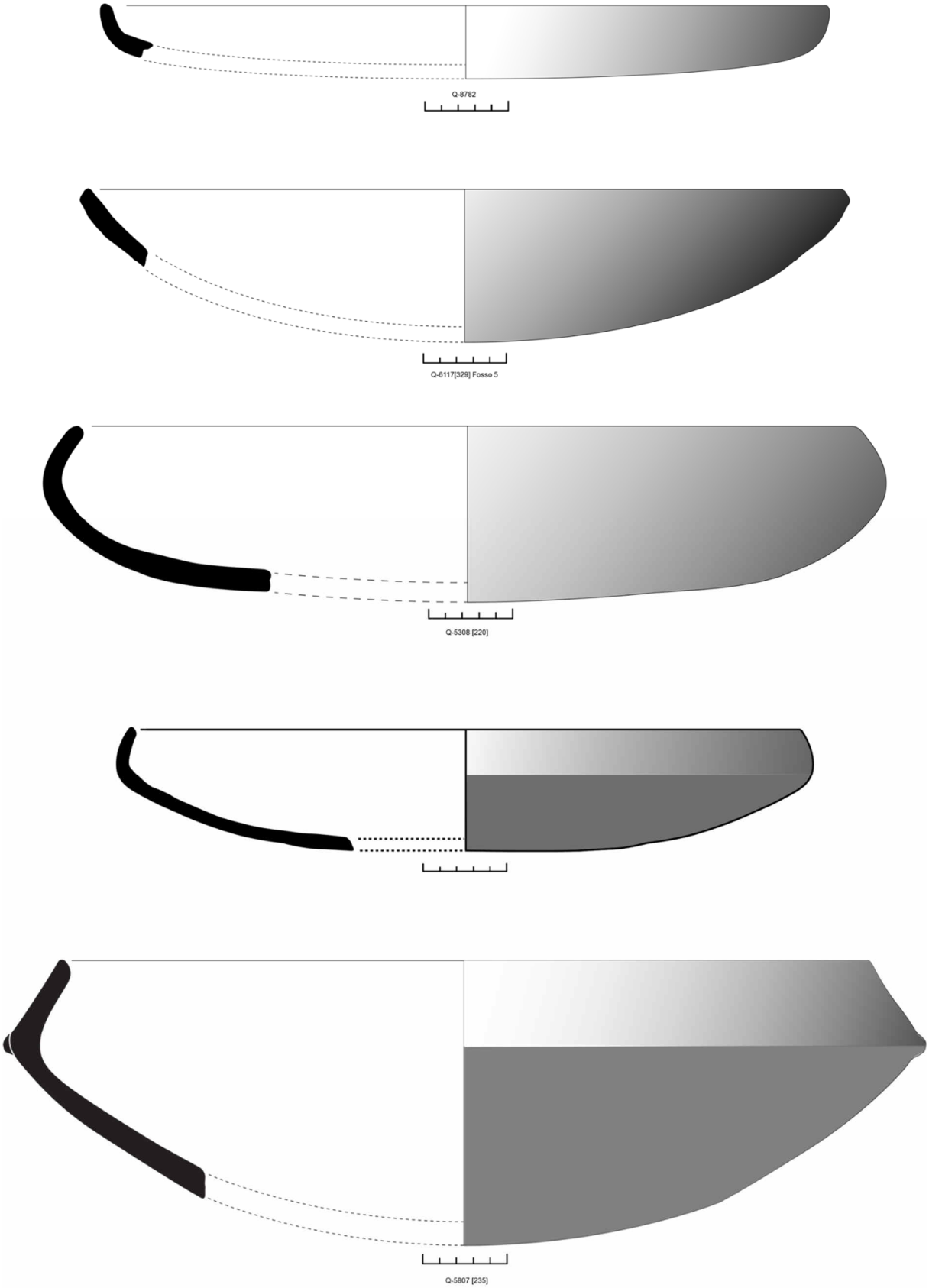


Figura 5.9 – Recipientes cerâmicos do Hipogeu 1.

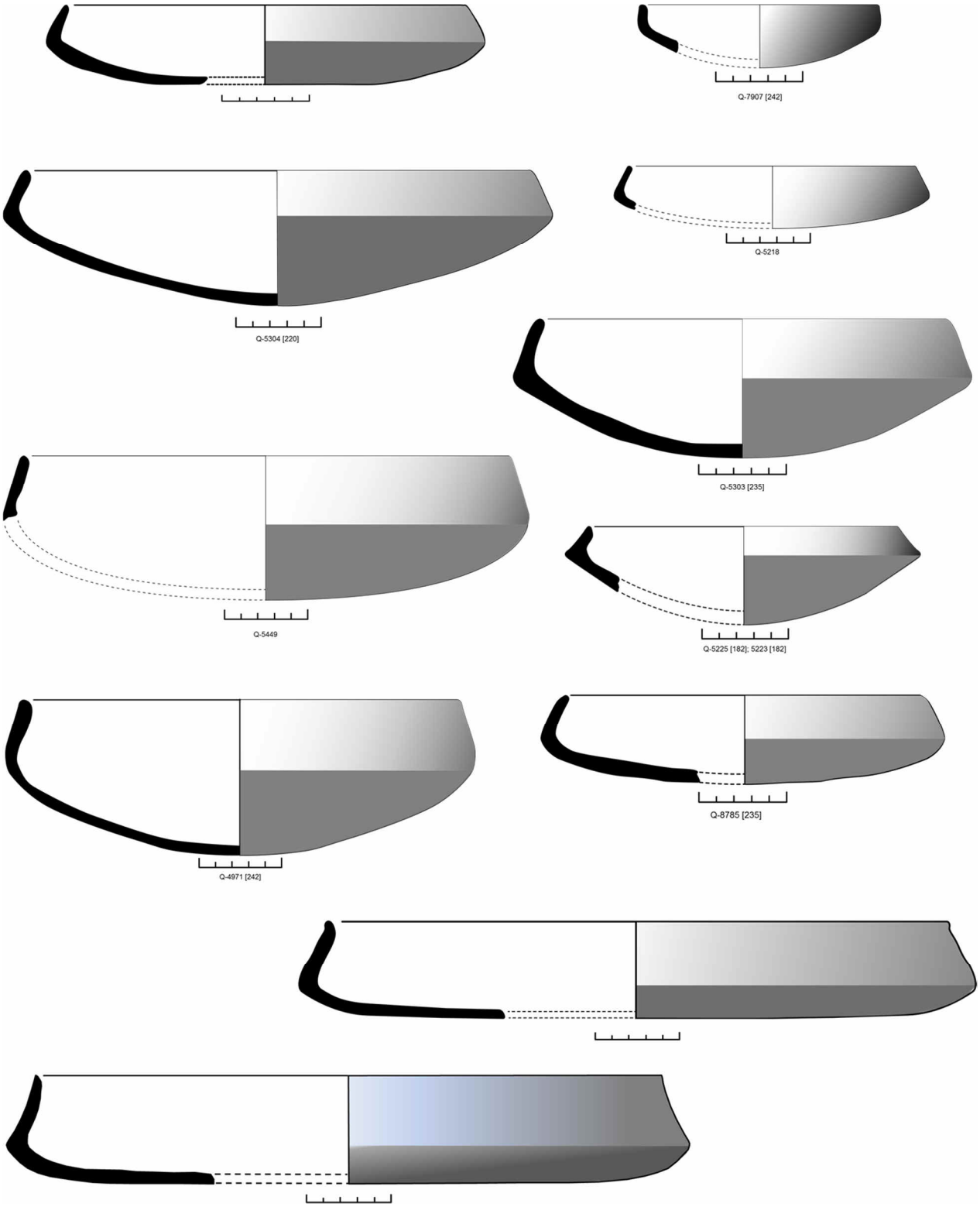


Figura 5.10 – Recipientes cerâmicos do Hipogeu 1.

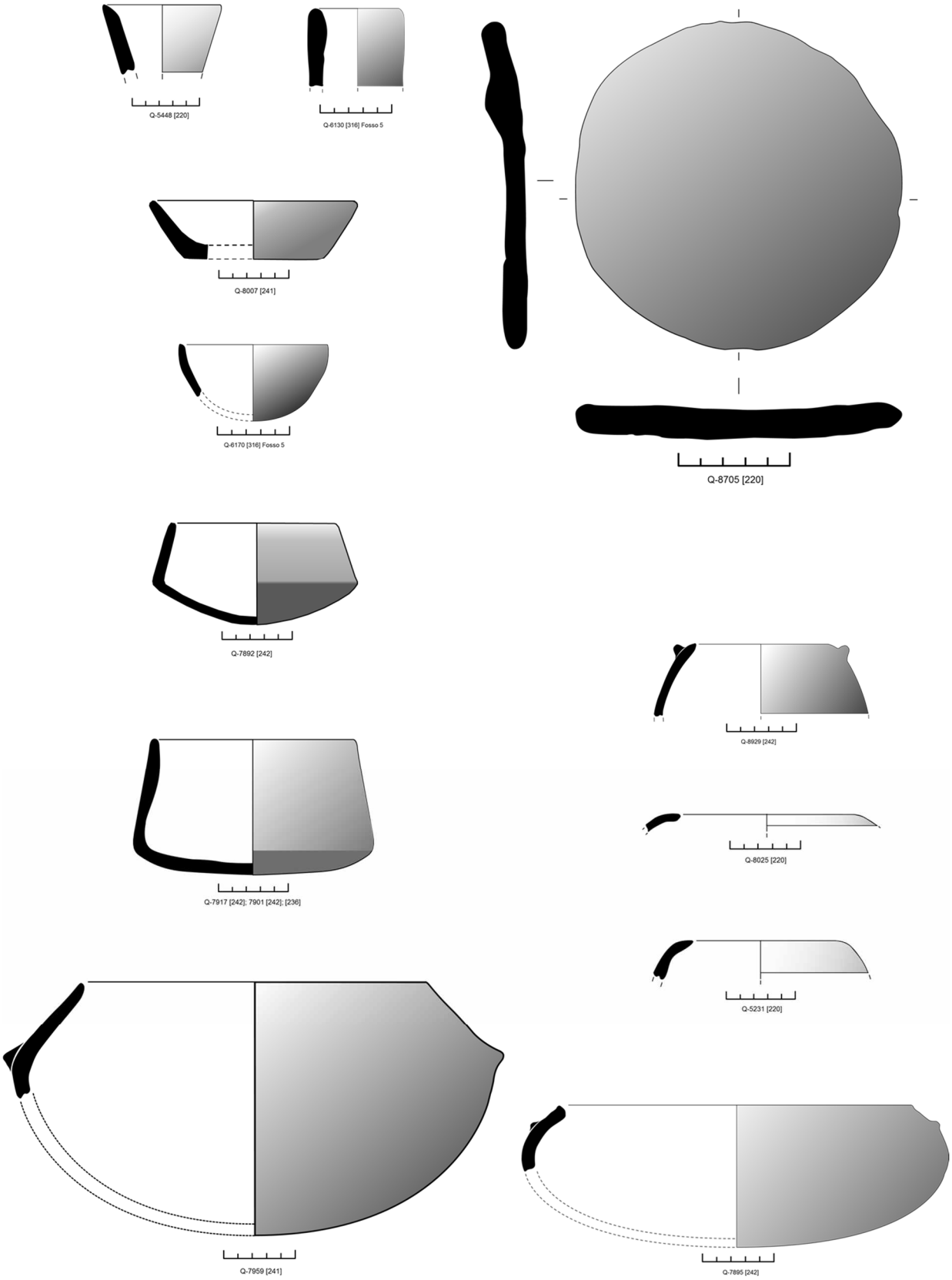


Figura 5.11 – Recipientes cerâmicos do Hipogeu 1.

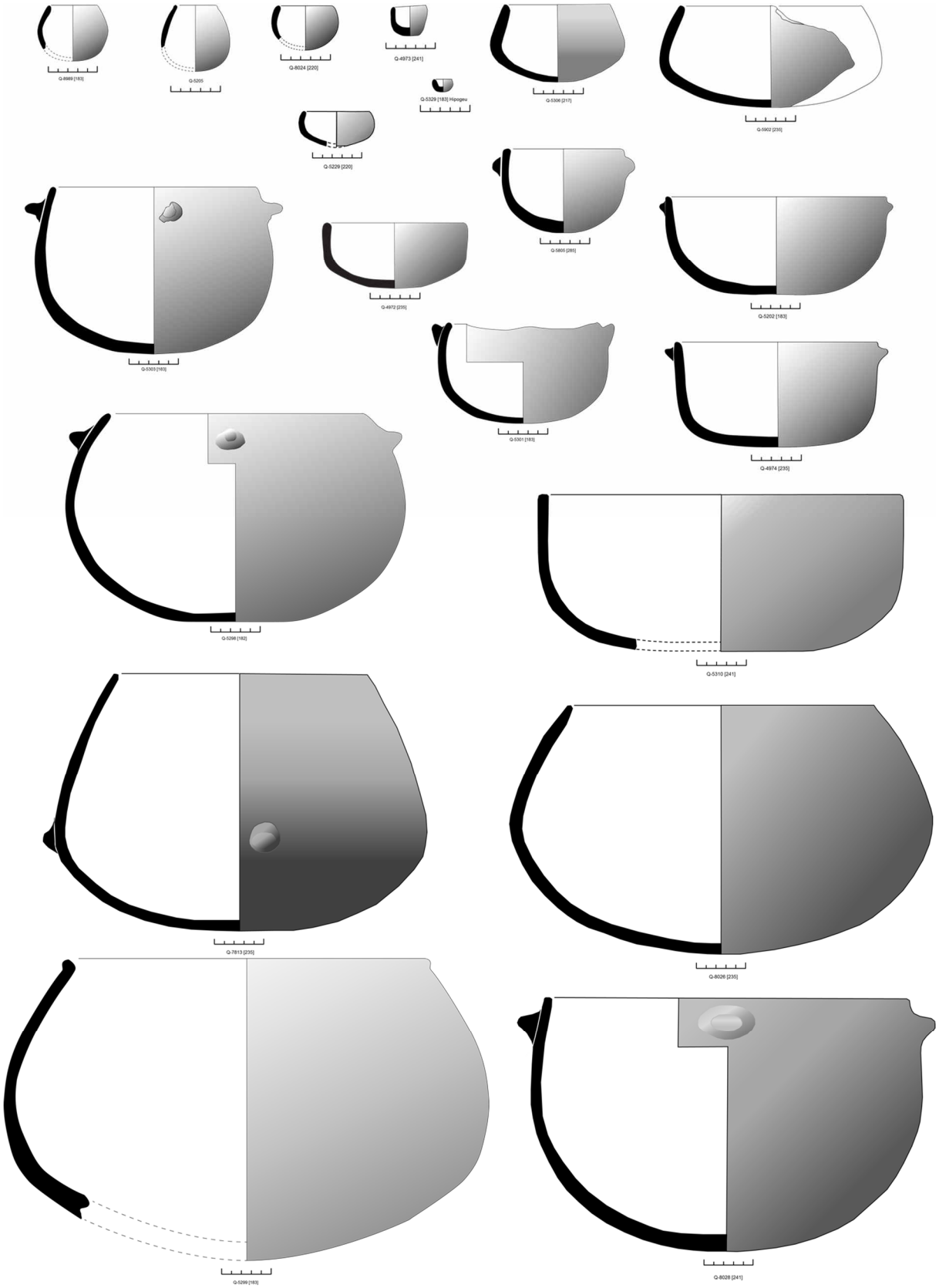
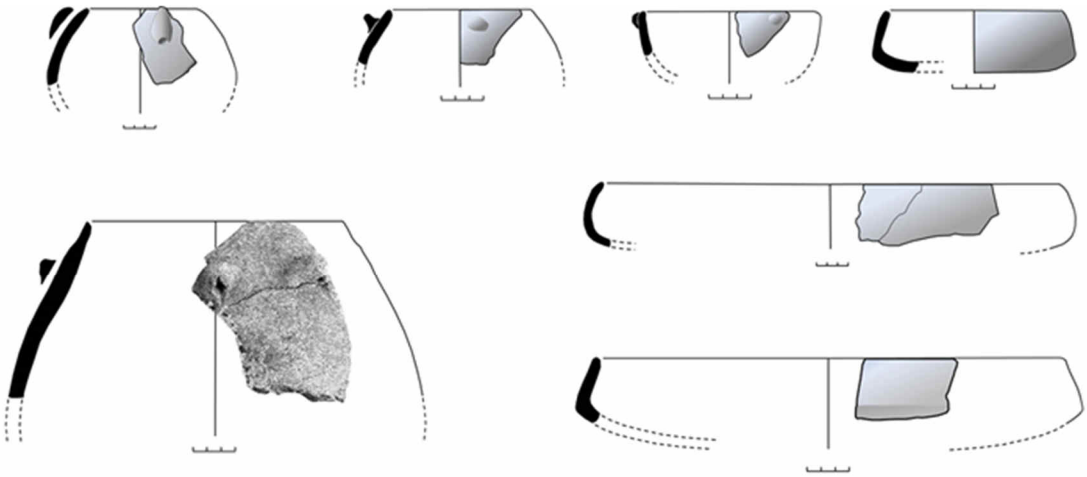
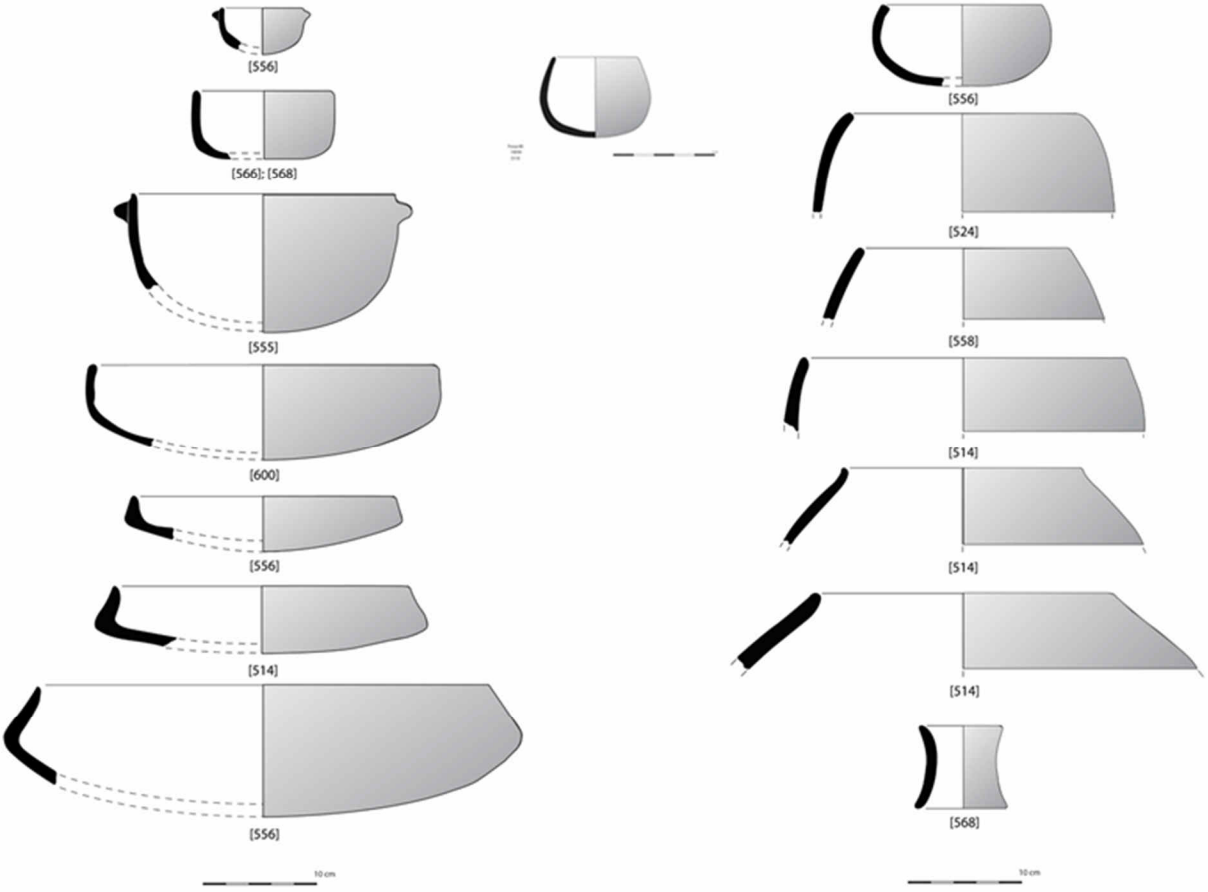


Figura 5.12 – Recipientes cerâmicos do Hipogeu 1.

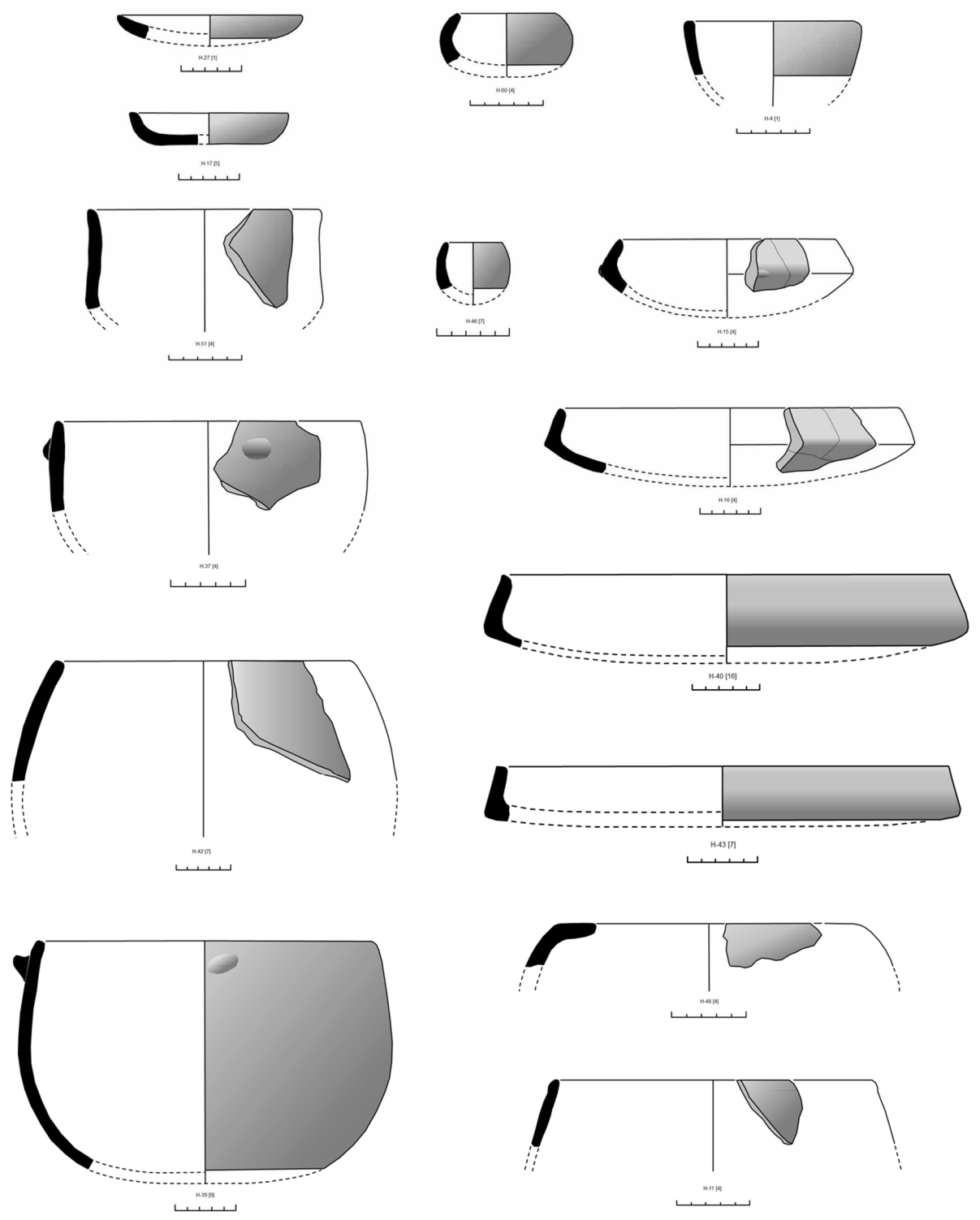


Fosso 12



Fossa 80

Figura 5.13 – Recipientes cerâmicos do Fosso 12 e Hipogeu 2 (Fossa 80).



Fosso 11

Figura 5.12 – Recipientes cerâmicos do Fosso 11.

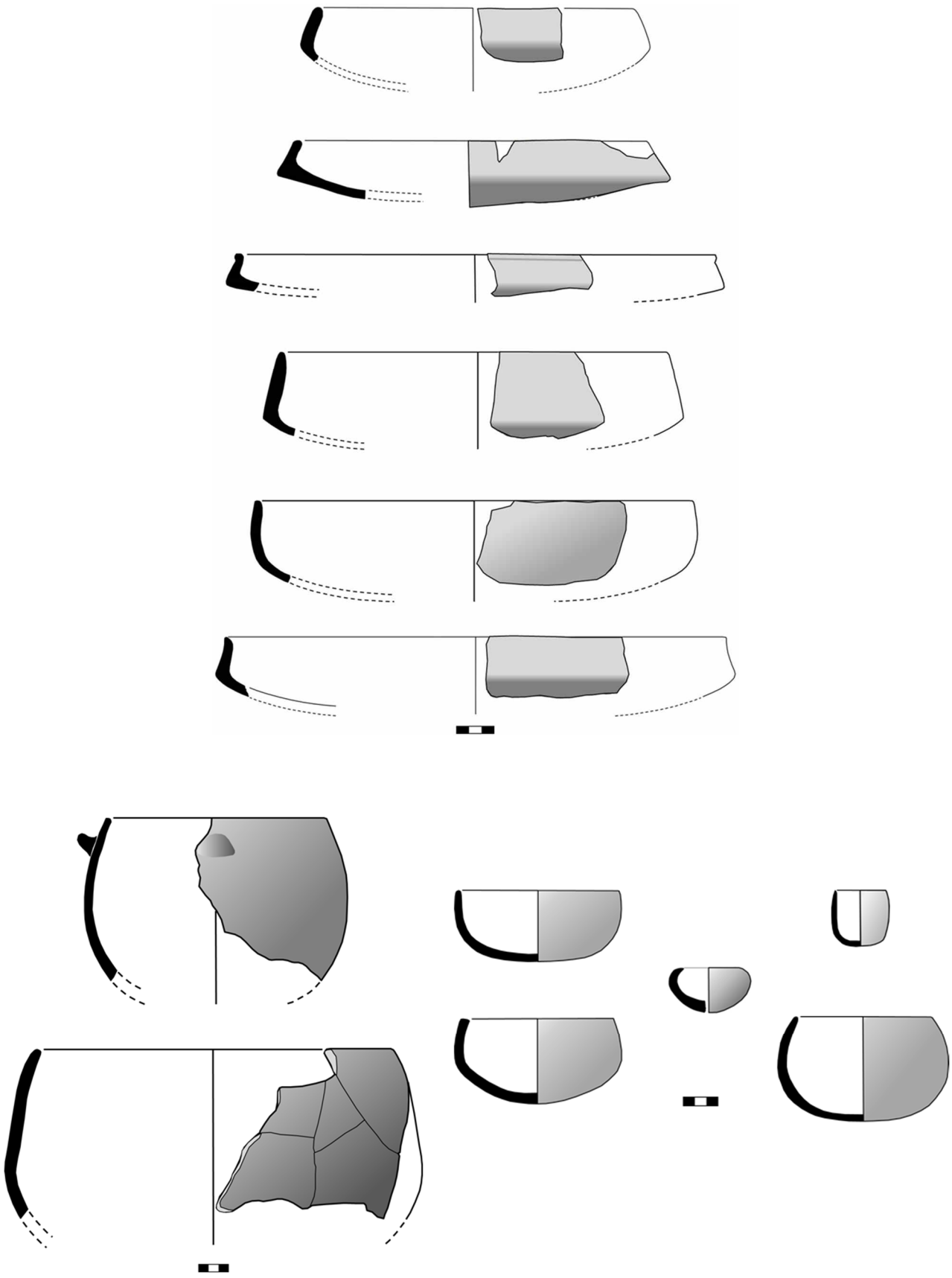


Figura 5.13 – Recipientes cerâmicos do Fosso 6.

Na globalidade do conjunto regista-se igualmente uma alteração ao nível da relação entre recipientes abertos e fechados. Considerando que os pratos, as tigelas abertas e todas as taças, mesmo quando os bordos são reentrantes (como acontece com as carenadas), são recipientes genericamente rasos e abertos, a percentagem sobe para 45,3%, mantendo-se, ainda assim, um ligeiro predomínio de formas fechadas.

Por outro lado, as decorações nas cerâmicas fazem igualmente o seu aparecimento nesta fase, ainda que com muito baixa representatividade e com relativamente reduzida variedade estilística. Foram registados 40 bordos com decoração e 22 bojos. A percentagem de decoração é de 1,15%, correspondendo à relação do número de bordos decorados com o total de bordos (2054 com atribuição de forma e 1409 sem atribuição de forma).

Em termos formais, apenas 36 fragmentos cerâmicos decorados permitiram atribuição de forma, verificando-se que a decoração predomina nos recipientes de tendência fechada (58,3%) sobre os abertos (41,7%), sendo que a alta percentagem de abertos se fica a dever sobretudo à decoração de taças carenadas com mamilos sobre a carena. Já nos recipientes fechados os tipos decorados predominantes são os esférico/globulares e globulares achatados (Tabela 5.3).

Tabela 5.3 – Fragmentos cerâmicos decorados por tipo e contexto.

Tipo	Fosso 6	Fosso 8	Fosso 5	Fosso 12	Hip. 1	Hip. 2	Total
2	0	3	0	0	1	0	4
3	0	0	1	0	6	1	8
4	1	3	1	0	2	2	9
5	0	5	0	0	0	0	5
6	0	4	0	0	0	3	7
10	0	1	0	0	1	0	2
13	1	0	0	0	0	0	1
Inc	0	9	2	3	8	4	26
Total	2	25	4	3	18	10	62

No que respeita à técnica (Tabela 5.4), predomina a incisão (32,3%), seguida de perto da decoração plástica (30,6%) e da impressão (27%). A conjugação de técnicas é pouco representativa, registando-se a Incisão/Impressão (5%), plástica/impressão (3,3%) e a plástica/incisão (1,6%).

Já em termos estilísticos, a organização mais frequente é à base de linhas incisas paralelas verticais, rematadas ou não por uma ou duas linhas horizontais junto ao bordo (Figura 5.5 – tipo 2). Outras organizações incisas correspondem a linhas ou caneluras paralelas ao bordo, associadas ou não a traços diagonais. São, contudo, pouco representativas.

Tabela 5.4 – Fragmentos cerâmicos decorados por técnica e contexto.

Técnica	Fosso 8	Hip. 1	Fosso 6	Fosso 5	Fosso 12	Hip. 2	Total	%
Incisão	17	1	0	1	0	1	20	32,3%
Impressão	4	7	1	1	2	2	17	27%
Incisão/Impressão	2	0	0	0	0	1	3	5%
Plástica	2	10	1	2	1	3	19	30,6%
Plástica/Impressão	0	0	0	0	0	2	2	3,3%
Plástica/Incisão	0	0	0	0	0	1	1	1,6%

Igualmente bem representada está a decoração plástica, com alguns cordões horizontais ou verticais (mais raros) e sobretudo mamilos, simples ou múltiplos, por vezes geminados, na maioria das situações apostos sobre carenas.

Regista-se a presença de triângulos incisos preenchidos por traços ou por ponteado, neste último caso com uma situação de preenchimento a pasta branca, correspondendo a um motivo da tradicionalmente designada decoração simbólica (Figura 5.15), a qual é igualmente representada por um motivo solar na base externa de uma taça carenada (Figura 5.16). Ainda relativamente aos motivos ou elementos das organizações simbólicas, é de destacar um pequeno recipiente com bandas abrangentes de finas ungulações (Figura 5.17), bandas que podem ocorrer naquelas organizações, como documenta o recipiente com decoração simbólica recolhido no átrio do Sepulcro 2 dos Perdigões (Valera *et al.,* 2000: figura 13).

Finalmente, ocorrem organizações à base de puncionamentos verticais, gerando linhas ou manchas aleatórias ponteadas, e organizações abrangentes à base de ungulações profundas e sucessivas (Figura 5.15).

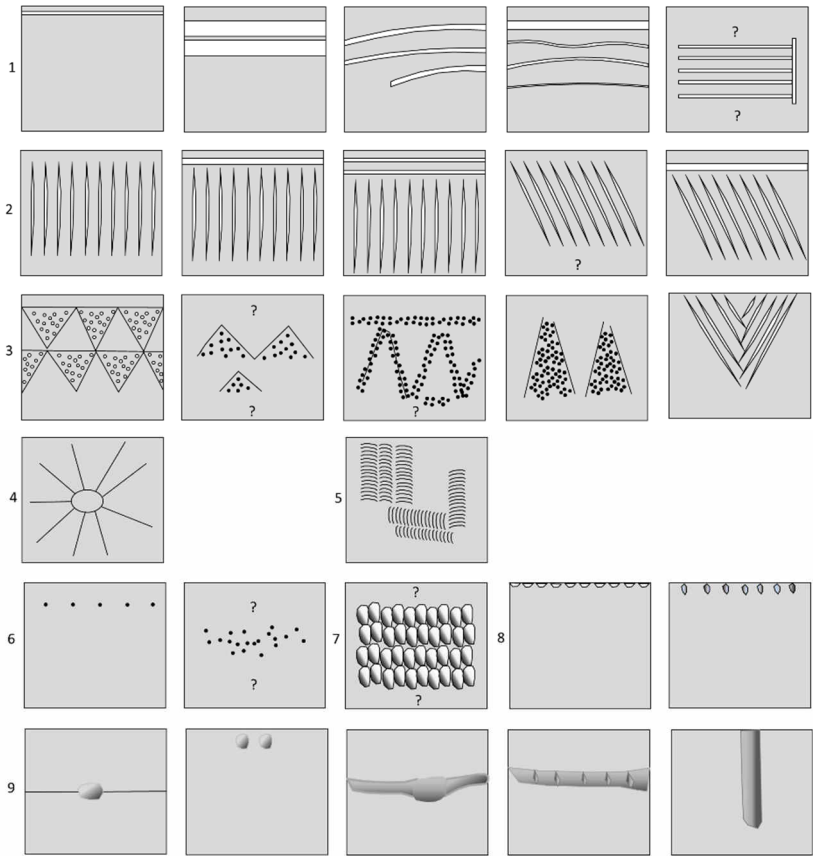


Figura 5.14 – Tabela de motivos e organizações decorativas para o Neolítico dos Perdigões (Fase 2).

Relativamente à primeira fase, observa-se também a presença assídua de recipientes de maiores dimensões, nomeadamente nos tipos 4.2, 6 e 7 (grandes tigelas, frequentemente com duas ou quatro pegas, globulares achatados e vasos em saco). Novos tipos, ainda que com baixa frequência, proporcionam uma imagem um pouco mais diversificada do aparelho cerâmico, onde inclusivamente surgem recipientes minúsculos, cuja funcionalidade não é facilmente discernível (Figura 5.18). Algo que se aproxime ao nosso conceito de brinquedo? Miniaturização com significados próximos da observada, por exemplo, nas figurinhas calcolíticas?

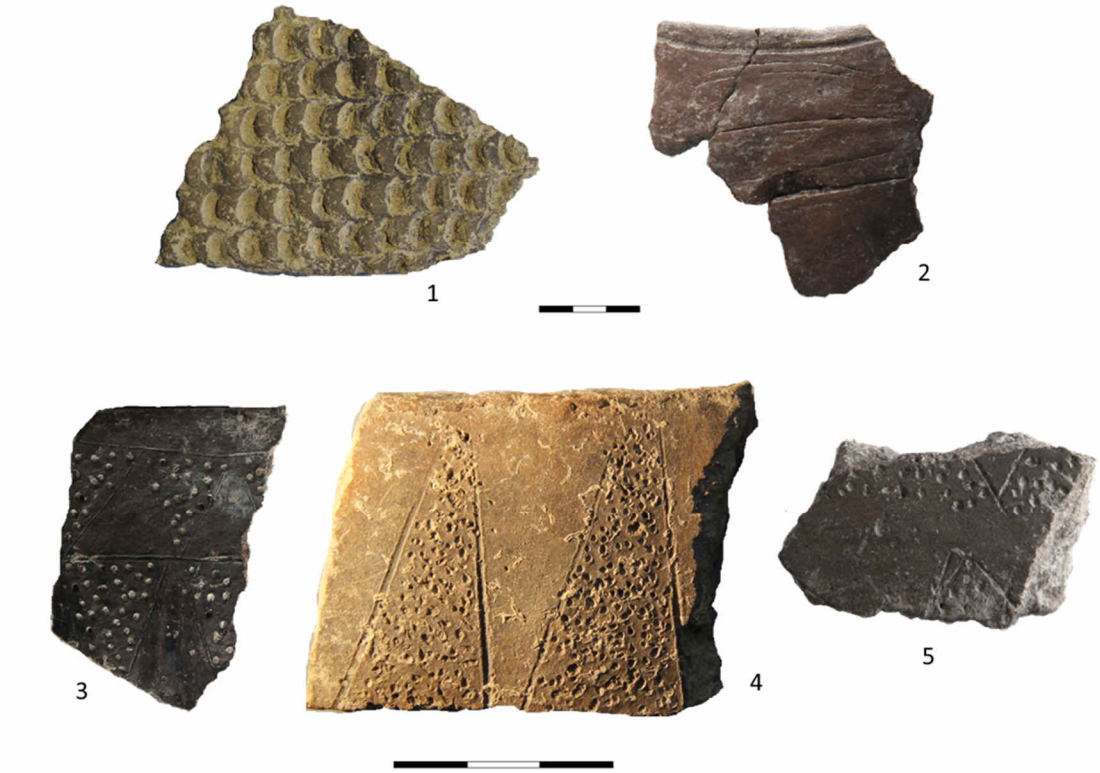


Figura 5.15 – Alguns dos fragmentos decorados do Neolítico Final nos Perdigões. 1 e 4 – Hipogeu 1; 2, 3 e 5 – Fosso 8. O 3 apresenta preenchimento a pasta branca.

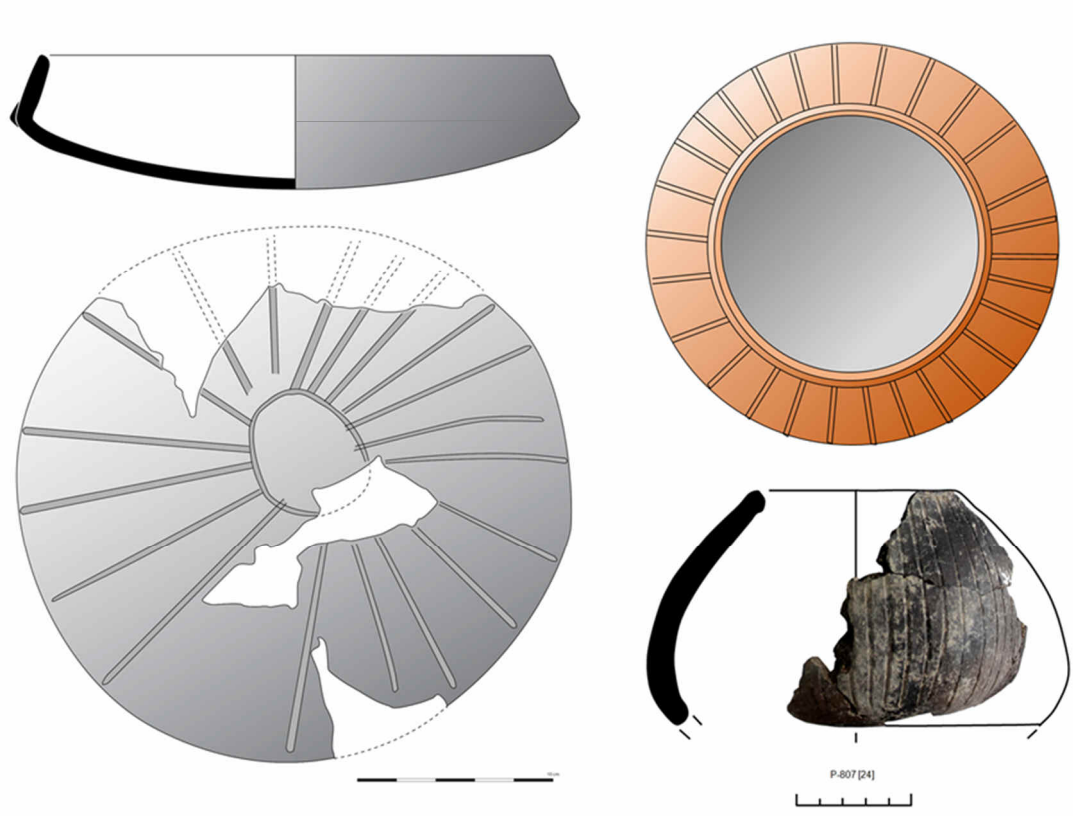


Figura 5.16 – Taça carenada com motivo solar inciso na base, pelo exterior (Hipogeu 2); recipiente decorado com traços inciso verticais paralelos (Fosso 8)

Figura 5.17 – Pequeno esférico achatado decorado com bandas de finas ungulações (Fosso 6).

Figura 5.18 – Mini vasos provenientes do Hipogeu 1 e Fosso 8.

Este quadro morfológico e estilístico encontra inúmeros paralelos em contextos congéneres de recintos de fossos atribuíveis ao Neolítico Final do Sudoeste Peninsular, em sítios como Juromenha 1 (Mataloto *et al.,* 2018), Ponte da Azambuja (Rodrigues, 2015), Moreiros 2 (Peace, 2015), Porto Torrão (Valera, Filipe, 2004), ou Papa Uvas (Martín de la Cruz, 1985; 1986), para referir apenas os que apresentam conjuntos cerâmicos alargados estudados e publicados, mas também em *habitats* abertos, como no Moinho Valadares 1 (Valera, 2013) ou Foz do Enxoé (Diniz, 1999). Destaque apenas para a percentagem de taças carenadas (20,7%), um pouco superior ao que vários destes outros sítios apresentam (cerca de 10% em Juromenha 1, 15% no Fosso 1 do Porto Torrão, 8% em Moreiros 2 e 14% no Moinho de Valadares1 – Mataloto *et al,* 2018; Valera, Filipe, 2004; Peace, 2015; Valera, 2013), ficando contudo longe do 60% alcançados na Ponte da Azambuja (Rodrigues, 2015).

A mesma imagem de homogeneidade é proporcionada pelas organizações e técnicas decorativas, sendo a decoração sempre percentualmente muito baixa. A decoração plástica à base de cordões horizontais e verticais é comum à grande maioria daqueles sítios, o mesmo acontecendo relativamente à frequente presença de mamilos simples, duplos, geminados ou múltiplos e bordos ou cordões denteados. Os motivos incisos e impressos podem apresentar alguma variedade, em alguns casos evocando tradições mais antigas, mas os mais frequentes são os puncionamentos a topo formando manchas ou linhas de ponteados, a linhas incisas genericamente paralelas ou perpendiculares ao bordo e os triângulos.

No caso das decorações até ao momento identificadas nos Perdigões durante o Neolítico Final, três organizações específicas merecem algum destaque. A primeira pelo seu carácter exclusivo. Trata-se da organização abrangente à base de ungulações profundas e sucessivas (Figura 5.15: 1), sendo que está representada nos Perdigões por vários fragmentos registados em três estruturas distintas (Hipogeu 1, Hipogeu 2 e Fosso 5). A segunda diz respeito aos triângulos preenchidos com pontos, por vezes com preenchimento destes com pasta branca, enquadráveis na estilística da tradicionalmente designada "decoração simbólica" que encontra a sua maior expressão dentro do 3º milénio AC. A sua presença nos contextos do Neolítico Final dos Perdigões, assim como em Juromenha 1 (Mataloto *et al.,* 2018), Papa Uvas (Martín de la Cruz, 1985; 1986) e no Fosso 1 do Porto Torrão (Valera, Filipe, 2004) demonstram claramente a sua emergência ainda dentro do 4º milénio AC. Isso mesmo é também reforçado pela representação solar na base externa da taça carenada recolhida no Hipogeu 2. Se as representações solares são relativamente frequentes em contexto Calcolítico, o seu aparecimento na cerâmica ocorre igualmente no Neolítico Final, como bem documenta o caso vertente, que se associa às taças carenadas decoradas com um sol no seu interior registadas no Cabeço do Cubo (Gonçalves, 1989: 455) e na Ponte da Azambuja (Rodrigues, 2015: 143), sendo mais um dos elementos iconográficos que reforça a trajectória de continuidade entre o 4º e o 3º milénio AC. A terceira organização é uma das mais frequentes nos Perdigões (dentro do que é a raridade da decoração) e corresponde aos traços paralelos perpendiculares ao bordo, que podem ou não estar associados a uma ou duas finas caneluras horizontais junto a esse mesmo bordo. É uma organização comum a outros sítios, como Papa Uvas, Moinho de Valadares 1 ou Foz do Enxoé e é utilizada predominantemente em recipientes fechados. Esta circunstância confere à decoração, quando o recipiente é visto de cima, uma organização raiada, em que a boca do recipiente funciona como o círculo central a partir do qual os traços verticais saem como se fossem raios (Figura 5.16). Podemos, pois, questionar se não estaremos perante uma forma específica de representação solar que usa na própria organização a morfologia do recipiente e uma perspectiva particular. Note-se que as representações solares na base dos recipientes, tanto interiores como exteriores, também implicam perspectivas específicas para serem vistas, num jogo de visibilidade e invisibilidade.

5.2 "CACHIMBOS" E COLHERES" (A.C. VALERA)

Outros objectos cerâmicos presentes na fase 2 do Neolítico dos Perdigões são os possíveis cachimbos e as colheres.

No que respeita aos possíveis cachimbos, são duas peças, uma proveniente do Fosso 8 e outra do Fosso 6, as quais se conservam quase na íntegra (apresentam a extremidade do cabo fracturado). Tratam-se de peças semelhantes às colheres, mas mais fechadas, com uma concha ovalada, mas onde o cabo se apresenta perfurado longitudinalmente, transformando-o num tubo que conecta com a concha (Figura 5.19). A concha da peça proveniente do Fosso 8 (Figura 5.19: 1) apresentava a superfície interna queimada e com cinza agarrada, revelando que foi submetida a fogo e sugerindo a sua utilização como cachimbo. O tubo destas peças poderia ser prolongado através do seu encaixe em tubos de osso mais compridos.

Este tipo de tubos em osso é conhecido no Sul Peninsular, na Cova de lÓr e Cueva de Los Murciélagos de Zuheros, onde têm sido associados à inalação de fumos de alucinogénios (Guerra Doce, 2006: 254-256).

Estas peças dos Perdigões nada têm a ver com os recipientes de "pitorro" conhecidos em Papa Uvas (Martín de la Cruz, 1985, Fig.50), os quais se tratam de verdadeiros recipientes que na base apresentam um tubo espesso perfurado, e que têm sido interpretados como possíveis "biberons". Um tubo desse género foi igualmente registado na Ponte da Azambuja (Rodrigues, 2015). As peças dos perdigões são bastante mais pequenas e os tubos substancialmente mais finos, viabilizando o seu prolongamento em osso através de um encaixe.

As colheres são sempre de dimensões relativamente grandes, apresentando uma concha alongada e de plano ovalado, normalmente não muito profundas, com excepção de uma que se apresenta mais fechada (Figura 5.20: 5). Os cabos estão sempre fragmentados na zona de junção à concha, sendo difícil de estimar o seu comprimento que, com base em exemplares preservados da fase calcolítica, não deveriam ser muito prolongados.

Fora registados sete exemplares destas peças, provenientes do Hipogeu 2 (três), Fosso 5 (um), Fosso 8 (dois) e Fosso 12 (um fragmento de cabo).

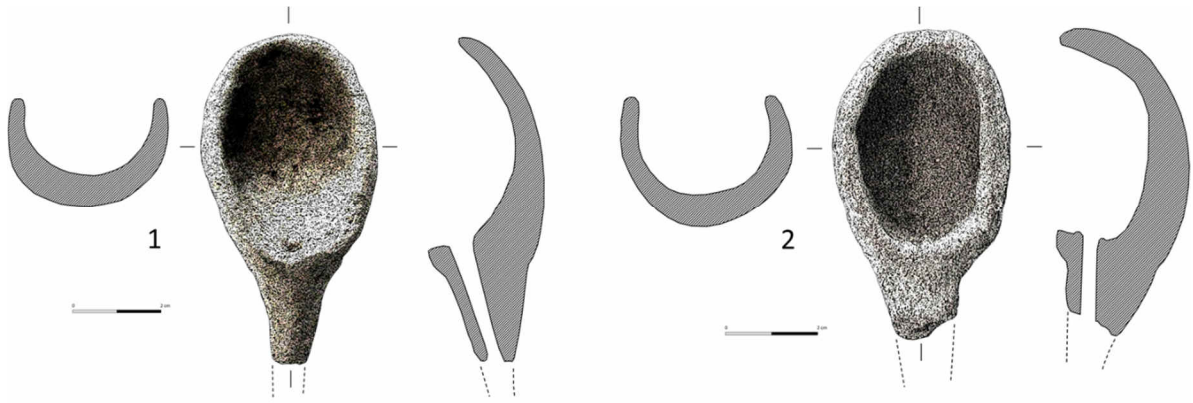


Figura 5.19 - Cachimbos (?).

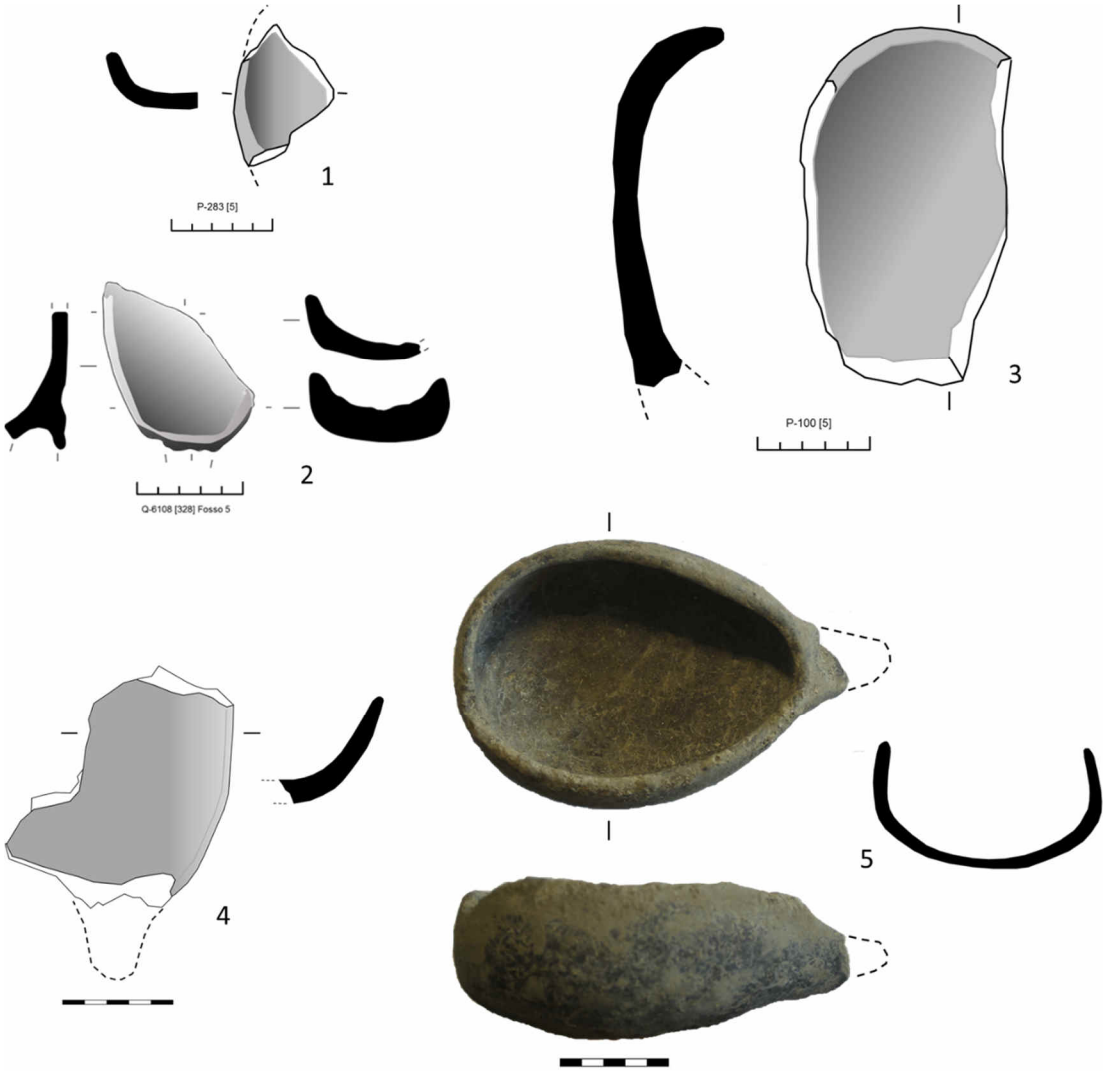


Figura 5.20 - Colheres.

5.3 OS ELEMENTOS DE TECELAGEM, DISCOS EM CERÂMICA (A.C. VALERA)

Os elementos de tecelagem, vulgo pesos de tear, registados nos contextos neolíticos dos Perdigões são relativamente escassos, sobretudo quando comparados com os vários milhares de registos existentes para os contextos calcolíticos do sítio. Acresce que, uma significativa percentagem dessas peças provém do topo de enchimentos de estruturas ainda afectadas por marcas de surriba, podendo alguns corresponder a intrusões calcolíticas a partir dos depósitos posteriores que as cobriam.

No total, foram registados 33 fragmentos de pesos, correspondendo 3 a placas e 30 a crescentes. Três destes registos ocorrem em fossas atribuídas à fase inicial do Neolítico dos Perdigões (Fossas 64 e 65), mas no topo dos seus enchimentos. Os restantes integram-se na segunda fase: 2 no Hipogeu 1, 17 no Fosso 6, 9 no Fosso 12, 1 no Fosso 11 e 1 no Fosso 5. Sublinhe-se que, com excepção de um dos dois registos do Hipogeu 1 (que se encontrava na base dos enchimentos desta estrutura), todos os restantes se encontravam no último ou num

dos últimos depósitos de enchimento destas estruturas. Esta circunstância reforça a imagem de significativa escassez ou total ausência destes materiais nos momentos mais antigos da fase neolítica dos Perdigões, indiciando que a actividade a que se encontravam ligados teria pouca expressão nos recintos.

Relativamente à convivência de crescentes e placas durante a segunda metade do 4º milénio, ela está igualmente atestada noutros contextos, como acontece no Moinho de Valadares 1 (Gomes, 2013), também com preponderância dos crescentes, ou em Moreiros 2 (Peace, 2015).

A relativa escassez ou mesmo ausência de pesos de tear é uma situação comum a outros recintos de fossos Neolíticos, como acontece no Fosso 1 de Porto Torrão (Valera, Filipe, 2004), Juromenha 1 (Mataloto *et al*., 2018) ou Horta Nova 4 (Valera *et al.,* 2017).

Um outro tipo de materiais que pontualmente ocorre corresponde a discos cerâmicos feitos a partir de fragmentos de bojos, que são lascados e polidos nas fracturas até se obter uma forma circular. Foram registados cinco exemplares, sendo dois provenientes do Fosso 8, um do Fosso 5 e dois do Hipogeu 2.

Por último, referência à ausência de cinchos. Estas peças têm vindo a ser identificadas em contextos do Neolítico Final alentejano, como acontece na Ponte da Azambuja (Rodrigues, 2015) ou Moreiros 2 (Boaventura, 2006; Peace, 2015), embora a sejam escassos em sítios desta cronologia. A valorização desta ausência no Neolítico dos Perdigões poderá relacionar-se com o padrão de abate registado em ovicaprinos (Cf. Capítulos 7 e 9), onde se privilegia animais juvenis, revelando a pouca importância concedida à exploração de produtos secundários.

Por último, registe-se ainda a presença de um grande disco em cerâmica interpretado como tampa em cerâmica, ao qual foi atribuído o tipo 15. Trata-se de uma peça única no sítio, onde existem outros grandes discos interpretados como tampas de recipientes, mas em xisto.

5.4 INSTRUMENTOS MUSICAIS (?) (A.C. VALERA)

Nos contextos Neolíticos dos Perdigões foram, até ao momento, recolhidas três peças susceptíveis de serem interpretadas como instrumentos musicais. A primeira corresponde à peça subtipo 17, com uma morfologia idêntica aos tradicionalmente designados vasos suporte, mas com um mamilo perfurado pelo interior. É a presença de mamilos perfurados no interior levanta que permite levantar algumas questões relativamente à sua funcionalidade como efectivo suporte, para a qual não se descortina a utilidade dos referidos mamilos. O mesmo se pode dizer relativamente à suspensão da própria peça. Poderiam eventualmente servir para prender alguma forma de revestimento, como o esticar de uma pele numa das extremidades, transformando esta peça num pequeno tambor. Uma peça idêntica existe em Valencina de la Concepción, estando exposta no Museu de Sevilha (Figura 5.21:2), mas sem qualquer indicação de cronologia ou funcionalidade atribuída. Estas peças têm grandes semelhanças morfológicas com alguns tambores pré-históricos da Europa central (Aiano, 2006).

As outras duas peças correspondem a duas falanges de suídeo que apresentam uma perfuração circular central do lado dorsal (Figura 5.22), sendo uma proveniente do Hipogeu 1 (Neolítico Final) e outra da Fossa 69 (Neolítico Médio). Apesar da questão do carácter intencional humano da presença de perfurações em ossos mais ou menos tubulares e em falanges provenientes de contextos pré-históricos ser bastante debatida (Caldwell, 2009), no caso destas peças dos Perdigões a perfeição da circularidade das perfurações deixa pouca margem para dúvidas sobre a sua origem antrópica e intencional. As dúvidas centrar-se-ão mais no que respeita à função destas perfurações e destas peças. Desde o século XIX que peças

semelhantes registadas em contextos paleolíticos têm sido interpretadas como instrumentos acústicos, tese que algumas experiências vieram a considerar viável (Dauvois, 1989). Estudos etnográficos têm suportado esta interpretação (caso da confederação de tribos Iroquois da América do Norte), mas têm igualmente sugerido hipóteses alternativas, como dão exemplo as comunidades siberianas e da Gronelândia que utilizam falanges perfuradas como figurinhas antropomórficas usadas como amuletos (*Idem*).

A classificação destas peças como dispositivos acústicos não é, pois, indiscutível, e é apresentada aqui apenas como um possibilidade interpretativa, que sobretudo procura sublinhar a importância que a dimensão acústica, tão pouco explorada pela investigação peninsular, certamente teria para estas comunidades neolíticas.

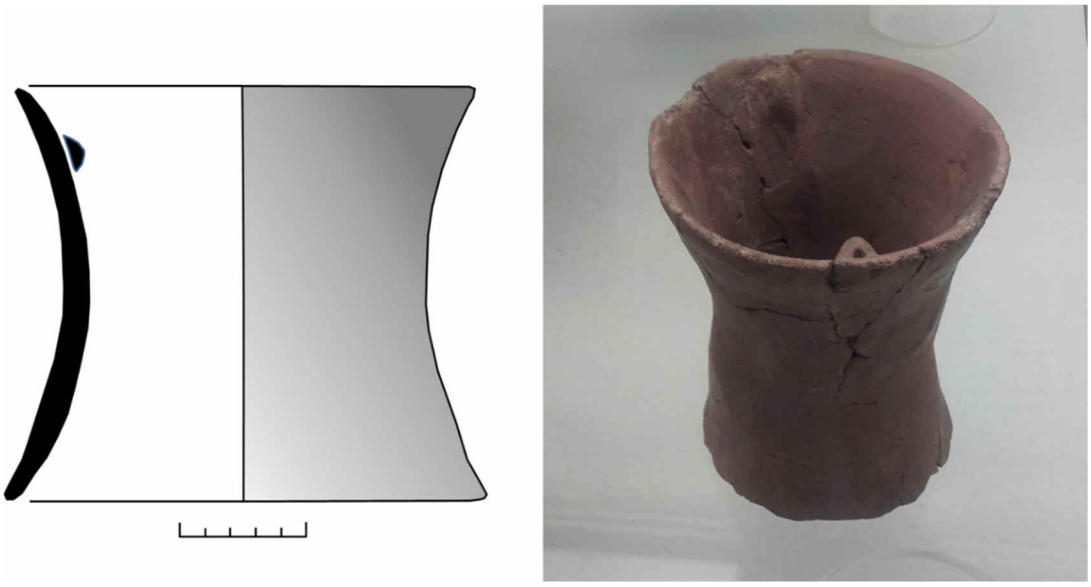


Figura 5.21 – 1 – Vaso suporte do Hipogeu 1 dos Perdigões (esc. 5 cm); 2 – Vaso suporte de Valencina de la Concepción, exposto no Museu de Sevilha.

Figura 5.22 - Falanges de suídeo perfuradas.

5.5 PEDRA TALHADA, PEDRA POLIDA E MOAGEM (A.C. VALERA)

O tratamento da componente material em pedra aqui realizada corresponde a uma abordagem essencialmente tipológica e de economia de matérias-primas, deixando as questões de natureza mais tecnológica e de traceologia para outra fase de estudo. Assim, foram constituídas três categorias artefactuais: pedra talhada, pedra polida e elementos de moagem.

5.5.1 Pedra Talhada

O conjunto de materiais de pedra talhada analisados é constituído por 3026 registos, 674 (22,3%) dos quais correspondem à Fase 1 (final do Neolítico Médio) e 2352 (77,7%) são referentes à Fase 2 (Neolítico Final), revelando um aumento significativo dos números da primeira para a segunda fase, acompanhando o registado nas outras categorias artefactuais. Os materiais da Fase 1 são provenientes de 10 fossas e 2 fossos (Fossas 33, 48, 49, 62, 64, 65, 69, 72, 75, 82 e Fossos 13 e 14) e os da Fase 2 de cinco fossos e um hipogeu (Fossos 5, 6, 8, 11 e 12 e Hipogeu 1).

Em termos de matéria prima (Tabela 5.17), os recursos utilizados foram o quartzo, o quartzo hialino, o quartzito, o sílex, o chert e o jaspe. O quartzo é claramente dominante (88,4%), seguido do quartzito (9,9%), sendo as restantes rochas vestigiais (sílex 1,1%, quartzo hialino 0,4%, Chert 0,3%, Jaspe 0,05%). Este padrão é genericamente o mesmo nas duas fases (Gráfico 5.3).

Tabela 5.17 – Peso das matérias primas presentes na colecção de pedra talhada analisada. (não se contabilizaram percutores, bigornas e seixos).

Fase	Estrutura	Matéria Prima					
		Quartzo	Qtz Hialino	Quartzito	Sílex	Chert	Jaspe
Fase 1 (Final do Neolítico Médio)	Fosso 13	193	0	390	0	0	0
	Fosso 14	194	0	0	0	0	0
	Fossa 33	200	0	0	5,1	0	0
	Fossa 48	356	0	1	0,3	0	0
	Fossa 49	70	0	0	0	0	0
	Fossa 62	269	0	0	0	4	0
	Fossa 64	445	4	0	0,4	0	0
	Fossa 65	210	0	16	6	0,2	0
	Fossa 69	107	0	0	0	0	0
	Fossa 72	8,7	0	17	0	0	0
	Fossa 75	63	0	0	0	0	0
	Fossa 82	660	10	2	0,5	0	0
	Total	2775,7	14	426	12,3	4,2	0
Fase 2 (Neo. Final)	Fosso 5	1020,5	0	0	5	2	0
	Fosso 6	981,5	0	37	6,5	0	5
	Fosso 8	1795,7	0,2	198	20	0	0
	Fosso 11	121	0	0	0	0	0
	Fosso 12	1651,5	9	235	15	10	0
	Hipogeu 1	4042	30	489	90	20	0
	Total	9612,2	39,2	959	136,5	32	5
Total Geral		12387,9	53,2	1385	148,8	36,2	5

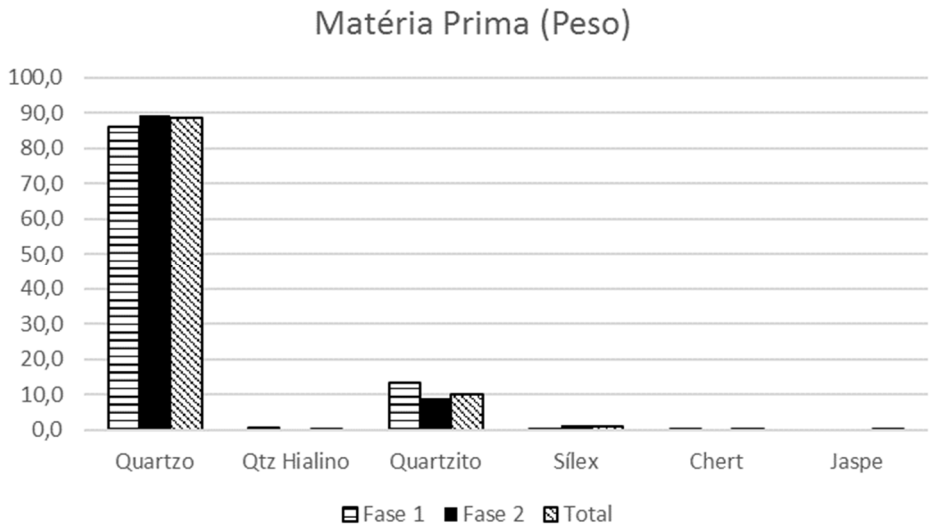


Gráfico 5.3 – Relação das matérias primas for Fase.

5.5.1.1 Fase 1

Nesta fase observa-se uma predominância do material de debitagem (MD), com 55,8%, seguido pelos produtos brutos de debitagem (PBD), com 40,2%. Os utensílios/artefactos (que englobam peças transformadas por retoque e PBD com marcas de uso) correspondem a apenas 4%. Contudo, dado que a grande maioria do material é em quartzo, material no qual as marcas de uso não são facilmente reconhecíveis sem recurso a microscópio, é possível que os PBD com marcas de uso estejam sub representados e os PBD proporcionalmente sobre representados.

A produção de pedra talhada revela uma clara orientação para a produção de lascas, facto que se documenta nos núcleos (63,6% são para a produção de lascas), nos PBD (73,8% são lascas) e nos utensílios/artefactos (55,5% são sobre lasca). Nos PDB as lamelas, normalmente pequenas e irregulares por serem quase exclusivamente realizadas sobre quartzo, correspondem a 24% e as lâminas, igualmente pequenas, a 2,2%. Apenas cinco utensílios/artefactos são sobre lamela (18,5%), um entalhe e dois denticulados, e dois sobre lâmina (7,4%), um denticulado e uma lâmina com marcas de uso.

Em termos de utensílios/artefactos a variedade é relativamente restrita (Tabela 5.18), estando presentes lascas e lâminas com vestígios de uso, lascas retocadas, entalhes sobre lamela (3) e lasca (1), denticulados pouco profundos (correspondendo a uma pequena serrilha) sobre lasca (3) lamela (2) e lâmina (1), e quatro geométricos (um trapézio assimétrico, um crescente, um triângulo e um irregular, realizados sobre pequenas lascas ou lamelas de quartzo). Note-se a total ausência de pontas de seta e a raridade de segmentos de lâmina em sílex retocados (1) ou com vestígios de uso (1) normalmente associados a elementos de foice, assim como a pouco expressão da macro utensilagem sobre seixo.

A predominância e variedade do MD, nomeadamente de restos de debitagem / esquírolas, 11 núcleos, material de reavivamento (um flanco de núcleo) e de dois percutores atestam claramente o talhe local, que recorre quase exclusivamente ao quartzo, sendo o material lítico exógeno ao espaço local claramente residual. A presença de algumas pequenas esquírolas em sílex revela, contudo, também a existência de talhe desta matéria prima, mas possivelmente relacionada com a reciclagem de peças, já que não existem núcleos e outro tipo de material de debitagem nesta rocha.

Tabela 5.18 – Material lítico talhado para a Fase 1 do Neolítico dos Perdigões.

		Fase 2 (Neolítico Final)													
	Categoria	Fosso 13	Fosso 14	Fossa 33	Fossa 48	Fossa 49	Fossa 62	Fossa 64	Fossa 65	Fossa 69	Fossa 72	Fossa 75	Fossa 82	Totais	Totais
Material de debitagem	Percutor				1								1	**2**	
	Bigorna													**0**	
	Fragmentos inclassificáveis	12	9	10	6	12	10	25	17	3	3	3	24	**134**	
	Restos de talhe / Esquírolas	1	1	54	19	2	1	26	22	1			98	**225**	
	Núcleos														
	Prismático lamelas		1											**1**	**376**
	Prismático lascas							1						**1**	
	Informes lamelas			1				1					1	**3**	
	Informes lascas	1								2			2	**5**	
	Discoide para lascas		1											**1**	
	Flaco de núcleo	1												**1**	
	Peça esquirolada	1											2	**3**	
Produtos brutos de debitagem	Lascas	9	6	26	19	7	11	44	16	4	3	2	31	**178**	
	Corticais				3			3					13	**19**	
	Parcialmente corticais			1							1		1	**3**	
	Lamelas	1	5	4	10	2	5	1	4				13	**45**	
	Proximal			2	2								1	**5**	
	Mesial			2	2		1	1			1			**7**	**271**
	Distal			1									2	**3**	
	Prox/Meso			2	1			1					1	**5**	
	Lâminas			1				1					1	**3**	
	Mesial			1				1						**2**	
	Distal							1						**1**	
Utensílios / Artefactos	Lascas uso												1	**1**	
	Corticais												2	**2**	
	Parcialmente corticais												2	**2**	
	Lâminas mesial/distal retocada			1										**1**	
	Lascas retocadas			2			1	1					2	**6**	**27**
	Denticulados												6	**6**	
	Geométricos				3								1	**4**	
	Entalhe sobre lasca	1												**1**	
	Entalhe sobre lamela								2	1				**3**	
	Seixos talhados	1												**1**	
	Totais	**28**	**23**	**108**	**66**	**23**	**29**	**107**	**61**	**11**	**8**	**5**	**205**	**674**	

O material distribui-se por todas as estruturas desta fase intervencionadas, excepto pelo Fosso 15, o qual de um modo geral revelou muito pouco material (tanto cerâmico, como lítico ou faunístico). As estruturas que apresentam uma maior concentração são as Fossas 33, 64 e 82, sendo esta última a que apresenta a maior quantidade, sendo também a de maiores dimensões.

De um modo geral, trata-se de uma indústria pouco elaborada tecnicamente, sendo as peças retocadas escassas, revelando uma estratégia de produção e uso relativamente expedita. A presença de dois segmentos de lâmina em sílex, um retocado e outro com marcas de uso corresponde a uma importação de fora da região. O quartzo está disponível localmente, em todo a área granítica do vale da Ribeira de Vale do Álamo e até no próprio sítio, onde pontualmente surgem pequenos filões.

Interessante é, também, a já referida escassez de macro utensilagem sobre seixo, a que se acrescenta a própria utilização dos seixos, como por exemplo em lareiras (não foi identificada nenhuma estrutura de lareira) ou polidores de cerâmica. De facto, apenas se registaram dois seixos e três fragmentos de seixo, o que não deixa de ser algo surpreendente, dada a proximidade à ribeira do Álamo e, sobretudo, a terraços do rio Guadiana.

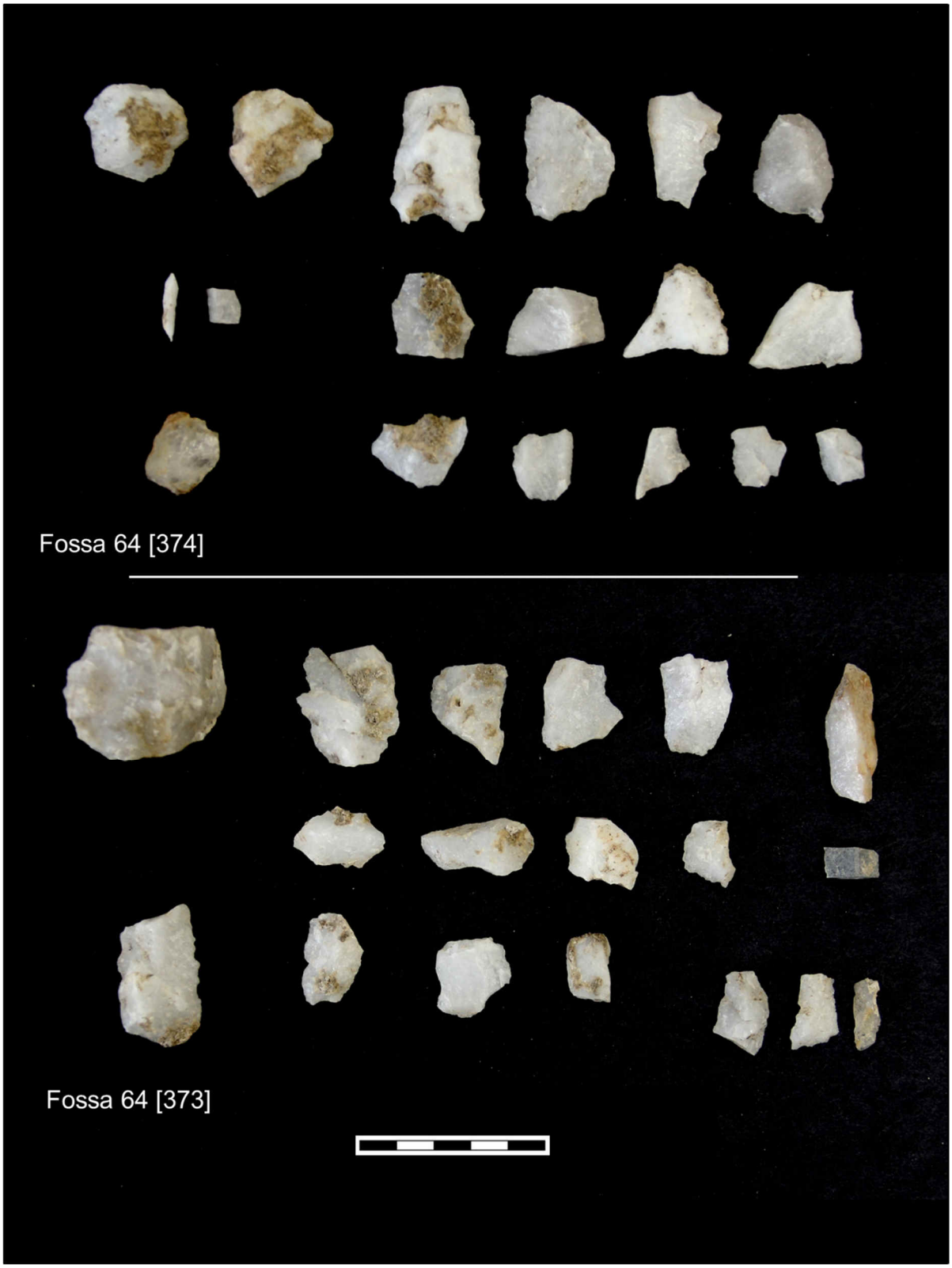


Figura 5.23 – Material de pedra talhada da Fase 1: Fossa 64.

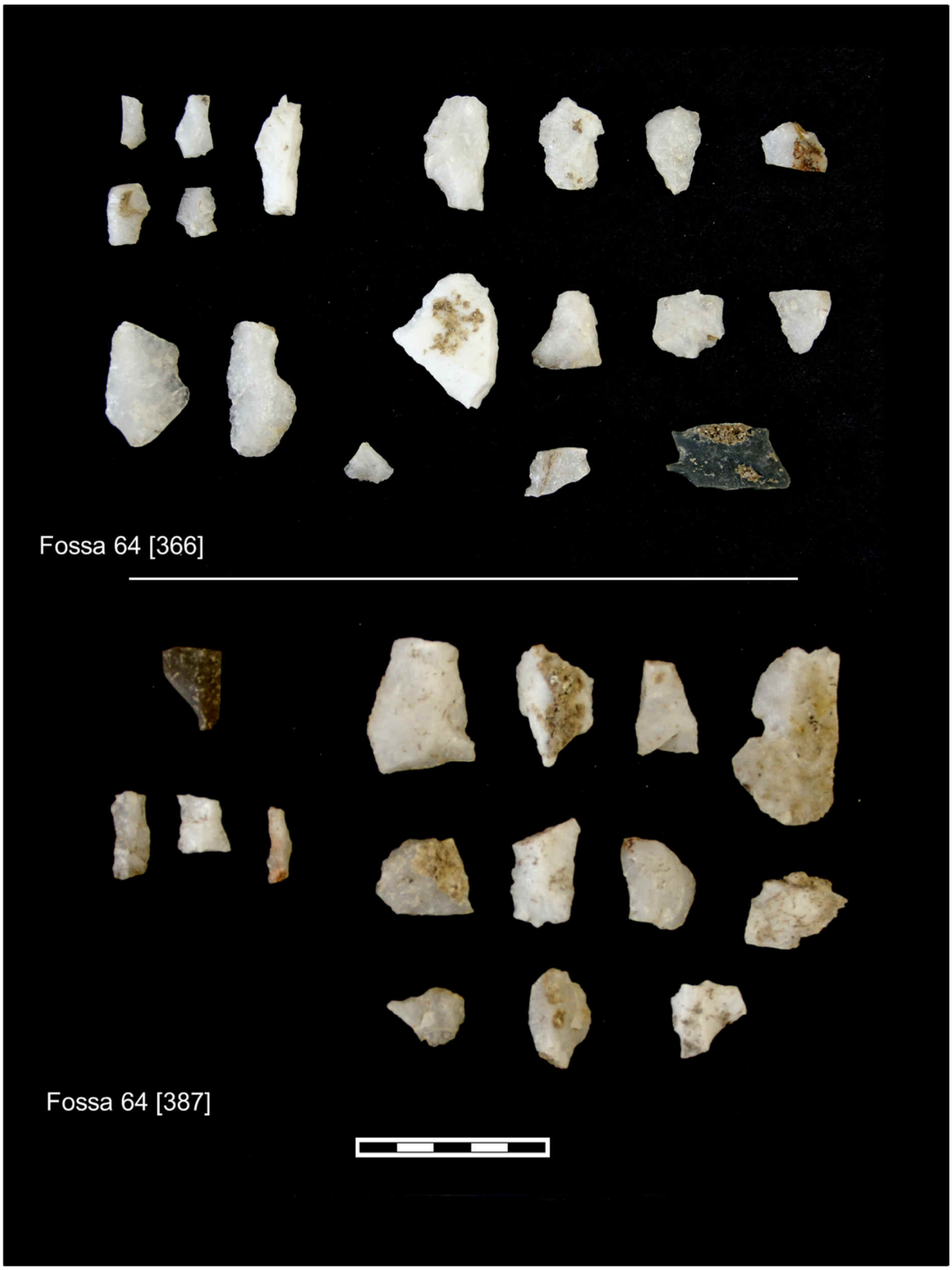


Figura 5.24 – Material de pedra talhada da Fase 1: Fossa 64.

Figura 5.25 – Material de pedra talhada da Fase 1: Fossas 48 e 33.

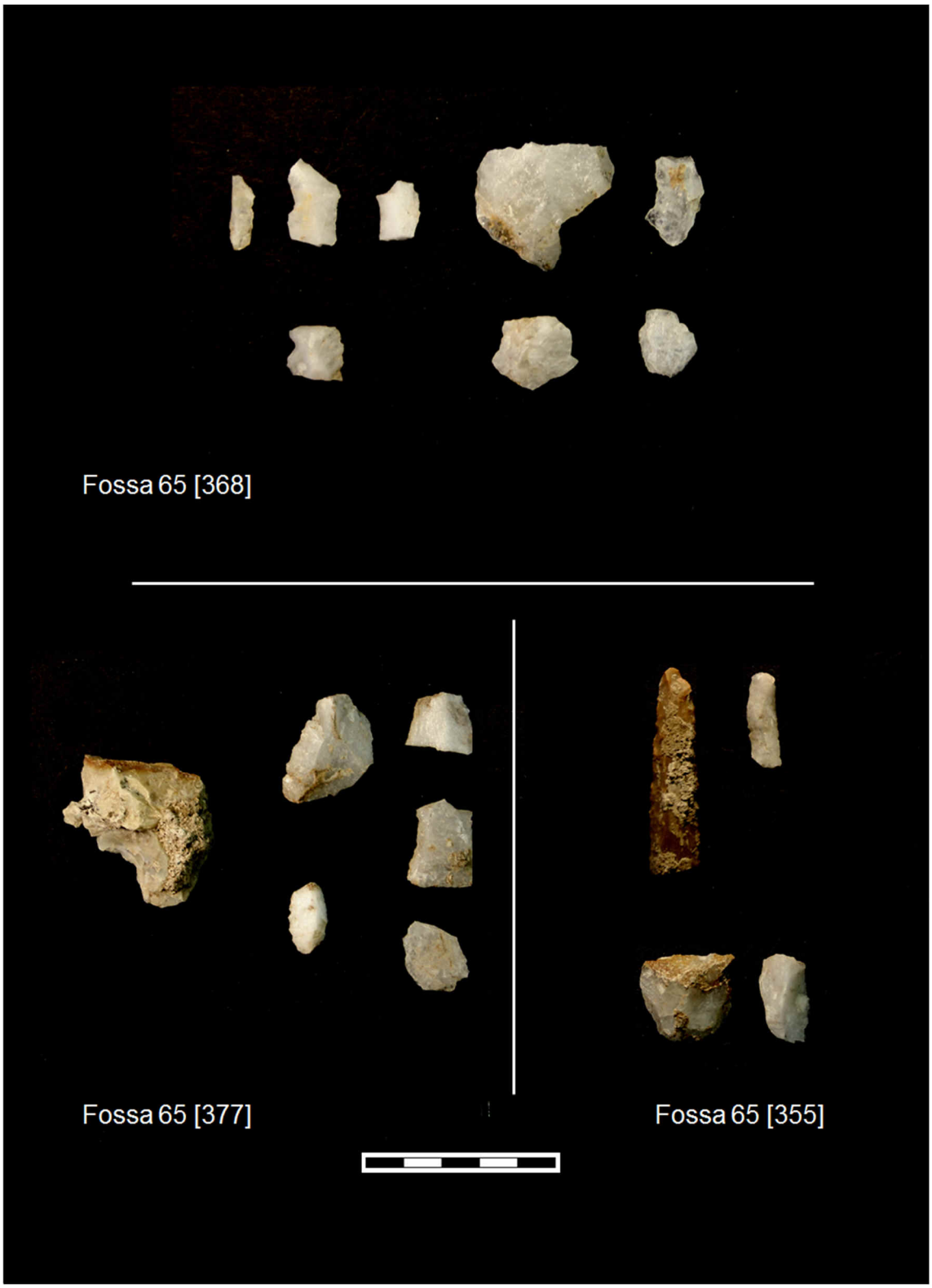


Figura 5.26 – Material de pedra talhada da Fase 1: Fossa 65.

5.5.1.2 Fase 2

Nesta fase, apesar do número de materiais ser muito superior, observa-se uma distribuição relativamente próxima da observada na fase anterior, com a predominância do MD, com 64,2%, seguidos pelos PBD, com 32,4%, e os utensílios/artefactos com apenas 3,4%. A principal diferença é um decréscimo nos PBD em favor do MD. A mesma possibilidade de sub representação de PBD com marcas de uso e sobre representação de PBD é possível, pelas razões já evocadas.

A produção de pedra talhada continua a revelar uma orientação para a produção de lascas, mas agora com menor preponderância. Nos núcleos para lascas a percentagem desce de 63,6% para 50%, nos PBD as lascas mantêm um valor semelhante (75,9%) e nos utensílios/artefactos apresentam um valor novamente mais baixo, passado de 55,5% para 29,1%, praticamente idêntico ao das lâminas, que sobem de 7,4% para 27,8%. Relativamente às lamelas, é interessante notar a escassez ao nível dos utensílios/artefactos (descendo de 18,5% para 2,5%), quando os PBD apresentam um valor de 22,1% e os núcleos 43,8%, relativamente próximos dos da fase anterior.

Em termos de utensílios/artefactos a variedade aumenta significativamente, sobretudo à custa do aparecimento das pontas de seta e de um aumento dos artefactos sobre lâmina (Tabela 5.19), maioritariamente em sílex, sendo importadas.

Uma vez mais predominância e variedade do MD debitagem, nomeadamente de restos de debitagem/esquírolas, 32 núcleos (30 em quartzo e dois em quartzito), 31 percutores atestam claramente o talhe local essencialmente do quartzo, mas também do quartzito, este último de forma vestigial. A presença de algumas pequenas esquírolas em sílex continua a ocorrer, assim como a ausência de núcleos ou outro material de debitagem nesta matéria prima, a qual aumenta de 12g para 136g, mantendo-se ainda assim vestigial no conjunto analisado.

Assim, pode observar-se uma alteração da primeira para a segunda fase na pedra talhada, mas também alguns traços de continuidade. O domínio do quartzo, escassez de macro utensilagem sobre seixo e ausência de produção significativa noutras matérias primas mantêm-se, o que se traduz na manutenção de um certo grau de baixa elaboração tecnológica e de um uso expedito relevante. Contudo, existem mudanças, não só ao nível do número, mas igualmente na utensilagem. Para além do aparecimento das pontas de seta (ainda que em número reduzido – apenas 11), observa-se um aumento das lâminas e segmentos sobre lâmina retocados (20), enquanto se assiste a uma redução da utensilagem sobre lamela (ainda que estas continuem com valores semelhantes enquanto PBD) e a uma diminuição das lascas, que ainda assim se mantêm dominantes.

As pontas de seta, que fazem o seu aparecimento nesta fase, são sempre de pequeno tamanho, predominantemente de retoque marginal ou cobridor, sendo uma triangular de base recta, outra foliácea de base recta e 8 de base côncava (mais 1 de base indeterminada). 5 são em quartzo, 3 em sílex, duas em quartzo hialino e uma em jaspe.

Em termos de distribuição, estes materiais ocorrem em todas as estruturas estudadas, mas revelam uma concentração especial no Hipogeu 1, de onde provém 48,4% do material analisado. O restante distribuiu-se pelos fossos de uma forma interessante. Um dos fossos mais pequenos, o Fosso 12, é o que apresenta maior concentração, com 20,3%. Segue-se o Fosso 8, com 15,6%, mais do dobro do registado no Fosso 6 (7,3%) que é maior. O Fosso 5, outro fosso relativamente pequeno (dimensões semelhantes ao Fosso 12) tem um valor de 7,7%, praticamente idêntico ao do Fosso 6 que tem mais do dobro do volume, e o Fosso mais volumoso desta fase, o Fosso 11, apenas apresenta um valor de 0,9% (correspondentes a 7 fragmentos inclassificáveis, percutores e 10 PDB).

Tabela 5.19 – Material lítico talhado para a Fase 2 do Neolítico dos Perdigões.

Fase 2 (Neolítico Final)										
	Categoria	Fosso 5	Fosso 6	Fosso 8	Fosso 11	Fosso 12	Hipogeu 1	**Totais**	**Totais**
Material de debitagem	Percutor	1		2	3	5	20	**31**	**1510**
	Bigorna						5	**5**	
	Fragmentos inclassificáveis	26	20	144	7	99	106	**402**	
	Restos de talhe / Esquírolas	96	68	59		205	608	**1036**	
	Núcleos								
	Prismático lamelas		1			1	1	**3**	
	Informes lamelas		1	1			4	**6**	
	Informes lascas	2	7	1		4		**14**	
	Sobre lasca lamelas/lascas						1	**1**	
	Sobre lasca lamelas						3	**3**	
	Bipolar para lamelas					1		**1**	
	Discoide para lascas					2		**2**	
	Esgotado			1			1	**2**	
	Peça esquirolada		1			2	1	**4**	
Produtos brutos de debitagem	Lascas	34	37	71	8	82	224	**456**	**763**
	Corticais	1	11	28		21	28	**89**	
	Parcialmente corticais	3	4	11	1	8	7	**34**	
	Lamelas	10	6	23		20	59	**118**	
	Proximal	1	3			7	12	**23**	
	Mesial	2				2	7	**11**	
	Distal		1			6	1	**8**	
	Prox/Meso			5				**5**	
	Meso/Dist			1			2	**3**	
	Ultrapassada						1	**1**	
	Lâminas	1		1	1		5	**8**	
	Proximal					1	1	**2**	
	Mesial						2	**2**	
	Distal			1				**1**	
	Prox/Meso			1			1	**2**	
Utensílios / Artefactos	Lascas uso	1	3				2	**6**	**79**
	Corticais						1	**1**	
	Parcialmente corticais						1	**1**	
	Lâminas uso						1	**1**	
	Mesial			1				**1**	
	Prox/Meso					1		**1**	
	Lascas retocadas		2	3		2		**7**	
	Lamelas retocadas						1	**1**	
	Lâminas retocadas					2		**2**	
	Proximal					1	2	**3**	
	Mesial			1		2	7	**10**	
	Distal						1	**1**	
	Prox/Meso						2	**2**	
	Meso/Dist						2	**2**	
	Pontas de Seta			1				**1**	
	Recta triangular			1				**1**	
	Recta foleácia			1				**1**	
	Côncava		2	2			4	**8**	
	Fragmento retocado	1						**1**	
	Furadores			1				**1**	
	Raspadores						1	**1**	
	Denticulados		4			2	5	**11**	
	Geométricos						2	**2**	
	Entalhe sobre lasca	1						**1**	
	Seixos talhados - levantamentos no topo			5			1	**6**	
	Seixos talhados					1	5	**6**	
	Totais	**180**	**171**	**366**	**20**	**477**	**1138**	**2352**	

Assim, se a distribuição por estruturas na Fase 1 não apresenta diferenças muito significativas (ainda que nos fossos a presença da pedra talhada também não represente os valores mais altos), já na Fase 2 parece ser mais heterogénea, com uma clara diferença entre a estrutura tipo hipogeu e os fossos e, dentro destes, entre os mais pequenos e os maiores.

A distribuição também revela alguma heterogeneidade quando se compara a distribuição das percentagens totais e por categorias MD, PBD e utensílios/artefactos (Gráfico 5.4). Se no Hipogeu 1 os valores por categoria seguem o valor total de perto, nas restantes estruturas observam-se algumas variações, sobretudo no que respeita à utensilagem, que se reduz relativamente ao total e restantes categorias nos Fosso 12 e 5 e aumenta no Fosso 8 e sobretudo no Fosso 6. Os PDB também revelam uma ligeira subida no Fosso 8.

Este conjunto de heterogeneidades revelam que os preenchimentos resultam de acções antrópicas, onde intervêm processos selectivos, o que as condições de deposição observadas já também indicavam (Cf. Capítulo 4).

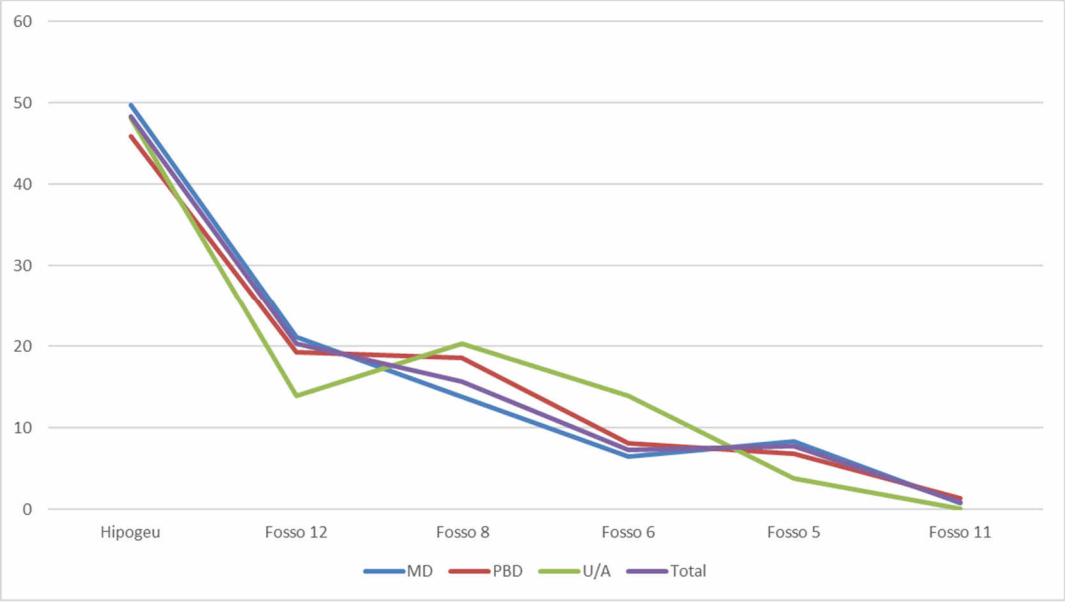


Gráfico 5.4 – Distribuição (% totais e por categoria) da pedra talhada pelas estruturas da Fase 2.

Em termos de distribuição de utensílios/artefactos, o aspecto de maior relevo é a concentração de 14 (70%) das lâminas e segmentos de lâminas retocadas no Hipogeu 1. Destas, apenas 5 se encontravam nos depósitos da base da estrutura, prévios ao abatimento da cúpula, estando as restantes 9 distribuídas por depósitos posteriores ao abatimento do tecto e à deposição estruturada de fragmentos cerâmicos ao longo da periferia desse abatimento (Cf. Capítulo 4.)

Em ambas as fases a percentagem de utensílios/artefactos em pedra talhada é bastante baixa. Mas se na Fase 1 não há nenhum tipo de utensilagem que se destaque significativamente dos restantes, na Fase 2 as lâminas/segmentos de lâmina retocados e os denticulados só por si representam 39%, o que indicia um reforço do material cortante face, por exemplo às pontas de seta (14%). A valorização deste facto deve, contudo, deve ter em conta que o número absoluto destes artefactos é ainda relativamente reduzido, devendo ainda ser cruzado com os dados de outras categorias artefactuais (ver valorização no Capítulo 9, ponto 9.3).

Figura 5.27 – Material de pedra talhada da Fase 2: Fosso 12.

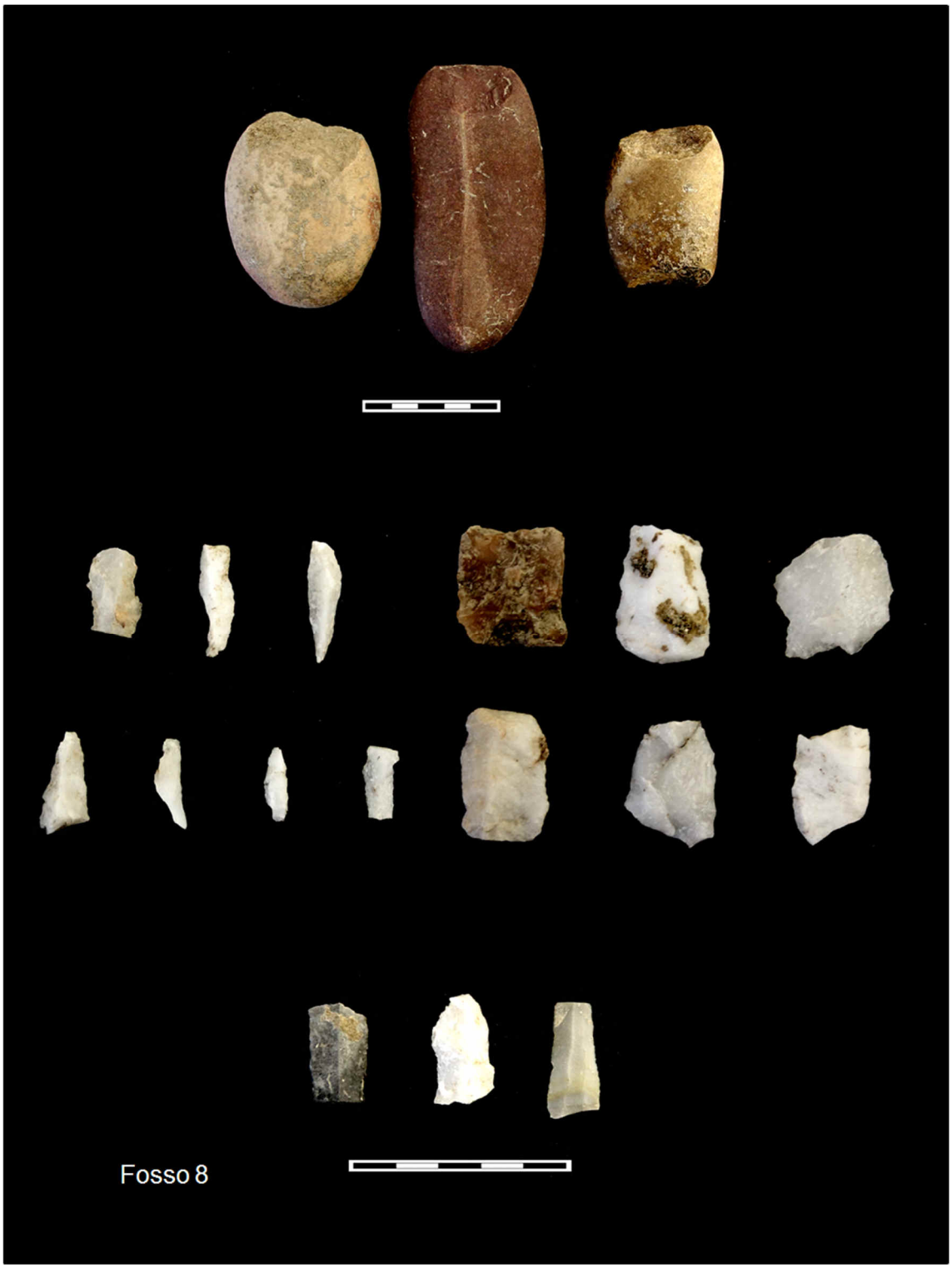


Figura 5.28 – Material de pedra talhada da Fase 2: Fosso 8.

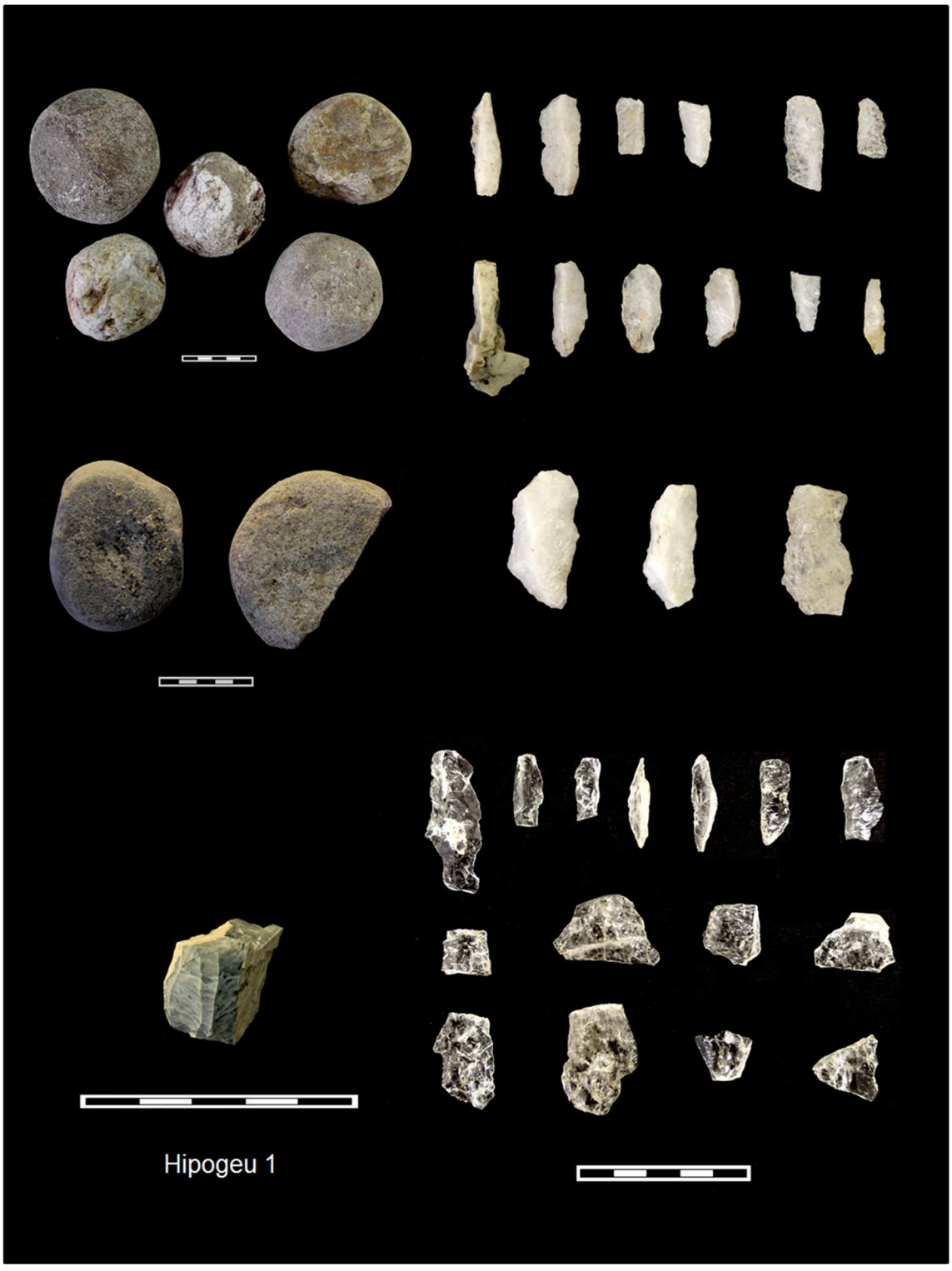


Figura 5.29 – Material de pedra talhada da Fase 2: Hipogeu 1.

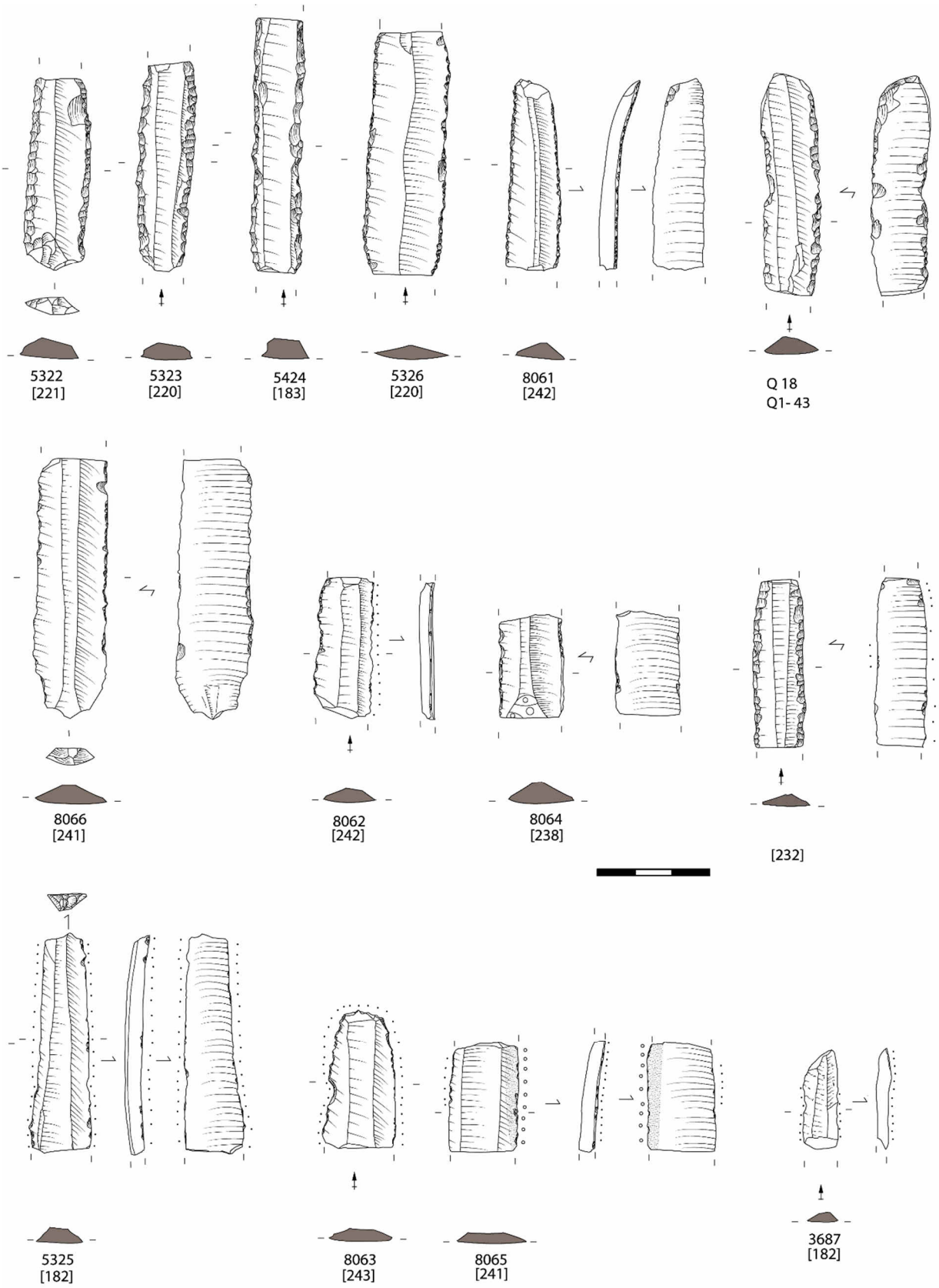


Figura 5.30 – Segmentos de lâmina retocados e lamela da Fase 2: Hipogeu 1 (Desenhos de Helena Reis).

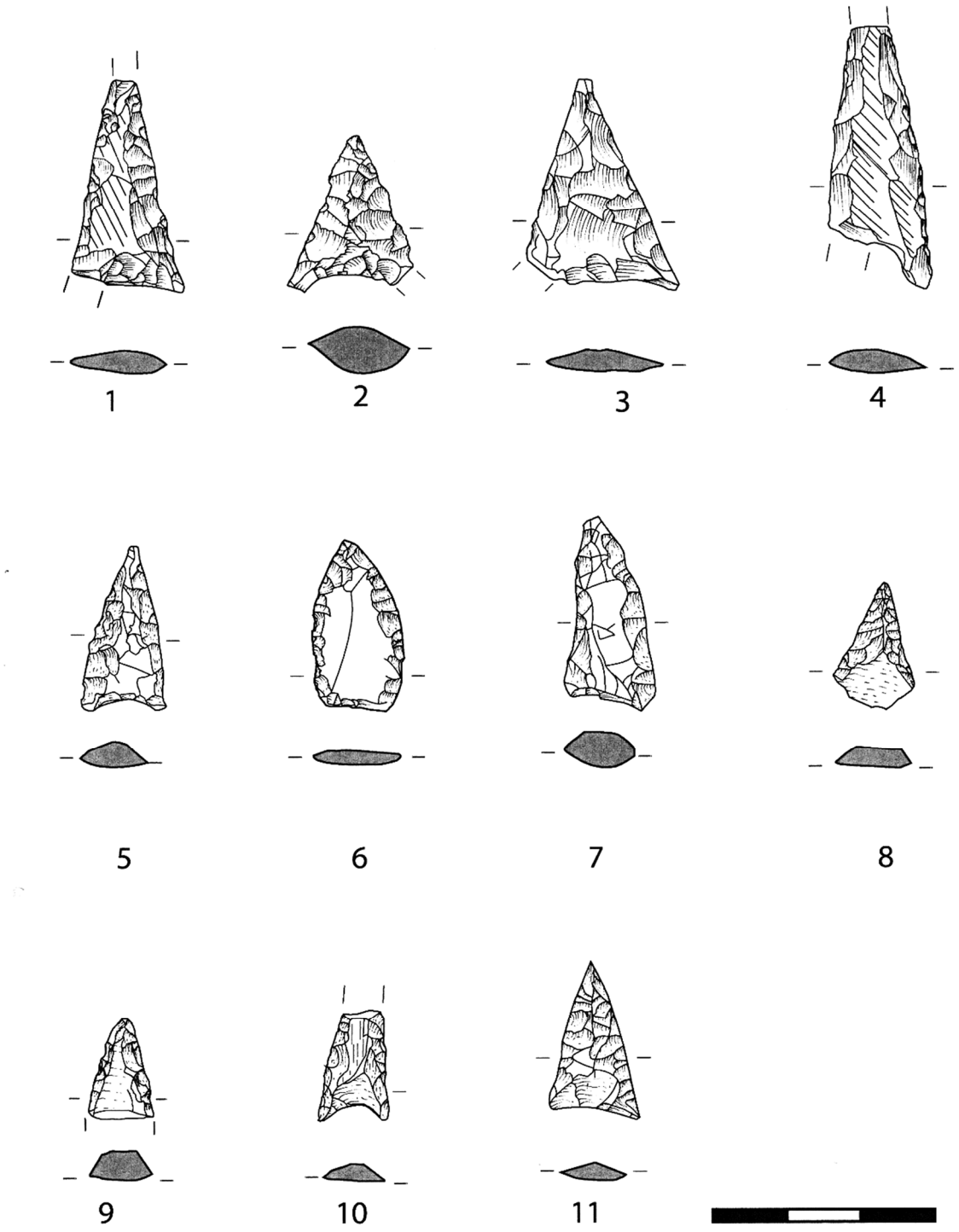


Figura 5.31 – Pontas de seta da Fase 2: 1-3 em sílex; 4 em xisto silicioso; 5-9 em quartzo leitoso; 10-11 em quartzo hialino (Desenhos de Helena Reis).

5.5.2 Pedra Polida

Se o instrumental lítico talhado é relativamente pouco expressivo, a pedra polida é absolutamente vestigial. Em todos os contextos neolíticos já intervencionados nos Perdigões apenas existem doze registos de pedra polida para o Neolítico. Destes, apenas dois pertencem à fase mais antiga (uma enxó proveniente da Fossa 67 e um fragmento de machado da Fossa 82), sendo os restantes provenientes de contextos do Neolítico Final: Hipogeu 1, Fosso 12, Sanja 1 no Sector Q1 e Fosso 8 no Sector P1. Tratam-se de peças de pequenas dimensões e apenas a da Fossa 67 estria ainda usável, mas com gume já lascado (as melhor preservadas apresentam os gumes lascados ou boleados). Cinco são fragmentos de utensílios e as restantes sete correspondem a um machado, um escopro e cinco pequenas enxós, sendo a matéria-prima sempre o anfibolito (Tabela 5.5). A estes materiais acresce um polidor.

Tabela 5.5 – Registos de pedra polida para o Neolítico dos Perdigões.

Categorias / Contextos	Hipogeu 1	Fosso 12	Fosso 8	Sania 1	Fossa 82	Fossa 67	Total
Enxó	2	1		1		1	**5**
Machado			1				**1**
Fragmento machado					1		**1**
Escopro	1						**1**
Fragmento de Gume		1					**1**
Fragmento Inclassificável		2	1				**3**
Total	**3**	**4**	**2**	**1**		**1**	**12**

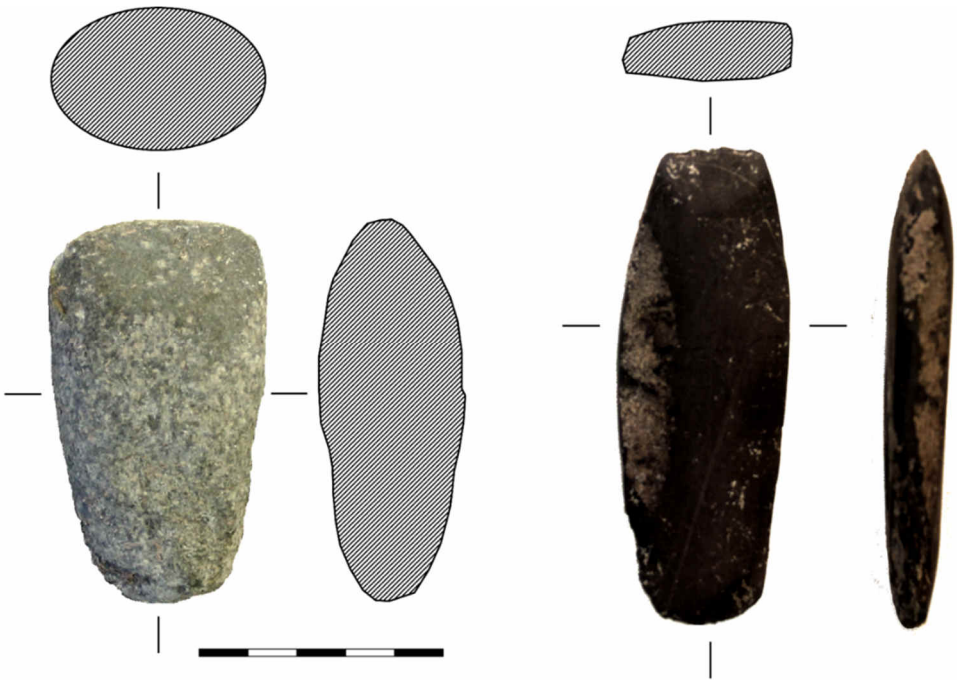


Figura 5.32 – Machado proveniente do Fosso 8 e enxó proveniente da Fossa 67.

5.5.3 *Utensílios de moagem*

Os utensílios de moagem são igualmente vestigiais, correspondendo a apenas dez registos, todos provenientes de contextos da segunda fase do Neolítico dos Perdigões. O conjunto é constituído por sete pequenos moventes (cinco fragmentados) e três fragmentos de dormentes. São provenientes do Fossos 8 (quatro fragmentos de movente, sendo um em diorito e 3 em granito), Fosso 12 (um fragmento de movente em gabro), Hipogeu 1 (dois moventes, um diorito e o outro em gabro, e um fragmento de dormente em diorito) e Fosso 6 (dois fragmentos de dormente em granito).

5.5.4 *Outros*

Ainda em pedra foi registada uma grande tampa discóide em xisto na base do Hipogeu 1 e a pouca distância de um grande recipiente quase inteiro, que se encontrava integrado numa acumulação de cerâmica.

Figura 5.33 – Acumulação de cerâmica na base do Hipogeu1, perto da qual se encontrava a grande tampa de xisto.

5.6 ELEMENTOS DE ADORNO E MÁGICO- RELIGIOSOS (A.C. BASÍLIO)

Uma das componentes menos expressiva nos conjuntos artefactuais do Neolítico, mas não menos diversificada, é a referente às materialidades que remetem para as componentes mais intangíveis destes grupos, que se corporalizam na forma de artefactos ideotécnicos e elementos de adorno.

Estes materiais, aos quais tem sido associado um papel activo sobre os grupos humanos e sobre os contextos onde foram depositados, teriam uma agência e um papel que poderia actuar, moldar e condicionar as relações, práticas e significados sociais operativos e estruturantes nas relações interpessoais e grupais. Este papel contribuiria para a definição e expressão de diferenças identitárias, de crenças, de organização e interacção entre grupos no Neolítico, podendo ser questionadas as organizações cosmológicas vigentes que, pelo que os materiais deixam transparecer, se encontrariam ainda em fase de definição e consolidação. O Neolítico, em especial nos seus momentos finais, é um período de experimentação e estabilização de expressões iconográficas, que vão atingir o seu máximo, a nível regional, no decorrer do Calcolítico, sendo por isso uma das principais ferramentas na tentativa de aproximação às mentalidades, visões e cosmologias destes grupos e dos próprios indivíduos, ainda que este exercício, reconhecendo-se o distanciamento entre o investigador e o "objecto de estudo", possa levar a uma excessiva subjectividade interpretativa (Valera, 2015c: 239).

Nesta abordagem, que resulta da análise de um conjunto numericamente restrito, mas diversificado, de elementos ideotécnicos e de adorno, foi possível identificar contas de colar, pendentes, ídolos de cornos, ídolos almerienses, placas de xisto e ainda um fragmento de cerâmica não identificável, mas que eventualmente poderá corresponder a uma peça integrável neste grupo. A dimensão do conjunto não permite compreender, contudo, tendências, gestos, técnicas e identidades por de trás das materialidades em estudo, mas deixa perceber uma relação de continuidade com a realidade calcolítica subsequente, na região onde se implanta o complexo de recintos dos Perdigões.

5.6.1 Conjunto, contextos e cronologias

O conjunto de artefactos ideotécnicos e de elementos de adorno de cronologia neolítica dos Perdigões atinge, numa quantificação global, os 36 exemplares. Estas peças distribuem-se de forma desigual pelas duas grandes categorias elencadas, não ultrapassando os seis elementos de adorno, contrastando com os 30 artefactos classificados como ideotécnicos (Tabela 5.6).

Estas discrepâncias estão igualmente presentes na análise da distribuição cronológica destes artefactos, verificando-se a sua ausência na ocupação neolítica mais antiga, até agora detectada nos Perdigões, concentrando-se todas as peças nos contextos datados do Neolítico Final, sendo mais um elemento que permite a distinção entre ambas as fases.

A nível contextual, destaca-se a exclusão intencional dos artefactos ideotécnicos e dos elementos de adorno dos contextos funerários, sendo a única excepção um pendente (de *Cerestoderma edule* perfurada), relacionado com os enterramentos infantis da fossa 11 (Valera, 2008). Os restantes encontravam-se dispersos por entre os fossos 6 e 8, nas fossas 14 e 80 e na Sanja 1, com os conjuntos mais significativos a surgirem no fosso 12 e no hipogeu 1, com nove e dez artefactos respectivamente. Foram ainda incluídas na análise três peças de superfície e dois artefactos provenientes do sepulcro 1 (um contexto funerário calcolítico), com o intuito de compreender possíveis relações cronológicas, bem como as diferentes biografias destes artefactos, que se podem traduzir em reutilizações tardias.

Tabela 5.6 – Elementos de adorno e ideotécnicos do Neolítico dos Perdigões (estão integrados nos totais placas de xisto de superfície e reutilizadas no Sepulcro 1 calcolítico).

	Categorias	Neolítico Final											Total
		Sector Q										Sector I - Funerária	
		Fosso 5	Fosso 6	Fosso 8	Fosso 11	Fosso 12	Fossa 14	Fossa 8	Fossa 80	Hipogeu 1	Sanja 1	Fossa 11	
Adorno	Conta *Trívia* sp.						1			1			2
	Pendente de *Cerestoderma edule* perfurada					1				1		1	3
	Conta tubular ind.					1							1
	Total					2	1			2		1	6
ideotécnicos	Sol								1				1
	Triângulos preenchidos			2		2			1	1			6
	Ungulados		1										1
	Total		1	2		2			2	1			8
	Ocre									1			1
	Almerienses					5				1			6
	ídolos de Cornos			1						2	1		4
	Placas de Xisto (Dec. Geom.)			1									4 (3 de superficie)
	Placas de Xisto (reaproveitadas)												2 (sepulcro 1)
	Xisto Gravado									2			2
	ídolo em Xisto									1			1
	Placa de Xisto (produção)		1										1
	OCNI		1										1
	Total		2	2		5				7	1		22
Total por estrutura		0	3	4	0	9	1	0	2	10	1	1	36

Verifica-se pouca diversidade nas matérias-primas usadas, sendo a cerâmica empregue na manufactura de 36% dos exemplares, seguindo-se o xisto (28%). O recurso a matérias orgânicas, como o osso e as conchas, está atestado em 31% do conjunto total. Este panorama mostra que, ainda que o tipo de matérias-primas seja reduzido, pelo menos 47% dos artefactos são realizados com recurso a elementos exógenos ao sítio, dos quais 41% são externos à região, acrescentando valor aos seus significados e funções: se o xisto se encontra disponível localmente, a uma distância nunca inferior a 5 km, já as conchas dos pendentes, pela sua proveniência estuarina, envolveriam distâncias de cerca de 120km, para a obtenção de *Cerestoderma edule*, e de 150/200 km no caso das *Trívia sp*. (Valera, André, 2016/2017: 199-202), ainda que possa ser questionado o transporte como matéria-prima por transformar ou uma movimentação já enquanto artefactos (Valera, André, 2016/2017: 206; Valera, 2017).

Um total de 40 restos, que correspondem a 12 fragmentos de *Pecten maximus*, foram identificados nos enchimentos de estruturas do Neolítico final, tais como os fossos 5, 6, 8, 12 e 13, nas fossas 18 e 48, no hipogeu 1 e na sanja 1. Também nas fossas 48, 64, 65 e no fosso 14, do final do Neolítico Médio, foram identificados 4 restos de *Pecten maximus* e um número mínimo de 2 indivíduos, somando-se ainda 1 resto, e um indivíduo de *Scrobicularia plana*. Estes não foram aqui considerados como elementos ideotécnicos, ainda que impliquem processos de movimentação e/ou trocas (Valera, André, 2016/2017: 200), porque uma carga ideotécnica não é clara, já que o uso as conchas podem ter uma multiplicidade de utilizações. Os contextos em que ocorrem enfatizam a tendência regional contemporânea de exclusão destes elementos específicos dos contextos funerários e de uma possível utilização funcional não especificamente ideotécnica (*Idem*: 206). No Calcolítico, porém, o papel simbólico das *Pecten* está atestado pela recorrente presença em diversos contextos funerários dos Perdigões – sepulcros 1 e 3, fossa 40 – e em outros contextos regionais, somando-se a sua presença em deposições combinadas com outros artefactos, como recipientes cerâmicos, de calcário e elementos líticos, como verificado no átrio do sepulcro 1 (*Ibidem*: 206). A indefinição observada relativamente às conchas registadas em contextos neolíticos nos Perdigões leva-nos a não as considerar neste conjunto

em análise, mas a possibilidade de assumirem um estatuto ideotécnico "primário" não deve ser descartada.

5.6.2 Elementos de adorno

O conjunto de elementos de adorno é reduzido e pouco variado. Foram identificados apenas seis artefactos enquadráveis nesta categoria, caracterizáveis como contas e pendentes. A nível das contas, registou-se o recurso a matérias-primas distintas, tendo sido individualizadas duas contas realizadas em *Trívia* sp. com dupla perfuração, provenientes da fossa 14 e do Hipogeu 1, ambos no Sector Q (Valera, André, 2016/2017), e uma conta tubular no fosso 12 (Figura 5.34: 2).

Já no caso dos três exemplares de possíveis pendentes (Figura 5.34: 1 e 3), realizados sob *Cerestoderma edule*, estes apresentam uma perfuração central na região próxima do umbo, (Valera, André, 2016/2017: 202). Estes exemplares foram recuperados no fosso 12 e no hipogeu 1, no sector Q, e na fossa funerária 11, localizada no sector I, correspondendo este ao único elemento de adorno associado a contextos funerários. A raridade destes elementos em contexto funerário pode, no entanto, estar enviesada pela actual raridade deste tipo de contextos nos Perdigões durante o Neolítico.

A aplicação de conchas de origem marinha/estuarina na elaboração dos elementos de adorno revela o carácter exógeno da totalidade do conjunto em relação à região de implantação dos Perdigões e aos recursos imediatos ao sítio, pelo menos no que ao suporte respeita. Esta característica possibilita tecer algumas considerações sobre o possível intuito primário da recolha destes elementos e o motivo da sua presença nestes contextos, questionando-se a intenção inicial de consumo na origem (concretamente da *Cerestoderma edule*), ou se foram já recolhidos e transportados como artefactos decorativos ou como suportes para transformação (Valera, André, 2016/2017). Ainda assim, considerando-se a raridade destas peças (nos contextos neolíticos), não deixa de existir uma potencialização do seu significado, aliando-se os processos de recolha, transporte, conservação e possível consumo diferenciado (*Idem*: 201), reconhecendo-se que estes materiais funcionariam como elementos participativos nas diversas performances e transacções sociais.

À importância inerente à proveniência distante, transporte e raridade destes materiais, podem ainda ser acrescentados outros factores relacionados com a utilização e com a "função" destes adornos. Estes elementos mesclam as componentes mais individualizadas e particularizadas dos indivíduos, com distinções a nível horizontal, como o género, a idade, a família ou a actividade que desenvolvem, e normativos ou "modas" de mais ampla incidência. Estas questões, que parecem extravasar o âmbito do estritamente individual, podem relacionar-se não só com diferenciações verticais, nas quais se estabelecem hierarquias que ditam o acesso a bens e o comportamento social esperado, como também intergrupais, ainda que estas dualidades (identidade individual vs. Identidade grupal) possam ser temporárias e criadas para acontecimentos e eventos concretos (Mattson, 2016: 127).

A componente ornamental a nível corporal e de vestuário, permite-nos pensar as relações e organizações sociais e espaciais, reconhecendo-se que estes elementos seriam agentes visuais determinantes, espelhando as diversas diferenças, quer seja através de padrões de ornamentação, com a inclusão e distinção com recurso às cores e materiais utilizados, como pela partilha de normativas no tratamento corporal, com repetição dos motivos decorativos. A exteriorização seria decisiva na definição e compreensão da sociabilidade, abertura e partilha entre os grupos de uma região e de uma área mais ampla, norteando relações, definindo fronteiras espaciais, ou estabelecendo e perpetuando áreas de influência.

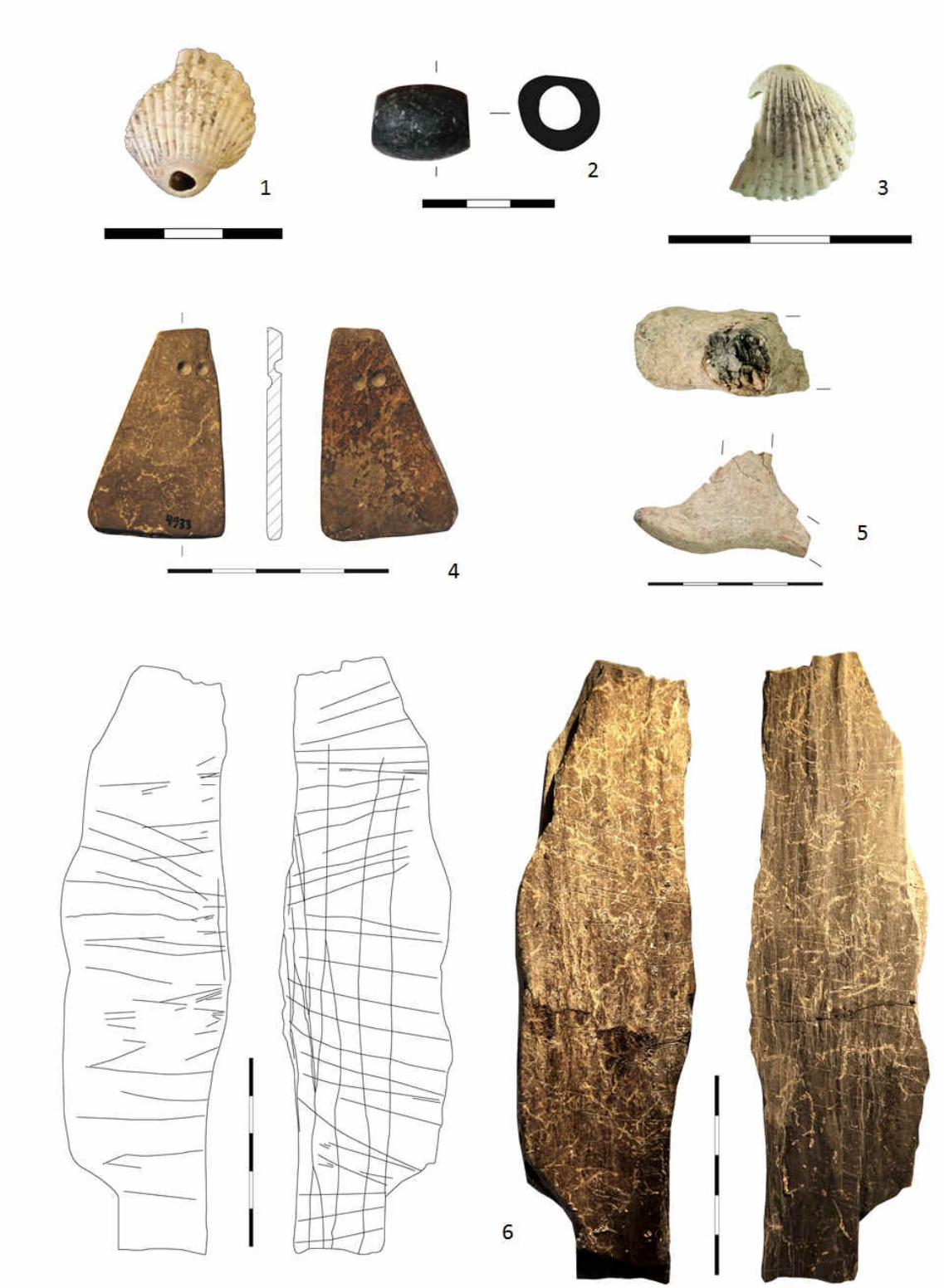


Figura 5.34 - 1. e 3. Pendentes sobre concha de *Cerestoderma edule*; 2. Conta tubular; 3. Ídolo placa com representação de olhos; 5. (OCNI) possível zoomorfo/antropomorfo; fragmento de xisto gravado.

No Neolítico Final dos Perdigões estas questões, considerando-se a reduzida expressão de elementos decorativos perenes no registo arqueológico, são difíceis de abordar, ainda mais quando reconhecemos que os adornos de fases posteriores surgem, maioritariamente, em contextos funerários, até ao momento pouco conhecidos para as cronologias mais recuadas. Esta realidade é ainda realçada quando inserimos estes artefactos na fase inicial de uma trajectória de intensificação iconográfica e de ornamentação, que culminará nos grandes conjuntos de elementos de adorno presentes nos contextos funerários calcolíticos, como é o caso da fossa 40, Sepulcro 1 e Sepulcro 2, onde se verifica uma simbiose entre a identificação pessoal, tendencialmente associada aos elementos de adorno, e a diluição num todo social.
Os elementos de adorno do Neolítico dos Perdigões apresentam duas grandes características: a reduzida dimensão do conjunto, com apenas seis elementos de adorno, e inerente ausência de diversidade tipológica e contextual, o que pode decorrer da tipologia dos contextos intervencionados, onde os ambientes funerários são reduzidos. O recurso quase exclusivo a matérias-primas exógenas, em associação à acção e papel destes artefactos, permite integrar estes elementos nas redes de interacção e contactos a uma escala inter-regional.

5.6.3 Artefactos ideotécncios

Na categoria dos artefactos ideotécnicos foi possível agrupar 25 materiais: oito peças referentes a cerâmica com decoração simbólica, seis ídolos Almerienses, quatro ídolos de cornos, uma placa de xisto, dois fragmentos de xisto gravado, um "ídolo de xisto/ídolo placa", uma Placa de Xisto possivelmente em fase de elaboração e um artefacto cerâmico indeterminado, destacando-se ainda a presença de um recipiente neolítico com ocre no fundo. A estes elementos ideotécnicos neolíticos podem ainda ser adicionadas cinco Placas de Xisto - duas provenientes do sepulcro de tipo *tholoi* 1 e as restantes de superfície, com o intuito de explorar possíveis evidências de reutilização e remobilização.

Estes materiais levantam alguns problemas relacionados com a terminologia aplicada e com a dimensão dos conjuntos. Todavia, reconhecemos que a ausência é, por si, um indicador, podendo estes materiais ter sido alvo de processos de "reciclagem", reactivação e inerente reinterpretação, em cronologias mais recentes, obliterando a sua representatividade nos contextos do Neolítico Final. A nível terminológico, os conceitos aplicados pretendem manter a coesão da análise em relação às terminologias que têm sido aplicadas para a região, potenciando a sua funcionalidade comparativa. Ainda assim, a manutenção e a replicabilidade acrítica de termos como "ideotécnicos", "ídolos" ou mesmo "cerâmica simbólica" deve ser questionada.

Estes elementos e os respectivos motivos decorativos funcionam como um meio de comunicação visual, cujo intuito é fazer passar uma ideia e uma mensagem, não só para um grupo, como também para os indivíduos em particular. Estes significados dependem da existência de interpretações, que não são inerentes ao símbolo em si (Thomas, 1996: 97-98), emergindo da relação entre os condicionalismos impostos pelas diferentes experiências humanas, e dos contactos e "engagement" entre o emissor da mensagem e o receptor (Robb, 1998: 337), desenvolvendo interpretações e, por inerência, símbolos e artefactos polivalentes (Gibbs, 2013: 75; Cohen, 1985: 21). Ainda assim, este processo interpretativo livre pode ser condicionado e moldado, recorrendo-se a repetições e a convenções que, ao longo do tempo, se vão disseminar e perpetuar o significado e mensagem pretendidos. No caso do conjunto de artefactos ideotécnicos neolíticos dos Perdigões, há uma abrangência regional e transregional que documenta um conjunto de ideias e representações partilhadas, que inclusivamente se perpetuam durante a primeira metade do 3º milénio a.C., o que corrobora a ideia de que a panóplia ideotécnica calcolítica, encontra a sua génese no final do Neolítico (Valera, 2015c).

5.6.3.1 "Ídolos" (Almerienses e de Cornos)

Do grego *eídolon* (imagem) e do latim *idōlu-*, o termo "ídolo" pode ser empregue de forma neutra, sem que lhe tenha de ser directamente associada uma carga religiosa, sendo assim referente à representação de um símbolo. Outra das terminologias que pode ser associada a estes elementos, no contexto de abordagens sistémicas, é a designação de "ideotécnico" ("ideo-technic"), a qual se reporta a um subsistema que se relaciona com os subsistemas "technomic" e "socio-technic" (Binford, 1962: 219), sendo estes referentes ao contexto funcional primário para o qual a peça foi criada. Esta abordagem restringe o desempenho social do artefacto à sua funcionalidade primordial, enquanto que as abordagens biográficas (Appadurai, 1988) o libertam, permitindo associar aos objectos papéis e funções sociais activas e diversificadas (Valera, 2015b: 239). Esta realidade dificulta a tarefa do arqueólogo de compreender o real "valor" dos artefactos, quer seja ele simbólico ou material, existindo a necessidade de ler estes objectos consoante o contexto onde são recuperados, permitindo uma aproximação às comunidades que tentamos compreender (Valera, 2015b: 240; Valera, 2010). Como tal, o conceito de "ideotécnico" mantém uma certa operacionalidade, se utilizado com as devidas ressalvas e o reconhecimento de que, ainda que um objecto tenha uma função aquando da sua produção, esta pode alterar-se consoante as manutenções/transformações no campo ideológico e social em que é utilizado (Valera, 2015a: 24).

O conjunto dos seis ídolos Almerienses (Figura 5.35: 3 a 8) apresenta pouca diversidade contextual, em especial porque cinco, dos seis, se encontravam em associação no depósito de enchimento da base do fosso 12. O outro ídolo é proveniente do Hipogeu 1, do topo do nível prévio ao abatimento do topo da estrutura (Cf. Capítulo 4).

Estes artefactos sobre osso, que têm sido denominados por "almerienses" segundo os trabalhos de Almagro Gorbea sobre os ídolos cruciformes (1973), contam com uma configuração antropomórfica assexuada, composta genericamente por três áreas anatómicas, desenhadas através da aplicação de trapézios/triângulos (Valera, 2012: 19). Estas representações geométricas formam a área da "cabeça" e do "tronco" através do desenho de duas formas com o lado menor apontado para baixo (podendo por vezes identificar-se a sugestão da presença de braços), aludindo-se à morfologia das "pernas", com a aplicação de um trapézio/triângulo em oposição aos restantes (*Idem*). Todavia, esta situação não pode ser aplicada transversalmente a todo o conjunto em estudo, reconhecendo-se uma variabilidade morfológica em termos de proporção e representatividade anatómica.

Dois dos ídolos do conjunto apresentam uma tendência alongada (Figura 5.35: 7 e 8), que parece ser uma das características dos exemplares recuperados nas fronteiras nacionais actuais, contando o exemplar do hipogeu com uma cabeça arredondada, atípica no grupo dos ídolos almerienses (Valera, 2012: 19-20). No caso dos restantes quatro ídolos, três apresentam cinturas pronunciadas, com apenas um ligeiro apontar dos braços, ainda que um dos exemplares não siga a proporcionalidade da representação do corpo humano, aproximando esta última peça dos ídolos desenvolvidos na área que lhes dá nome (*idem*). A única excepção ao panorama descrito apresenta fortes semelhanças ao que tem vindo a ser identificado na área de Huelva, mais concretamente nos monumentos megalíticos desta região (*Idem*: 19), com uma cintura menos vincada, e com uma representação mais clara do que compreendemos como ombros (Figura 5.35: 6).

A presença destas estatuetas levanta algumas questões, considerando-se que a sua presença no interior alentejano se encontra exclusivamente atestada na paisagem megalítica imediata aos Perdigões, como é exemplo o ídolo em xisto da Anta 1 do Olival da Pega (Leisner, Leisner, 1985). De facto, é na Estremadura e na Andaluzia que se concentram os maiores

conjuntos destes artefactos (Valera, 2012: 24). É de sublinhar as diferenças contextuais entre a Estremadura e as áreas andaluzas, onde estes materiais se associam a contextos funerários, e os Perdigões, onde ocorrem em estruturas não funerárias (*Idem*). Estas diferenças, mas também as partilhas e correspondências, podem relacionar-se com o posicionamento dos Perdigões, em relação a uma possível rede de influências e contactos entre a Estremadura e a região de Huelva, acentuando-se o papel do recinto enquanto centro catalisador de artefactos, influências e ideias, ainda no decorrer do Neolítico Final (*Ibidem*: 25). A reduzida área ainda escavada nos Perdigões pode também explicar as diferenças contextuais identificadas (exclusão dos contextos funerários), ainda que seja necessário sublinhar que estes artefactos contam com biografias mais complexas do que apenas produção-utilização-descarte, podendo a sua agência ter sido reinterpretada, originando reutilizações em novas performances/palcos sociais (Valera, 2012: 26). Estas prescrições e momentos deposicionais podem ser identificados, por exemplo, no enchimento do Fosso 12, servindo os ídolos almerienses como marcadores do início da colmatação da estrutura, ou ainda em momentos cronologicamente posteriores, tais como o Fosso 1 (Márquez-Romero *et al*., 2013), no qual foi recuperado um ídolo associado a um recipiente.

No caso dos ídolos de cornos, ou corniformes, foram identificados dois fragmentos mesiais (fosso 8 e hipogeu 1), um quarto de ídolo (da sanja 1) e ainda uma metade, com um conjunto de seis linhas paralelas horizontais, interpretadas como tatuagens faciais (hipogeu 1). A interpretação funcional destas peças, assim como a sua nomenclatura, reflecte um processo de aglutinação sobre a mesma categoria de artefactos com formas muitos diferenciadas, não sendo os "cornos", que lhes dão nome, uma presença constante. As interpretações são assim muito diversificadas, passando pela sua associação tradicional a suportes de lareira (Cardoso, 2003), suportes de recipientes (Valera *et al*., 2006: 294), podendo ainda ser compreendidos como representações zoomórficas ou antropomórficas (Ribeiro, Sangmeister, 1967; Hurtado, Perdigones, 1984), enquadradas em práticas mágico-simbólicas quotidianas (Rodrigues, 2013: 442). Estas características enfatizam a relação entre os ídolos de cornos e os contextos não funerários (Valera *et al*., 2002; Costeira, Mataloto, 2016; Rodrigues, 2013: 441; Diniz, 1999a:237), como evidenciado por exemplo no sítio da Foz do Enxoé, onde foram recuperados quatro exemplares (Diniz, 1999a:237; 1999b:113). De facto, apenas alguns exemplares foram identificados em contextos funerários, como é o caso de Entreáguas I (Leisner, Leisner, 1959) e a Anta da Azinheira (Valera *et al.,* 2002: 80), onde estas peças são associadas a fases de reutilização posteriores.

A maioria dos fragmentos em estudo, pela sua dimensão e estado, não permite apresentar hipóteses ou enquadramentos funcionais. Ainda assim, a identificação do ídolo decorado do hipogeu 1 (Figura 5.35: 1) possibilita o reconhecimento da presença de um antropomorfismo estilizado, ainda em cronologias neolíticas nos Perdigões, tal como acontece com peças registadas na Ponte da Azambuja (Rodrigues, 2015) e Moreiros 2 (Boaventura, 2006), por vezes com um antropomorfismo mais acentuado. As tatuagens faciais, por outro lado, encontram-se atestadas em "ídolos de cornos" provenientes de sítios como São Pedro (Costeira, Mataloto, 2016: 73), Ponta da Azambuja (Rodrigues, 2013), Possanco (Soares, Silva, 2013), Vila Nova de São Pedro (Arnaud *et al.*, 2005), Ponta da Passadeira (Soares, 2013), ou ainda Monte da Quinta 2 (Valera *et al.*, 2006), estes últimos com decorações verticais (e não horizontais), ainda que alguns destes exemplares sejam referentes a cronologias mais recentes.

A presença das tatuagens faciais no ídolo de cornos neolítico deve ser compreendida em relação com a homogeneização dos elementos decorativos e das combinações simbólicas, que persistem ao longo de todo o Calcolítico (Valera, 2015c). Estes elementos podem constar de forma isolada, como é exemplo o ídolo do hipogeu 1, ou em articulação com outros elementos

decorativos, aludindo a características antrópicas concretas, tais como os olhos, as sobrancelhas, ou ainda os cabelos, podendo ser representados de forma mais realista ou, por outro lado, mais esquematizada, como parece ser tendência nas representações neolíticas (Valera, Evangelista, 2014: 289). Ainda assim, as associações e as diferentes matérias primas implicam variações ao nível do significado e da performance social desempenhada por estes objectos (Valera, 2015c: 254), mesmo que funcionando num contexto simbólico geral comum (Valera, Evangelista, 2014: 295), considerando-se uma partilha de princípios cosmológicos e ideológicos nos grupos humanos do final do 4º milénio e no decorrer do 3º milénio a.C. (Valera, 2015c: 250).

O objecto cerâmico não identificado (OCNI) do fosso 6 foi aqui incluído, principalmente, pela falta de paralelos com artefactos mais comuns nos conjuntos materiais dos Perdigões neolíticos (Figura 5.34: 5). Este artefacto encontra-se fracturado em duas das suas três aparentes extremidades, possibilitando, ainda assim, avançar com algumas interpretações. Estas, mesmo que apresentando uma fraca sustentação empírica, parecem relacionar-se com as componentes mais ideotécnicas e simbólicas destes grupos neolíticos.

Nesta linha, considerando as características gerais dos diversos artefactos ideotécnicos presentes ao longo da vida dos Perdigões, o principal paralelo possível para este artefacto passa pela sua associação aos ídolos cerâmicos híbridos calcolíticos (Valera *et al*., 2014: 26). Estes apresentam uma morfologia semelhante à identificada no OCNI, com uma forma arqueada, partilhando também a tipologia do tratamento das superfícies, com alisamentos profundos, que concedem uma pátina abrilhantada, presente no caso do elemento em estudo. A nível contextual, estes "híbridos" são excluídos, até ao momento, dos contextos funerários dos Perdigões (*Idem*: 34), apresentando uma ambiguidade interpretativa inerente ao seu grau de esquematização, podendo representar antropomorfos ou ainda combinações entre diferentes espécies, justificando a aplicação do termo "híbridos".

5.6.3.2 Placas de Xisto, lajes e ídolo placa

O conjunto de elementos ideotécnicos em xisto dos Perdigões é composto por dez exemplares, tendo sido estes agrupados em Placas de Xisto, Placas de Xisto reaproveitadas, xisto gravado e ainda ídolo de Xisto/ídolo placa. Estes dez exemplares distribuem-se, no caso de cinco destas peças, por entre o fosso 6, o fosso 8 e o Hipogeu 1. Das restantes cinco, duas são provenientes do Sepulcro 1, de cronologia Calcolítica, e três de superfície, uma delas da área do sector O, tendo sido aqui incluídas, ainda que de cronologia posterior ou desconhecida, com o intuito de discutir o seu enquadramento temporal, bem como o seu reaproveitamento e design.

A criação e utilização de artefactos ideotécnicos em xisto é uma realidade relativamente frequente na área de implantação do complexo de recintos dos Perdigões. Esta utilização é principalmente observável no desenvolvimento de placas de xisto trabalhadas e polidas, com gravações de motivos preferencialmente geométricos, podendo ainda ser identificadas gravações em lajes não afeiçoadas da mesma matéria prima, o que permite pensar que o simbolismo e acção destes materiais se pode dever à combinação entre os grafismos e o xisto em si.

No caso das placas de xisto (tradicionais e reaproveitadas), o grupo maioritário no conjunto aqui em estudo (seis exemplares), o seu surgimento marca uma "revolução" iconográfica ímpar na Pré-História peninsular (Andrade, 2015: 1546; Gonçalves, 2004: 5; Lillios, 2002: 135), encabeçando uma trajectória representativa e simbólica crescente, que só é interrompida no final do 3º milénio a.C. (Valera, 2015b: 254). Estes artefactos, que se desenvolvem essencialmente entre o Neolítico Final e o Calcolítico Inicial, partilham entre si

diversas características tecnológicas e gráficas, que permitem compreender a sua existência como um fenómeno, no qual se atestam cosmologias e cosmografias coesas, com espaço para o desenvolvimento de sentidos e composições diferentes. A nível interpretativo, as placas de xisto têm sido compreendidas como representações antropomórficas esquematizadas associadas a imagens de entidades e/ou divindades, como a "Deusa Mãe" (Andrade, 2015: 1556; Gonçalves, 1992; 1999: 113), cuja agência se encontraria relacionada com as concepções e visões em torno da morte, da fertilidade e de uma hipotética regeneração (Andrade, 2015: 1566), corporalizando, através de símbolos e organizações decorativas, a relação entre os grupos e os seus enquadramentos ontológicos. Outras abordagens sugerem uma utilização no âmbito da gestão identitária e da ancestralidade (Lillios, 2003). A sua função e significado têm como palco principal os contextos funerários e as respectivas práticas associadas, sendo de salientar que a inclusão de possíveis esboços e, sobretudo, de reaproveitamentos, vem reforçar que a mensagem se relaciona com ambas as partes do artefacto (material e imaterial), bem como com a sua biografia e história, enfatizando a presença de comportamentos e "normativos" sociais comuns, dentro de um mesmo ambiente cultural (Andrade, 2015: 1561), no qual as ideias, as influências e inclusivamente as pessoas, se movimentavam.

Os artefactos enquadrados na tipologia das Placas de Xisto (Figura 5.36), são considerados elementos mais "tradicionais", de cor cinzento esverdeado, com uma forma genericamente trapezoidal alongada e uma plataforma de gravação tripartida, ilustrativa da antropização destes artefactos. Nesta superfície são gravados motivos geométricos, como triângulos (preenchidos ou simples), linhas ziguezagueantes e bandas ou faixas preenchidas, sem aparente presença de processos posteriores de polimento (reutilizações). Neste grupo foram inseridos quatro exemplares, três deles de superfície e um fragmento proveniente do fosso 8, tendo sido identificadas, em dois dos casos, gravações na face oposta àquela onde se desenvolve o motivo principal.

As três placas de superfície encontram-se bem conservadas, correspondendo a uma placa parcialmente fragmentada nas extremidades (com a perfuração ausente), uma peça com cerca de dois terços conservados (mantendo ainda a perfuração central) e um outro fragmento da parte inferior de uma terceira placa. A nível dos motivos:

- O exemplar mais completo corresponde a uma placa tripartida, com uma área superior onde se identifica um espaço não gravado, ladeado por uma banda preenchida por linhas que correspondem às arestas laterais de um trapézio, somando-se um conjunto de bandas oblíquas preenchidas. A parte inferior da placa conta com bandas ziguezagueantes horizontais preenchidas, unidas nos vértices por linhas verticais. Na área mesial de junção entre o padrão inferior e superior, este artefacto apresenta uma banda que é completada por triângulos alongados, preenchidos com recurso a reticulados (Figura 5.36: 5).
- A placa que conserva dois terços da sua totalidade também se apresenta divida em três áreas de gravação distintas, sendo a sua parte superior igual à placa mais conservada (a nível do padrão decorativo), expondo reticulados nos enchimentos dos elementos decorativos, em vez de linhas simples como no primeiro caso descrito, contando ainda com a presença de uma perfuração central. Também é comum a estas duas peças o motivo da banda central, ainda que na segunda placa os triângulos não se apresentem alongados. O motivo mais amplo, cuja leitura se encontra afectada pela acção da erosão na superfície, corresponde a duas bandas de triângulos preenchidos (reticulados) com triângulos lisos no seu interior, sendo ainda possível identificar uma banda na extremidade da placa, de motivos imperceptíveis (Figura 5.36: 3).

- No último fragmento de placa é apenas discernível uma área de gravação, que é compatível com as partes inferiores descritas nos outros exemplares. No caso deste fragmento são individualizáveis quatro bandas de triângulos preenchidos com reticulados, aos quais, por vezes, é cortado o vértice superior. Na superfície oposta podemos distinguir o início de uma banda ziguezagueante preenchida por reticulado, um possível triângulo preenchido com linhas oblíquas e um conjunto de outras incisões que parecem não formar nenhum elemento ou motivo concreto (Figura 5.36: 1).

Por outro lado, o fragmento recuperado no fosso 8 corresponde a um canto superior de uma placa que apresenta uma espessura (0,2cm) característica deste tipo de artefactos. Não nos é possível avançar com a sua lateralidade devido à identificação de gravações, ainda que pouco demarcadas, em ambas as superfícies (Figura 5.37: 2). Esta situação não é de todo rara. Veja-se por exemplo os casos da "Anta Grande" da Ordem (Andrade, 2016: 138), Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Gonçalves, 2003: 162), Anta Grande do Zambujeiro (Gonçalves *et al*., 2003: 219), *tholos* do Escoural (*Idem*: 228), Cebolinhos 1 (Gonçalves, 1992: 81) ou ainda a Anta Grande da Comenda da Igreja (Gonçalves, 2015: 666), ainda assim, a leveza dos traços desenhados e os motivos identificados (um conjunto de bandas preenchidas com linhas verticais e, na outra face, bandas sem preenchimento), parecem sugerir o rascunho de linhas "guia" para a elaboração do motivo final, o que colocaria este fragmento/placa numa fase de desenvolvimento. O mesmo poderá dizer-se de outro dos artefactos do conjunto de elementos em xisto recolhido no Fosso 6 (Figura 5.37: 1), correspondente a uma pequena placa (6 cm de comprimento) que, pela sua irregular espessura (máxima de 0,8 cm e mínima de 0,4 cm) e ausência de motivos gravados explícitos (identificando-se apenas entre 7 a 9 linhas horizontais paralelas entre si no centro da placa), parece corresponder a um elemento ainda em fase de trabalho. Esta placa diferencia-se pela tonalidade cinzento claro.

A identificação destes fragmentos de placas de xisto pode representar, no caso das placas de superfície, elementos de cronologia Neolítica remobilizados, considerando-se o seu estado fragmentado e, no caso de um dos exemplares, o desgaste patente na sua superfície. No que concerne ao fragmento do fosso 8, a sua inclusão nesta estrutura não resultará de processos de transporte acidental, mas sim a uma deposição intencional associada ás deposições formalizadas do depósito [5] de colmatação final do fosso 8 (Cf. Capítulo 4).

A este grupo mais geral das placas de xisto podemos somar dois outros exemplares que correspondem a elementos reaproveitados, associados às deposições funerárias calcolíticas do Sepulcro 1 dos Perdigões (Valera, 2015c: 243). Estas peças encontram-se em estados de conservação muito diferenciados, correspondendo uma delas a um fragmento de canto superior direito (Figura 5.36: 2), totalmente "repolido", com quatro bandas de preenchimento reticulado. Um reaproveitamento muito semelhante foi registado na Ponte da Azambuja (Rodrigues, 2015). A outra placa encontra-se praticamente completa (Figura 5.36: 4), o que poderia sugerir que se encontrava inalterada. Contudo, o polimento que lhe foi executado, esbateu partes da decoração previamente existente, eliminando na fractura uma possível perfuração central. Acresce ainda que a transformação posterior deste exemplar modificou o alinhamento decorativo e a sua simetria, alterando o posicionamento e orientação da decoração. Esta placa conta novamente com uma decoração tripartida que, na sua parte superior, expõe a mesma organização dos exemplares já descritos, com bandas preenchidas verticalmente com linhas oblíquas. Na parte inferior, distinguem-se seis bandas ziguezagueantes preenchidas com linhas oblíquas, enquanto que a faixa que separa as duas áreas decorativas é constituída por 10 bandas igualmente preenchidas alternadamente por linhas oblíquas, ocupando cerca de 2/5 da superfície do artefacto.

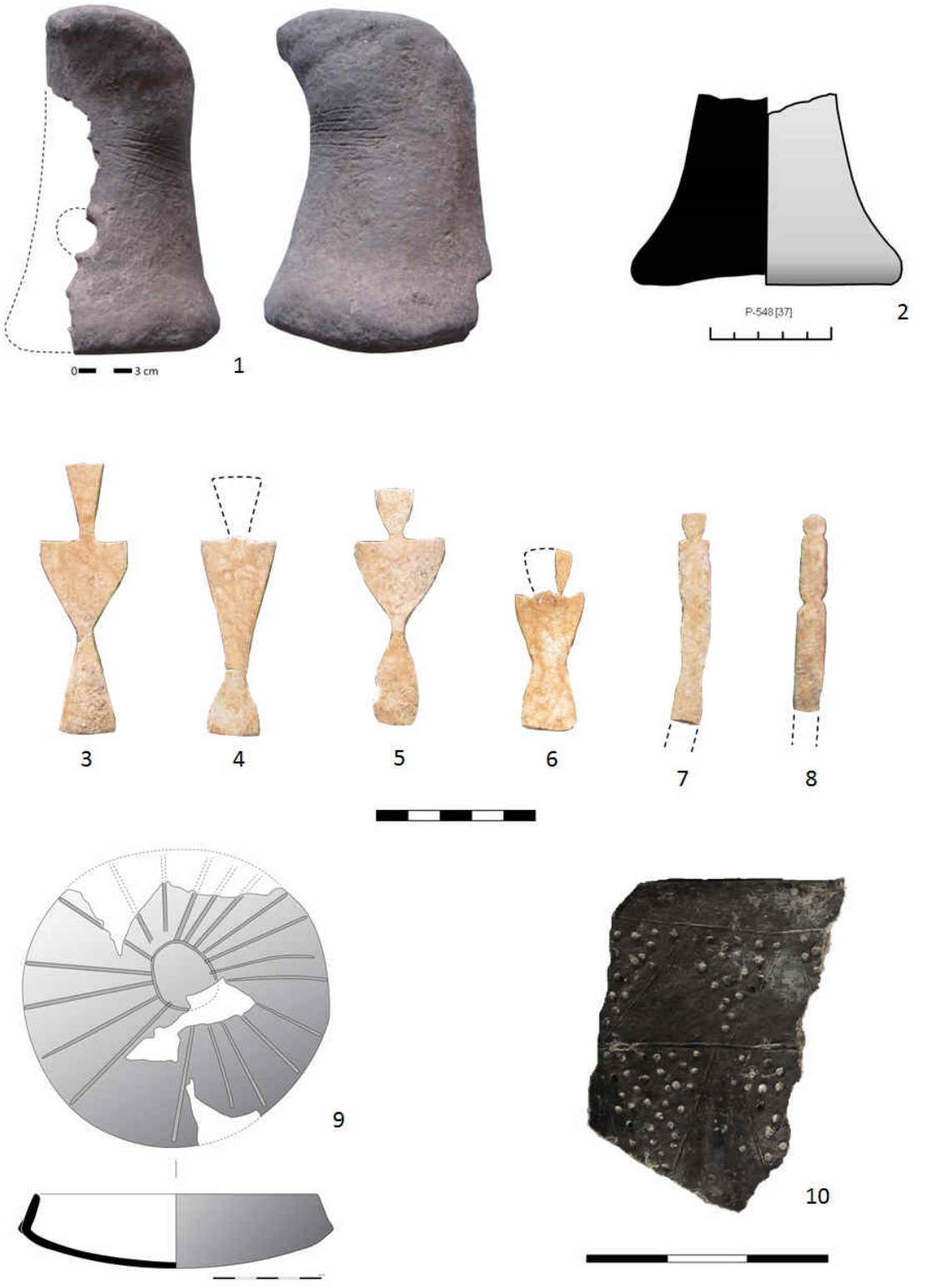


Figura 5.35 - 1. e 2. "ídolos de cornos"; 3 a 8. Ídolos "Almerienses"; 9. Taça carenada com representação solar na base pelo exterior; 10 Fragmento de cerâmica com decoração simbólica.

Figura 5.36 – Placas de xisto. 1., 3. e 5. Superfície 2.; 2 e 4 Sepulcro 1.

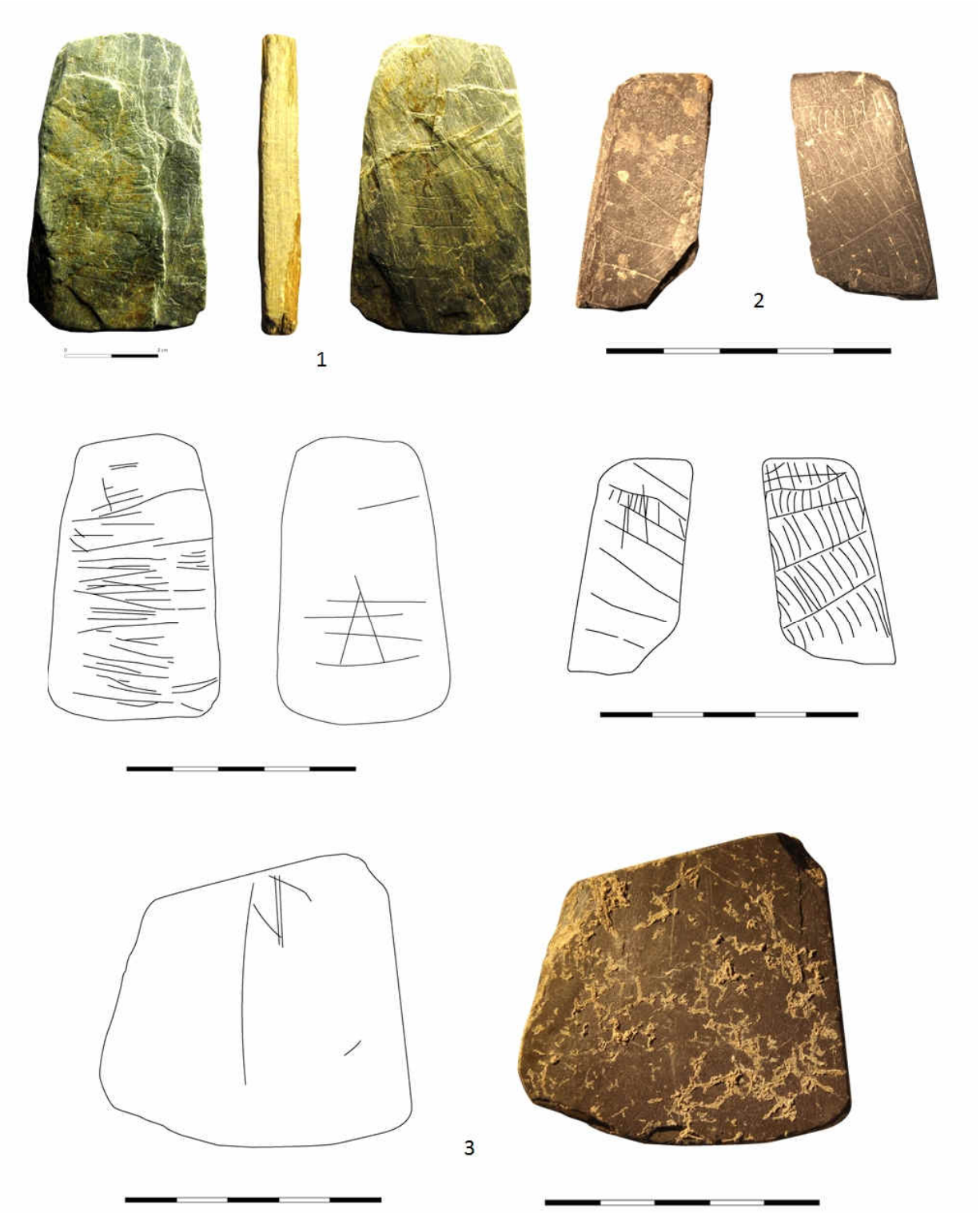


Figura 5.37 – Esboços. 1. Fosso 6; 2. Fosso 8; Hipogeu 1.

Estes artefactos apresentam assim uma biografia mais extensa, que poderá corresponder a reaproveitamentos de peças neolíticas, tendo a sua agência e papel sido "reactivados", corporalizando a manutenção de uma "tradição" e ligação ideológica para com estes objectos concretos em cronologias calcolíticas.

Esta manutenção, torna viável a intencionalidade da inclusão destas peças no contexto onde foram recuperadas (Valera, 2015c), podendo sugerir processos de reinterpretação e "refuncionalização" que tornariam estas placas em artefactos evocativos de momentos, grupos ou indivíduos prévios no decorrer das suas biografias (Appadurai, 1988), ainda que a sua presença no Sepulcro 1 volte a enfatizar a sua vinculação ao mundo funerário. A manutenção aparente de usos pode advir da sugestão da figura humana que estes materiais parecem transportar, conseguindo-se fragmentar a materialidade e até a combinação decorativa, sem se perder a referência a uma possível mensagem inicial (Valera, Evangelista, 2014: 288-291), originando e justificando a sua inclusão em contextos mais recentes.

Os dois fragmentos de xisto gravado são provenientes do hipogeu 1. Apresentam dimensões muitos diferenciadas, sendo um deles uma placa sub-rectangular, cuja superfície e extremidades se encontram totalmente polidas, com incisões superficiais numa das faces (Figura 5.37: 3). O outro artefacto corresponde a um pedaço alongado de laje, que atinge os 19 cm de comprimento, não tendo sido identificados sinais de polimento (Figura 5.34: 6). Esta peça, ao contrário do fragmento sub-rectangular, conta com gravações filiformes compostas por linhas verticais (paralelas) e horizontais mais profundas, originando por vezes reticulados formados por conjuntos de quadrados, ainda que o padrão geral não seja totalmente perceptível. Estes motivos geométricos, sem coerência compositiva aparente, encontram paralelos em padrões de cronologia mais recente (Idade do Bronze e Idade do Ferro), sendo interpretados como tabuleiros de jogo (Bacelar, 2013: 523), ainda que o artefacto em questão, por se apresentar muito fragmentado, impossibilite interpretações mais fiáveis. Também de cronologia calcolítica nos Perdigões foram identificados alguns fragmentos de xisto polido ou com gravações pouco expressivas, com motivos pouco padronizados.

O Ídolo de Xisto, ou ídolo placa é também ele proveniente do hipogeu 1, corresponde a uma pequena placa de xisto (5 cm de comprimento), com uma forma trapezoidal alongada, muito semelhante às placas já descritas, apresentando um polimento em ambas as superfícies e nos rebordos (Figura 5.34: 4). Este artefacto, ainda que se aproxime das placas mais tradicionais pela morfologia e tratamento que apresenta, afasta-se desta tipologia pelas dimensões e pela ausência de gravações decorativas nas suas superfícies, que dão lugar a dois pares de perfurações inacabadas (em cada uma das faces do ídolo placa) na parte superior, de menor largura, desalinhadas entre si. Esta posição desencontrada das perfurações inacabadas, afasta a possibilidade de as mesmas representarem a fase inicial da realização de furos de lado a lado, comuns nas placas de xisto. Esta circunstância sugere a intencionalidade da representação isolada destes motivos, criando "falsos olhos" (Gonçalves, 2011: 144). Os "falsos olhos" foram também identificados em Coruche, na Anta de Vale Beiró (*Idem*: 144-145), na Anta da Soalheira (Oliveira, 2006) e no Cabeço da Arruda 1 (Leisner, Leisner, 1959), ainda que o exemplar mais semelhante seja proveniente da Anta 3 da Herdade da Zambujeira, no Crato (Gonçalves, 2011: 144-145), desconhecendo-se a cronologia exacta destes artefactos. Todavia, todas as peças mencionadas apresentam dimensões superiores às do exemplar dos Perdigões e contam com uma perfuração superior central, não sendo dadas informações sobre a existência de "falsos olhos" nas superfícies inversas. A ausência, aliada à inexistência de outros motivos decorativos (como "tatuagens faciais" ou elementos geométricos), torna este artefacto um exemplar único, não só a nível interno (nos Perdigões), como externo, nas representações ideotécnicas do Neolítico Final. Representações semelhantes existem igualmente em cerâmica,

ainda que para contextos mais tardios, como acontece no vizinho Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1988/89).

Esta diversidade de objectos e de soluções encontradas para trabalhar uma mesma matéria prima, atesta a valorização que lhe era atribuída durante o Neolítico Final. Esta, ainda que não seja imediata ao sítio, apresenta-se a uma distância relativamente curta, resultante da inserção da área de Reguengos de Monsaraz na Zona Geológica de Ossa Morena, mais concretamente, no sector de Estremoz-Barrancos (Araújo *et al.*, 2013: 152). Ainda assim, o xisto deve ser considerado um bem exógeno, no sentido mais amplo da palavra, implicando um transporte de curta/média distância, que envolveria deslocações que, consoante a necessidade e demanda de recursos, poderia mobilizar uma parte significativa dos grupos envolvidos, acrescentando valor à matéria, amplificado pela gravação de signos e símbolos.

5.6.3.3 Pigmentos vermelhos: Ocre

Os pigmentos vermelhos têm sido identificados, mas não analisados, em múltiplas cronologias e contextos arqueológicos, remetendo o seu uso a pelo menos 100 000-75 000 BP na África do Sul (Nicolau, 2016: 188). A sua utilização e significados podem variar consoante a tonalidade que adquirem (avermelhado ou amarelado), ainda que, na região e cronologia em apreço, se verifique uma associação preferencial às práticas e aos ritos funerários (Valera *et al.*, 2000: 96; Dias, Mirão, 2013: 101), significando, em muitos dos casos, que o pigmento é polvilhado por cima dos corpos e dos artefactos, em momentos prévios, no acto da deposição, ou ainda em fases posteriores de revisitação dos monumentos. Esta associação está atestada nas estruturas calcolíticas de tipo *tholoi* dos Perdigões, onde se comprova a utilização de pigmentos vermelhos (ocre e cinábrio) na câmara do sepulcro 1, e amarelos, no átrio do sepulcro 2 (Valera *et al.*, 2000: 96). Este panorama parece corroborar a ausência generalizada de pigmentos em contextos onde não ocorrem deposições de ossos humanos, o que a situação registada no Neolítico dos Perdigões contraria, pois nos contextos funerários neolíticos das fossas 7 e 11 não se registaram quaisquer pigmentos, e os que ocorrem surgem em contextos não funerários: caso do hipogeu 1.

Nesta última estrutura foi identificado um recipiente de tipo tigela que continha uma acumulação de ocre no seu fundo (análise realizada pelo Laboratório Hércules). Esta presença, aliada à ausência de pigmentos nos contextos funerários contemporâneos nos Perdigões, permite pensar que a sua funcionalidade e sentido pode ser alargado a outras práticas e actividades sociais, não restringindo a acção do ocre aos ritos e ambientes funerários. Contudo, este material é comum em contextos funerários do Neolítico regional, onde hipogeus, como os identificados na Sobreira de Cima (Dias, Mirão, 2013), onde ocorrem deposições funerárias com abundante presença de pigmentos vermelhos em Vale de Barrancas I (Fernandes, 2013). O ocre, tal como o cinábrio (ainda não identificado em contextos neolíticos nos Perdigões), não pode deixar de ser compreendido no âmbito de um uso cultural integrado em processos de exploração simbólica das cores e dos efeitos visuais, que podem implicar a sua ingestão, inalação ou utilização como pintura corporal, com possíveis significâncias na relação entre a vida, a morte e preservação do corpo (Emslie *et al*., 2015: 5; Nicolau, 2016: 193; Martín-Gil *et al.*, 1995: 759), contando ambos com um tom que evoca o vermelho do sangue. Ainda assim, os sentidos e funções de ambas as substâncias pode ser distinto, mesmo que surjam, por vezes, mescladas (Dias, Mirão, 2013: 107), reconhecendo-se que o cinábrio implicaria transporte, mobilidade e contactos mais vastos que os necessários para a obtenção de ocre.

5.6.3.4 Cerâmica simbólica

O conjunto de cerâmica com organizações simbólicas dos contextos neolíticos dos Perdigões é reduzido, contando apenas com oito recipientes. Destes, quatro fragmentos correspondem a bojos, tendo a restante metade possibilitado a identificação da sua morfologia. As formas são condizentes com as cronologias em estudo, recuperando-se duas taças carenadas (fossa 80), um mini vaso (fosso 6) e ainda um copo (fosso 8). A nível da distribuição contextual, os recipientes e os fragmentos vão repartir-se pelos fossos 6, 8 e 12, somando-se ainda dois exemplares, identificados na intervenção da fossa 80 (hipogeu 2) e um exemplar do hipogeu 1.

Este conjunto artefactual diferencia-se dos restantes recipientes decorados porque contém padrões e motivos geométricos ou mais naturalistas, aos quais pode, ou não, ser adicionada pasta branca. Estes grafismos, tradicionalmente interpretados como simbólicos, permitem a fusão entre as dimensões materiais e imateriais dos objectos, ainda que se reconheça que a existência do material se encontre dependente da relação e percepção do Humano (Vignaux, 2000: 28). Como tal, o termo "simbólico" é necessariamente extensível e intrínseco a todas as realidades que percepcionamos, existindo materialidades cuja acção mais destacada/visível se relaciona com os campos cosmológicos e ideológicos. Soma-se ainda a associação à representação de realidades abstractas, de figuras, de mensagens e ideias, ou ainda de alegorias, que, neste caso, se materializam em elementos e motivos decorativos.

No caso da cerâmica simbólica neolítica dos Perdigões, os motivos apresentam uma certa monotonia temática, que se centra nas representações mais tradicionais de triângulos preenchidos (Figura 5.35: 10). Estas organizações são paralelizáveis com padrões decorativos de outros artefactos simbólicos. No entanto, mais motivos foram identificados, como a figuração de um sol, no fundo externo de uma taça carenada proveniente da fossa 80 (Figura 5.35: 9). Esta representação não é rara na cerâmica simbólica do Sudoeste peninsular, sendo este elemento um dos que mais facilmente materializa os processos de absorção e reinterpretação de componentes decorativas, que são posteriormente aplicadas e incorporadas noutras organizações. Falamos, por exemplo, e para o Calcolítico, da utilização de soliformes como "olhos" em recipientes com motivos simbólicos, como é o caso do recipiente do Monte do Outeiro (Leisner, Leisner, 1959), Olival da Pega 1 (Leisner, 1965), ou ainda no recipiente dos Perdigões (Valera *et al.*, 2000: 104), ainda que neste último caso a sua função enquanto "olhos" seja questionável. O sol, e a sua representação, podem ser compreendidos em relação à importância do cosmos, que cria e expande a dimensão dos indivíduos e dos grupos, estabelecendo uma ciclicidade inerente à observação dos processos lunares e solares (Coimbra, 2012). Pode pensar-se numa "veneração ao sol" (Green, 199: 24), principalmente sustentada pela sua igual representação em elementos rupestres, materializando um "Património comum", presente inconscientemente nos grupos (Jung, 1967), verificando-se um certo grau de padronização no seu design, que perdura até aos nossos dias.

A posição da decoração deste recipiente (superfície externa de uma taça carenada) é igualmente importante, considerando-se a relação entre a sua morfologia e hipotética funcionalidade do recipiente e da decoração. Ou seja, os motivos decorativos são, por norma, realizados nas superfícies mais visíveis dos recipientes, verificando-se um encadeamento entre a realização da decoração, a mensagem por detrás da decoração e a melhor maneira de esta mensagem, ou deste elemento estético, ser apreendido. No caso das taças carenadas, as decorações tendem a surgir no fundo interno, existindo uma relação de visibilidade e invisibilidade decorativa, aquando da utilização do recipiente. São disso exemplo as taças carenadas identificadas nos sítios da Ponte da Azambuja (Rodrigues, 2015: 143) e do Cabeço do Cubo (Gonçalves, 1989: 455), ambas com representações "solares" semelhantes à da taça carenada aqui em estudo, sendo estas realizadas com recurso à incisão e ao brunimento, respectivamente. A posição da decoração do recipiente proveniente da fossa 80 indicia que este

exemplar poderia apresentar uma intencionalidade diferenciada em relação aos recipientes mencionados, proporcionando uma interacção e percepção distintas entre o observador e a mensagem inscrita no motivo decorativo tendo em consideração a sua invisibilidade.

Recuperou-se também um mini vaso, proveniente do fosso 6, no qual foram identificados motivos compostos por linhas (em ambas as superfícies), realizadas com recurso à técnica da ungulação. Estas linhas tendem a formar motivos horizontalizados e verticalizados, sem uma aparente padronização ou motivo, sendo de notar que só foi possível recuperar cerca de 1/3 do recipiente em questão. Todavia, esta peça foi aqui incluída pela técnica decorativa que apresenta, encontrando-se os ungulados tendencialmente associados à decoração simbólica, como é o caso do recipiente dos Perdigões já mencionado (Valera *et al.*, 2000: 104), ou o do Olival da Pega 1, onde foi identificado um recipiente com uma banda horizontalizada realizada com recurso à mesma técnica (Leisner, 1965). Por outro lado, a mensagem que estes elementos e motivos sugerem pode remeter para aspectos cosmológicos uma vez que se assemelham a aglomerações de "meias luas". O surgimento de representações lunares é menos considerado nas interpretações dos motivos iconográficos, em muito pela ambiguidade e pela multiplicidade de interpretações que estes símbolos inspiram. Ainda assim, não deixa de ser um elemento que, tal como o Sol, contém uma forte carga simbólica, funcionando na medição, percepção e segmentação do tempo (devido à repetição das suas diferentes fases), estabelecendo e influenciando a ciclicidade de actividades antrópicas e acontecimentos naturais (Oliveira, 2008). A nível arqueológico, diversos são os exemplos de elementos em "meia lua", sendo conhecidos os casos dos artefactos Calcolíticos de tipo *lunulae* em marfim dos Perdigões (Valera, 2010), e em pedra da Estremadura Portuguesa (Leisner, 1965), somando-se a inclusão destes elementos decorativos em betilos de calcário estremenhos, como na Folha das Barradas (Leisner, 1965). Em cronologias neolíticas, podem referir-se as representações rupestres e possíveis orientações arquitectónicas lunares, como acontece em Vale Maria do Meio (Calado, Rocha, 2010: 30; Calado, 2000), no Cromeleque dos Almendres e Portela dos Mogos (Gomes, 1997), sendo aqui sugerida a génese de fenómenos que vão estar enraizados nas cosmologias e cosmografias calcolíticas (Valera, 2010: 35).

Outro dos elementos característico da cerâmica simbólica é a presença de preenchimento a pasta branca. Neste conjunto, a sua frequência é reduzida, identificando-se na taça carenada com triângulos preenchidos da fossa 80 e no copo, com o mesmo motivo decorativo, do fosso 8. Esta incrustação levanta algumas questões sobre a matéria-prima utilizada na sua produção (Salanova, 2000; Verschoor, 2011; Odriozola, 2008) que, consoante a sua tipologia mineral ou natural, pode reflectir processos de incorporação (Basílio, no prelo), associados à fluidez cosmológica e ontológica dos grupos em estudo (Valera, 2010; Mithen, 1996). Numa perspectiva mais funcionalista, e reconhecendo que os dois exemplares neolíticos dos Perdigões não permitem tecer considerações mais sustentadas, podemos pensar o recurso à pasta branca com o intuito de destacar os motivos decorativos, em relação à tonalidade do recipiente (Odriozola, Hurtado, 2007: 9), facilitando a apreensão da sua mensagem, independentemente da proveniência dos elementos utilizados na sua elaboração.

5.6.4 Contextos e representatividades

Esta abordagem, focalizada no conjunto de artefactos ideotécnicos e de elementos de adorno de cronologia neolítica dos Perdigões, representa um acréscimo a nível numérico, em relação à síntese já disponível (Valera, 2015c). Esta adição permitiu reconfirmar a presença destes artefactos no decorrer de uma das fases mais antigas do complexo de recintos, sublinhando-se, contudo, sua a ausência nos contextos do final do Neolítico Médio. Esta

exclusão parece reforçar que a génese dos grandes conjuntos ideotécnicos e de elementos de adorno calcolíticos pode remontar ao final do Neolítico, suportando uma trajectória crescente destas representações, inerente a processos de complexificação social e de relações (Valera, 2015c: 248-250), baseadas na partilha de elementos e motivos decorativos, bem como de cosmologias, cosmografias e ideologias (Hurtado, 2008; Valera, 2015c: 251). Note-se que o conjunto conta com limitações impostas pelas reduzidas intervenções em contextos datados do Neolítico, bem como na área geral que o complexo de recintos dos Perdigões abrange.

Também a nível contextual (na escala da estrutura) é possível compreender tendências e comportamentos diferenciados, atestando-se a omissão intencional dos artefactos ideotécnicos e elementos de adorno dos contextos funerários, sendo a única excepção um possível pendente, associado aos enterramentos juvenis na Fossa 11. Esta realidade contrasta com o comportamento identificado para os contextos calcolíticos, assistindo-se a uma possível reconversão e reinterpretação dos elementos ideotécnicos, que justificaria os conjuntos recuperados nos contextos funerários dos Perdigões (Valera, 2015c: 249), o surgimento de representações antrópicas mais naturalistas (Valera, Evangelista, 2014) e a diversificação das matérias-primas utilizadas (Valera, 2015c: 249). As associações contextuais, a uma escala mais alargada entre estruturas e numa análise mais focalizada no comportamento dos enchimentos das mesmas, são também importantes para compreender as biografias de cada contexto e as possíveis relações que estabeleceriam, diacronicamente, com os grupos humanos.

No caso dos elementos de adorno, o conjunto de apenas seis artefactos é reduzido para inferir padrões, verificando-se uma distribuição dispersa entre as estruturas, incluindo-se aqui a única ocorrência em ambiente funerário. Esta tendência, menor concentração em contextos funerários, não vai ser mantida em cronologia calcolítica, onde os grandes conjuntos se detectam nas estruturas funerárias, com poucos exemplares a surgir fora destes contextos.

O padrão de distribuição uniforme pelas diversas estruturas neolíticas foi também detectado no comportamento dos artefactos ideotécnicos, destacando-se os conjuntos recuperados no fosso 12 e no Hipogeu 1, o primeiro com sete exemplares e o segundo com oito.

No fosso 12 foram identificados dois exemplares de cerâmica simbólica com a presença de triângulos preenchidos, aos quais se somam cinco ídolos almerienses depositados na base desta estrutura, tornando o "reportório" ideotécnico pouco diversificado. Pelo contrário, no hipogeu 1, a diversidade de artefactos enquadráveis na tipologia dos "ídolos", a presença de xisto gravado, a identificação de um fragmento com triângulos preenchidos (com elementos e técnicas diferentes das tradicionalmente consideradas simbólicas) e a recuperação de um recipiente com ocre no seu fundo, tornam esta estrutura ímpar, correspondendo ao contexto neolítico onde se verificou maior concentração e diversidade de artefactos ideotécnicos, aos quais pode ainda ser somada a presença de uma calote craniana de cervídeo com as hastes conservadas, que poderia ter sido parte integrante em diversas práticas sociais, através da sua utilização como máscara ou como adereço simbólico.

Estas concentrações de artefactos no Hipogeu 1 podem ser associadas a duas fases distintas no enchimento e utilização desta estrutura. O conjunto composto pelos fragmentos de xisto gravado, ídolos placa e ídolo almeriense é proveniente do primeiro momento do hipogeu, encontrando-se estes elementos ideotécnicos associados a deposições de recipientes de grades dimensões, quase completos (Cf. Capítulo 4). Já a calote craniana de cervídeo, o fragmento com triângulos preenchidos e o ídolo de cornos com tatuagens faciais, associados a taças carenadas e potes mamilados, são referentes à quarta fase, onde se atesta um novo momento na vida da estrutura , subsequente ao abatimento do tecto e ao preenchimento do espaço periférico com a deposição de fragmentos cerâmicos, que terá aumentado o diâmetro da abertura e diminuído a sua profundidade, estimulando o surgimento de novas circunstâncias de ocupação.

É, no entanto, necessário reconhecer que estas tendências se relacionam com a diferença na natureza das diversas estruturas de cronologia neolítica, considerando-se que contextos como o hipogeu, ou outras fossas, se encontram totalmente escavados, contrastando com estruturas como o fosso 12, no qual apenas um pequeno troço foi intervencionado. Estes materiais e associações ideotécnicas acrescentam informações para a compreensão de algumas das fases de vida destas estruturas, bem como de algumas das práticas a elas associadas, podendo estes ser parte integrante, em combinação com recipientes cerâmicos, líticos e outras realidades arqueológicas intangíveis, de festividades ou práticas sociais que se centram nos ambientes e contextos de onde os mortos parecem ser arredados.

Os dados dos Perdigões neolíticos contribuem para uma imagem regional onde os elementos ideotécnicos e os adornos representam pequenas partes dos conjuntos artefactuais, mas que, ainda assim, não deixam de estar presentes. Esta realidade materializa a existência de pensamentos e expressões simbólicas, em especial nos recintos de fossos, ainda no decorrer do Neolítico final, mesmo que estas sejam diferentes na dimensão, comportamento, ausências e presenças, como observável nos conjuntos da Ponta da Azambuja, com diversos ídolos de cornos, antropomórficos em argila, placas de xisto e apenas um pendente (Rodrigues, 2015: 205), em Moreiros 2, com ídolos de cornos (Peace, 2015: 15), ou ainda Juromenha 1, onde um ídolo de cornos foi identificado, bem como um fragmento antropomórfico naturalista (Mataloto *et al.*, 2018). Os materiais neolíticos dos Perdigões possibilitam atestar uma tendência partilhada em termos dos elementos ideotécnicos e de adorno nestes recintos, ainda que o conjunto dos Perdigões se destaque pela sua dimensão e maior variedade.

Esta realidade permitiu compreender que estes artefactos se apresentam sempre como elementos minoritários nos conjuntos artefactuais, independentemente da cronologia em estudo, ainda que lhes seja associada uma diversidade tipológica, que concretiza e acentua a pluralidade de papéis sociais que com eles podem estar relacionados. No caso do conjunto dos Perdigões neolíticos, são realizados com recurso a matérias-primas exógenas em 49% dos casos. Estes materiais podem, em especial no caso dos elementos ideotécnicos, servir como meio de materialização dos sistemas vigentes, representando visões cosmológicas da vida, da realidade e da própria paisagem que, exclusivas de um grupo ou partilhadas, servem processos de gestão identitária através de mecanismos de homogeneização ou diferenciação. Esta questão poderá ser expressa pela diversidade que ocorre nesta categoria de materiais, verificando-se a presença de artefactos mais antropomórficos (como os ídolos almerienses), ou elementos mais abstractos (que não deixam de remeter para as representações antrópicas, como o ídolo de cornos do hipogeu com a presença de tatuagens faciais), ou ainda figurações mais esquemáticas (caso do OCNI). É, portanto, possível reconhecer que no decorrer do Neolítico Final, a diversidade de representações que têm subjacente a figura humana poderá reflectir relações e fronteiras mais fluídas, situação que se terá prolongado pelo calcolítico (Valera et al., 2014).

Esta fluidez pode estar por trás da presença recorrente de formas geométricas (principalmente triângulos e ziguezagues) e de motivos e elementos decorativos partilhados, como atestado nas placas de xisto, na cerâmica simbólica e na própria morfologia dos ídolos almerienses. Ainda que, o seu real significado e valor nos seja inacessível, corporalizam mensagens e ideias, contando com uma agência e função social que pode relacionar-se com as representações mais abstractas e esquematizadas do corpo humano. Os diferentes materiais e representações mostram que estes artefactos específicos inscrevem em si papéis, funções e percepções partilhadas, aludindo a ideias que podem fundir elementos antropomórficos e zoomórficos, que seriam socialmente activos e contribuiriam para a construção e coesão da paisagem social do final do Neolítico, constituindo-se como um dos elementos que marcam a crescente necessidade de expressão ideológica que se intensifica a partir deste momento.

5.7 UTENSILAGEM EM OSSO (P. CASTANHEIRA, N. CABAÇO)

Os materiais analisados no âmbito do presente estudo dizem respeito à indústria óssea recolhida em contextos do Neolítico Final do Complexo Arqueológico dos Perdigões, perfazendo um total de 39 peças (excepto os possíveis apitos – ver 5.4). Os contextos de proveniência correspondem à Fossa 48 (único contexto atribuível à fase do Neolítico Médio que revelou indústria em osso – um furador), aos Fossos 5, 6, 8 e 12 e ao Hipogeu 1. Contudo, a maioria dos artefactos provém do Hipogeu 1, num total de 23 artefactos.

5.7.1 Critérios de análise dos artefactos

A análise dos artefactos foi feita com base em quatro critérios fundamentais: elemento anatómico utilizado para a produção dos artefactos, marcas de produção, marcas de uso e medidas intra-tipológicas (Choyke, Schibler, 2007; Legrand, Siderá, 2007). Com base nestes elementos, foi elaborado um questionário de análise centrado fundamentalmente na produção e respectivo uso de cada peça.

Foram tidos em conta os seguintes atributos dos vários artefactos:

- L (Largura)
- LP (Largura na zona proximal)
- LD (Largura na zona distal)
- E (Espessura)
- EP (Espessura na zona proximal)
- ED (Espessura na zona distal)
- CT (Comprimento total)
- CD (Comprimento da superfície de uso (zona distal))

Para aferir as técnicas de produção utilizadas e eventual uso das peças, foram analisadas, quando possível, as marcas correspondentes a cada uma delas e ainda visíveis na superfície óssea. Desta forma, foi possível reconhecer as seguintes técnicas de produção:

- Percussão
- Abrasão longitudinal ou transversal;
- Rasgo longitudinal;
- Torção/Flexão

Em relação às marcas de uso das peças, foi possível aferir diferentes histórias de uso, de curto e longo prazo. Os mais comuns são de facto os indicadores para utilizações de curto prazo, nomeadamente o estriamento (mais e menos intenso), polimento e eventual lascado, ainda que esta situação esteja documentada apenas para as peças designadas como espátulas, sendo que uma delas apresenta indícios de uma mais longa história de uso. Menos comuns, mas também presentes, são os artefactos que apresentam indícios de períodos operatórios mais extensos, apresentando um intenso boleamento das superfícies e, em alguns casos, deformações da superfície da peça. Para uma melhor categorização destes tempos, foram utilizadas as designações de Isabelle Siderá, que distingue curto e longo prazo pelo grau de alteração atingido: alteração de superfícies activas, no caso das *short-term alterations* (Siderá, 1993: 198-204); e alteração dos volumes da secção activa, no caso das *long-term alterations* (*Idem*: 205-208).

As peças foram ainda sujeitas a um processo de classificação tipológica, correspondente aos resultados obtidos e englobando os quatro critérios principais anteriormente enumerados. Desta forma, e sendo que uma significativa parte do conjunto corresponde a peças apontadas, estas foram agrupadas em 3 grandes grupos: peças apontadas; espátulas e indústria expedita. No âmbito das peças apontadas, a distinção por tipos é feita com base num critério morfológico, sendo que os vários subtipos respondem a critérios relacionados com a matéria-prima que, como se pôde verificar, influencia tanto o índice de alongamento total das peças como o índice de alongamento da secção activa (secção distal) e, naturalmente, a técnica de produção preferencial, sobretudo no que diz respeito ao seccionamento de ossos longos, que parece diferir em função do elemento anatómico utilizado como suporte.

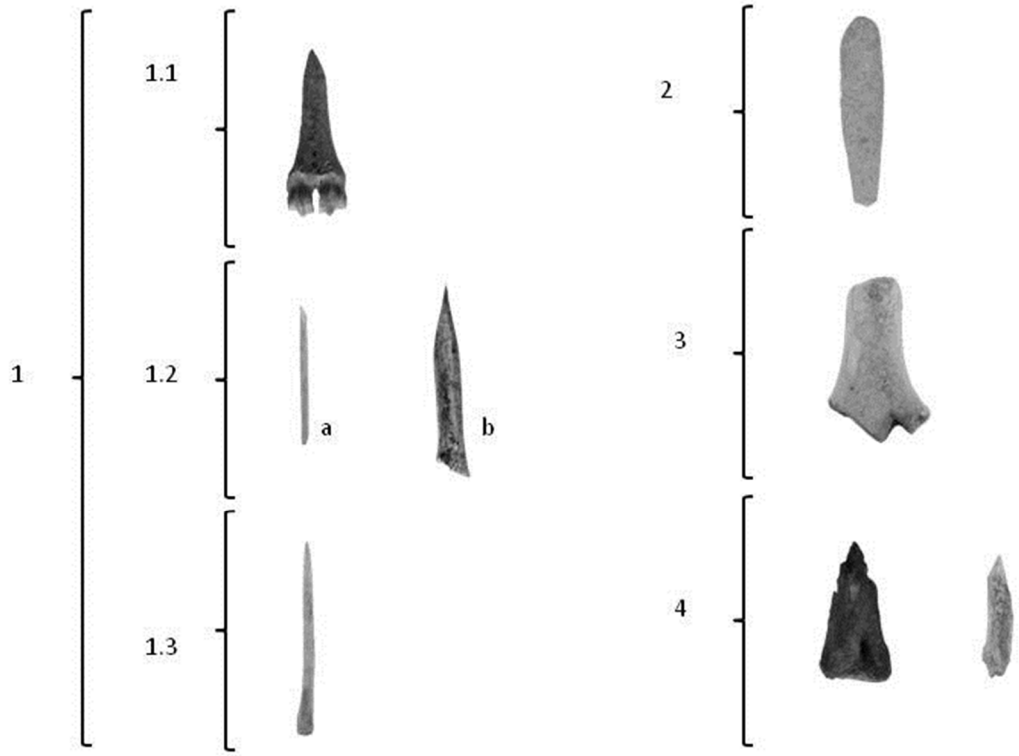
Tabela 5.7 – Classes de artefactos realizados sobre osso.

Tipos	Sub-tipos	Descrição
1	**Utensílios apontados**	
	1.1	**Furadores** - Utensílios apontados por percussão e abrasão longitudinal e/ou transversal sobre metápodos ou metacarpos de ovis/capra
	1.2	**Punções/Agulhas** - Utensílios apontados cujas extremidades distais apresentam espessuras médias inferiores a 2mm
	a	Utensílios apontados sobre esquírola de osso longo e cujas extremidades distais apresentam espessuras médias inferiores a 1mm.
	b	Utensílios apontados sobre osso longo de animal de MSM e cujas extremidades distais apresentam espessuras entre 1 e 2mm
	c	Utensílios apontados sobre metápodo de MSM
	d	Objectos polidos, possivelmente apontados, dos quais se recolheram apenas fragmentos mesiais que não permitiram restituir a sua morfologia original
	1.3	**Alfinetes**
2	**Espátulas** - peças produzidas sobre costela de LSM e bordos boleados	
3	**Cabos** - peças executadas sobre osso longo de cervídeo, cuja extremidade destinada ao encabamento se encontra talhada em toda a volta	
4	**Indústria expedita** - Utensílios apontados produzidos a partir de fragmentos de osso longo, seja por afeiçoamento de uma das extremidas seja pelo aproveitamento de linhas de fractura já existentes	
5	**Indeterminado**	

Ao nível da análise arqueozoológica, o elevado grau de alteração da superfície óssea constrange a recolha de dados referentes a colecções desta natureza, pelo que, para as peças em análise, o estudo focou-se na classificação taxonómica, na determinação do elemento anatómico utilizado como suporte e lateralidade do mesmo. Para o efeito, recorreu-se à colecção de referência de vertebrados do Laboratório de Arqueociências da DGPC (Moreno-Garcia *et al.*, 2003).

A ausência de caracteres morfológicos que permitissem a classificação de algumas das peças, levou a que se recorresse à criação de categorias taxonómicas gerais. A saber, LSM – animal de grande porte; MSM – animal de médio porte; ND – não determinado. Ainda neste âmbito, a dificuldade na distinção de grupos taxonómicos morfologicamente muito próximos (Boessneck,1969; Hatting, 1995; Payne, Bull,1988; Rowley-Conwy,1995), levou a que se recorresse à designação mais abrangente de alguns deles: ovinos/caprinos (*Ovis/Capra* sp) e suídeos (*Sus* sp).

Tabela 5.8 - Classes de artefactos realizados sobre osso.



5.7.2 Artefactos sobre osso: resultados da análise

Das 39 peças analisadas, foi possível identificar 16 elementos anatómicos e entre esses 11 permitiram identificação taxonómica. A maioria das peças analisadas (17) não permitiu ir além do porte do animal correspondente, sendo que 14 dessas peças corresponde a elementos anatómicos de animais de médio porte. As restantes 3 correspondem a animais de grande porte, sendo que apenas uma dessas peças permitiu a identificação do elemento anatómico utilizado como suporte, nomeadamente uma costela, afeiçoada e abrasida para produzir uma espátula. Entre os elementos não identificados, constam ainda 11 peças, às quais não foi possível fazer qualquer correspondência taxonómica.

Entre os táxones identificadas, predominam os elementos produzidos sobre metatarsos e metápodos de ovicaprinos, todos eles correspondentes a furadores. Além de ovicaprinos, foram identificados apenas outros três grupos taxonómicos, nomeadamente Equídeos (*Equus.* sp), Cervídeos (*Cervus* sp.) e Suídeos (*Sus* sp.). Seguindo o grupo Ovinos/Caprinos (*Ovis/Capra* sp.), que representa cerca de 20,51% da amostra, surgem os Cervídeos (*Cervus* sp.) e Suídeos (*Sus* sp.), correspondendo cada um deles a cerca 7,69% da amostra. Por último, os Equídeos (*Equus* sp.) representam apenas 2,56%, com um único exemplar. Não tendo sido possível para alguns casos uma classificação mais especifica foi, contudo, possível atribuir alguns peças a grupos mais abrangentes: animal de médio porte (MSM) – 30,77%; animal de grande porte (LSM) – 5,13% e não determinados (ND) – 25,64%.

A diversidade anatómica dos suportes utilizados afigurou-se algo reduzida, correspondendo a esmagadora maioria do conjunto a elementos do esqueleto apendicular

(97.44%) e apenas uma peça referente ao esqueleto axial (2.56%), nomeadamente uma costela de animal de grande porte, utilizada como espátula. No caso do esqueleto apendicular dominam os metápodos (Metacarpos e Metatarsos), mas encontram-se igualmente presentes úmeros, fémures, tíbias e fíbulas.

5.7.3 Dados em contexto

As diferenças entre os vários tipos de contexto não poderiam ser mais flagrantes, seja ao nível do tipo de peças recolhido em cada estrutura, seja pelos diferentes estados de conservação das mesmas. Os processos pós-deposicionais parecem ser consideravelmente mais intensos em peças recolhidas no âmbito de estruturas de tipo fosso, ainda que o único utensílio recolhido no interior da Fossa 48 também evidencie um intenso desgaste e abrasão da extremidade fragmentada. Por outro lado, as peças recolhidas no interior da estrutura designada por Hipogeu 1 apontam para condições deposicionais consideravelmente diferentes das demais, encontrando-se em muito melhor estado de conservação e com muito poucas evidências de desgaste e deterioração por exposição aos diferentes elementos.

Na sua generalidade, o conjunto é dominado por utensílios apontados, correspondendo a 64% das peças (25). Dentro deste grupo, os utensílios mais comuns são os de tipo punção/agulha (15). Se atentarmos, no entanto, à distribuição dos vários sub-tipos por estrutura, verifica-se que os punções/agulhas se concentram sobretudo no Hipogeu 1. Por outro lado, os furadores (8), encontram-se homogeneamente distribuídos pelas várias estruturas, não estando presentes nos Fossos 6 e 12. Os demais sub-tipos, de número residual, encontram-se distribuídos sem qualquer tendência particular.

No que respeita à categoria dos utensílios apontados, os furadores foram produzidos sobretudo com recurso a metápodos e metatarsos de ovinos/caprinos. Ao nível da técnica de produção, verificou-se uma grande homogeneidade no tratamento das peças, afiadas por percussão indireta em alguns casos (sobretudo reavivamentos) e com recurso a abrasão transversal.

Os punções/agulhas foram produzidos com recurso a diferentes suportes, associáveis à espessura da extremidade distal das peças: se por um lado os utensílios de sub-tipo A correspondem exclusivamente a peças produzidas sobre esquírolas de osso longo polidas, o sub-tipo B apresenta uma maior diversidade anatómica, com dois punções produzidos sobre metápodos e um sobre metacarpo.

A classe dos alfinetes compreende duas peças, distintas entre si: de uma delas, um fragmento muito pequeno, pouco se pode acrescentar sobre a sua produção, podendo apenas dizer-se que foi intensamente polida. A segunda peça, correspondente a fíbula de suídeo, foi classificada de forma distinta da anterior devido a uma maior espessura da sua extremidade distal (4mm contra 2mm). A peça foi alvo de intensa abrasão longitudinal, que produziu alterações à morfologia original do suporte, e de um intenso polimento de toda a superfície.

Na categoria das espátulas foram englobadas duas peças distintas em relação às suas dimensões e suporte. Destaque-se aqui a peça produzida sobre a costela de animal de grande porte a partir do seu afeiçoamento: esta peça é a única em todo o conjunto e regista indicadores claros de ter sido utilizada por um longo período de tempo, registando não só boleamento da sua superfície activa, como alterações à sua morfologia original.

Relativamente à categoria de cabos, as duas peças identificadas terão sido produzidas com recurso a percussão indirecta, lascando a extremidade distal de um úmero e de um fémur de cervídeo, por forma a facilitar o encabamento de alguma outra peça. Exemplos similares estão documentados para a estremadura portuguesa, onde algumas peças estariam ainda

encabadas (Gonçalves, 2009: 340). De notar é o facto de na bibliografia disponível não existir referência ao uso de ossos de cervídeo para a produção destes cabos, geralmente sobre osso de ovis/capra ou bovídeo (Cardoso, 2003).

Figura 5.38 – Utensilagem em osso. 1-2. cabos; 3. Espátula; 4-5. Furadores: 6-8. Punções/agulhas.

É para já impossível fazer leituras de âmbito regional que justifiquem a diferença, pois apenas se conhecem estes dois exemplares no Alentejo. Porém, tal facto dever-se-á mais ao escasso investimento no estudo deste tipo de colecções do que a uma efectiva ausência no registo arqueológico. Como tal, não será possível avançar com leituras complementares que justificassem a opção de suporte tão distinta, ainda que seja é relevante salientar a importância que a selecção do suporte/espécie pode adquirir do âmbito de comunidades que terão ainda fortes fundamentos animistas, onde esta opção por uma espécie selvagem em detrimento de um animal doméstico poderá ultrapassar questões de natureza mais prática, até pela maior dificuldade na obtenção da matéria-prima (Choyke, 2008 *apud* Altamirano Garcia, 2014).

Por último, foram considerados utensílios de uso expedito (8). Para a criação desta categoria utilizou-se a definição de uso "furtuito" (Johnson, 1982: p.147), que define como indústria expedita qualquer utensílio intensionalmente moldado para o uso, sem critério aparente na selecção do suporte e sem grande investimento produtivo. A este grupo correspondem apenas utensílios apontados, com afeiçoamento de uma extremidade cuja fractura tivesse já propiciado a sua utilização como furador ou punção. A definição desta categoria não surge sem grandes reticências, dada a precaridade do conceito utilizado para a definir e a ausência, para já, de critérios mais rigorosos na classificação deste tipo de peças. Para maior detalhe sobre a discussão em torno deste tema ver, por exemplo, Lyman (1984).

Acrescem ainda duas peças de categorização indeterminada.

5.7.4 Algumas leituras possíveis

O significativo conjunto de punções/agulhas provenientes do Hipogeu 1 (13), a par da escassa espessura das extremidades distais das várias peças e ausência de perfuração na extremidade proximal, levantou algumas questões referentes à interpretação destas peças. Geralmente atribuídas a um subtipo do grupo das agulhas (Benito, 1998; Cardoso, 2003; Gonçalves, 2009), são tradicionalmente interpretadas como utensílios de costura. Porém, a espessura da sua secção activa não tem sido utilizada como critério diferenciador, e este indicador poderá ser determinante na reinterpretação deste tipo de peças.

As várias agulhas recolhidas no Hipogeu são genericamente agrupáveis em dois momentos diferentes da colmatação da estrutura: um primeiro conjunto é atribuível ao primeiro momento do enchimento daquela estrutura, enquanto que um segundo é enquadrável numa fase posterior ao abatimento parcial da cúpula da estrutura. Em função desta aparente concentração de materiais e das dúvidas que a sua morfologia levantou, procurou-se investir em diferentes hipóteses de trabalho relativas à sua interpretação funcional, relacionando-se com outros dados que têm vindo a ser obtidos para os Perdigões.

Os recentes estudos sobre a contaminação de mercúrio em restos humanos nos Perdigões e a sua associação à utilização de cinábrio (Emslie *et al.*, 2015) nomeadamente através da possibilidade da realização de tatuagens que utilizassem este produto, e a proximidade contextual destas agulhas a um recipiente que conservava restos de orcre vermelho (Figura 5.39), conduziram a que se levantasse a hipótese de estas agulhas poderem estar relacionadas com a prática da tatuagem.

Em 2011, Aaron Deter-Wolf e Tanya Peres (2013) apresentaram, no âmbito do Encontro Anual da EAA, um estudo experimental inovador, tendo solicitado a um tatuador que testasse a eficácia de um alargado conjunto de utensílios em osso. O tipo de peça mais eficiente, capaz de produzir uma linha fina e limpa, mesmo com recurso a piquetagem manual, foi precisamente a categoria dos punções/agulhas, cuja espessura da extremidade distal não ultrapassa os 2 mm (Figura 5.40).

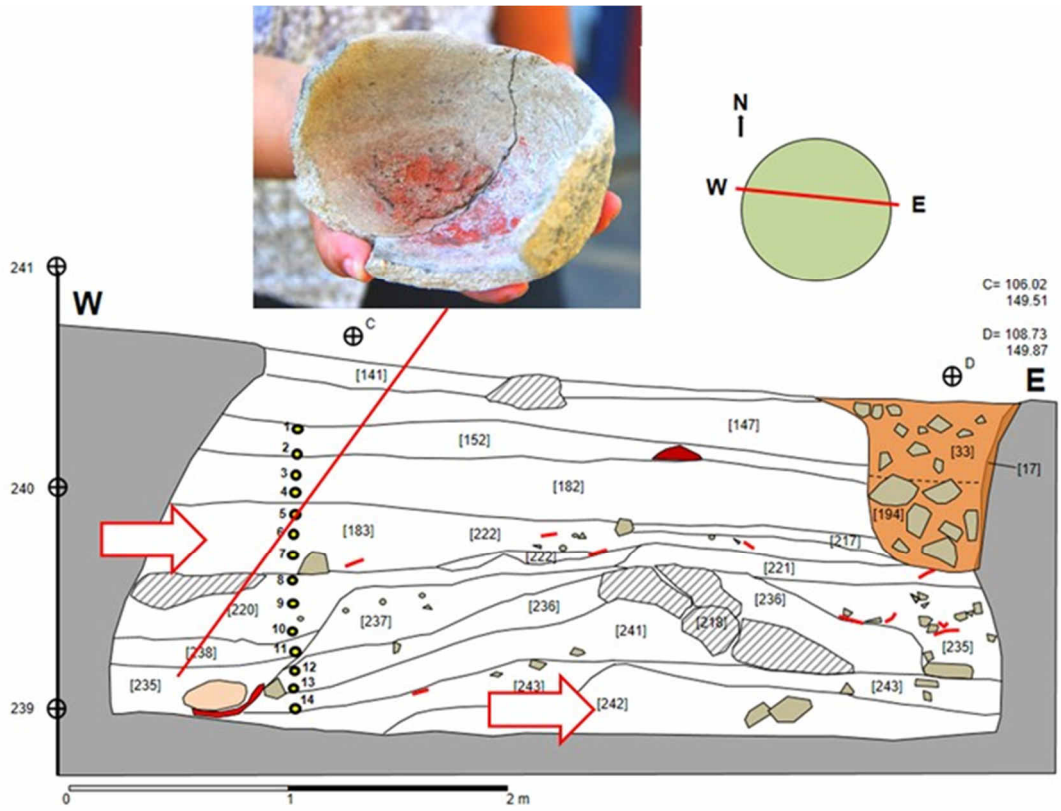


Figura 5.39 – Contexto de recolha de recipiente com restos de ocre vermelho e das maiores concentrações de punções/agulha (setas vermelhas) no Hipogeu 1.

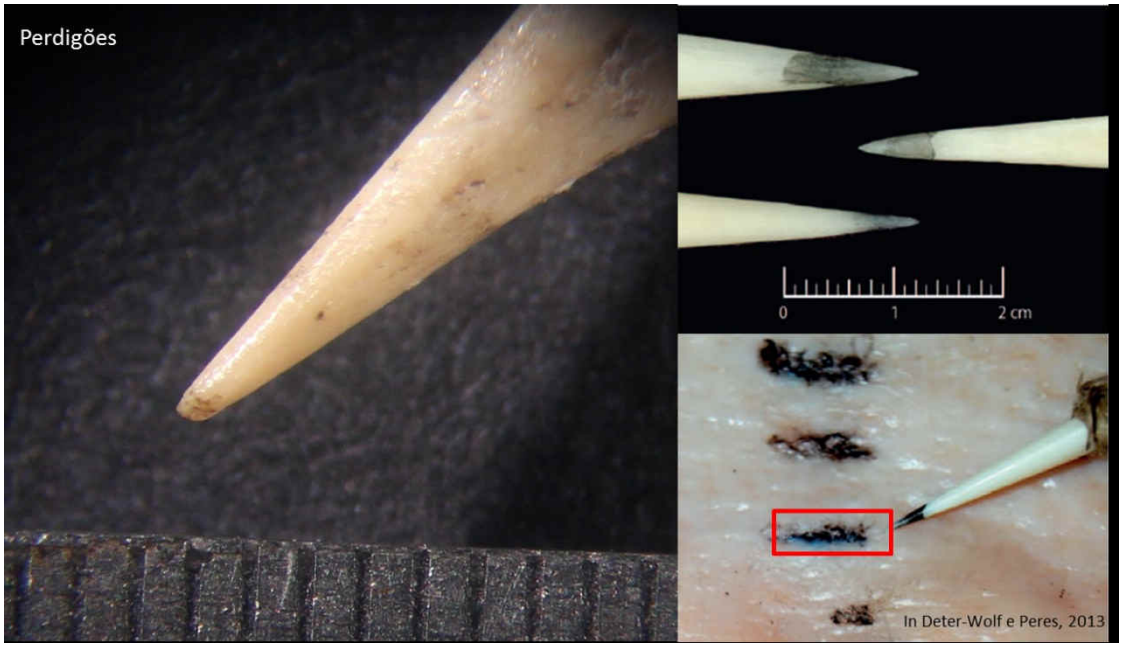


Figura 5.40 – Pormenor de uma agulha proveniente do Hipogeu 1 e pormenores das agulhas testadas no estudo de Deter-Wolf, Peres (2013).

Ainda que nesta fase se trate apenas de uma hipótese de trabalho, o certo é que o recurso a peças deste tipo para tatuar não é totalmente descabido e carece sobretudo de um maior investimento por parte da investigação arqueológica, podendo a sua ausência dos discursos científicos estar mais relacionada com o estigma das próprias tatuagens (Deter-Wolf, 2013), do que propriamente com a ausência de argumentos favoráveis: desde as mais de 60 tatuagens de Otzi até às diversas tatuagens/pinturas faciais presentes em diversas representações antropomórficas, passando pelos inúmeros exemplos desta prática como fundamental no desenvolvimento da identidade cultural de diversas comunidades segmentárias e tribais pretéritas (Deter-Wolf, 2013) e actuais, parece fundamental começar a discutir as eventuais implicações de fenómenos sociais como este nos quotidianos das comunidades neolíticas, e como se podem manifestar no registo arqueológico.

De natureza preliminar, este estudo, tendo recorrido quase exclusivamente a análise macroscópica das peças em análise, vem reafirmar a necessidade de mais estudos traceológicos e de colocar novas questões, que permitam desenvolver novas abordagens e análises complementares, no sentido de alargar os discursos referentes a utensilagem óssea, que ainda hoje se prendem com constrangimentos funcionalistas redutores.

6 CONTEXTOS FUNERÁRIOS E MANIPULAÇÃO DE RESTOS HUMANOS

A.C. Valera; A.M. Silva; I. Leandro; R.M. Godinho; L.S. Evangelista

Os contextos funerários até ao momento conhecidos nos Perdigões relativos à fase neolítica resumem-se ainda a apenas duas fossas (Fossas 7 e 11), já objecto de várias publicações (Valera 2008; Godinho 2008; Valera, Godinho 2009; Valera *et al.* 2014, Silva *et al*. 2015), a que se somam alguns restos humanos desarticulados depositados no interior de fossos (5, 8 e 13c) e fossas (62), e que não se enquadram dentro do mesmo registo de práticas funerárias. Todos os contextos se localizam no interior de recintos (Figura 6.1).

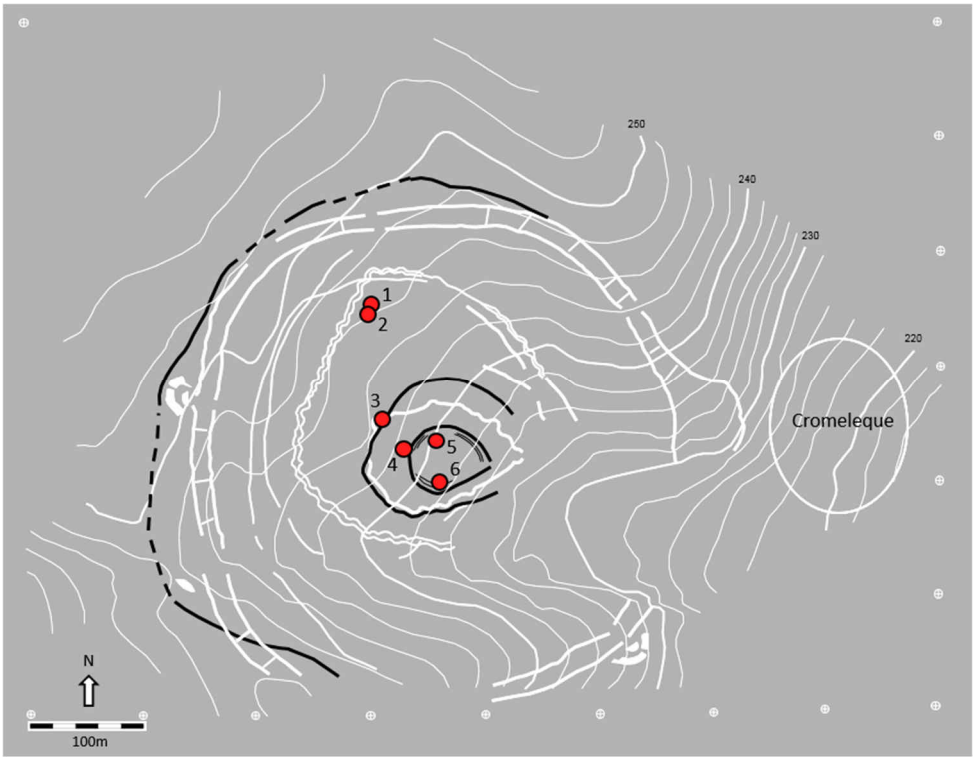


Figura 6.1 – Localização dos contextos funerários e contextos com restos humanos dispersos para a fase neolítica dos Perdigões (fossos neolíticos realçados a preto). 1 – Fossa 7; 2 – Fossa 11; 3 – Fosso 8; 4 – Fossa 62; 5 – Fosso 13c; 6 – Fosso 5. Os fossos neolíticos estão destacados a preto.

6.1 OS CONTEXTOS FUNERÁRIOS DAS FOSSAS 7 E 11

As Fossa 7 e 11 localizam-se no Sector I, numa área intermédia dos recintos, sensivelmente equidistantes dos fossos do Neolítico Final 8 e 11. As datações de radiocarbono obtidas (ver Capítulo 3) colocam estas deposições funerárias num momento contemporâneo do

enchimento dos fossos do Neolítico Final, nomeadamente do Fosso 11 (o mais exterior), pelo que devem ser consideradas como tendo sido realizadas no interior do espaço delimitado por aquele fosso. Encontram-se rodeadas e afectadas por várias fossas calcolíticas e na proximidade do Fosso 4, igualmente calcolítico (Figura 6.2). Na sequência estratigráfica observada pelos vários cortes efectuados pelas fossas, verifica-se que estas duas são as mais antigas e que, entre ambas, a Fossa 11 é mais recente, cortando parte da Fossa 7, o que é também sugerido pelas datações de radiocarbono.

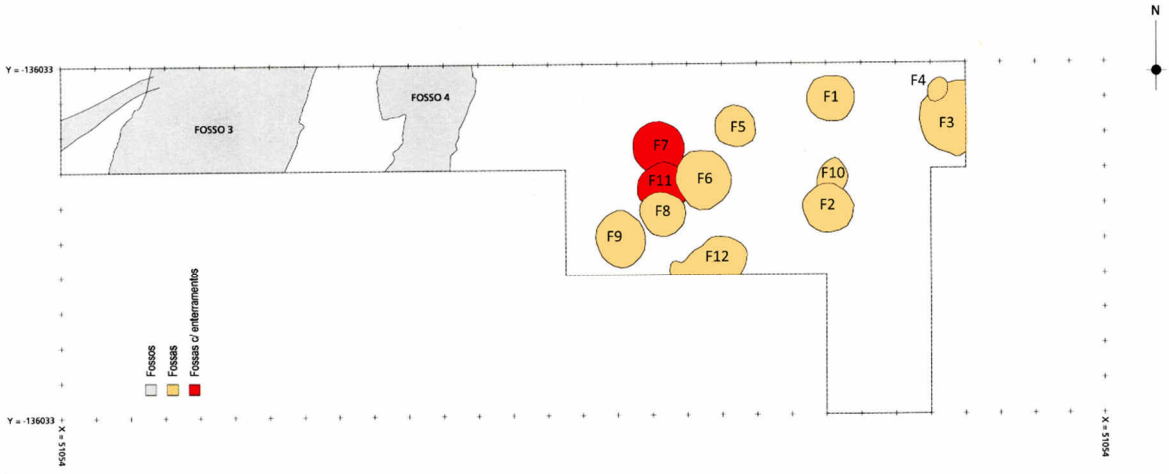


Figura 6.2 – Área intervencionada no Sector I, com localização das fossas 7 e 11.

A Fossa 7 apresenta uma planta subcircular e um perfil subtrapezoidal, tendo 1,42m de diâmetro na boca, 2,02m de diâmetro na base, 0,66m de profundidade e um volume de 1,46m^3. O enchimento da base desta fossa era constituído por areão de geológico local, sugerindo um eventual abatimento de parte da estrutura prévio à deposição dos restos humanos. Estes apareciam depositados nos sedimentos que preenchiam uma depressão realizada naquele depósito inicial e noutros que lhe eram sobrejacentes. Foram registados elementos de dois membros inferiores, um esquerdo [104] e outro direito [114], que retinham ainda conexões anatómicas parciais (nomeadamente um pé sob uma parte de geológico caído da parede da fossa) que pertenciam a um indivíduo adulto do sexo feminino com uma altura estimada em 157.3cm ±4.75cm. Foram ainda recuperadas falanges de mão de não adulto e vários fragmentos de crânio de adulto, o que no total perfaz um NMI de 2 (Figura 6.3: 1). O carácter disperso de vários destes ossos e a reduzida preservação das conexões (ainda que entre os ossos das pernas existisse uma distribuição com proximidade anatómica), indicia uma situação de revolvimento de disposições primárias.

Tal situação de perturbação é consistente com o facto de, logo acima dos sedimentos com os restos humanos, os depósitos revelarem uma cronologia calcolítica, documentando uma reabertura desta estrutura, provavelmente responsável pela perturbação/remoção dos restos humanos neolíticos em falta. Associados aos restos humanos apenas se recolheram ossos de uma pata de suídeo (Figura 6.3: 2), numa situação semelhante ao que se observaria igualmente na Fossa 11 (Moreno-Garcia, Cabaço, 2009). Estes ossos, a pesar de não estarem em conexão anatómica, estavam todos concentrados num pequeno espaço junto às conexões anatómicas parciais humanas.

Figura 6.3 – Fossa 7. 1 – Aspecto dos restos ósseos humanos; 2 – Parte de pata de suíno associada; 3 – Vista da parte da parede da fossa que abateu; 4 – Pé em conexão parcial sob o abatimento.

A Fossa 11 apresentava-se bastante afectada por fossas posteriores calcolíticas e pelo arado da surriba de 1996, preservando-se talvez em cerca de metade da sua área (Figura 6.4: 1). Tal circunstância impediu a obtenção das suas medidas em termos de diâmetro e volume, apenas fornecendo a profundidade: 0,32cm. A base da fossa era preenchida por um depósito argiloso vermelho alaranjado, muito homogéneo e compacto, sem materiais arqueológicos, o qual se configura como uma preparação para a deposição de pelo menos três indivíduos [76; 77; 78], cujos esqueletos se encontravam incompletos por razões distintas.

O indivíduo [76] era o mais incompleto, pois a maioria do seu esqueleto estaria da área cortada da fossa. Dele restou o crânio, algumas vértebras, costelas e uma mão, fragmentos das escápulas, clavículas e de ambos os úmeros. Encontrar-se-ia depositado sobre o lado direito, com o crânio orientado para Sudoeste e teria entre 16 a 17 anos à morte (Silva *et al*., 2015).

Figura 6.4 – Fossa 11. 1 – Aspecto dos restos humanos, vendo-se a base do rasgo de arado e, abaixo os sedimento de uma fossa calcolítica que cortou a Fossa 11; 2 – Aspecto da deposição da pata de suídeo (foto da pata remontada: José Paulo Ruas, in Moreno-Garcia, Cabaço, 2009).

O indivíduo [77], apresentava-se depositado sobre o lado direito, com cabeça orientada a Norte, faltando-lhe a totalidade do braço esquerdo e a parte distal do direito e tando as pernas cortadas, preservando-se apenas as partes proximais dos fémures. Estas estavam, contudo, dobradas sobre o abdómen, revelando que a obliteração não se ficou a dever nem à obliteração de parte desta fossa por uma outra calcolítica, nem à vala da surriba, correspondendo a um seccionamento efectuado em momento anterior. Por outro lado, a dobra dos fémures sobre o abdómen mantendo a conexão com os coxais indicia uma manipulação do corpo ainda com tecidos moles (mas que dificilmente poderia ter sido feita com o corpo ainda não decomposto), o que implicaria que esta fossa teria estado tapada e em oco, mantendo-se acessível durante algum tempo. Tal significa que existe a possibilidade de estes indivíduos terem sido depositados com algum deferimento temporal entre eles, e que a fossa funcionaria como um efectivo

sepulcro. Outra hipótese seria o indivíduo estar amarrado ou dentro de algum tipo de contentor. Este indivíduo teria à morte a idade de aproximadamente 12 anos (Silva *et al.,* 2015).

Finalmente, o indivíduo [78] estava também incompleto, faltando-lhe a mão direita e a quase totalidade das pernas, em resultado do corte da fossa durante o Calcolítico (não o da surriba). Encontrava-se depositado sobre o lado esquerdo, com cabeça orientada a Norte, e teria aproximadamente 5 anos de idade à morte.

As análises de ADN realizadas nos três esqueletos revelaram que dois correspondem a um indivíduo feminino (P77) e a um masculino (P78), pertencentes aos haplogrupos U5 e J2, respectivamente, não revelando relações matrilineares entre si. Os resultados do terceiro indivíduo (P76) são inconclusivos.

Para além dos restos osteológicos humanos apenas se registou uma pata de suídeo, depositada junto à parede da fossa por trás dos coxais do indivíduo [78] (Figura 6.4: 2), e uma concha de berbigão perfurada junto ao indivíduo [77]. Estamos, pois, perante dois contextos com deposições primárias múltiplas (num mínimo de dois na Fossa 7 e de três na Fossa 11) que revelam um ritual aparentado, pelo menos no que respeita à associação dos restos humanos a patas de suídeo e na ausência de outros materiais arqueológicos (para além do pendente de concha). A sua cronologia foi, assim, estabelecida por datações de radiocarbono, com resultados que parcialmente se sobrepõem.

Contudo, o facto de a Fossa 11 cortar a Fossa 7 indica a posterioridade da primeira e permite modelar as duas datas obtidas, conferindo maior precisão ao período das deposições (Figura 6.5). Desta forma, a datação obtida para a Fossa 7 (Beta-289265), realizada sobre uma falange do pé, coloca aquela deposição com maior probabilidade no último século do 4º milénio AC, enquanto que a datação para a Fossa 11 (Beta-289263), obtida sobre uma falange de mão do indivíduo [76] (talvez o último a ser depositado, pois a mão está sobre o indivíduo [78]), o coloca no primeiro século do 3º milénio AC, ou seja, no final do espectro cronológico do Neolítico Final (ver Capítulo 3).

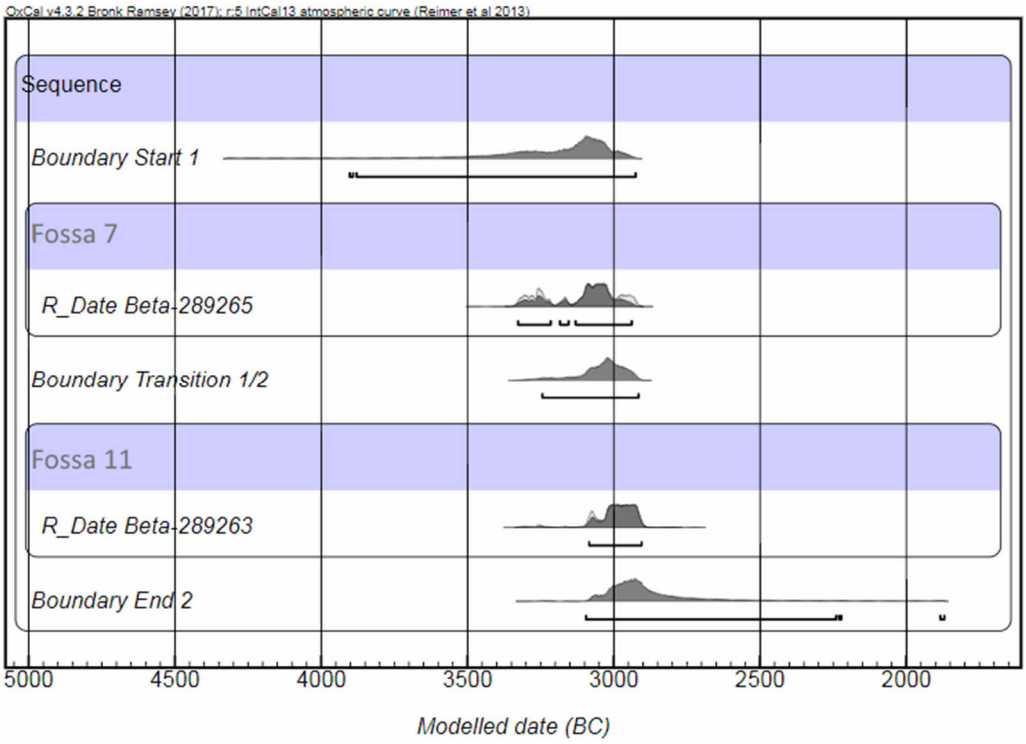


Figura 6.5 – Datas modeladas para as Fossas 7 e 11.

Estes foram os únicos contextos neolíticos a serem identificados no Sector I. Todavia, num dos depósitos superiores do Fosso 4 [UE18], de cronologia calcolítica, foi recolhido um dente de suídeo que proporcionou uma datação do Neolítico Final (Beta-285099 - 4420±40BP – 3320-2920 cal AC a 2σ). Esta situação corresponde a um *outlier* na sequência cronológica do Fosso 4, resultado da introdução de um material antigo nos sedimentos de colmatação do topo do fosso. Poderá, todavia, estar eventualmente relacionada com a violação da Fossa 7 durante o Calcolítico, já que a fossa está a escassos quatro metros da zona do fosso onde se registou o dente de suíno datado.

6.2 RESTOS HUMANOS EM FOSSOS E FOSSAS.

Para além destes dois contextos de natureza funerária, existem ainda situações em que restos humanos desarticulados ocorrem em depósitos de enchimentos de três fossos e de uma fossa.

No Fosso 13c foi registada uma mandíbula de adulto, provavelmente masculino (com base na morfologia do mentum – Ferembach, *et al.* 1980). Esta mandíbula foi intencionalmente fragmentada por flexão (apresentando as características típicas desta fractura) e depositada com uma metade sobre a outra, mas com orientações opostas (Figura 6.6: 1), encontrando-se integrada numa deposição de fragmentos cerâmicos, de fauna mamalógica e pedras pequenas que preenchiam uma depressão alongada e centrada no topo dos enchimentos do fosso.

No Fosso 5 (na sondagem 2 do Sector Q) foram recuperados cinco fragmentos de crânio humano, um quarto metacarpiano direito e um fragmento de clavícula esquerda com a extremidade esternal não fundida, indicando pertencer a um indivíduo com menos de 30 anos. Alguns destes ossos evidenciam sinais de exposição ao fogo, com alteração de cor. A estes, acresce um conjunto de outros fragmentos de diáfises de ossos longos cujo o grau de fragmentação não permite uma atribuição inequívoca, mas que poderão corresponder a restos humanos, alguns dos quais cremados. O NMI é 1.

No Fosso 8 registou-se apenas um dente integrando a dispersão de fragmentos cerâmicas com a qual o preenchimento do fosso foi encerrado. Trata-se de um segundo molar superior direito (FDI17) com o apex encerrado, indicando pertencer a um indivíduo maior que 14,5 anos (AlQahtani *et al.*, 2010).

Por último, na Fossa 62 foi recolhido um outro dente. Trata-se de um primeiro pré-molar superior direito (FDI14), com parte da raiz fragmentada. No entanto, o relativo grau de desgaste (grau 5 – Smith, 1984), sugere tratar-se de um dente pertencente a um indivíduo de idade adulta.

A presença de restos humanos, normalmente desarticulados, em depósitos no interior de estruturas negativas, nomeadamente de fossos, é relativamente comum em toda a Europa e tem vindo igualmente a ser identificada em recintos de fossos peninsulares (Márquez Romero, 2004; Valera, Godinho, 2010; Valera *et al.,* 2014; Rodrigues, 2014; Valera, 2015a; Evangelista, Valera, no prelo). Tal como outros aspectos relacionados com o preenchimento destas estruturas, a presença de restos humanos tem sido discutida tendo por pano de fundo o debate mais amplo relativo à natureza dos recintos de fossos, isto é, o seu desempenho social e o género de práticas que neles são desenvolvidas. No caso dos Perdigões, a manipulação de restos humanos e a sua presença em contextos não funerários, com ou sem algum nível de formalização, encontra-se bem atestados, com particular evidência durante todo o Calcolítico. Os dados disponíveis para o Neolítico indicam, porém, que essas práticas se encontravam presentes desde o início, revelando uma prática transversal à diacronia do sítio.

Figura 6.6 – 1 - Mandíbula humana fragmentada por flexão e depositada num *recutting* do Fosso 13c. Foi depositada com um fragmento sobre o outro, mas com orientações opostas. 2 – Fragmentos de restos osteológicos humanos recolhidos numa área relativamente concentrada do Fosso 5 (Sondagem 2 do Sector Q).

6.3 BREVE NOTA SOBRE OS CONTEXTOS FUNERÁRIOS E DE MANIPULAÇÃO DE RESTOS HUMANOS DURANTE A FASE NEOLÍTICA NOS PERDIGÕES.

Tendo sempre em linha de conta que estão escavados apenas cerca de 1,5% da área dos Perdigões, podemos afirmar que os contextos com restos humanos durante a fase neolítica nos Perdigões são ainda escassos, sobretudo quando comparados com as evidências que existem para a fase calcolítica, facto bem evidenciado pelo número mínimo de indivíduos até ao momento contabilizados para ambas as fases: 9 para o Neolítico e 402 para o Calcolítico (diferença que se agravará significativamente com a conclusão do estudo em curso relativo aos cremados da Fossa 40). Apesar da escassez, contudo, os dados já disponíveis revelam que vários dos aspectos que irão caracterizar as práticas funerárias e as manipulações de restos humanos nos Perdigões durante o 3º milénio AC estão já presentes na segunda metade do 4º milénio AC.

A maior diferença para a fase seguinte é a presença inequívoca de deposições primárias na Fossa 11, ainda que se possa sempre questionar se os corpos foram ali depositados inteiros, já que o único indivíduo [77] não afectado pelas obliterações que a estrutura sofreu revelou a remoção dos membros inferiores (se numa fase prévia ou posterior à deposição é difícil de dizer). De facto, ainda não foi reconhecida nos Perdigões durante o Calcolítico qualquer deposição primária integral de um indivíduo, sendo mesmo as conexões anatómicas parciais conhecidas extremamente raras. Sem que tal possa excluir a possibilidade da existência de algumas deposições primárias (posteriormente desarticuladas) nos contextos já intervencionados, o facto é que a sua presença não está demonstrada em um único caso, sugerindo uma intensa prática de manipulação de restos humanos e de deposições secundárias, de que os contextos de cremações das Fossas 40, 16 e ambiente 1, assim como as deposições de restos humanos em contextos não formalmente funerários, são o expoente máximo (Valera *et al.,* 2014).

Esta práticas, contudo, estão já presente no sítio na segunda metade do 4º milénio AC, nomeadamente quer através da deposição restos humanos desarticulados integrando deposições estruturadas em fossos, quer pela presença de alguns restos que evidenciam submissão à acção do fogo (no Fosso 5). Assim, e mesmo sem estarem ainda identificadas estruturas arquitectónicas especificamente funerárias nesta fase inicial dos Perdigões (já que as duas fossas, podendo ter sido construídas especificamente para serem sepulturas, também poderão corresponder a reutilizações para fim funerário), o que se observa é já uma diversidade de situações e práticas que caracterizará o 3º milénio AC, ainda que elevada a outra escala. É mais de continuidade que de ruptura entre as duas fases que estas práticas falam, e nisso estão em linha com muitas outras situações que podemos observar no sítio. Por outras palavras, integram uma trajectória social em desenvolvimento que apenas encontrará um momento de clara alteração nos finais do 3º milénio AC (Valera, 2015b).

7 PERDIGÕES NEOLÍTICOS: OS VERTEBRADOS

Cláudia Costa

7.1 INTRODUÇÃO

O complexo arqueológico dos Perdigões constitui até ao momento o sítio arqueológico datado da pré-história recente a Sul do Tejo que tem a maior colecção de fauna vertebrada publicada. Até ao momento os conjuntos provenientes do período Calcolítico (Costa, 2010; Cabaço, 2012; Cabaço, 2017) e pontualmente do Neolítico Final (Cabaço e Moreno-Garcia, 2009 e Cabaço, 2010).

No presente texto publica-se a colecção de restos de animais vertebrados datados das duas fases cronológicas detectadas do período Neolítico: Neolítico Médio e Neolítico Final (V. Cap. 3). No total foram recuperados 14492 restos de ossos, dentes e hastes ou chifres, pertencentes às cinco classes taxonómicas: peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos.

Os mamíferos são o conjunto mais numeroso, quer em restos como em diversidade taxonómica. Estão representados os carnívoros (cão, raposa e lince), lagomorfos (coelhos e lebres), os caprinos domésticos (as cabras e as ovelhas), os cervídeos (veados e corços), os bovinos (domésticos e auroques), o cavalo, os suínos e micromamíferos.

7.2 MATERIAIS E MÉTODOS

Os materiais faunísticos foram recolhidos manualmente durante a escavação dos diversos contextos arqueológicos do complexo dos Perdigões. Encontravam-se na generalidade em boas condições de preservação, embora muito fragmentados, em parte, devido ao processo de escavação e manipulação posterior. Sempre que possível os fragmentos foram colados e contabilizados como um único elemento.

Todos os restos que compõem a colecção foram observados individualmente e identificados anatómica e taxonomicamente segundo os procedimentos standards preconizados em Binford (1981), Lyman (1994) e Reitz e Wing (2008). A identificação taxonómica foi realizada com recurso à colecção de referência do Laboratório de Arqueociências da Direcção Geral do Património Cultural (Larc CiBio-DGPC), em Lisboa (Moreno-Garcia *et al*., 2003).

Os suínos e equinos foram classificados apenas ao nível do género. Os primeiros porque a subespécie peninsular dos javalis - javalis ibéricos, têm dimensões muito próximas do porco doméstico, daí que seja muito difícil distinguir o esqueleto dos porcos e os do javali ao nível da morfologia e do tamanho (Albarela *et al.*, 2005). Além disso, são espécies que hibridizam entre si. A distinção entre ambos só é possível através da caracterização osteométrica de determinados elementos do esqueleto, o que foi realizado por S. Davis do Larc. Quanto aos equinos, dada a dificuldade de distinção entre as diferentes espécies europeias (Bignon *et al.*, 2005), os elementos foram igualmente identificados apenas ao nível do género.

As ovelhas (*Ovis aries*) e as cabras domésticas (*Capra hircus*) são animais muito idênticos ao nível da morfologia do esqueleto, pelo que a sua distinção só é possível quando os elementos de diagnose se encontram preservados. Sempre que estes elementos se encontravam preservados essa distinção foi realizada seguindo os procedimentos de Boessneck, 1969 com o apoio dos esqueletos existentes na colecção de referência utilizada. Os restantes espécimes deste grupo foram classificados como pertencentes a *Ovis/Capra*.

Os materiais que não permitiram identificação taxonómica foram integrados numa categoria de tamanho segundo a observação da espessura da tábua óssea. Desta forma, consideraram-se mamífero de grande porte (ex. cavalo, vaca, veado), mamífero de médio porte (ex. porco, ovelha, cabra, corço), mamífero de pequeno porte (ex. lobo, cão, raposa, lebre, coelho) e micromamífero (ex. rato, morcego). No que concerne a estes últimos, pese embora a não crivagem dos sedimentos, o que condiciona a sua representatividade, foram separados e aguardam a identificação por especialistas na área.

A estimativa da idade à morte dos restos foi observada conforme o grau de desenvolvimento dos ossos em fetos e recém-nascidos (Prummel, 1987a, 1987b, 1988, 1989), o grau de fusão dos ossos com as epífises e desenvolvimento dentário (Zeder, 2006 para ovinos/caprinos e Lemoine *et al.*, 2014 e Zeder *et al.,* 2015). Foram ainda utilizados os esqueletos de ovelhas, cabras e suínos de várias idades depositados na colecção de referência do Larc.

As superfícies ósseas foram observadas macroscopicamente com o objectivo da detecção de evidências de manipulação antrópica, como marcas de corte e de percussão (Blumenshine, 1995; Fisher, 1995), processos de fracturação (Outram, 2002, 2004) e marcas manipulação térmica (Nicholson, 1993).

Todos os fragmentos de ossos, dentes e hastes ou chifres foram contabilizados e registados. A importância relativa de cada espécie ou grupo taxonómico foi obtida através da contabilização do número total de restos determinados (NTR). A estimativa do número mínimo de indivíduos (NMI) foi realizada através da contabilização da zona do osso ou dente mais representada (Grayson, 1984; Lyman, 2008) e expressa nas tabelas de quantificação geral (em anexo).

7.3 RESULTADOS

A amostra total dos restos de vertebrados recuperados das duas fases cronológicas atribuídas ao Neolítico Médio e ao Neolítico Final (V. Cap. 3) totalizam 14492, sendo 6 (0,04%) da classe dos peixes, 2 (0,01%) dos anfíbios, 137 (0,95%) dos répteis, 31 (0,21%) das aves e 14314 (98,8%) pertence à classe dos mamíferos. Provêm de 28 estruturas e contextos arqueológicos individualizados durante a intervenção arqueológica: Fosso 13; Fosso 14; Fossas 28; 33; 48; 49; 62; 64; 65; 69; 75; 82 atribuídas à fase do Neolítico Médio, e, do Neolítico Final, o Fosso 6; Fosso 11; Fosso 8; Fosso 12; Fosso 5; Sanja 1; Sanja 15; Hipogeu 1 e Fossas 14; 18; 23; 42; 66 e as Fossas 7 e 11 do Sector I, cujos materiais faunísticos se encontravam associados a enterramentos humanos (ver Cap. 6).

7.3.1 Peixes e anfíbios

No interior do Hipogeu 1 foram recolhidos seis restos de peixe, sendo 4 vértebras pertencentes à família Cyprinidae, uma delas cf. *Barbus* sp. (Gabriel, Costa, 2017). Trata-se de uma família com várias espécies que inclui as carpas e os barbos.

Quanto ao grupo dos anfíbios está representado exclusivamente pela ordem Anura, à qual se atribuiu um fragmento de tíbio-fibula no Fosso 6, cuja família ou espécie não foi identificada, e um fragmento proximal de úmero direito de *Bufo bufo* (sapo comum) no Hipogeu 1.

7.3.2 Répteis

Quanto aos restos de répteis encontram-se representados por quelónios (Chelonia) (n=5) tendo sido identificado um fragmento de carapaça que confere com a classificação de cágado mediterrânico (cf. *Mauremys leprosa*). Os restantes elementos de carapaça (n=2) e plastron (n=1) eram de reduzidas dimensões e não puderam ser identificados à espécie.

Foram ainda recuperados dois restos de sardão (*Lacerta lepida*) no interior do Hipogeu 1, um fémur completo e um fragmento de úmero, ambos do lado esquerdo, e 129 elementos de cobra ou víbora que se reportam a apenas um único individuo que deveria encontrar-se em articulação no momento da escavação da Sanja 1 (Tabelas 7.1 e 7.2).

Tabela 7.1 – Número total de restos de répteis.

	Fosso 13	Fossa 33	Fossa 69	Sanja 1	Fosso 6	Hipogeu
Chelonia	1	1	1		1	
cf. *Mauremys leprosa* (cágado mediterrânico)	1					
Lacerta lepida (sardão)						2
Colubridae/Viperidae (cobra/víbora)				129		
Total	2	1	1	129	1	2

Tabela 7.2 – Distribuição anatómica de anfíbios.

	Chelonia	Cf. *Mauremys leprosa*	*Lacerta lepida*	Colubridae/Viperidae
Crânio				9
Maxilar				1
Articular				1
Vértebras				51
Costelas				69
Úmero			1	
Fémur			1	
Carapaça	2			
Carapaça (nucal e cervical)		1		
Plastron (periferal)	1			

7.3.3 Aves

Foi recuperado um total de 31 ossos da classe das aves, sendo que apenas 3 não foram identificados taxonomicamente. O conjunto reflete uma lista variada, embora com o mínimo de um individuo de cada espécie ou taxon. O Hipogeu 1 do sector Q forneceu o maior número de restos e o mais variado. Os restantes contextos que forneceram materiais ornitológicos foram o Fosso 12, o Fosso 6 e a Fossa 62 (Tabela 7.3).

Os taxones identificados foram a perdiz (*Alectoris rufa*), o gavião (*Accipiter nisus*), a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*), um elemento do género *Aquila* sp. que na Península Ibérica tem duas espécies residentes: a águia-imperial e a águia-real. A coruja-das-torres (*Tyto*

alba) é o taxon com maior número de restos, mas que corresponderão a um único esqueleto que provém do interior do Hipogeu 1. Segue-se o bufo real (*Bubo bubo*) que se faz representar por apenas um elemento. As espécies do género *Turdus* sp. (tordos) são variadas e difíceis de distinguir morfologicamente pelo que os poucos elementos que foram recuperados não foram identificados ao nível específico. A família Corvidae está representada pelas gralhas preta ou calva (*Corvus frugilegus/corone*) e o corvo (*Corvus corax*).

A coruja-das-torres encontra-se representada por um esqueleto, que estaria possivelmente em articulação. Trata-se de uma residente comum no território peninsular e abundante a Sul do Tejo. Noturna e crepuscular, a coruja-das-torres frequenta uma enorme diversidade de biótopos desde áreas florestais pouco densas a campos abertos como lezírias e estepes cerealíferas, sendo frequente em zonas de atividade agrícola (Catry *et al*., 2010).

O corvo, a segunda espécie mais numerosa em Perdigões, está representada apenas por elementos cranianos de um indivíduo. É uma ave muito abundante em todo o território, com maiores densidades na região do Alentejo, ocorrendo com frequência nas zonas montanhosas. Trata-se de uma ave muito tímida e por isso evita zonas muito humanizadas (Catry *et al*., 2010). Encontra-se bem representada nos contextos do Calcolítico do recinto do Porto Torrão (Pereira, 2016).

A gralha-calva (*Corvus frugilegus*) e a gralha-preta (*Corvus corone*) são duas espécies muito idênticas ao nível da morfologia do esqueleto pelo que foi difícil classificar se os fragmentos recuperados se indexavam a uma ou outra espécie.

Tabela 7.3 – Número total de restos e número mínimo de indivíduos da classe das aves.

	Hipogeu		Fosso 12		Fosso 6		Fossa 62	
	NTR	NMI	NTR	NMI	NTR	NMI	NTR	NMI
GALLIFORMES								
Phasianidae								
cf. *Alectoris rufa* (perdiz)	1	1						
ACCIPITRIFORMES								
Accipitridae								
Accipiter nisus (gavião)							1	1
Buteo buteo (águia-d'asa-redonda)	1	1						
Aquila sp. (águia imperial/real)	1	1						
STRIGIFORMES								
Tytonidae								
Tyto alba (coruja das torres)	15	1						
cf. *Tyto alba* (coruja das torres)	1	1						
Strigidae								
cf. *Bubo bubo* (bufo real)	1	1						
PASSERIFORMES								
Turdidae	1							
Turdus sp. (tordo/melro)					1	1		
Corvidae								
Corvus frugilegus/corone (gralha calva/preta)			2	1				
Corvus corax (corvo)	3	1						
Indeterminados	1		1		1			
Total	25	7	3	1	2	1	1	1

A gralha-calva tem o estatuto de ave acidental no território português o que não implica que não fosse mais comum no passado. Por outro lado, a gralha-preta tem o estatuto de residente comum, embora a sua distribuição seja mais efectiva no Ribatejo e na faixa costeira entre Setúbal e Sines. Frequenta habitats variados, estando ausente de zonas fortemente agricultadas e humanizadas (Catry *et al.*, 2010). Ocorrem no registo arqueológico do Calcolítico do Sul em Montoito 2 (Costa, Mataloto, 2017).

A perdiz comum (*Alectoris rufa*), representada por apenas um elemento, é uma ave comum no território português e nos contextos arqueológicos contemporâneos dos Perdigões, como Penedo do Lexim (Moreno Garcia, Sousa, 2015a, 2015b) e Chibanes (Pereira *et al.*, 2017), por exemplo.

As rapinas diurnas identificadas são a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*), o gavião (*Accipiter nisus*) e a águia imperial/real (*Aquila* sp.). A primeira é uma residente muito comum em todo o território português, frequentando um vasto leque de biótopos desde as planícies às montanhas, de zonas arborizadas a campos agricultados. O gavião é mais frequente na actualidade na região norte do país e frequenta paisagens mistas de florestas e zonas agrícolas. Quanto à águia imperial ou real, ambas raras na actualidade, são espécies que ocupam áreas remotas e inacessíveis em regiões montanhosas (Catry *et al.*, 2010).

O bufo-real (*Bubo bubo*) é uma ave residente pouco comum no território português e faz-se representar em Perdigões por apenas um elemento. É também uma ave nocturna e crepuscular que prefere zonas pouco humanizadas (Catry *et al.*, 2010).

O género *Turdus* (tordos) é composto por várias espécies de passeriformes médios cujos critérios de distinção morfológica são difíceis de estabelecer, por isso, os quatro elementos identificados foram classificados apenas ao género. São aves comuns no território português do qual apenas se recuperaram em Perdigões apenas 3 elementos. Mas a sua ocorrência está registada em contextos arqueológicos em Chibanes (Pereira *et al.*, 2017) e Leceia (Gourichon, Cardoso, 2005) por exemplo.

Tabela 7.4 – Distribuição anatómica das aves.

	cf. *Alectoris rufa*	*Accipiter nisus*	*Buteo buteo*	*Aquila* sp.	*Tyto alba*	cf. *Tyto alba*	*Bubo bubo*	*Turdus* sp.	*Corvus frugilegus/coro*	*Corvus corax*	Indeterminado
Bico										1	
Mandíbula										2	
Coracoide					1						
Úmero	1				2						1
Ulna					2			1	1		
Rádio					1						
Carpometacarpo			1						1		
Digito				1							1
Fémur					3						
Tibiotarso					2						
Tarsometatraso		1			2	1					1
Falange I					1		1				
Falange II					1						
Total	1	1	1	1	15	1	1	1	1	3	3

7.3.4 Mamíferos

Os restos de mamíferos constituem quase 99 % do total da amostra recuperada que é composta maioritariamente por macromamíferos. Os micromamíferos identificáveis são compostos exclusivamente por restos osteológicos, mais concretamente do esqueleto apendicular, e foram separados para serem estudados por um especialista da área.

Os macromamíferos são compostos por canídeos (cães e raposa), um elemento de felino (lince ibérico), o cavalo, artiodáctilos (suínos, bovinos, caprinos domésticos e cervídeos) e lagomorfos (lebres e coelhos).

Canis sp. e *Canis familiaris* (cão)

Os restos do género *Canis* sp. englobam duas espécies, o lobo e o cão doméstico. Alguns dos restos recuperados, contudo não reuniam condições para a identificação específica (n=7) tendo sido classificados apenas como *Canis* sp.. Quanto aos restos de cão (n= 60) foram identificados em vários contextos, com maior prevalência nos contextos do Neolítico Final onde foi possível identificar seis indivíduos (n=59) contra apenas um resto recuperado na Fossa 62, pertencente ao Neolítico Médio (Gráfico 7.1).

O Fosso 8 forneceu a maior quantidade de material atribuído a este *taxon* composto por um crânio fragmentado, dois fragmentos de escápula, uma de cada lado, fragmentos de úmero, ulna e rádio do lado esquerdo, fragmento de pélvis esquerdo, fragmentos de fémur de ambos os lados e dois fragmentos de tíbia do lado direito. Na mesma unidade estratigráfica foram recuperadas vértebras cervicais (n=3) e vértebras torácicas (n=4) juntamente com costelas (n=19), algumas delas completas (n=5) com características morfológicas e de tamanho compatíveis com a classificação de cão (cf. *Canis familiaris*) (Tabela 7.8).

O Hipogeu é o segundo contexto a fornecer o conjunto mais numeroso de *Canis* sp./*Canis familiaris* (n=15) mas distribuídos por várias unidades estratigráficas (Tabela 7.16). Apenas na UE 220 foram identificados elementos completos da pata traseira esquerda (tíbia, fíbula, calcâneo, astrágalo e 3 tarsais) de cão que sugerem a articulação original.

A existência de grupos articulados de ossos de cão não é inédita nem em Perdigões (tendo-se registado na Fossa 45 de cronologia calcolítica, por exemplo) nem noutros contextos arqueológicos do final do 4º milénio a C. Numa fossa datada da segunda metade do 4º milénio a C, em Corça 1 (Serpa), foi também identificado um esqueleto parcial de cão juvenil que, dado o seu grau de conservação precária e afetação durante o processo de escavação, deveria originalmente estar completo e em articulação (Valera *et al.*, 2010). Ainda com datações dentro do 4º milénio a. C., mas ainda com informações muito preliminares, conhece-se o caso dos cães completos e parciais identificados durante a intervenção arqueológica levada a cabo na Horta da Morgadinha 2 (Gomes *et al*., 2012), algo que se conhece também em Polideportivo de Martos (Camara Serrano *et al.*, 2008) na Andaluzia.

Vulpes vulpes (raposa)

A raposa é exclusiva dos contextos do Neolítico Final nos Perdigões, tendo no total apontado para a existência de três indivíduos (n=8) (Gráfico 7.1). O conjunto reporta-se a fragmentos de ossos soltos distribuídos pelo Fosso 8, Hipogeu 1 e Fosso 12 (Tabelas 7.12, 7.14 e 7.15).

A raposa é um animal comum na Península Ibérica ocupando uma enorme diversidade de habitats mas preferencialmente matagais em mosaicos, florestas, campos agricultados, zonas pantanosas, montanhas, dunas e áreas urbanizadas. Ocupam abrigos e fazem tocas ou alargam

as tocas dos coelhos. Têm hábitos crepusculares e nocturnos e alimentam-se de roedores, lagomorfos, aves, insetos, mas também podem ser necrófagas e aproveitar lixos e desperdícios das atividades humanas inserindo por vezes frutos e bagas e até comidas para aves e estrume na sua alimentação (MaCdonald, Barret, 1993).

Linx pardinus (lince ibérico)

O lince ibérico é um animal ameaçado na actualidade e encontra-se representado em Perdigões por um único resto proveniente do Hipogeu. Trata-se de uma espécie solitária e muito selectiva no território que ocupa preferindo bosques e matagais densos onde se possa abrigar alternado por clareiras onde possa caçar. A sua presa preferencial é o coelho-bravo, também presente no contexto arqueológico. Não tolera territórios com outros carnívoros, como raposas e sacarrabos, e evita zonas humanizadas (Habitat Lince/Abutre.lpn.pt/Homepage/lince-ibérico). Talvez por isso seja raro nos contextos arqueológicos, embora a sua presença já tivesse sido registada no sepulcro 1 dos Perdigões de cronologia calcolítica (Cabaço, 2010).

Equus sp. (cavalo)

O cavalo é um taxon que se encontra em todos os contextos arqueológicos dos Perdigões mas que regista uma quebra do número de indivíduos dos contextos mais antigos para os mais recentes (Gráfico 7.1). Os restos de *Equus* sp. tem uma frequência que varia entre c. 1% e 6% no total das colecções mais antigas (Fosso 13=4,6%; Fosso 14= 1,6%; Fossa 49= 6%) e 0,1% e 2% (Fosso 6=0,4%; Fosso 12=0,7%; Fosso 5=1,5%). Comparando com os contextos já estudados do período Calcolítico dos Perdigões, verifica-se que a frequência deste taxon continua a decrescer, quer em número de restos quer em número de indivíduos (Costa, 2010), sendo de frequência menor no Calcolítico.

Na realidade, o cavalo tem uma representação modesta no quadro dos recintos de fossos e campos de fossas peninsulares do 4º milénio a C cujos dados faunísticos são conhecidos como Papa Uvas (Morales Muñiz e Cereijo Pecharroman, 1992), Castillejos (Riquelme, 1998) e Polideportivo de Martos (Lizcano *et al.*, 1991-1992) no Sul de Espanha, e São Jorge (Cardoso, 1994), Moinho de Valadares (Valente, 2013), Porto Torrão (Correira *et al.*, em preparação) e Juromenha 1 no Alentejo (Mataloto *et al.*, 2018).

Sus sp. (porco, javali)

O grupo dos suínos encontra-se associado a todos os contextos dos Perdigões, onde é, de longe a espécie mais numerosa, quer em número de restos quer em número de indivíduos. O número de mínimo de indivíduos aumenta de 12 para 40 dos contextos do Neolítico Médio para os do Neolítico Final, demonstrando o aumento da frequência de restos de suínos (de 3,8% no Fosso 13 e 1,9% no Fosso 14, para 12,8% no Hipogeu ou 8,8% no Fosso 6).

Pese embora a dificuldade de distinguir a natureza dos restos de suínos em espaço ibérico (Albarella *et al.*, 2005), parece indiscutível a importância deste taxon para as comunidades da segunda metade do 4º milénio aC do Sul de Portugal como aparece atestado noutros recintos de fossos como Juromenha 1 (Mataloto *et al.*, 2018), Porto Torrão (Correia *et al.*, em preparação), São Jorge (Cardoso, 1994) e Ponte da Azambuja (Nabais, Rodrigues, 2017). Integra-se igualmente no grupo dos depósitos faunísticos das fossas 7 e 11 do Sector I (Tabela 7.21) com a deposição articulada de extremidades de patas associadas a enterramentos humanos.

A Fossa 7 encontrava-se truncada pela abertura da Fossa 11 mas conservava no seu interior partes anatómicas humanas em articulação parcial, principalmente membros. Foi ainda registado a presença de um crânio e fragmentos de crânio dispersos (Godinho, 2008). Em associação com uma das pernas humanas foi identificada em campo a articulação de uma pata de suíno do lado esquerdo que foi já alvo de uma publicação preliminar, onde se identificou um metatarso III e um metatarso IV em articulação com duas 1ª falanges, duas 2ª falanges e duas 3ª falanges (Moreno-Garcia, Cabaço, 2009). Todavia, o estudo integral do espólio da fossa revelou a existência de outros elementos de *Sus* sp.: na UE dos restantes elementos em articulação provém uma 1ª falange lateral; nas unidades superiores foram recuperadas uma metade distal de uma tíbia juntamente com a sua epífise distal não fusionada, também do lado esquerdo, dois fragmentos de outras duas tíbias, mas do lado direito, outra 1ª falange traseira completa, dois fragmentos de escápula, uma de cada lado, uma vértebra e um osso crochu direito (Tabela 7.22). A totalidade dos restos aponta para a existência de um número mínimo de dois indivíduos de *Sus* sp. com base na contagem das tíbias existentes. Por um lado, parece ponto assente a existência inequívoca de mais uma 1ª falange lateral a juntar ao conjunto da pata articulada uma vez que aparece na mesma UE101 dos restantes elementos. Mas a existência de ossos dispersos pelas restantes unidades da fossa poderá apontar para a existência de outros elementos articulados, nomeadamente com a parte distal de tíbia esquerda, com estado de fusão dos ossos compatível com os elementos articulados, podendo a articulação e os restantes elementos em falta ter-se perdido com o processo de afectação da fossa, nomeadamente com a abertura das restantes estruturas.

A Fossa 11 corta a Fossa 7 que lhe é anterior e, por sua vez, foi afectada pela abertura das fossas 6 e 8 e por uma vala de surriba, pelo que apenas conservava a parte Oeste da fossa. Nesta faixa com apenas 32 cm de profundidade, foi possível a preservação de três inumações primárias: uma criança, um adolescente e um adulto jovem (Valera, 2008; Godinho, 2008). Sob o pélvis do indivíduo humano adolescente encontrava-se a pata dianteira de suíno em articulação que preservava o conjunto de ossos carpais completos (semilunar, piramidal, capitatum, osso crochu), três sesamoides e um metacarpo II, um metacarpo III e um metacarpo IV, juntamente com duas 1ª falanges, duas 2ª falanges e duas 3ª falanges (Moreno-García, Cabaço, 2009). No decurso do presente estudo foi ainda identificado um fragmento de metápodo não fundido compatível eventualmente com o metacarpo V que falta ao conjunto articulado e uma 1ª falange lateral que também poderá ser atribuída ao conjunto de articulados (Tabela 7.23). Além dos outros fragmentos faunísticos de outras espécies foi ainda recuperado um calcâneo fragmentado do lado direito que, à semelhança do que acontece na Fossa 7 poderá indicar a existência de outras partes anatómicas em articulação associadas ao mesmo conjunto ritual.

Cervus elaphus (veado)

No que diz respeito ao veado encontra-se relativamente bem representado em todos os contextos arqueológicos dos Perdigões, embora seja mais frequente no interior dos fossos que nas fossas.

A leitura do Gráfico 7.1 revela que a frequência do número de indivíduos aumenta de 15 no Neolítico Médio para 21 no Neolítico Final, embora constitua a espécie melhor representada no Fosso 14 (n=31, 33,3 %) e na Fossa 48 (n=25, 7,4 %), quer em número de restos quer em número mínimo de indivíduos (Tabelas 7.6 e 7.7).

O veado é um animal típico de áreas arborizadas, embora possa ocorrer noutros habitats como campos abertos e pântanos (MaCdonald e Barret, 1990). Encontra-se bem representado

nos contextos arqueológicos contemporâneos do Alentejo e Andaluzia embora sempre com contribuições mais modestas quer em número de restos quer em número de indivíduos. Em porto Torrão, São Jorge e Papa Uvas representa cerca de 5% do conjunto total e cerca de 7%/8% no caso da Ponte da Azambuja e Castillejos. Já em Moinho de Valadares (26%), Monte da Contenda (27%) e Horta do Pinheiro 6 (44%) apresentam percentagens de restos mais representativas.

Capreolus capreolus (corço)

A outra espécie de cervídeo é o corço com contribuições muito modestas aparecendo um elemento no Fosso 13 e outro na Fossa 62, correspondente à fase do Neolítico Médio, e dois elementos do Fosso 8 e outros dois no Hipogeu datados do Neolitico Final.

Trata-se de um animal tímido que ocupa preferencialmente áreas florestadas e ocasionalmente matagais de urze, de onde eventualmente poderão sair em busca de alimento. Têm comportamento crepuscular e os machos são solitários e territoriais durante a maior parte do ano e têm ninhadas, uma ou duas crias, uma vez por ano (MaCdonald, Barret, 1993). Este comportamento será talvez o responsável pela baixa representatividade destes animais no registo arqueológico.

Bos taurus, *Bos primigenius* e *Bos* sp. (boi doméstico e auroque)

A distinção osteológica entre o boi doméstico e o auroque é efectuada com base nas diferenças de tamanho entre as duas espécies (Cardoso, 1993), sendo que o boi doméstico revela dimensões bastante mais reduzidas que o seu congénere selvagem. No caso dos fragmentos onde não tenha sido possível assegurar uma classificação inequívoca ao nível da espécie, atribui-se a classificação apenas nível do género - *Bos* sp..

Trata-se de um grupo bem representado em ambas as fases do neolítico dos Perdigões sendo que em termos gerais parece haver maior frequência quer em número de indivíduos quer em número de restos classificados como auroques nos contextos do Neolítico Médio, (Gráficos 1 e 2) do que na fase posterior. Aparecem num maior número de contextos datados do Neolítico Médio (Fosso 13, Fosso 14, Fossa 33, Fossa 48 e Fossa 62) do que nos contextos da fase posterior onde ocorre em apenas dois contextos (Fossos 5 e 6).

Quanto aos restos classificados como boi doméstico a sua distribuição pelos diferentes contextos parece mais equilibrada. Na fase datada do Neolítico Médio aparece nos fossos 13 e 14 e nas fossas 33, 48, 49, 64, 62 e 75 e na fase seguinte regista-se nos fossos 5, 6, 8 e 12, no hipogeu, na sanja 1 e na fossa 18. Contudo, conforme se apresenta no Gráfico 2, trata-se, em termos totais, de um *taxon* com maior representatividade na primeira fase do Neolítico.

Segundo os dados disponíveis até ao momento, a ocorrência de auroque nos contextos da segunda metade do 4º milénio é raro, o que contrasta com a ocorrência do boi doméstico que aparece em quantidades apreciáveis em todos os contextos conhecidos no Alentejo como Juromenha1 (Mataloto *et al.*, 2018), Porto Torrão (Correia *et al*., em preparacão), São Jorge (Cardoso, 1994), Monte da Contenda (Valera *et al.*, 2014), Horta do Pinheiro 6 (Valera *et al.,* 2017), Ponte da Azambuja (Nabais, Rodrigues, 2017), com frequências que variam entre os 2/3% do Porto Torrão e os 40 % do Monte da Contenda.

Nos Perdigões as colecções de ambos os *taxa* caracterizam-se por elementos dentários e osteológicos, desarticulados, na sua maioria fragmentados, sem que se suspeite da ocorrência de articulações completas ou parciais.

Ovis/Capra, *Ovis aries* e *Capra hircus* (ovino/caprinos, ovelha e cabra)

Os caprinos encontram-se representados em exclusivo pelas espécies domésticas (ovinos/caprinos) cujas semelhanças morfológicas tornam difícil a distinção das duas espécies, pelo que apenas alguns elementos foram identificados ao nível taxonómico, tendo-se registado ambas: ovelhas e cabras.

Em termos gerais verifica-se que a maioria dos restos de *Ovis/Capra* se concentram na segunda fase do Neolítico (Gráficos 7.1 e 7.2) quer em número de restos quer em número de indivíduos. Apenas na Sanja 15 não se recuperaram efectivos deste grupo, todos as outras colecções dos outros contextos apresentavam restos de ovinos e caprinos. Trata-se aliás de um grupo muito bem representado nos contextos conhecidos coevos, sempre com representatividades assinaláveis e que estão ausentes das colecções menos numerosas do Monte da Contenda e Horta do Pinheiro 6 o que pode significar apenas um problema de representatividade na recolha proveniente, em ambos os casos de sondagens de reduzidas dimensões.

Leporídeos, *Oryctolagus cuniculus, Lepus* sp. (coelho e lebre)

Os leporídeos (coelhos e lebres) presentes em Perdigões são um grupo numeroso, constituindo o grupo de restos numericamente melhor representado nos contextos do Neolítico Médio (Gráfico 7.2). Contudo, atendendo a que, no que concerne aos elementos das extremidades apendiculares (i.e. metápodos e falanges), a sua classificação à espécie nem sempre é viável devido à semelhança morfológica dos elementos, pelo que há uma percentagem apreciável de restos (ex. da Fossa 62 com 4,8%) que foram classificados apenas ao nível da família. Tal se deve ao facto desta fossa ter sido alvo de recolhas pontuais de sedimento que, após crivagem, permitiram a recolha de elementos de reduzidas dimensões de coelho e leporídeos (Tabela 7.10).

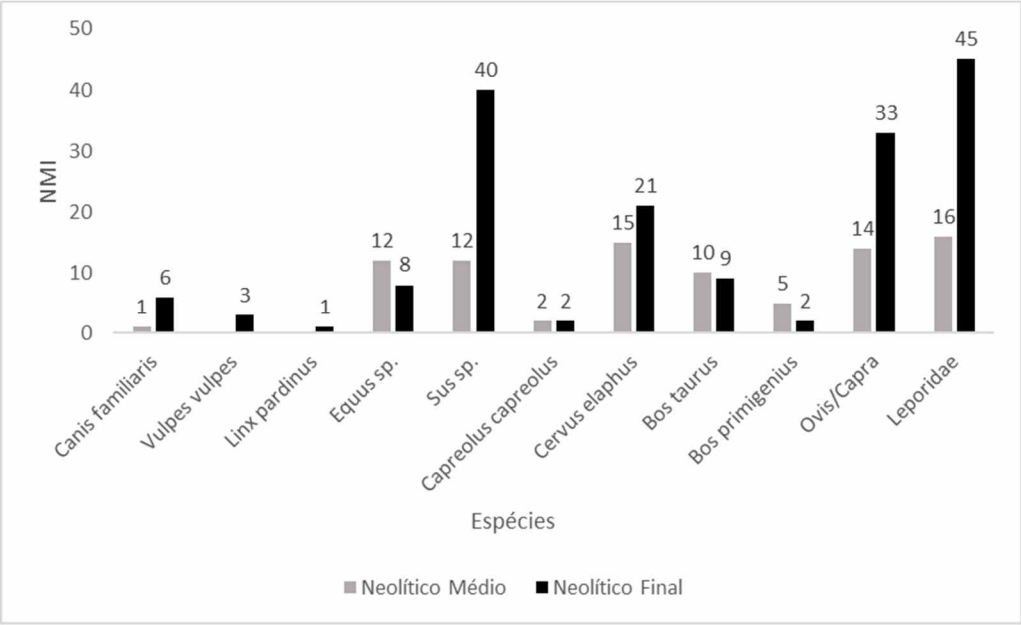


Gráfico 7.1 – Contabilização do número mínimo de indivíduos (NMI) nas duas fases cronológicas.

Trata-se de um grupo cujo verdadeiro peso no conjunto total não está correctamente avaliado devido à falta de crivagem dos sedimentos. A sua ocorrência é mais significativa no Hipogeu 1 e em algumas fossas e encontra-se sub-representada nos fossos cujos sedimentos são mais compactos e difíceis de escavar. Na primeira fase verifica-se que o coelho tem percentagens reduzidas no Fosso 13 (0,5%) e está ausente no Fosso 14; mas nas fossas tem percentagens mais elevadas (Fossa 33=4,6%; Fossa 64=6%; Fossa 69=7,3%; Fossa 82=10,4% e Fossa 62=11,6%). Na fase datada do Neolítico Final, as frequências de coelho são mais baixas, com percentagens que não ultrapassam os 8% (Fosso 5=0,9%; Fosso 6=3,3%; Fosso 8=3,2%; Fosso 12=1,5%; Hipogeu1=5,4%; Fossa 23=7,9%).

Contudo, o número mínimo de indivíduos de lebre e coelho (Leporidae) está claramente melhor representado no Neolítico Final (Gráfico 7.1) do que no Neolítico Médio, o que se deve ao número de elementos que não foram classificados à espécie na primeira fase.

Tanto coelhos como lebres são espécies muito comuns no registo arqueológico de todas as épocas. O coelho-bravo (ou coelho-europeu) frequenta uma grande variedade de biótopos desde zonas arbustivas e matagais até campos abertos e é uma presa de vários animais desde carnívoros a rapinas. Tem hábitos crepusculares e nocturnos, como forma de evitar os predadores.

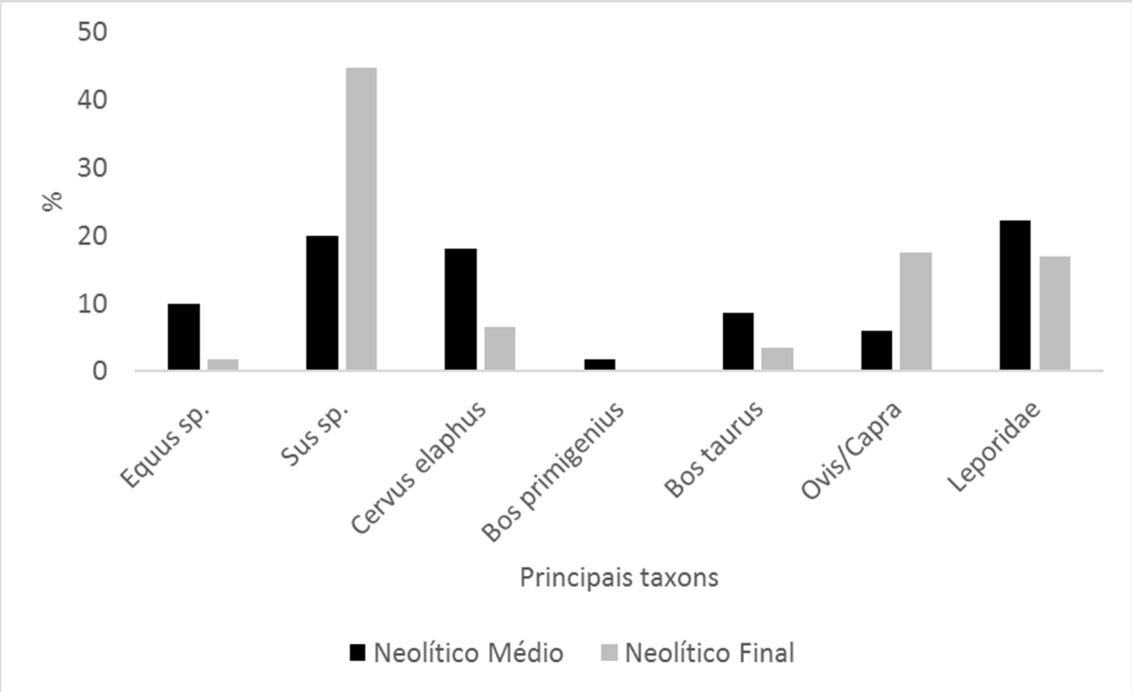


Gráfico 7.2 – Frequência (%) dos restos de cada espécie nas duas fases cronológicas.

7.3.4.1 Perfis de mortalidade de suínos e caprinos domésticos

Os suínos juntamente com os caprinos domésticos (ovelhas/cabras) são os grupos de maior peso em ambas as etapas cronológicas no Neolítico em Perdigões. Parte dos elementos recuperados reuniam condições que permitiram a classificação etária segundo o método do crescimento dentário e o grau de fusão dos ossos (Lemoine *et al.*, 2014; Zeder, 2006; Zeder *et al.* 2015). No caso dos suínos apenas 18.8% (n=215) do conjunto proveniente do Neolítico Final tinham condições para a atribuição etária. Quanto aos ovinos/caprinos, foram analisados 42,2% (n=16) do total do Neolítico Médio e 19,5% (n=87) do Neolítico Final.

Em ambos os casos, são atribuídos intervalos de tempo, expressados em meses, que são mais curtos nos primeiros meses de vida e que se vão alongando à medida que o indivíduo vai envelhecendo (Tabelas 7.24 e 7.25).

O perfil de mortalidade dos ovinos/caprinos (Gráfico 7.3) na fase mais antiga do Neolítico revela a inexistência de fetos/recém-nascidos (até 1 mês de idade) mortos, e que a mortalidade de infantes (2-12 meses de idade) é residual (6%). São os juvenis (12-24 meses de idade) e os jovens adultos (24-48 meses de idade) que mais morrem em Perdigões (juvenis=44%; jovens adultos=38%), em detrimento dos animais com mais idade, ou seja, a partir dos 48 meses.

Na segunda fase do Neolítico, o perfil de mortalidade dos caprinos domésticos revela-se completamente diferente (Tabela 7.3). Revela-se um perfil com mortalidade em pirâmide, i.e. próximo da mortalidade de uma estrutura viva (Stiner, 1990: 310), em que se regista uma elevada percentagem de fetos e recém-nascidos (32%) e baixa percentagem de animais mais velhos, revelando que a hipótese de sobrevivência aumenta à medida que a idade avança. Há, contudo, uma quebra na percentagem de infantes que é mais baixa (14%) que a mortalidade de juvenis (26%). A mortalidade de jovens adultos atinge os 18% e a dos adultos apenas 9%.

Atendendo ao contexto arqueológico analisado, a mortalidade de ovinos/caprinos no Neolítico Final tem duas origens. Por um lado, a elevada mortalidade de fetos e recém-nascidos que dever-se-á, em parte, a causas naturais (abortos e morte à nascença) e, por outro, a preferência do abate deliberado de juvenis e jovens adultos em detrimento de animais mais velhos.

Na realidade, em ambas as fases não se verifica o abate de ovelhas e cabras com idades muito avançadas. A percentagem de animais com mais de 4 anos (48 meses de idade) é escassa e não se verifica o abate de animais muito velhos, atendendo a que uma cabra ou ovelha em ambiente natural e não controlado poderá viver até aos 8-10 anos (Taniças, 2009).

A leitura dos dados demonstra que as ovelhas e cabras, em ambas as fases do Neolítico, são abatidas, preferencialmente, na altura da primeira cobrição, que se verifica entre os 12 e os 15 meses, e dos primeiros partos, que ocorrem entre os 18 e os 20 meses, nas ovelhas (Taniças, 2009:11) e os 17-18 meses nas cabras, embora se possa estender até aos 24 meses conforme as raças (Neto, 2017: 21-22). Os animais sobreviventes são os animais com idade superior aos 4 anos, a fase em que atingem o máximo do potencial reprodutivo, que se estende até aos 6 anos (Taniças 2009:14), e a maior quantidade e qualidade de leite, que está assegurada a partir da terceira lactação (por volta dos 30 meses de idade) até à sexta lactação (Taniças, 2009: 17).

Trata-se de um padrão de abate virado para a exploração da carne de borrego e/ou de cabrito, sendo sobreviventes os efectivos suficientes para garantirem a reprodução.

Quanto à elevada percentagem de mortalidade de fetos/recém-nascidos no Neolítico Final, demonstra a existência de indivíduos gestantes e de partos no próprio sítio, embora não seja de descartar a hipótese do abate intencional de alguns efectivos à nascença.

O perfil de mortalidade dos suínos é completamente diferente do registado para os caprinos domésticos e apenas foi obtido para um conjunto proveniente do Neolítico Final (Gráfico 7.4).

Verifica-se em primeiro lugar a baixa mortalidade de fetos/recém-nascidos, e o abate preferencial de animais entre 12 e 48 meses (juvenis e jovens adultos). O limite máximo do abate de suínos é os 4 anos, ou seja, quando os animais atingem a última fase do seu crescimento com a fusão dos *corpora vertebrae* (Schmit, 1972). Não se registaram elementos esqueléticos acima da idade dos 4 anos.

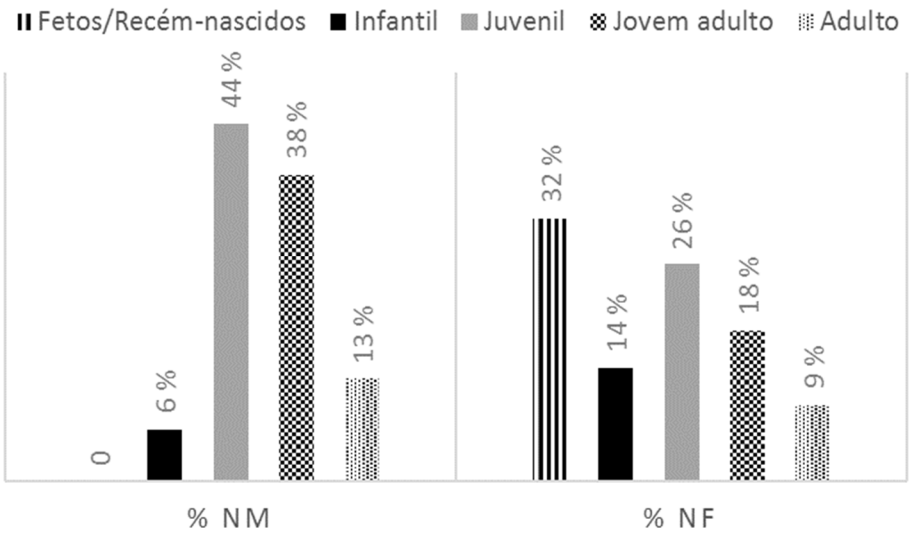


Gráfico 7.3 – Perfil de mortalidade de ovinos/caprinos no Neolítico Médio (NM) e Neolítico Final (NF).

Os porcos assilvestrados ibéricos são animais que vivem ao ar livre, hibridizam com os javalis, têm uma elevada fertilidade, podendo ter até 12 crias por ano, e com boas taxas de sobrevivência o que explica, em parte, o abate preferencial de juvenis e jovens adultos. Organizam-se em manadas e ficam com a progenitora até à fase adulta que se dá por volta dos 4 anos, altura em que começam a procriar. Embora a sua maturidade sexual se dê por volta dos 12 meses de idade, começam a procriar muito mais tarde por imposição do grupo. Quando o chega o momento da cobrição, os machos tornam-se solitários (MaCdonald, Barret, 1993).

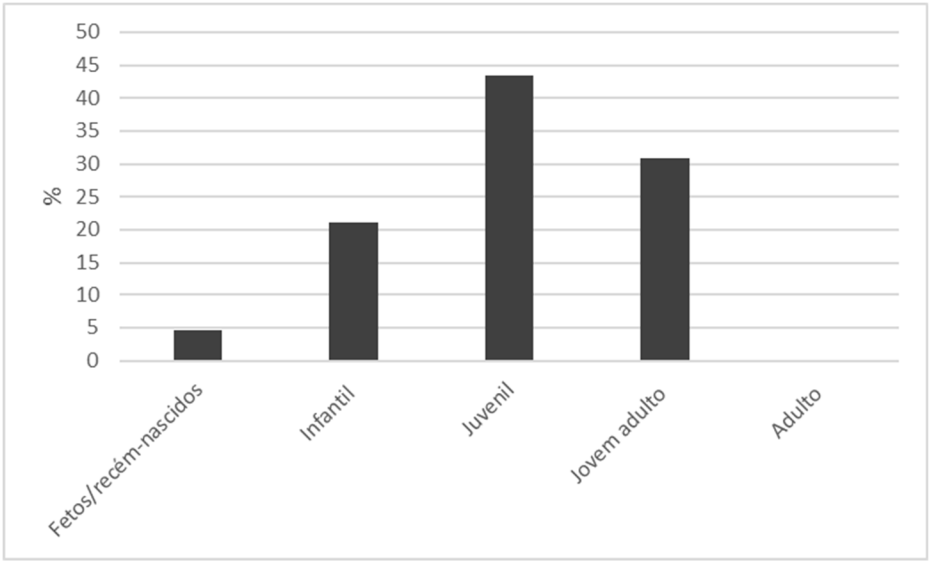


Gráfico 7.4 – Perfil de mortalidade dos suínos do Neolítico Final.

Os porcos e javalis consomem-se na sua totalidade (da cabeça às patas, incluindo vísceras), sendo, por isso, altamente rentáveis em termos cárnicos. O padrão de mortalidade dos suínos em Perdigões demonstra o abate de infantes (em menor escala), e de juvenis e jovens adultos, que seriam retirados à manada e abatidos mesmo antes de atingirem a maturidade e a fase reprodutiva.

7.4 TAFONOMIA

Os materiais encontravam-se no geral bem preservados, pouco meteorizados, contudo com elevados índices de fragmentação derivados, em parte, do processo de escavação (c. 27% do total da amostra).

Quanto às marcas de manipulação antrópica, estas incidiam em cerca de 9% (n=1331) da amostra total e correspondem na maioria a marcas de manipulação térmica (49%). Seguem-se as fracturas em espiral (23%), infligidas ao elemento quando este se encontra em estado fresco, as marcas de corte (11%) e as marcas de percussão (9%).

As marcas de manipulação térmica relacionam-se com a submissão ao fogo de determinadas partes anatómicas e incidem sobretudo em elementos não determinados. As marcas de percussão e as fracturas em espiral estão relacionadas, uma vez que o processo de percussão provoca o estalamento do elemento ósseo e fracturas com morfologia biselada e helicoidal. Trata-se de um procedimento que tem sido interpretado como relacionado com a abertura intencional da cavidade medular para a obtenção do tutano (Outram, 2001; 2002a; 2002b).

A baixa frequência de marcas de corte em colecções faunísticas datadas da pré-história recente tem vindo a ser registada e deverá ser interpretada como consequência da estratégia de exploração das carcaças que privilegia o destacamento dos nacos de carne sem recurso ao corte (Costa, Mataloto, 2017: 745) ficando estas reservadas para a desarticulação de partes anatómicas.

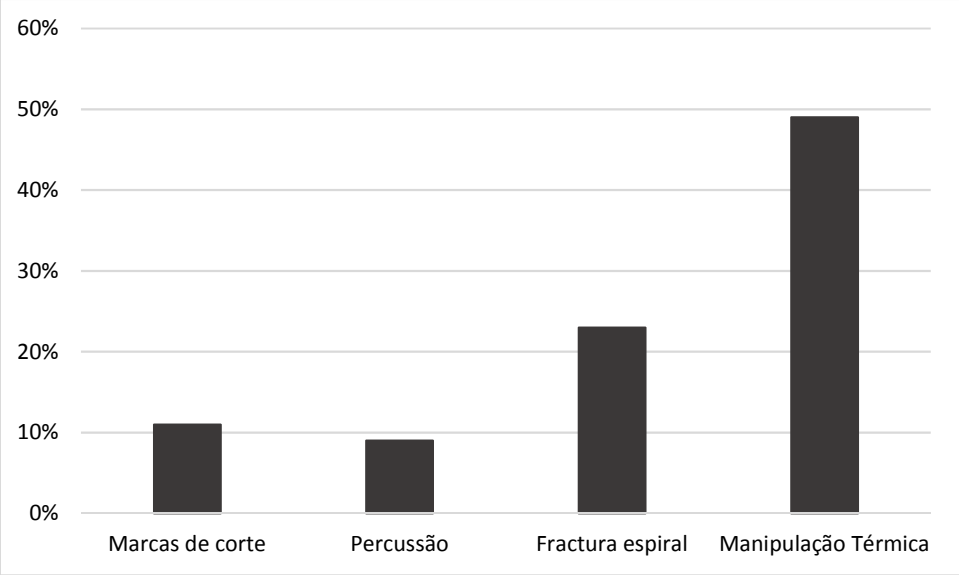


Gráfico 7.5 – Frequência de marcas de manipulação antrópica.

Figura 7.1 – Úmero de *Sus* sp. com marcas de percussão.

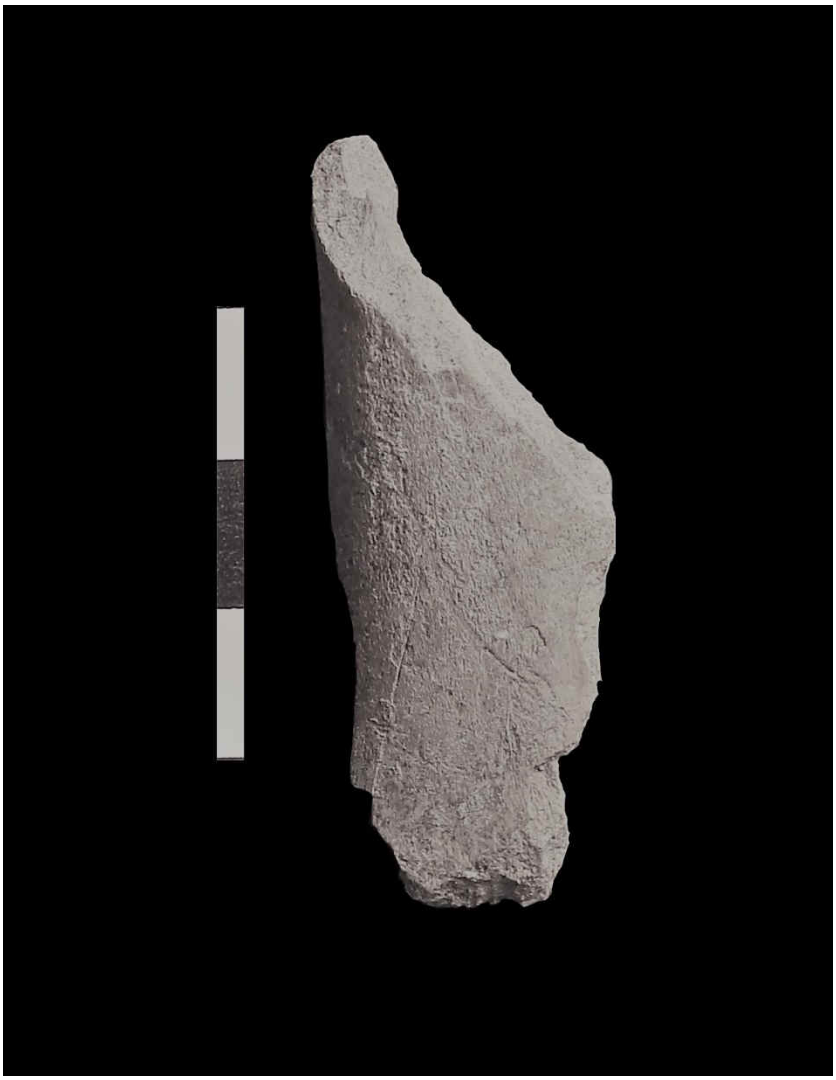


Figura 7.2 – Fragmento de osso longo com fractura em espiral.

Figura 7.3 – Fragmento de úmero de *Sus* sp. com marcas de corte.

7.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colecção recuperada nos diversos contextos do Neolítico dos Perdigões revela uma maior diversidade taxonómica na segunda fase cronológica, atribuída ao Neolítico final, que conta com a presença de peixes (*Cyprinidae*), répteis (*Colubridae* ou *Viperidae* e quelónios), anfíbios (anuros) e aves, onde se contam algumas rapinas diurnas (águia imperial/real, águia-de-asa-redonda, gavião) e nocturnas (bufo-real e coruja-das-torres) além de perdizes, tordos e corvídeos (corvo e gralha preta ou calva). A diversidade de mamíferos também é maior nos contextos do Neolítico Final onde se contam canídeos (cão e raposa), lince ibérico, suínos, ovelhas e cabras, veados, corços, cavalos, bovinos (domésticos e auroque), coelhos e lebres.

Verificam-se também alterações ao nível da representação das espécies nas duas fases. Na primeira fase os leporídeos são o *taxon* mais representativo seguido dos suínos, dos veados e dos equídeos, por esta ordem de importância. Os bovinos, quer boi doméstico como auroques,

também estão melhor representados em termos de percentagem de restos na primeira fase do Neolítico do que na segunda.

No Neolítico Final, a ordem do peso das diferentes espécies altera-se. Os restos de suínos passam a dominar completamente o conjunto com uma percentagem muito acima das restantes espécies (44%). Com percentagens muito menos significativas seguem-se os caprinos domésticos e os leporídeos; a representatividade do cavalo desce significativamente bem como a representatividade dos veados e dos bovinos, quer os domésticos quer o auroque. Verifica-se, portanto, que entre o Neolítico Médio e o Neolítico Final, no que se refere à representação animal, se assiste à redução do peso dos animais selvagens solitários, como os veados e os cavalos e até mesmo o auroque, para se centrar nos animais domésticos (ovelhas e cabras) ou sociais (como os javalis), ou seja nos animais que se agrupam em manadas. Talvez aí se possa explicar o aumento da frequência de cães, que tem maior peso também nos contextos do Neolítico Final do que nos do Neolítico Médio.

Verifica-se, de igual modo, uma variação na idade de abate preferencial dos ovinos/caprinos onde o abate está concentrado em juvenis e jovens adultos (entre os 12 e os 48 meses) no Neolítico Médio, enquanto na fase posterior as idades de abate podem variar desde os recém-nascidos aos jovens adultos. Verifica-se também que no Neolítico Final se regista um número muito elevado de nascimentos de ovelhas e cabras no sítio, algo inexistente no período anterior. Quanto à idade de abate de suínos está concentrada em indivíduos muito jovens, entre os dois meses de idade até aos 4 anos, não havendo de todo o sacrifício de animais mais idosos. Também se verificam alguns nascimentos no sítio, mas em muito menor número que os caprinos domésticos.

Os dados da mortalidade, tanto de caprinos como de suínos, apontam para a importância do consumo da carne no sítio, acentuada no Neolítico Final. Por um lado, verifica-se a importância dos suínos, cujo único produto fornecido é a carne, e, por outro, o perfil de mortalidade de ovelhas/cabras e suínos denota o gosto pela carne de animais muito jovens abatidos antes ou durante os primeiros ciclos reprodutivos, demonstrando a fraca importância atribuída aos produtos secundários como o leite e eventualmente a lã.

A colecção datada do Neolítico Médio é, até ao momento, inédita no Sul de Portugal e por isso é difícil perceber se este padrão é específico dos Perdigões ou se, por outro lado, se poderá repetir noutros sítios contemporâneos.

O mesmo não se verifica para colecções datadas do Neolítico Final na região Sul. Na realidade, tendo em conta o quadro disponível até ao momento, o domínio substantivo dos suínos é um padrão que se repete nos contextos do Neolítico Final da região alentejana e que se verifica em Porto Torrão (Correia *et al.*, em preparação), Ponte da Azambuja (Nabais e Rodrigues, 2017), Igreja de São Jorge (Cardoso, 1994), Juromenha 1 (Mataloto *et al.*, 2018). Apenas em sítios onde as colecções são pouco numerosas, como Moinho de Valadares (Valente, 2013) e Monte da Contenda (Valera *et al.*, 2014), se verifica que os suínos perdem o papel preponderante para dar a primazia aos ovinos/caprinos no primeiro caso e aos bovinos no segundo. Contudo, atendendo às condições das amostras a fraca representatividade dos suínos pode estar enviesada.

A leitura dos dados disponíveis até ao momento, demonstra que a tendência de domínio dos suínos se prolonga e acentua no Calcolítico, não só nos Perdigões (Costa, 2010), mas noutros recintos do Alentejo como Montoito 2 (Costa e Mataloto, 2017), Porto Torrão (Arnaud, 1993; Pereira 2016), Monte da Tumba (Antunes, 1987) e São Pedro do Redondo (Davis, Mataloto 2012), como também noutros sítios contemporâneos de outras tipologias como o Mercador (Moreno Garcia, 2013).

Anexo

Tabela 7.5 – Número total de restos (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) do Fosso 13.

Espécies	NTR	% NTR	NMI	% NMI
Ungulado indeterminado	1	0,2		
Equus sp. (cavalo)	25	4,6	3	21,4
Artiodactyla	4	0,7		
Sus sp. (porco/javali)	21	3,8	1	7,1
Cervidae	3	0,5		
Capreolus capreolus (corço)	1	0,2	1	7,1
Cervus elaphus (veado)	34	6,2	4	28,6
Bovidae	1	0,2		
Bos sp. (vaca/auroque)	2	0,4	1	7,1
Bos primigenius (auroque)	2	0,4	1	7,1
Bos taurus (vaca)	10	1,8	1	7,1
Ovis/Capra (ovelha/cabra)	7	1,3	1	7,1
O. cuniculus (coelho)	3	0,5	1	7,1
Micromamífero	1	0,2		
Animal de médio porte	42	7,7		
Animal de grande porte	36	6,6		
Indeterminados	353	64,7		
Total	546	100	14	100

Tabela 7.6 - Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) do Fosso 14.

Espécies	NTR	% NTR	NMI	% NMI
Ungulado indeterminado	1	0,2		
Equus sp. (cavalo)	10	1,6	2	16,7
Sus sp. (porco/javali)	12	1,9	2	16,7
Cervus elaphus (veado)	31	4,8	4	33,3
Bovidae	8	1,2		
Bos sp. (vaca/auroque)	11	1,7	1	8,3
Bos primigenius (auroque)	2	0,3	1	8,3
Bos taurus (vaca)	14	2,2	1	8,3
Ovis/Capra (ovelha/cabra)	2	0,3	1	8,3
Animal de médio porte	69	10,8		
Animal de grande porte	60	9,4		
Indeterminados	421	65,7		
Total	641	100	12	100

Tabela 7.7 – Número total de restos de número mínimo de indivíduos das fossas 28, 33 e 48.

	Fossa 28				Fossa 33				Fossa 48			
	NTR	% NTR	NMI	% NMI	NTR	% NTR	NMI	% NMI	NTR	% NTR	NMI	% NTR
Ungulado indeterminado	3	3,3			1	0,7						
Equus sp. (cavalo)	1	1,1	1	20	1	0,7	1	14,3	7	2,1	1	9,1
Sus sp. (porco/javali)	8	8,9	2	40	2	1,3	1	14,3	19	5,7	1	9,1
Cervus elaphus (veado)					1	0,7	1	14,3	25	7,4	2	18,2
cf. *Cervus elaphus* (cf. veado)									1	0,3	1	9,1
Bos sp. (vaca/auroque)					1	0,7	1	14,3				
Bos primigenius (auroque)					1	0,7	1	14,3	3	0,9	1	9,1
Bos taurus (vaca)	1	1,1	1	20					11	3,3	3	27,3
Ovis/Capra (ovelha/cabra)	3	3,3	1	20	1	0,7	1	14,3	1	0,3	1	9,1
O. cuniculus (coelho)					7	4,6	1	14,3	12	3,6	1	9,1
Microfauna									1	0,3		
M. médio porte	2	2,2			9	5,9			38	11,3		
M. grande porte	1	1,1			1	0,7			28	8,3		
Indeterminados	71	78,9			127	83,6			190	56,5		
Total	**90**	**100**	**5**	**100**	**152**	**100**	**7**	**100**	**336**	**100**	**11**	**100**

Tabela 7.8 - Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) das fossas 49, 64 e 65.

Espécies	Fossa 49				Fossa 64				Fossa 65			
	NTR	% NTR	NMI	% NMI	NTR	% NTR	NMI	% NMI	NTR	% NTR	NMI	% NTR
Equus sp. (cavalo)	7	6,0	1	16,7	8	1,6	2	18,2	2	1,4	1	16,7
Artiodactyla									1	0,7		
Sus sp. (porco/javali)	5	4,3	1	16,7	24	4,7			5	3,6	1	16,7
Cervus elaphus (veado)	3	2,6	1	16,7	6	1,2	1	9,1	3	2,1	1	16,7
Cf. *Cervus elaphus* (cf. veado)	1	0,9	1									
Bos sp. (vaca/auroque)					3	0,6	1	9,1				
Bos taurus (vaca)	4	3,4	1	16,7	10	1,9	2	18,2				
Ovis/Capra (ovelha/cabra)	1	0,9	1	16,7	3	0,6	1	9,1	1	0,7	1	16,7
Ovis aries (ovelha)									1	0,7	1	16,7
Leporidae					3	0,6						
O. cuniculus (coelho)					31	6,0	4	36,4	3	2,1	1	16,7
M. médio porte	14	12,0			23	4,5			3	2,1		
M. grande porte	17	14,5			7	1,4			2	1,4		
Indeterminados	65	55,6			398	77,1			119	85,0		
Total	117	100	6	100	516	100	11		140	100	6	100

Tabela 7.9 - Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) das fossas 69, 75 e 82.

Espécies	Fossa 69				Fossa 75				Fossa 82			
	NTR	% NTR	NMI	% NMI	NTR	% NTR	NMI	% NMI	NTR	% NTR	NMI	% NTR
Sus sp. (porco/javali)	1	1,8	1	25	2	6,9	1	50	7	3,5		
Cervus elaphus (veado)									1	0,5	1	11,1
Bos taurus (vaca)					2	6,9	1	50				
Ovis/Capra (ovelha/cabra)	4	7,3	1	25					9	4,5	3	33,3
Leporidae	1	1,8										
O. cuniculus (coelho)	4	7,3	1	25					21	10,4	4	44,4
Lepus sp. (lebre)	1	1,8	1	25					1	0,5	1	11,1
Microfauna					1	3,4						
M. pequeno porte									3	1,5		
M. médio porte					2	6,9			22	10,9		
M. grande porte									6	3		
Indeterminados	44	80,0			22	75,9			131	65,2		
Total	55	100	4		29	100	2		201	100	9	100

Tabela 7.10 - Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) da Fossa 62.

Espécies	NTR	% NTR	NMI	% NMI
Canis familiaris (cão)	1	0,3	1	8,3
Ungulado indeterminado	1	0,3	1	
Sus sp. (porco/javali)	16	5,4	2	16,7
Cervidae	1	0,3		
Cervus elaphus (veado)	5	1,7	1	8,3
Capreolus capreolus (corço)	1	0,3	1	8,3
Bos sp. (vaca/auroque)	1	0,3	1	8,3
Bos primigenius (auroque)	3	1,0	1	8,3
Bos taurus (vaca)	1	0,3	1	8,3
Ovis/Capra (ovelha/cabra)	4	1,4	2	16,7
Leporidae	14	4,8		
O. cuniculus (coelho)	34	11,6	2	16,7
Lepus sp. (lebre)	1	0,3		
Animal de médio porte	7	2,4		
Animal de grande porte	5	1,7		
Indeterminados	199	67,7		
Total	294	100	12	100

Tabela 7.11 Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) do Fosso 5

Espécies	NTR	% NTR	NMI	% NMI
Equus sp. (cavalo)	13	1,5	1	6,25
Sus sp. (porco/javali)	63	7,3	5	31,25
Cervus elaphus (veado)	19	2,2	3	18,75
Bos sp. (vaca/auroque)	6	0,7	1	6,25
Bos primigenius (auroque)	2	0,2	1	6,25
Cf. *Bos primigenius* (cf. auroque)	1	0,1	1	6,25
Bos taurus (vaca)	9	1,0	1	6,25
Ovis/Capra (ovelha/cabra)	15	1,7	1	6,25
Leporidae	1	0,1	1	
O. cuniculus (coelho)	8	0,9	1	6,25
cf. *O. cuniculus* (cf. coelho)	1	0,1	1	6,25
Animal de médio porte	58	6,7		
Animal de grande porte	35	4,0		
Indeterminados	636	73,4		
Total	867	100	16	100

Tabela 7.12 - Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) do Fosso 6

Espécies	NTR	%NTR	NMI	%NMI
Carnivora	3	0,2		
Canis familiaris (cão)	1	0,1	1	3,3
Equus sp. (cavalo)	6	0,4	1	3,3
Artiodactyla	8	0,5		
Sus sp. (porco/javali)	136	8,6	5	16,7
Cervus elaphus (veado)	23	1,5	4	13,3
Bos sp. (bovino não determinado)	3	0,2	1	3,3
Bos taurus (boi doméstico)	20	1,3	3	10,0
Bos primigenius (auroque)	2	0,1	1	3,3
Ovis/Capra (ovino/caprino)	40	2,5	3	10,0
Ovis aries (ovelha)	1	0,1	1	3,3
Capra hircus (cabra)	1	0,1	1	3,3
Oryctolagus cuniculus (coelho)	52	3,3	7	23,3
Lepus sp. (lebre)	4	0,3	1	3,3
Eliomys quercinus (leirão-dos-pomares)	2	0,1	1	3,3
Microfauna	5	0,3		
Mamíferos de pequeno porte	13	0,8		
Mamíferos de médio porte	175	11,1		
Mamíferos de grande porte	41	2,6		
Restos indeterminados	1045	66,1		
Total	1581	100	30	100

Tabela 7.13 - Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) do Fosso 11

Espécies	NTR	% NTR	NMI	% NMI
Canis familiaris (cão)	5	9,6	1	25
Sus sp. (porco/javali)	2	3,8	1	25
Ovis/Capra (ovelha/cabra)	10	19,2	2	50
Animal de médio porte	2	3,8		
Animal de grande porte	1	1,9		
Indeterminados	32	61,5		
Total	52	100	4	100

Tabela 7.14 - Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) do Fosso 8

Espécies	NTR	% NTR	NMI	% NMI
Canis sp. (cão/lobo)	1	0,1	1	3,6
Canis familiaris (cão)	10	0,7	1	3,6
cf. *Canis familiaris* (cf. Cão)	28	1,9	1	3,6
Vulpes vulpes (raposa)	1	0,1	1	3,6
Ungulado indeterminado	4	0,3		
Equus sp. (cavalo)	3	0,2	1	3,6
Artiodactyla	1	0,1		
Sus sp. (porco/javali)	126	8,8	5	17,9
Capreolus capreolus (corço)	2	0,1	1	3,6
Cervus elaphus (veado)	27	1,9	3	10,7
Bos sp. (vaca/auroque)	5	0,3	1	3,6
Bos taurus (vaca)	18	1,3	1	3,6
Ovis/Capra (ovelha/cabra)	58	4,0	3	10,7
Capra hircus (cabra)	2	0,1	1	3,6
Ovis aries (ovelha)	1	0,1	1	3,6
Leporidae	2	0,1	1	3,6
O. cuniculus (coelho)	46	3,2	5	17,9
Lepus sp. (lebre)	2	0,1	1	3,6
Animal de pequeno porte	3	0,2		
Animal de médio porte	150	10,4		
Animal de grande porte	38	2,6		
Indeterminados	912	63,3		
Total	1440	100	28	100

Tabela 7.15 - Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) da Sanja 15

Espécies	NTR	% NTR	NMI	% NMI
Equus sp. (cavalo)	5	3,3	1	25
Sus sp. (porco/javali)	1	0,7	1	25
Cervus elaphus (veado)	2	1,3	1	25
O. cuniculus (coelho)	1	0,7	1	25
Animal de médio porte	18	12,0		
Animal de grande porte	6	4,0		
Indeterminados	117	78,0		
Total	150	100	4	100

Tabela 7.16 - Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) do Hipogeu 1

Espécies	NTR	% NTR	NMI	% NMI
Carnivora	4	0,1	1	1,7
Canis sp. (cão/lobo)	3	0,1	1	1,7
Cf. *Canis* sp. (cf. cão/lobo)	2	0,0	1	1,7
Canis familiaris (cão)	10	0,2	1	1,7
Vulpes vulpes (raposa)	4	0,1	2	3,4
Cf. *Vulpes vulpes* (cf. raposa)	2	0,0	1	1,7
Linx pardinus (lince ibérico)	1	0,0	1	1,7
Ungulado	13	0,3		
Equus sp. (cavalo)	6	0,1	1	1,7
Artiodactyla	2	0,0		
Sus sp. (porco/javali)	646	12,8	11	18,6
Cervidae	1	0,0	1	1,7
Cervus elaphus (veado)	49	1,0	4	6,8
Cf. *Cervus elaphus* (cf. veado)	2	0,0	1	1,7
Capreolus capreolus (corso)	2	0,0	1	1,7
Bos sp. (vaca/auroque)	15	0,3	1	1,7
Bos taurus (vaca)	18	0,4	1	1,7
Ovis/Capra (ovelha/cabra)	228	4,5	8	13,6
Capra hircus (cabra)	22	0,4	1	1,7
Ovis aries (ovelha)	25	0,5	1	1,7
Elyomis quercinus (leirão)	1	0,0	1	1,7
Leporidae	2	0,0	1	1,7
O. cuniculus (coelho)	272	5,4	14	23,7
Lepus sp. (lebre)	37	0,7	4	6,8
Micromamífero	5	0,1		
Animal de pequeno porte	15	0,3		
Animal de médio porte	694	13,7		
Animal de grande porte	110	2,2		
Indeterminados	2870*	56,7		
Total	5061	100	59	100

* Incluindo 3 fragmentos de artefactos polidos.

Tabela 7. 17 - Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) do Fosso 12

Espécies	**NTR**	**% NTR**	**NMI**	**% NMI**
Canis sp. (cão/lobo)	1	0,1	1	4,0
Canis familiaris (cão)	2	0,1	1	4,0
Cf. *Canis familiaris* (cf. cão)	1	0,1	1	4,0
Canis cf. *lupus* (cf. lobo)	1	0,1	1	4,0
Cf. *Vulpes vulpes* (cf. raposa)	1	0,1	1	4,0
Ungulado	4	0,2		
Equus sp. (cavalo)	11	0,7	2	8,0
Artiodactyla	2	0,1		
Sus sp. (porco/javali)	147	8,7	5	20,0
Cervus elaphus (veado)	47	2,8	4	16,0
Bos sp. (vaca/auroque)	3	0,2	1	4,0
Bos taurus (vaca)	18	1,1	1	4,0
Ovis/Capra (ovelha/cabra)	35	2,1	2	8,0
Capra hircus (cabra)	1	0,1	1	4,0
Leporidae	3	0,2		4,0
O. cuniculus (coelho)	25	1,5	3	12,0
Lepus sp. (lebre)	2	0,1	1	4,0
Animal de médio porte	86	5,1		
Animal de grande porte	51	3,0		
Indeterminados	1247	73,9		
Total	1688	100	25	100

Tabela 7.18 - Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) da Sanja 1

Espécies	NTR	% NTR	NMI	% NMI
Ungulado	3	6,4		
Sus sp. (porco/javali)	4	8,5	1	20
Bos sp. (vaca/auroque)	1	2,1	1	20
Bos taurus (vaca)	2	4,3	1	20
Ovis/Capra (ovelha)	1	2,1	1	20
O. cuniculus (coelho)	3	6,4	1	20
Animal de médio porte	6	12,8		
Animal de grande porte	1	2,1		
Indeterminados	26	55,3		
Total	47	100	5	100

Tabela 7.19 - Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) das fossas 14,18 e 23

Espécies	Fossa 14				Fossa 18				Fossa 23			
	NTR	% NTR	NMI	% NMI	NTR	% NTR	NMI	% NMI	NTR	% NTR	NMI	% NTR
Ungulado					2	1,5						
Equus sp. (cavalo)	1	2,4	1	20					1	1,3	1	14,3
Artiodactyla					1	0,7			1	1,3		
Sus sp. (porco/javali)	4	9,8	1	20	7	5,2	2		6	7,9	2	28,6
Cervus elaphus (veado)	2	4,9	1	20	1	0,7	1	12,5				
Bos taurus (vaca)					1	0,7	1	12,5				
Ovis/Capra (ovelha cabra)	1	2,4	1	20	13	9,7	2	25	1	1,3	1	14,3
cf. *Ovis/Capra* (cf. ovelha/cabra)		0,0			1	0,7	1	25				
O. cuniculus (coelho)	1	2,4	1	20	4	3,0	1	25	6	7,9	2	28,6
Lepus sp. (lebre)									1	1,3	1	14,3
M. médio porte	5	12,2			28	20,9			4	5,3		
M. grande porte	1	2,4			2	1,5			3	3,9		
Indeterminados	26	63,4			74	55,2			53	69,7		
Total	41	100	5	100	134	100	8	100	76	100	7	100

Tabela 7.20 - Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) das fossas 42 e 66

Espécies	**Fossa 42**				**Fossa 66**			
	NTR	% NTR	NMI	% NMI	NTR	% NTR	NMI	% NMI
Canis familiaris (cão)	2	25	1	66,6				
Sus sp. (porco/javali)	1	12,5	1	66,6				
Cervus elaphus (veado)					1	25	1	50
Ovis/Capra (ovelha/cabra)					1	25	1	50
O. cuniculus (coelho)	1	12,5	1	66,6				
Indeterminados	4	50			2	50		
Total	8	100	3	100	4	100	2	100

Tabela 7.21 - Número total de restos de número (NTR) e número mínimo de indivíduos (NMI) das fossas 7 e 11.

Espécies	Fossa 7				Fossa 11			
	NTR	%NTR	NMI	%NMI	NTR	%NTR	NMI	%NMI
Equus sp. (cavalo)	1	1,5	1	20	-			
Sus sp. (porco/javali)	18[1]	26,5	1	20	19[2]	54,3	1	3,3
Cervus elaphus (veado)	1	1,5	1	20				
Ovis/Capra (ovelha/cabra)	1	1,5	1	20	2	5,7	1	3,3
O. cuniculus (coelho)	1	1,5	1	20	2	5,7	1	3,3
M. de médio porte	5	7,4			1	2,9		
M. de grande porte	1	1,5			1	2,9		
Indeterminados[3]	40	58,8			10	28,6		
Total	68	100	5	100	35	100	3	100

Tabela 7.22- Distribuição anatómica dos restos da Fossa 7

	Equus sp.	*Cervus elaphus*	*Ovis/ Capra*	*Sus* sp.	*O. cuniculus*	AMP	AGP
E. craniano							
Dentes soltos inferiores			1				
E. axial							
Vértebras				1			
Costelas						2	
E. apendicular superior							
Escápula				2			
Osso crochu				1			
E. apendicular inferior							
Pélvis						2	
Tíbia	1			3	1		
Metatarso III				1			
Metatarso IV				1			
Metatarso		1					
Elementos gerais							
Ossos longos indeterminados						2	1
Falange I traseira				3			
Falange II traseira				2			
Falange III traseira				2			
Falange I lateral				1			
Falange I				1			
Total	1	1	1	18	1	6	1

[1] Está incluído o pé parcial associado a um enterramento humano e estudado por MORENO-GARCIA, CABAÇO, 2009.

[2]Está incluída a mão parcial associada a restos humanos e estudada por MORENO-GARCIA, CABAÇO, 2009.

[3] Estão contabilizados os fragmentos de artefacto em osso polido.

Tabela 7.23 - Distribuição anatómica dos restos da Fossa 11

	Ovis/ Capra	*Sus* sp.	*O. cuniculus*	AMP	AGP
E. craniano					
Dentes soltos inferiores	1				
E. axial					
Costelas				1	
E. apendicular superior					
Escápula			1		1
Rádio	1				
Ulna			1		
Semilunar		1			
Pyramidal		1			
Osso crochu		1			
Capitatum		1			
Sesamoide		3			
Metacarpo II		1			
Metacarpo III		1			
Metacarpo IV		1			
1ª Falange dianteira		2			
2ª Falange dianteira		2			
3ª Falange dianteira		2			
E. apendicular inferior					
Calcaneo		1			
Elementos gerais					
Metapodo indeterminado		1			
1ª Falange lateral		1			
Total	2	19	2	1	1

Tabela 7.24 – Mortalidade de ovinos/caprinos no Neolítico Médio (NM) e no Neolítico Final (NF)

Classes etárias	Nº NM	% NM	Nº NF	% NF
Fetos/Recém-nascidos	0	0	28	32,18
Infantil (2-12 meses)	1	6,25	12	13,79
Juvenil (12-24 meses)	7	43,75	23	26,44
Jovem adulto (24-48 meses)	6	37,5	16	18,39
Adulto (≥ 48 meses)	2	12,5	8	9,20
Total	16	100	87	100

Tabela 7.25 – Mortalidade de suínos no Neolítico Final.

	Nº	%
Fetos/recém-nascidos	10	5
Infantil (2-12 meses)	45	21
Juvenil (12-24 meses)	93	43
Jovem adulto (24-48 meses)	66	31
Adulto (≥ 48 meses)	0	0
Total	214	100

8 AS FAUNAS MALACOLÓGICAS

Lino André, A.C. Valera

Um conjunto de faunas malacológicas dos contextos neolíticos e calcolíticos dos Perdigões foi recentemente publicado e os problemas que levanta discutidos (Valera, André, 2017). Este capítulo pretende fazer apenas uma actualização desses dados para o Neolítico, aos quais se reúnem faunas recolhidas nas últimas campanhas e não contempladas naquele estudo, e fazer a análise do comportamento destas faunas em função das duas fases neolíticas definidas.

Assim, ao número de restos anteriormente contabilizados juntaram-se mais 19 registos, perfazendo um total de 297 restos, correspondendo a um número mínimo de indivíduos de 64, os quais se dividem por 14 espécies (Tabela 8.1).

A expressão destas faunas mantém-se diminuta, continuando a revelar uma predominância, entre as espécies identificadas, da proveniência marinha ou estuarina (77,8%) sobre as proveniências fluvial (17,1%) e terrestre (5,1%). Assim, os gastrópodes terrestres estão representados por alguns restos de *Rumina decolatta* e *Parmacella Velencienni*, e os bivalves de água doce por *Unio sp.* e *Potomida littoralis.* Para além de mais representativas, as espécies marinhas e estuarinas apresentam igualmente uma maior variedade: *Callista chione, Cerastoderma edule, Lutraria lutraria, Mytilus sp., Pecten sp., Ruditapes decussatus, Scrobicularia plana, Venus verrucosa, Solen marginatus* e *Trivia sp*..

A raridade de restos de fauna malacológica indica que o seu consumo seria muito restrito, circunstância que sai ainda mais reforçada se considerarmos que:

a) os gastrópodes terrestres corresponderão essencialmente a intrusões;
b) as três únicas conchas de *Cerastoderma edule* correspondem a três pendentes e as duas únicas *Trivia sp.* são contas, e como tal deverão ter chegado aos Perdigões;
c) que a espécie predominante, a *Pecten maximus*, apenas está representada pela sua valva convexa e nunca pela plana, o que indica que seria somente a concha que circularia.

Desta forma, as conchas que poderão representar consumo seriam as de *Unio sp.* e *Potomida littoralis* (com um total de 27 restos), correspondendo a recursos disponíveis localmente no Guadiana, e as de *Callista chione, Lutraria lutraria, Mytilus sp., Ruditapes decussatus, Scrobicularia plana, Venus verrucosa e Solen marginatus* (que somam 72 restos), correspondendo a importações do litoral esturino/marinho, sendo que algumas destas espécies são vestigiais (casos da *Callista chione, Venus verrucosa e Solen marginatus*). As evidências de eventual consumo são, assim, reduzidas e, nelas, a preponderância de espécies exógenas mantém-se. Tratar-se-ia, assim, de um consumo mais relacionado com circunstâncias especiais e com determinados simbolismos, do que propriamente uma questão de subsistência, e que

documenta uma interacção directa com as áreas mais litorais (se considerarmos que algumas destas espécies eram de facto consumidas nos Perdigões).

Tabela 8.1 – Restos de fauna malacológica nos contextos neolíticos dos Perdigões

	NEOLÍTICO																																					
	Não Funerários																																Funerário							
TAXONS	Fossa 48		Fossa 64		Fossa 65		Fosso 14		Fossa 80		Fosso 13		Fosso 5		Fosso 6		Fosso 8		Fosso 12		Sanja 1		Fossa 14		Fossa 18		Hipogeu 1		Fossa 11		**Totais**	
	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI	NR	MNI	NR	NMI
Indeterminado			1	0	8	0			1	0	2	0	1	0	9	0	27	0	3	0							87	0			**139**	**0**
Bivalves marinhos/estuarinos																																
Callista chione																											1	1			**1**	**1**
Cerastoderma edule																			1	1							1	1	1	1	**3**	**3**
Lutraria lutraria																											16	4			**16**	**4**
Mytilus sp.									5	1					2	1	4	1	2	1	1	1					8	4			**22**	**9**
Pecten sp.	1	1					3	1	1	1	1	1	1	1	2	1	7	1	7	1	1	1	1	1	2	1	19	3			**46**	**14**
Ruditapes decussatus													2	1	3	1					1	1			2	1	13	1			**21**	**5**
Scrobicularia plana							1	1	1	1			7	1																	**9**	**2**
Venus verrucosa															1	1															**1**	**1**
Solen marginatus									1	1																	1	1			**2**	**2**
Bivalves de água doce																																
Potomida littoralis															1	1	6	1	6	3							3	1			**16**	**6**
Unio sp.									1	1	1	1			1	1	4	1	1	1					2	1	1	1			**11**	**7**
Gastrópedes marinhos																																
Trivia sp.																							1	1			1	1			**2**	**2**
Gastrópedes terrestres																																
Rumina decolatta															7	7															**7**	**7**
Parmacella Velencienni																							1	1							**1**	**1**
Totais	1	1	1	0	8	0	4	2	10	5	4	2	11	3	26	13	48	4	20	7	3	3	3	3	6	3	151	18	1	1	**297**	**64**

A comparação entre as duas fases neolíticas dos Perdigões revela que na fase inicial esta fauna é vestigial, correspondendo a 9 restos indeterminados, 5 valvas convexas de *Pecten maximus* e uma valva de *Scrobicularia plana.* Poderemos, pois, questionar a efectiva existência de consumo de moluscos nesta fase dos Perdigões, estando a presença das conchas relacionadas com o seu uso enquanto objecto. Contudo, é interessante salientar que as duas únicas espécies identificadas presentes são litorais e que a dominante, a *Pecten maximus*, é a que se manterá preponderante durante o Neolítico Final, sendo a segunda mais representada no Calcolítico.

Assim, no Neolítico Final, ainda que globalmente as conchas sejam pouco representativas, observa-se um significativo incremento relativamente à fase anterior, o que segue as situações observadas na fauna mamalógica e na cultura material. O consumo restrito parece agora ocorrer, mas mantendo-se preponderante o uso das conchas estuarinas enquanto objectos, nomeadamente de duas espécies que apenas estão presentes enquanto objectos de adorno pessoal: a *Cerastoderma edule* e a *Trivia sp*..

Contextualmente é de sublinhar que a maior parte das conchas ocorre no Hipogeu 1, seguido das secções realizadas nos fossos, sendo relativamente escassas nas fossas. Apenas uma, um pendente sobre *Cerastoderma edule*, surge em contexto funerário, na Fossa 11.

Concluindo, o consumo de moluscos parece só arrancar na fase do Neolítico Final e terá sido restrito, não tendo qualquer significado do ponto de vista das estratégias de subsistência, estando sobretudo relacionado com situações de excepção. Espécies como a *Cerastoderma edule, Trivia sp.* e *Pecten maximus* não foram consumidas e a presença das suas conchas ocorre sob a forma de objectos de adorno ou o simples uso da concha como recipiente e/ou elemento simbólico.

Figura 8.1 – Fragmentos de *Pecten maximus*.

Figura 8.2 – Pendentes sobre concha de *Cerestoderma edule*.

9 OS PERDIGÕES NEOLÍTICOS: NOTAS PARA UM MODELO DO PROCESSO HISTÓRICO DO 4º MILÉNIO AC (ANTECIPANDO O 3º) NO SUL DE PORTUGAL.

A.C. Valera

9.1 BREVE RESENHA DA EVOLUÇÃO INTERNA DOS PERDIGÕES NEOLÍTICOS

Os dados expostos nos capítulos anteriores, e deixando de fora neste sub-capítulo a já discutida questão da cronologia e relação com o cromeleque (Cf. Capítulo 3), permitem estabelecer uma clara diferenciação entre as duas fases definidas para o Neolítico dos Perdigões. Estas diferenças observam-se no número e dimensão das estruturas negativas, na área encerrada e número de recintos, assim como ao nível da cultura material (em termos de quantidade e de tipologia) e dos conjuntos faunísticos. Contudo, em determinados aspectos registam-se igualmente continuidades. Neste ponto faz-se uma breve resenha dessas diferenças, delineando a trajectória seguida.

No que respeita à Fase 1, atribuível ao final do Neolítico Médio, a ocupação parece ser restrita à área central do anfiteatro natural onde o sítio se encontra implantado. Não foi ainda possível obter as plantas integrais traçadas pelos fossos desta fase, não se sabendo se desenham recintos completamente encerrados ou com aberturas amplas, à imagem do que acontece com os fossos contemporâneos da Senhora da Alegria (Coimbra), com os quais partilham dimensões semelhantes (Valera, 2013). Tratam-se de fossos de reduzidas dimensões, indiciando alguma sinuosidade, mas de forma irregular e não padronizada. Três dos vários troços intervencionados entrecruzam-se, revelando a presença de pelo menos três momentos construtivos, não diferenciáveis ao nível da cultura material, nem ao nível das cronologias de radiocarbono (Cf. Capítulos 3 e 4).

A estes fossos surge associado um conjunto de 17 fossas tendencialmente de planta circular, maioritariamente muito pouco profundas (apenas uma apresenta uma profundidade superior a 42cm), as quais se concentram na área interna que será delimitada pelo designado Fosso 13, estando apenas uma no interior das áreas definidas pelos Fossos 14 e 15. A relação cronológica entre estas estruturas e os fossos, contudo, não pode ser ainda estabelecida de forma fina, apenas podendo ser considerada ao nível do parâmetro temporal global definido para esta fase. A relação espacial observada terá, portanto, que ser assumida com as inerentes reservas, já que não existem relações físicas directas entre fossas e fossos desta fase, nem depósitos exteriores que ajudem a definir relações temporais.

Os materiais presentes (Cf. Capítulo 5) são comparativamente pouco numerosos (em relação às fases posteriores dos Perdigões). A percentagem de cerâmicas e indústria lítica é mais equilibrada, ainda que com predominância da primeira. Os recipientes são caracterizados por

formas simples, como as taças, tigelas hemisféricas e esféricos/globulares, por vezes com revestimentos almagrados, sublinhando-se a raridade de formas rasas e a total ausência de formas carenadas. A decoração está ausente.

A presença de alguns (apenas 3) fragmentos de pesos de tear no topo dos enchimentos de duas estruturas desta fase poderá sugerir já a presença desta actividade, mas a escassez e sobretudo a sua presença no topo dos depósitos pode simplesmente corresponder a intrusões posteriores. Assim, a presença de tecelagem, mesmo pontual, deve ser considerada sob reservas.

A pedra talhada é claramente dominada pelo quartzo, sendo as restantes matérias primas vestigiais, numa produção orientada para a obtenção de lascas e lamelas irregulares, sendo os elementos laminares pouco expressivos. Estão presentes alguns pequenos geométricos em quartzo e alguns utensílios retocados sobre lasca e pontualmente sobre segmentos de pequenas lâminas. A produção poderá ser eminentemente local, sendo os materiais que implicam importação raros.

A pedra polida é vestigial, com apenas dois registos (uma enxó e um fragmento de machado) e os elementos de moagem totalmente ausentes.

O registo faunístico (Cf. Capítulo 7), apesar de apresentar uma componente doméstica importante, com predomínio dos suídeos, seguidos dos bovinos e ovinos/caprinos, revela uma componente cinegética equivalente, sobretudo se pensarmos que alguns dos suídeos e dos *Leporidae* podem ser selvagens, juntando-se ao cavalo, cervídeos e auroques.

Não se registaram contextos funerários associados a esta fase inicial dos Perdigões. Contudo, observaram-se, tanto no Fosso 13 como no Fosso 14, práticas de "recutting" e construção segmentada de fossos que integram deposições estruturadas de materiais fragmentados, restos faunísticos e pedras, que num caso incorpora uma mandíbula humana intencionalmente fragmentada e depositada de forma cuidada (Cf. Capítulo 6).

A construção destes primeiros recintos está, assim, associada a um conjunto de materiais e contextos que não documentam uma significativa dinâmica de intensificação económica, nomeadamente agrícola. A integração em redes de interacção regional e sobretudo transregional não parece ter grande relevância, expressando-se na presença de escassas matérias primas exógenas, nomeadamente em sílex, e de um fragmento de concha de vieira. As evidências materiais que remetem para o mágico e religioso estão praticamente ausentes (talvez a presença da *Pecten maximus* possa ser relacionada com essa dimensão do social), revelando-se esta fase completamente iconoclasta. Porém, e para além dos significados associados à escolha do local (Cf. Capítulo 2), já se regista um conjunto de práticas, nomeadamente deposicionais e de "recutting", que se documentarão ao longo da vida dos Perdigões.

Durante o último quartel do 4º / primeiro século do 3º milénio AC, assiste-se a um acentuado desenvolvimento dos Perdigões, traduzido num significativo aumento das áreas enclausuradas por fossos, no crescimento das dimensões das estruturas, em alterações tipológicas na cultura material, no aparecimento de uma expressão iconográfica e no incremento da interacção transregional, expressa em mais matérias-primas exógenas e em expressões estilísticas e simbólicas de ampla abrangência espacial.

Os fossos são agora em maior número (5), são de maiores dimensões, podendo atingir cerca de dois metros de profundidade e quatro metros de largura na boca, e a área abrangida pelo fosso mais exterior (Fosso 11) atinge já cerca de 16ha, a extensão máxima que os Perdigões teriam igualmente durante o Calcolítico. Genericamente, as fossas continuam a ter dimensões relativamente reduzidas ou muito reduzidas, mas aparecem já grandes estruturas negativas de

tipo hipogeu (não funerárias), que apresentam diâmetros em torno aos quatro metros e profundidades de 2 / 2.5m.

A densidade de materiais aumenta drasticamente, sobretudo no que concerna às categorias de recipientes cerâmicos e restos faunísticos. Nas cerâmicas, as anteriores tipologias continuam, mas agora há mais recipientes de maiores dimensões e, sobretudo, as taças carenadas, os pratos simples e a decoração (sempre em reduzidas percentagens) fazem o seu aparecimento. Os elementos de tear são um pouco mais frequentes. Ainda assim, estão longe de se aproximar dos números que existem neste momento para o 3º milénio AC (vários milhares de fragmentos).

Na indústria lítica talhada, o sílex e o jaspe tornam-se um pouco mais representativos, mas o quartzo e uma indústria orientada para a produção de lascas e lamelas irregulares continuam claramente predominantes. Associadas ao incremento do sílex estão alguns segmentos de lâmina retocados de médias dimensões e as pontas de seta fazem o seu aparecimento, ainda que com poucas unidades registadas. A pedro polida continua extremamente escassa, tanto o que respeita ao material cortante (machados e enxós), como no que respeita aos elementos de moagem.

Ao nível dos dados económicos, as evidências directas e indirectas de agricultura continuam relativamente reduzidas, mas os restos faunísticos contam-se agora aos milhares e evidenciam um claro crescimento das espécies domésticas, que suplantam largamente as selvagens. As estratégias de abate sugerem, de modo mais visível, práticas de consumo relacionadas com o simbólico e o cerimonial.

A interacção transregional intensifica-se, sendo mais frequente a presença de conchas de origem marinha e estuarina e a presença de sílex, assim como a integração em sistemas ideológicos abrangentes e expressos através de artefactos idiotécnicos de ampla distribuição geográfica.

De facto, um contraste mais marcado é notado, precisamente, ao nível de práticas e produções que se podem relacionar, de forma mais imediata, com a dimensão ideológica, resultado do aparecimento das primeiras produções materiais inequivocamente ideotécnicas ("ídolos" de cornos, placas de xisto decoradas, "ídolos" almeriences, decoração simbólica, possível máscara em crânio e hastes de cervídeo), assim como das primeiras evidências de uso de ocre vermelho e amarelo. As deposições estruturadas sequenciais, mas intermitentes, em fossos tornam-se mais frequentes e evidentes, nomeadamente nos Fossos 6, 8 e 12, que, para além de documentarem práticas de colmatação intencional com material seleccionado, revelam igualmente o carácter periódico das mesmas. A prática de "recutting" continua (identificada na secção do Fosso 11). Por outro lado, a par de deposições pontuais de restos humanos em fossos e fossas, surgem os primeiros contextos marcadamente funerários em fossa. Finalmente, a fundamentação cosmológica subjacente à implantação do sítio começa a manifestar-se igualmente ao nível da arquitectura, com as entradas dos recintos mais centrais orientadas ao equinócio ao nascer do Sol ou na reprodução da visibilidade do anfiteatro natural através da ampla abertura a Este do Fosso 8.

Tomando em consideração o quadro proporcionado pela cronologia absoluta, estas alterações parecem ter-se produzido num espaço de tempo relativamente curto, configurando um momento de aceleração do tempo histórico, em que se produz uma rápida intensificação de uma trajectória social e ideológica que vinha lentamente germinando ao longo dos dois primeiros terços do 4º milénio AC. Essa aceleração expressa-se localmente pelo incremento da construção de uma paisagem monumentalizada de grande coerência ideológica e, simultaneamente, pela integração deste espaço local numa rede de interacções de larga escala, que atingirá o seu expoente máximo em meados do milénio seguinte.

9.2 OS PERDIGÕES E A OCUPAÇÃO DO VALE DA RIBEIRA DE VALE DO ÁLAMO DURANTE O NEOLÍTICO MÉDIO / FINAL.

A questão da integração dos Perdigões neolíticos na rede de povoamento local encontra ainda dificuldades, as quais se relacionam com a reduzida informação de que dispomos sobre a maioria dos contextos neolíticos considerados residenciais conhecidos no vale da Ribeira de Vale do Álamo (RVA) e adjacências, nomeadamente dos correlacionáveis com 4º milénio AC.

Muito já se escreveu sobre o povoamento pré-histórico de Reguengos de Monsaraz, mas o que se sabe com segurança e detalhe é ainda relativamente escasso. A começar pela cronologia de monumentos megalíticos, de sítios de *habitat* ou de actividades específicas. De facto, se para a globalidade da vida dos Perdigões dispomos no presente momento de 98 datações de radiocarbono (25 das quais para os contextos neolíticos), para a totalidade dos restantes contextos (funerários e não funerários) da bacia do vale da RVA existem apenas 14 datações de radiocarbono, divididas por 6 contextos (Antas de Santa Margarida 2 e 3; *Tholos* do Olival da Pega 2, Monte Novo dos Albardeiros, Torre do Esporão 3, sendo quase todas elas relativas ao 3º milénio AC e apenas uma ao Neolítico (Santa Margarida 2). De fora desta contabilidade ficam as datações TL de Gorginos 2, Poço da Gateira 1 e Dolmen e *Tholos* da Farisoa 1, praticamente inutilizáveis face ao seu elevado desvio padrão, que a dois sigma é de cerca de um milénio). Ou seja, para o 4º milénio AC estamos reduzidos ao conjunto de datas dos Perdigões e à data de Santa Margarida 2, a qual se enquadra no Neolítico Final (Beta – 153911: 4410±60 – 3340-2900 cal AC a 2σ - Gonçalves, 2001).

Face a esta ausência de cronologias absolutas para o restante Neolítico de Reguengos, a tentativa de procurar perceber a expressão espacial do povoamento local prévio e imediato à emergência dos Perdigões terá que basear-se em cronologias relativas suportadas em materiais e, no caso dos monumentos megalíticos, em materiais e características arquitectónicas. A agravar esta situação está, igualmente, a circunstância de que a grande maioria dos monumentos intervencionados o foi há mais de sessenta anos, encontrando-se estes já na altura profundamente perturbados, ao que acresce o facto de a maioria dos sítios não funerários serem conhecidos por prospecções de superfície ou por pequenas áreas sondadas. O quadro que se poderá de momento construir é, assim, frágil e o exercício que se segue funciona mais como uma caracterização de um ponto de partida e de problematização de uma investigação a desenvolver, do que como um ponto de chegada e de síntese. Para este exercício temos que recorrer essencialmente aos trabalhos de Vera e George Leisner e de Vitor Gonçalves e colaboradores, mas também aos que foram realizados por outros investigadores no âmbito dos processos de minimização do regolfo de Alqueva.

Assim, para além dos Perdigões, o número de sítios não funerários que, com base em dados que permitam uma atribuição cronológico-cultural minimamente segura ao Neolítico Médio no vale da RVA, são apenas dois: Pipas e Gorginos 6 (Silva, Soares, 1992; Gonçalves, Sousa, 1997). Pipas situa-se junto ao vale do Guadiana, mantendo a localização predominante dos habitats conhecidos para o Neolítico Antigo (Xarez 4 e 12, Carraça 1, Fonte dos Sapateiros – Gonçalves, Sousa, Marchand, 2013), situação que também ocorre com os sítios do Neolítico Médio conhecidos no outro lado do rio (Quinta da Fidalga e Fábrica da Celulose – Silva, Soares, 1992). De facto, o povoamento mais antigo do vale RVA parece concentrar-se na sua área jusante, articulando-se com o Guadiana, sendo Gorginos 6, no curso médio da RVA, o único caso mais afastado do grande rio. Assim, quando no final do Neolítico Médio os recintos de fossos dos Perdigões emergem na paisagem de Reguengos, a imagem que, em termos de povoamento,

os enquadra é quase de um deserto. Corresponderá esta distribuição espacial durante o Neolítico Antigo e Médio a uma realidade histórica?

Se pensarmos que a grande maioria destes sítios mais antigos foi identificada na sequência dos estudos de impacto e de minimização do empreendimento de Alqueva cuja área afectada foi essencialmente a do grande vale do Guadiana, seremos tentados a responder não. Por outro lado, vários dos monumentos megalíticos que têm vindo a se atribuídos às fases mais antigas do megalitismo de Reguengos (Leisner, Leisner, 1985; Gonçalves, 1992; Gonçalves, Sousa, 1997; Gonçalves, 1999) apresentam-se igualmente dispersos pelo vale. Os monumentos do Poço da Gateira, na margem norte, e Areias 10 e 11, na margem sul, situam-se no troço médio do vale da RVA, enquanto Gorginos 2, o monumento 1 das Falcoeiras e os monumentos das Vidigueiras se encontram mais para Sudoeste e mais afastados do vale do Guadiana. Acrescem os vários monumentos megalíticos não funerários conhecidos ao longo de toda a bacia da RVA. Assim, é espectável que nessas áreas existam mais contextos de natureza habitacional, tanto com ocupações do Neolítico Antigo, como sobretudo do Neolítico Médio, e que a sua menor densidade nos troços médios e montante do vale traduza mais a uma insuficiência de investigação que a uma real distribuição do povoamento durante esses períodos.

Já no que respeita à atribuição cronológica das escassas ocupações conhecidas para o Neolítico Médio, baseadas em critérios tipológicos dos respectivos conjuntos artefactuais, se a referenciação genérica não suscita grandes discordâncias, a sua precisão é insuficiente. Por outras palavras, não sabemos com o mínimo de fundamentação se essas ocupações reportam a momentos prévios às cronologias mais antigas disponíveis para os recintos de fossos iniciais dos Perdigões ou se lhes são contemporâneas. E o mesmo se pode dizer relativamente aos monumentos megalíticos funerários considerados mais antigos.

A existência de um momento inicial do megalitismo regional caracterizado por pequenos monumentos genericamente "cistoides" é, hoje, relativamente consensual, seja ele designado por proto megalitismo (Silva 1987; Soares, Silva, 2000) ou adquira outras designações por insatisfação com algum evolucionismo linear que lhe possa estar associado (Calado, 2003; Mataloto *et al.*, 2016/17), fazendo-o acompanhar pela emergência de pequenos sepulcros de corredor curto e "espólio arcaizante". As recentes tentativas de estabelecer uma cronologia para estas fases iniciais do megalitismo alentejano com base num ainda reduzido número de datações de radiocarbono (Boaventura, 2011; Boaventura, Mataloto, 2013; Mataloto *et al*., 2016/17), têm apontado um intervalo entre 3700-3300 AC, o qual é genericamente coincidente com a emergência dos primeiros enterramentos em hipogeu conhecidos para o distrito de Beja (ver adiante, ponto 9.5).

Como acima se referiu, vários monumentos do megalitismo de Reguengos têm sido atribuídos, com maior ou menor ambiguidade, a estas fases mais antigas. O monumento 1 das Falcoeiras, os de Areias 10 e 11 ou a Capelinha 2 têm sido apontados como possíveis representantes da "arquitectura cistóide" inicial, apesar das parcas informações relativamente aos respectivos espólios. Já o Poço da Gateira 1, Gorginos 2, Vidigueiras 1 e 2, ou Piornal 1 a 3 surgem como representantes dos pequenos monumentos de corredor curto e espólios algo arcaizantes (Gonçalves, 1999; 2013). Nenhum está, porém, datado em termos absolutos. Se assumirmos os esforços acima referidos para estabelecer uma cronologia para o megalitismo regional assente em cronologia absoluta e relativa, então poderemos pensar que os primeiros monumentos megalíticos funerários de Reguengos se começaram a construir dentro do segundo quartel do 4º milénio AC, ou seja, num momento ligeiramente anterior às ocupações mais antigas dos Perdigões (se deixarmos de lado a questão da cronologia do cromeleque, discutida no Capítulo 3). Mas temos dificuldades em discriminar quais os que lhes poderiam ter sido coevos em termos de construção e/ou utilização e quais seriam anteriores.

Assim, quando os primeiros recintos de fossos são construídos no centro do anfiteatro natural dos Perdigões, o povoamento local é caracterizado por uma dispersão de pequenos sítios ainda muito mal caracterizados e conhecidos, aparentemente com pouco investimento arquitectónico, aproveitando espaços protegidos entre os batólitos graníticos que pontuam a paisagem do vale da RVA. Estas comunidades estariam já envolvidas na construção de monumentos megalíticos de pequenas dimensões, que comportariam enterramentos únicos ou um número reduzido de indivíduos, e na erecção de menires e cromeleques. Ou seja, estavam em plena fase inicial de construção de uma paisagem monumental e de forte coerência simbólica, que se desenvolveria pelos séculos seguintes.

De facto, durante o último quartel do 4º milénio AC, altura em que os Perdigões crescem rapidamente para se transformarem já num grande complexo de recintos de fossos, as evidências de povoamento no vale aumentam e tornam-se espacialmente mais abrangentes. Continuam, porém, igualmente mal caracterizadas, com informações provenientes sobretudo de materiais de superfície (frequentemente bastante escassos) e de algumas áreas sondadas. Os habitats parecem continuar a ser dispersos, abertos, com pouco investimento arquitectónico e com uma baixa densidade de ocupação. Não sabemos se na Torre do Esporão já se constroem ou não recintos fossos. Contudo, o investimento na monumentalidade aumenta significativamente, entrando o megalitismo funerário na sua fase de apogeu com a construção de monumentos de corredor médio e longo, que atingem o seu expoente máximo localmente nas grandes antas do Olival da Pega ou da Herdade dos Cebolinhos.

Curiosamente, porém, nenhum destes monumentos de maiores dimensões é construído próximo dos Perdigões, que continua como que afastado dos principais núcleos megalíticos que são erigidos no final do 4º / inícios do 3º milénio AC. Afastamento que poderá explicar-se pela natureza dos recintos e das práticas que neles são realizadas. Nestas, poderão desempenhar papel de relevo precisamente as práticas funerárias e de manipulação de restos humanos. Estas estão ainda mal caracterizadas na sua real expressão para a fase Neolítica dos Perdigões. Mas estão lá desde os seus momentos mais antigos, tanto nas deposições de restos humanos em fossos, como, depois, em deposições primárias em fossa. Estou em crer, porém, que estas actuais evidências são apenas a ponta do *iceberg*, e que a componente funerária nos Perdigões Neolíticos será bastante superior à proporcionada pelas actuais dados, constituindo-se como uma das faces do cerimonial e da expressão monumental que o sítio apresenta. É inegável que as dimensões e o investimento que os Perdigões adquirem no final do 4º milénio AC revelam que o sítio é já, neste momento, um centro catalisador do povoamento do vale da RVA e da sua integração numa trajectória de complexificação, de monumentalização e de participação em redes de interacção de escala mais ampla (ver adiante). Localmente, apenas os distantes grandes monumentos megalíticos se aproximam desta relevância social, contribuindo, também eles, para uma imagem de rápida aceleração e intensificação do investimento social em monumentalidade e nas formas de expressão ideológica em geral.

Naturalmente, este progressivo, mas decisivo, investimento em monumentalidade, a que se associa uma trajectória de integração em redes de interacção de escala mais ampla, coloca a questão da relação estabelecida localmente com o subsistema produtivo. A resposta a esta questão tem sido quase sempre produzida de forma axiomática, assumindo uma intensificação agrícola, considerada o suporte que teria permitido esse investimento nas produções ideológicas. Um raciocínio circular, já que o desenvolvimento agrícola é, em grande medida, deduzido dos investimentos monumentais que supostamente deveria ter permitido, e não tando de dados mais directos. Na realidade, uma leitura crítica dos dados efectivamente existentes poderá sugerir precisamente o oposto.

9.3 A QUESTÃO AGRÍCOLA, AS COMPONENTES CINEGÉTICA E PASTORIL, A VARIÁVEL SUBSISTÊNCIA E A SUA COERÊNCIA

A questão agrícola é de particular importância para a caracterização das estratégias económicas das comunidades que ao longo do tempo foram construindo, ocupando e circulando nos Perdigões e para a própria interpretação da natureza e desempenho social do sítio e, num quadro mais amplo, para a construção de modelos relativos à trajectória histórica das comunidades do final do 4º e 3º milénio AC no Sudoeste Peninsular.

A associação da localização dos Perdigões a solos de boas aptidões agrícolas, ainda que considerados pesados para uma agricultura de enxada, foi já sobejamente salientada (Lago *et al.* 1998; Gonçalves, Sousa, 2000). A essa associação ficou subjacente, de forma mais ou menos explícita, a ideia de uma comunidade sedentária cujo desenvolvimento se sustentaria sobretudo numa economia de base agrícola (nomeadamente cerealífera), naturalmente complementada pela pastorícia, caça e recolecção. Mas a questão agrícola foi, uma vez mais, tratada de forma axiomática, axioma que ficou cristalizado na designação de "antigas sociedades camponesas" aplicada indiferenciadamente a todas as comunidades neolíticas.

Dada a cronologia do sítio, não se trata, obviamente, de debater a presença ou ausência de uma componente agrícola na economia das comunidades que construíram / ocuparam / circularam nos Perdigões. Trata-se sim, por um lado, de procurar caracterizar a sua expressão e níveis de intensificação atingidos na economia daquelas comunidades ao longo da vida do sítio e, por outro, tentar avaliar se a sua prática ocorreu a partir do sítio. Estamos ainda longe de poder ser conclusivos em qualquer destes desideratos, mas alguns dados directos e indirectos entretanto obtidos para os contextos neolíticos podem ser desde já pensados, procurando ultrapassar a postura axiomática na avaliação da componente agrícola (nomeadamente cerealífera), problematizando-a.

Olhando para os dados indirectos, é inegável que a utensilagem que tradicionalmente é relacionada com as actividades agrícolas (elementos de foice), de desflorestação e preparação de terrenos (pedra polida) e de preparação de alimentos (elementos de moagem) está muito sub representada nos contextos neolíticos nos Perdigões, sendo que na primeira fase é quase inexistente. A presença de duas dezenas de segmentos de lâmina retocados, alguns aparentemente com lustre, na segunda fase, poderá indicar um aumento da importância da componente agrícola, mas face à raridade de outros indicadores dificilmente se pode falar de uma significativa intensificação com base nos dados empíricos. A imagem que resulta da componente indirecta é a de uma actividade agrícola proporcionalmente pouco relevante nas ocupações mais antigas e que, se se pode argumentar em favor de algum incremento durante a segunda fase, a alteração não é substancialmente significativa, mantendo-se uma escassez de pedra polida e de elementos de moagem, apesar do aumento de segmentos retocados que poderão ser associados a componentes de foice. Acresce a esta pouca representatividade o facto de nenhum destes elementos ser um indicador indirecto exclusivamente de agricultura, já que os elementos de moagem podem moer produtos recolectados (a bolota está representada na fase do Neolítico Final do Moinho de Valadares 1, na vizinha margem esquerda do Guadiana – Leeuwaarden, Queiroz, 2013), os segmentos podem cortar plantas selvagens ou ter outras aplicações (veja-se, por exemplo, a situação dos segmentos de lâminas retocados da Ponte da Azambuja, onde os que se relacionam com o corte de cereal são claramente minoritários - Gibaja 2015) e a pedra polida pode ser utilizada em múltiplas actividades. De uma forte componente agrícola, base da economia de uma comunidade sedentária e construtora de grandes espaços delimitados por fossos no Neolítico Final, esperar-se-ia uma melhor representação dos seus

indicadores indirectos no registo arqueológico (sobretudo se pensarmos nas dimensões que os Perdigões atingiram nessa fase).

Um outro elemento frequentemente (e também axiomaticamente) utilizado como indicador de uma agricultura cerealífera importante são as fossas interpretadas como silos. Como se viu (Capítulo 4), a quase totalidade das fossas de ambas as fases neolíticas dos Perdigões apresenta volumes muito pequenos, com profundidades muito reduzidas e bocas amplas, sem qualquer evidência de revestimentos de isolamento (sendo que várias são parcialmente escavadas em sedimentos, o que à partida inviabilizaria a sua utilização como local de armazenamento de alimentos), não sustentando a sua interpretação como silos. Apenas duas fossas poderiam, pelas suas dimensões e morfologia, induzir este tipo de interpretação funcional, uma na Fase 1 (Fossa 82) e outra na Fase 2 (Fossa 11). Esta última foi utilizada como fossa funerária, enquanto a primeira revelou a presença de um elemento cerealífero ainda indeterminado (Jesus, 2017) nos sedimentos sujeitos a flutuação, o que pode sugerir (mas não demonstrar, pois a semente poderia ter sido introduzida na estrutura como foram o resto dos materiais arqueológicos que forneceu) que a fossa teria em algum momento acumulado esse tipo de produto. Mas a imagem global que fica das fossas neolíticas intervencionadas nos Perdigões, maioritariamente muito pouco profundas, é a de que não se relacionariam, na quase totalidade, com funções de armazenamento de produtos agrícolas e muito menos com práticas de acumulação de larga escala.

Esta imagem parece ser igualmente sugerida pela ainda parca informação sobre dados empíricos directos da prática agrícola. Vários dos enchimentos de estruturas neolíticas de ambas as fases do Neolítico dos Perdigões foram submetidas a amostragem por flutuação com vista ao desenvolvimento de análises antracológicas e carpológicas, trabalhos realizados em colaboração com o Laboratório Hércules e laboratório CIBIO. Estes trabalhos estão ainda em curso, não estando disponíveis resultados, mas desde já se pode dizer que, estando presentes cereais (a referida semente da Fossa 82 – Neolítico Médio), a sua ocorrência é vestigial. Note-se que nos trabalhos realizados pelo laboratório Hércules, em 300 litros de sedimento flutuado apenas se registaram 6 sementes e mais dois fragmentos de cariopses de cevada, mas tudo proveniente de contextos calcolíticos. Está, porém, demonstrado que alguns cereais circularam nos Perdigões na sua fase neolítica (e a presença indirecta de cevada já havia sido registada também na fase do Neolítico Final do Moinho de Valadares 1 – Leeuwaarden, Queiroz, 2013). Mas as questões da sua quantidade e relevância, processo de chegada e formas de consumo continuam totalmente em aberto, sendo que os dados existentes são vestigiais.

Sobre estas matérias, os estudos palinológicos já realizados lançam mais algumas pistas e problemas, revelando a presença de pólen de produtos agrícolas, mas com dados algo contraditórios no que respeita à sua efectiva expressão no sítio. Cinco estruturas integradas na Fase 2 do Neolítico dos Perdigões foram amostradas: a Fossa 14, anteriormente designada por Fossa 2 do Sector Q (Wheeler, 2010), o Fosso 6, Fosso 12 e metade superior do Fosso 8 (Danielsen, Mendes, 2013), metade inferior do Fosso 8 e Hipogeu 1 (Danielsen, Mendes, 2015).

Apesar de algumas condicionantes que podem afectar a representatividade (como a preservação diferenciada de pólen ou as diferentes condições de deposição e preservação em cada estrutura), os diagramas obtidos para as várias estruturas são coincidentes na indicação de uma paisagem aberta de tipo Mediterrâneo e fortemente antropizada, com a presença reduzida de pólen de coberto arbóreo, constituído essencialmente por *Quercus*, *Pinus* e *Olea*, e um domínio de pólenes de herbáceas, gramíneas e legominosas, integrando plantas ruderais: *Compositae*, *Poaceae*, *Luguliflorae*, *Plantaginaceae*, *Chenopodiceae*, *Apiaceae*, *Leguminosae* ou *Brassicaeae*, normalmente associadas a pastos, campos de cultivo ou paisagens tipo savana. Ou seja, os dados polínicos existentes para o Neolítico falam-nos de uma envolvência local (e por

local entenda-se o vale da RVA) com uma organização paisagística relativamente aberta, integrando campos de cultivo, pastagens e terrenos arbustivos pontuados por árvores, as quais poderiam constituir bosques nos terrenos mais elevados. A presença de *Brassicaeae* e *Leguminosae* indiciam a existência de hortas. Já as *Poaceae* é uma família que integra mais de dez mil espécies de gramíneas, entre as quais se contam cereais como o trigo, a cevada, centeio e a aveia entre outros. A sua boa representatividade nos perfis polínicos pode, assim, ser um bom indicador da existência de campos de produção cerealífera, ainda que também possa ser representativa de outras espécies características de paisagens abertas e arbustivas.

Todavia, esta situação contrasta com a reduzida presença de pólen de *cerealea* nas estruturas amostradas. De facto, na Fossa 2 e no Hipogeu 1 não foram registados pólenes de cereais, enquanto que no Fosso 8 e no Fosso 6 apenas se registou uma presença residual junto às respectivas bases ([49] no Fosso 8 e [178] no Fosso 6), e apenas no Fosso 12 ocorrem em mais que uma amostra na sequência de amostragem: bem representado na base [250], com a identificação de um elemento de cevada e outro possivelmente de trigo, e com outras ocorrências a meio e no topo do enchimento do fosso.

Cruzando todos os dados directos e indirectos a imagem que emerge apresenta sinais contraditórios. É demonstrado que cereais circularam e foram muito provavelmente consumidos nos Perdigões durante o Neolítico. O registo polínico aponta para a existência de campos agrícolas, hortícolas e cerealíferos no Vale do Álamo. Mas a presença de sementes e de pólenes identificados como sendo especificamente de cereais é comparativamente reduzida, assim como a presença de indicadores indirectos de produção, processamento e armazenagem (elementos de moagem, elementos de foice, pedra polida, silos). Como pensar esta imagem contraditória?

Poderemos sempre colocar a hipótese de ser uma distorção dos dados, resultado da pouca percentagem de área intervencionada no sítio, mesmo considerando que já é significativa em termos absolutos (e sobretudo que o número de estruturas escavadas e sondadas é já muito superior ao de sítios congéneres na região). As distribuições espaciais resultado da acção humana raramente são homogéneas, podendo a raridade de determinadas categorias artefactuais (relacionadas com a produção e processamento ou estruturas relacionadas com o armazenamento) resultar dessas espacialidades diferenciadas ainda não representadas na área escavada de forma proporcional.

Poder-se-ia, ainda, evocar a profunda surriba a que o sítio foi sujeito, sugerindo que depósitos exteriores a estruturas negativas, onde estes materiais poderiam estar mais representados, foram destruídos e misturados na camada de revolvimento superficial.

Acontece, porém, que na área central existem depósitos calcolíticos preservados, os quais assentam directamente no geológico ou sobre as estruturas negativas neolíticas e respectivos enchimentos. Tal demonstra que, na zona em que se realizou a escavação em área e onde se concentram a maior parte dos contextos neolíticos intervencionados, não existem depósitos exteriores a estruturas negativas nesta fase. Por outro lado, se a distribuição espacial das actividades humanas é tendencialmente heterogénea, o mesmo não é fácil de propor para a distribuição de pólen de cereal em estruturas muito próximas entre si (o Hipogeu 1 e a Fossa 2 estão ao lado da sondagem realizada no Fosso 6, a Sondagem no Fosso 12 está dois metros a Este e a sondagem no Fosso 8 cerca de quinze metros a Oeste). Mesmo podendo existir diferenças de tempo e ritmo nos enchimentos destas estruturas (e parece haver pelo menos entre o Fosso 12 e o 6 – ver Capítulo 3), as respectivas distribuições polínicas são relativamente homogéneas no geral, mas não no que se refere aos cereais. Fica por explicar a distribuição distinta de pólenes de cereal, para a qual a questão da preservação diferencial não chega, pois as condições são em tudo semelhantes entre as várias estruturas, nomeadamente nos fossos,

onde se observam preenchimentos faseados mas relativamente rápidos, como as próprias sequências polínicas indiciam (Danielsen, Mendes, 2013).

O que os dados actualmente disponíveis para os Perdigões nas suas fases neolíticas documentam é a circulação e consumo de cereais e eventualmente de produtos hortícolas, mas não o seu armazenamento e intensivo processamento no sítio. A sua produção em campos agrícolas de âmbito local / regional parece atestada pelo registo polínico (e é bom lembrar que o registo polínico é sempre relativo a uma espacialidade alargada), mas os dados que nos chegam dos Perdigões parecem querer dizer que essa produção não seria essencialmente feita a partir do sítio ou que então a sua expressão no consumo alimentar realizado no sítio não atingiria a preponderância que poderíamos ser tentados a imaginar.

Uma abordagem comparativa nesta matéria será útil para ponderar a imagem que, de momento, nos chega dos Perdigões relativamente a indicadores directos e indirectos de práticas agrícolas. Não são, contudo, muitos os contextos contemporâneos na região, com escavações mais ou menos alargadas, estratigrafias bem preservadas e definidas, e convenientemente publicadas, que possibilitem um exercício comparativo fundamentado dos indicadores indirectos associáveis a práticas agrícolas, sendo que nenhum dos que integram o povoamento local do vale da RVA o permite precisamente por estas razões. Ainda assim, recorrendo aos sítios do contexto regional que têm mais informação publicada, podemos eleger próximo dos Perdigões a Fase 1 do Moinho de Valadares 1 e os recintos de fossos da Ponte da Azambuja e, já um pouco mais afastados, a Foz do Enxoé, o Cabeço da Mina, o Torrão, Juromenha 1, conjunto de fossas do Outeiro Alto 2 e Horta Nova 4 todos enquadráveis no Neolítico Final (de fora ficam alguns contextos do litoral por se encontrarem em ecossistemas particulares, geradores de sistemas produtivos também particulares).

Na fase inicial do Moinho de Valadares 1 (Valera, 2013b), atribuível ao Neolítico Final, existem evidências de uma diversificada arquitectura em positivo, conjugando muros de pedra e potentes estruturas em ramagens entrelaçadas revestidas a argila. A agricultura está atestada, de forma indirecta, através de impressões de sementes de cevada no interior de um fragmento cerâmico, assim como a recolecção de bolota (através de semente carbonizada). Os indicadores de uma especialização agrícola, contudo, são muito reduzidos. Não existem fossas nem grandes recipientes cerâmicos que possam ser conectados com a armazenagem, os elementos de foice são inexistentes e a indústria lítica é predominantemente em quartzito (macro-utensilagem), a pedra polida resume-se a duas cunhas e os elementos de moagem são em número semelhante aos dos Perdigões (foram registados 5 moventes e 4 dormentes).

Na Ponte da Azambuja (Rodrigues, 2015), um complexo com pelo menos dois recintos de fossos, não foi registada a presença de fossas na área intervencionada e recipientes de grandes dimensões (associáveis a armazenamento) não são referidos. Na pedra talhada, o quartzo é dominante (86%) como nos Perdigões, reduzindo-se nos utensílios. Nestes foram registados 14 segmentos de lâminas retocadas / com vestígios de uso e 11 lamelas retocadas / com vestígios de uso, elaboradas sobre matérias-primas siliciosas. Oito das lâminas foram objecto de análise traceológica e apenas duas revelaram sinais relacionáveis com o corte de plantas: uma com o corte de plantas junto ao solo e outra eventualmente relacionável com o corte de cereais. Relativamente aos utensílios de pedra polida, apenas 4 utensílios / fragmentos foram recolhidos e os elementos de moagem contam somente com 1 único registo. As cerâmicas, porém, são igualmente muito abundantes. Não existem referências a evidências carpológicas ou palinológicas.

Na Foz do Enxoé (Diniz, 1999), um sítio aparentemente aberto e com algumas estruturas pétreas associadas a barro de cabana, estão ausentes fossas e grandes recipientes de armazenagem. A indústria lítica é maioritariamente em quartzo, com produção de lascas e

lamelas, e em quartzito (macro-utensilagem), em ambos os casos para uso expedito, existindo apenas 5 segmentos de lâmina retocados e 3 lamelas retocadas passíveis de serem usados como elementos de foice. A pedra polida é considerada rara e não é referida a presença de elementos de moagem, considerando-se a inexistência de uma especialização agrícola. Não existem evidências carpológicas ou palinológicas.

A Horta Nova 4 (Alvito) é um recinto de fossos situado já na bacia do Sado (Valera *et. al.* 2017). Apesar de a escavação de minimização de impactes ter abrangido uma área relativamente restrita, ainda assim abarcou um traçado alargado de um fosso, uma pequena secção de um outro e uma fossa em degrau. No conjunto artefactual registou-se um segmento de lâmina. Não foram registados artefactos de pedra polida nem elementos de moagem, e também não existem evidências carpológicas ou palinológicas.

No Cabeço da Mina (Silva, Soares, 1976/77), igualmente na bacia do Sado, os materiais registados em contexto e eventualmente relacionáveis com a actividade agrícola limitam-se a dois segmentos de lâmina retocados, outros dois com marcas de uso, dois denticulados sobre lâmina e um elemento de mó. Não são referidos materiais de pedra polida. À superfície, contudo, foram recolhidos dois segmentos retocados, três com marcas de uso, dois denticulados, cinco utensílios de pedra polida e doze elementos de moagem. Não há evidências arqueobotânicas.

O Torrão, outro pequeno recinto definido por um fosso situado na região de Elvas (Lago, Albergaria, 2001), apresenta alguma informação interessante ainda que seja pouco concreta. Assim, é referida a presença de 14 fossas, cujas profundidades não ultrapassam os 0,70m e os diâmetros os 1,40m, sendo agrupadas em estruturas de dimensões "reduzidas" e "médias", algumas preenchidas com deposições de recipientes inteiros ou grandes fragmentos, juntamente com acumulações de pedras integrando elementos de moagem. É referido um número global de 81 elementos de moagem e um conjunto (números não especificados) de machados e enxós maioritariamente reutilizadas como machados. Fala-se igualmente de um conjunto de "fragmentos de lâmina", publicando-se em desenho três segmentos de lâmina e um de lamela (*idem*: 57). É difícil valorizar a expressão da pedra polida e dos segmentos de lâminas e lamelas perante a ausência de uma contabilidade, mas os números apresentados para os elementos de moagem destacam-se relativamente a todos os outros contextos, apresentando o Torrão sozinho um número maior que todos os outros sítios aqui referidos juntos. Não há evidências arqueobotânicas.

Um pouco mais a Sul, o recinto de fossos de Juromenha 1 (Alandroal), foi sujeito a algumas sondagens e a um levantamento geofísico parcial (Mataloto *et al.,* 2018). A informação publicada refere a existência de cinco fossas, duas das quais escavadas e que apresentam um perfil periforme e uma profundidade de cerca de 1,5m. A prospecção geofísica revelou a presença de mais fossas, cuja cronologia e dimensões naturalmente se desconhecem. Relativamente à cultura material, ela é composta maioritariamente por cerâmica, afirmando-se que "tanto a pedra polida como a pedra lascada se encontram pouco representadas" (*idem*:31). Fala-se de alguns pequenos instrumentos de pedra polida, nomeadamente enxós, não se fazendo referência a elementos de moagem nem à presença de utensílios sobre lâmina ou lamela. Não há evidências arqueobotânicas.

No Outeiro Alto 2, foi intervencionado um conjunto de 11 fossas atribuíveis ao Neolítico Final (Valera, Felipe, Cabaço, 2013). De um modo geral são fossas de tendência circular ou subcircular, com diâmetro máximo de boca em média de 1,5m e profundidades que variam entre 0,50m e 1,10m, com perfis quase sempre sub-retangulares ou subtrancocónicos, e apenas uma apresenta ligeiro estrangulamento da boca. Em quase todos os enchimentos existem níveis de empedrados, tendo fornecido essencialmente cerâmica e escassa indústria lítica. No material

lítico (registado em apenas 4 fossas) contabilizaram-se um gume de machado e um fragmento de anfibolito e nove segmentos de lâmina. Registaram-se alguns (quatro) elementos de moagem fracturados, integrados em empedrados que preenchiam as fossas. Estas, tendo em conta os seus processos de enchimento e presenças/ausências artefactuais, foram relacionadas com actividades periódicas associadas ao complexo monumental de hipogeus contemporâneo existente a cerca de 300m. Não há evidências arqueobotânicas.

A imagem global proporcionada por estes sítios revela que, existindo evidências de que a componente agrícola está presente na economia do interior alentejano durante a segunda metade do 4º milénio a.C., uma significativa intensificação produtiva agrícola dificilmente pode ser deduzida das evidências materiais existentes, as quais são relativamente escassas, predominantemente indirectas e não exclusivamente relacionáveis com práticas agrícolas.

Esta circunstância articula-se igualmente com alguns registos polínicos da região e de áreas periféricas, que colocam uma maior pressão humana sobretudo a partir do início do 3º milénio AC. Tal é o caso da área pantanosa de Beliche, no estuário do Guadiana, onde as florestas de *Quercus* perene e *Pinus* começam a retrair-se a partir de 4.8ka, ou seja no Calcolítico inicial, num processo associado a um período de aridez, mas também interpretado como resultado de um incremento da pressão humana sobre a floresta (Fletcher *et al.* 2007). Situação semelhante foi registada na própria bacia média do Guadiana (lado espanhol), onde se observa em meados do 3º milénio AC uma redução de *Quercus faginea* e *Quercus suber* e o aumento de *Quercus ilex-cossifera*, *Olea europaea* e *Pistacia lentiscus* na Pijotilla, o que foi interpretado como o resultado de uma progressiva aridez, com aumento das temperaturas e redução da humidade, mas também como consequência de uma maior intervenção humana (Espino, 2004: 544-546). Os estudos palinológicos realizados nas lagoas litorais a sul do Tejo revelam um comportamento semelhante (Mateus, Queiróz, 2000).

Fica, assim, claro que uma intensificação agrícola directamente associada à, ou depreendida da, crescente monumentalidade que se observa ao longo da segunda metade do 4º milénio AC não encontra ainda suporte no registo arqueológico. Se os dados disponíveis parecem revelar algum incremento da produção agrícola durante o Neolítico Final relativamente a fases anteriores, os mesmos dados não sustentam a ideia de uma intensificação de grande escala responsabilizável por suportar e incentivar esse investimento em monumentalidade e em estruturas que implicam grande concentração de esforço colectivo. Como adiante se argumentará, a monumentalidade e as grandes arquitecturas não podem ser vistas *necessariamente* como indicadores de um sistema agrário consolidado que as permita. Antes, até podem constituir-se como um factor decisivo para a trajectória que conduzirá a essa consolidação. Por outro lado, é interessante salientar que sítios mais pequenos, como o Torrão, podem revelar uma maior presença de indicadores indirectos de agricultura (caso do número de elementos de moagem) do que sítios contemporâneos de maiores dimensões, o que indicia que a componente agrícola não terá um peso homogéneo nos diferentes grupos neolíticos que povoam a região ou que ela própria variará com a natureza e desempenho social específico de cada sítio (ver adiante).

Nos Perdigões, como noutros recintos da região, os indicadores indirectos e sobretudo os directos de produção agrícola contrastam largamente com o registo faunístico de vertebrados, já com 14.492 restos estudados só para a fase neolítica (e, recordemos, com 1,5% do sítio intervencionado), que representam uma diversificada lista taxonómica onde constam várias espécies domésticas e não domésticas, reveladora de importante componente cinegética, mas sobretudo pastoril a partir da Fase 2 (Cf. Capítulo 7). Mesmo considerando questões de preservação e de metodologias de recolha que contribuam para o aumento do diferencial observado entre os dados relativos ao cultivo e ao pastoreio/caça, a actividade pastoril parece

ser mais preponderante que a agrícola na componente produção/consumo alimentar. Mas também esta observação necessita de ser problematizada, tendo em conta a natureza dos papéis sociais que os Perdigões e outros recintos poderão ter desempenhado e a recente informação proveniente da investigação sobre a mobilidade de animais.

Na realidade, se os Perdigões se vão constituindo como um centro agregador de comunidades envolventes e mais distantes, onde essa agregação terá ritmos e periodicidades específicas, estas circunstâncias terão necessariamente reflexo nos padrões registados nas evidências de produção e consumo de bens de subsistência.

Isto é particularmente evidente nos padrões documentados pelos restos faunísticos. À escassez de evidências relacionáveis com a prática agrícola, nomeadamente cerealífera, no momento em que se constroem os primeiros fossos nos Perdigões, surge associada uma componente cinegética importante, que é equivalente à pastoril, se não mesmo superior (tendo em conta que nos *Sus sp*. e *Leporidae* se podem integrar animais selvagens). Ou seja, quando os primeiros recintos se constroem a componente produtiva expressa pelas evidências arqueológicas é ainda relativamente modesta, pelo que estabelecer uma relação de dependência entre o aparecimento dos recintos e qualquer intensificação agrícola não faz qualquer sentido. Durante o Neolítico Final, porém, juntamente com um ligeiro aumento dos indicadores agrícolas, observa-se um significativo crescimento da componente pastoril e uma retracção da caça, ainda que esta continue importante. Este aumento faz-se sobretudo à custa das espécies *Sus sp.* e *Ovis/Capra*, as quais, porém, apresentam padrões de mortalidade específicos e particularmente significativos. De facto, no geral, 69% dos suínos revelam que foram abatidos com idades inferiores a 24 meses, dos quais 26% o foram com menos de 12 meses. Os ovicaprinos revelam, para a Fase 1, 50% de abates inferiores aos 24 meses, subindo esse valor para 73% no Neolítico Final, dos quais 46% são abaixo dos 12 meses, sendo que destes 32% são recém nascidos (Cf. Capítulo 7). Infelizmente não existem ainda colecções com a dimensão da dos Perdigões estudadas e publicadas para o Neolítico no interior Alentejano e ainda menos as que apresentem informação quantitativa relativa às idades de abate. Ainda assim, fazendo recurso dos dados do Mercador, ainda que para um período do 3º milénio AC, podemos registar algumas diferenças, já que as idades de abate preferenciais parecem ser um pouco superiores: a maior parte dos ovicaprinos são abatidos entre 1,5 e 2,5 anos e os suínos entre 1 e 2,5 anos (Moreno Garcia, 2013). Diferenças que poderão espelhar a distinta natureza dos contextos.

De facto, os padrões exibidos pelos Perdigões revelam práticas que são pouco compatíveis com a gestão normal de rebanhos em contextos de natureza eminentemente residencial. O abate recorrente de jovens suínos pode sempre justificar-se com a capacidade reprodutora da espécie, mas não deixa de representar uma significativa preferência pelo abate cedo para consumo. Mais relevante é o caso dos ovicaprinos, cujo padrão de abate mostra uma preferência por animais jovens ou muito jovens, antes da idade reprodutiva, não revelando um particular interesse pela exploração de produtos secundários e com a própria reprodução (relembre-se, por exemplo, a total ausência de cinchos nos Perdigões e a sua raridade em contextos do Neolítico Final regional). Trata-se de um padrão mais compatível com consumo em actividades de comensalidade e *feasting*, do que uma gestão economicista destas espécies em regime doméstico.

Igualmente interessante é o grande aumento e forte representatividade da mortalidade entre recém nascidos de ovicaprinos durante o Neolítico Final, quando a representatividade desta espécie (e dos animais domésticos em geral) cresce. A explicação apresentada no estudo zooarqueológico refere uma mortalidade natural à nascença como principal razão, não descartando a possibilidade de abate intencional (Cf. capítulo 7). Esta situação, contudo, contém

em si um outro indicador que vai para além das questões da mortalidade: o da época do ano em que estes animais circulam nos Perdigões. Sabendo-se que a reprodução destes animais é estacionada no ano, um aumento significativo de evidências de mortalidade à nascença indicia que estes animais no Neolítico Final estariam no sítio ou nas suas imediações na época de nascimentos, o que aparentemente não parece suceder na fase inicial, sugerindo padrões de circulação específicos e distintos.

De facto, os estudos de mobilidade, realizados no âmbito do projecto PTDC/EPH-ARQ/0798/2014 – "Mobilidade e interacção na Pré-História Recente do sul de Portugal: o papel dos centros de agregação", verifica-se que, em função dos valores isotópicos de $^{87}Sr/^{86}Sr$, dos animais analisados (num total de 28 agrupando restos das fases neolítica e calcolítica dos Perdigões) apenas um (ovicaprino) apresenta o sinal local dos gabrodioritos dos Perdigões (dados publicados em Zalaite *et al.,* 2018, a que se acrescentam mais quatro amostras ainda inéditas). Dos restantes, 48% revelaram valores abaixo ou acima dos limites estabelecidos para os granitos do vale RVA e dos xistos envolventes (um cão, quatro suídeos, um ovicaprino, um bovídeo, dois cervídeos e três equídeos). Entre os animais cujos valores caiem dentro do espectro definido para os granitos do vale da RVA e xistos envolventes estão cinco ovicaprinos, dois suídeos, dois bovinos e quatro cervídeos. Este quadro revela que uma parte dos animais domésticos analisados poderiam ter sido criados em pastos do Vale do Álamo ou das envolvências xistosas, que outros vieram claramente de fora do enquadramento local dos Perdigões e que quase nenhum era criado no sítio ou nas imediações com substrato gabrodiorítico. Olhando apenas para a fase neolítica, dos animais domésticos apenas três têm um sinal local (o ovicaprino com o sinal dos gabrodioritos dos Perdigões, mais um outro ovicaprino e um bovino com o sinal compatível com o restante vale da RVA). Dois suínos e um bovídeo desta fase apresentam valores fora do espectro local.

A situação dos suídeos é igualmente interessante. No conjunto analisado, os valores de 6 suínos apresentam um espectro amplo, todos fora dos valores do local de implantação dos Perdigões e apenas dois estão dentro do espectro local do vale e envolvências. Naturalmente, devido aos problemas de distinção entre domésticos e selvagens, alguns destes suínos poderão corresponder a javalis. Por outro lado, é possível que a sua criação fosse feita em modo semi-doméstico de tipo montado, não seguindo os padrões de proximidade ao habitat humano característicos da produção desta espécie noutras áreas regionais. Contudo, os valores de $\delta^{13}C$ e δ15N que estes animais apresentam são dos mais elevados na amostra global dos animais estudados, o que indicia uma alimentação omnívora, revelando que se trataria de animais domésticos e alimentados também com restos de alimentação humana com quantidades variáveis de proteína animal (Zalaite *et al.* 2018). Ou seja, os dados indicam que estes animais viveriam de alguma forma perto de áreas habitacionais humanas, mas que essas áreas não são nem os Perdigões (para o conjunto dos seis analisados), nem o território do vale da RVA (para, pelo menos, quatro deles). Por outro lado, a grande variação nos valores de δ15N, tanto nos animais domésticos como nos selvagens analisados, indica que estes se alimentariam em espaços com diferentes valores isotópicos, correspondendo a diferentes proveniências e/ou diferentes práticas de pastoreio (Zalaite *et al.* 2018).

Assim, a informação actualmente disponível aponta para que uma percentagem significativa dos animais analisados sejam exógenos aos Perdigões ou aos próprios territórios mais imediatos, e que ali seriam abatidos (ou, pelo menos alguns, levados já sob a forma de carcaça ou partes de carcaça), com alguma preferência por juvenis, para serem consumidos no âmbito das actividades que ali ocorreriam. Note-se que para Valencina de la Concepción foi já referido o transporte de partes de animais para certas zonas do sítio, sublinhando-se que a presença de animais não implica a sua criação no sítio (Garcia Sanjuán, 2017: 243), situação que

os dados isotópicos disponíveis para os Perdigões parecem também documentar. Por outro lado, a grande quantidade de restos para um número reduzido de estruturas e área escavadas relativamente ao Neolítico Final é revelador da intensidade deste consumo, que, ajustando-se mais a situações de comensalidade periódicas ("feasting"), não pode ser visto como expressando um padrão normal de subsistência e gestão de rebanhos. Este aspecto é central na abordagem aos recursos alimentares a partir do registo arqueológico de um sítio com estas características de consumo.

A natureza dos sítios e das práticas sociais que neles ocorrem geram situações específicas de consumo que, naturalmente, serão diferentes das que ocorrem noutros lugares. Cruzando um conjunto de ausências ou raridades nos Perdigões (como a ausência de inequívocas estruturas residenciais em permanência, a raridade de estruturas que possam ser relacionáveis com armazenagem, a escassez de indicadores de produção agrícola) com uma série de presenças (tais como determinados padrões de abate com importante incidência sobre indivíduos jovens e muito jovens, o carácter exógeno ao sítio e território imediato de parte relevante dos animais analisados, o tipo de enchimentos intencionais e periódicos de várias das estruturas intervencionadas, as evidências de deposições formalizadas, e o próprio carácter ideológico que preside à localização do sítio) a imagem que se desenha é a de um local de agregação onde periodicamente diferentes grupos humanos se encontram, provenientes de diferentes lugares, mais próximos ou mais distantes do recinto. O padrão de consumo que um sítio assim exibirá será relativo às suas características e ao que nele acontece, e não reflectirá em proporção os padrões que existirão nos locais residenciais de proveniência. Por isso falar de subsistência a partir dos dados dos Perdigões fará pouco sentido, na medida em que o termo se deve reservar para os padrões e estratégias quotidianas, e não excepcionais, de produção, gestão de recursos e consumo. Nos Perdigões, os padrões de consumo não só respeitam a actividades específicas e periódicas, como podem misturar padrões de subsistência diversificados na proporção das suas componentes (agrícola, cinegética, pastoril, recolectora, etc.), porque serão relativos a grupos distintos que periodicamente se concentrariam naquele complexo de recintos. Assim, para os Perdigões, mais que de estratégias de subsistência, faz sentido falar de padrões de consumo e interacção.

9.4 INTERACÇÃO: NO DO PLANO MATERIAL E DO IMATERIAL.

A interacção é uma componente indispensável à vida individual e social. Viver é interagir e trocar, seja ao nível físico biológico, seja ao nível cultural e ideológico, seja ao nível material. A interacção não é subproduto de nada, mas uma variável nuclear da vida comunitária dos sistemas humanos (Valera, 2017). A questão não é, pois, se a interacção existe, mas que escalas assume, que redes envolve, sob que mecanismos opera e que relevância adquire nas relações sistémicas e na conformação das dinâmicas sociais.

Por natureza da documentação existente em Arqueologia Pré-Histórica, a interacção é quase que exclusivamente abordada em termos colectivos, ou seja, das relações entre grupos e comunidades. Por outro lado, nessa mesma documentação arqueológica a abordagem à interacção revela algumas limitações. Normalmente falamos de interacção quando descortinamos no registo arqueológico elementos que apresentam uma disseminação alargada num dado espaço (caso da partilha de ideias, tradições, modos de fazer, representações, elementos iconográficos, etc.) ou que são exógenos ao sítio ou às escalas locais e regionais. A determinação da condição de exógeno é normalmente feita com base em matérias primas, estilo, presenças e ausências de cadeias operatórias e, mais recentemente, com base nos valores

isotópicos apresentados por humanos e animais. Mas muitos outros resultados da interacção não ficam materializados no registo arqueológico, ou se ficam, não são facilmente descriminâveis no conjunto de elementos que nos chegam.

O problema fica mais complexo se pensarmos que os dados existentes para os Perdigões suportam a interpretação do sítio como um local de agregação periódica de grupos humanos. Neste caso, é como se a interacção entre sítios fosse trazida para dentro e ocorresse no sítio.

Finalmente, acresce que as noções de exógeno e de partilha funcionam a diferentes escalas, alterando a sua importância, e logo a sua capacidade de agência social, em função dessas escalas, as quais são normalmente consideradas de três tipos: a local, a regional e a transregional. É nestas escalas que agora se procurará questionar a interacção nos Perdigões durante as suas fases neolíticas.

A primeira afirmação que se poderá fazer relativamente à interacção nos Perdigões durante o Neolítico é a de que as evidências são relativamente poucas quando comparadas com o que acontece durante o 3º milénio a.C.. O mesmo foi recentemente referido para Valencina de la Concepción (Garcia Sanjuán, 2017). Contudo, se essas evidências de interacção, tanto material como imaterial, são escassas na Fase 1 do Neolítico dos Perdigões, na Fase 2 elas revelam já um incremento que se manifesta sobretudo nas escalas regional e transregional e que acompanha o crescimento e complexificação dos recintos.

Nos Perdigões, como em muitos outros sítios, a questão da interacção à escala local, sendo aquela que pela proximidade mais forte seria, é a que oferece mais problemas de abordagem neste momento. Ao nível da cultura material, o que poderá ser considerado local não é discriminador entre os vários sítios que se conhecem no vale da Ribeira de Vale do Álamo e, em muitos aspectos, nem a uma escala mais ampla de nível regional. As morfologias de materiais, as técnicas, as matérias primas disponíveis localmente são em grande parte comuns, pelo que não é fácil identificar, por exemplo, a interacção entre o Moinho de Valadares 1 e os Perdigões.

É certo que existem vários recursos nos Perdigões que não estão disponíveis no sítio e áreas mais imediatas, mas que existem a uma escala local, como por exemplo o xisto, os seixos de quartzito ou os moluscos e peixes de origem fluvial. Mas estes tanto podem ser recolhidos a partir dos Perdigões, como podem ser para lá levados no âmbito desses processos de agregação periódica, não resultando a sua chegada ao sítio de relações de troca entre grupos espacialmente apartados. De facto, a relação de grupos que ocupavam/exploravam os territórios xistosos que circundam o vale da RVA com o sítio dos Perdigões tem vindo a ser sublinhada por diferentes abordagens arqueométricas, ainda que num caso apenas para a fase calcolítica.

Este último corresponde a estudo das pastas cerâmicas para recipientes do Sepulcro 1, comparando-as com materiais cerâmicos de outras áreas dos recintos (Dias *et al.* 2005). Foram identificados três grupos com base nas matérias primas, sendo que o grupo maior correspondia a argilas de alteração dos gabro-dioritos da área de implantação dos Perdigões e o menor a argilas de alteração dos xistos que envolvem o vale do Álamo. As cerâmicas deste grupo ocorrem apenas no contexto funerário do Sepulcro 1, não na amostra referente a outros contextos do recinto, o que indicia que seriam objectos produzidos fora dos Perdigões, próximo ou nessas áreas xistosas, e ali depositados em contexto funerário. Trata-se de um dado para a fase calcolítica dos Perdigões, mas que poderá exemplificar situações prévias de interacção local, as quais começam agora também a ser identificadas relativamente aos animais, tanto para o Neolítico como para o Calcolítico.

A "centralidade descentrada" que os Perdigões ocupam na construção da paisagem simbólica do vale do Álamo (Cf. Capítulo 2), dotou o recinto de uma forte capacidade atractiva

relativamente aos grupos que ocupavam o vale, e a própria emergência do sítio não pode ser dissociada da interacção entre esses grupos, podendo mesmo constituir-se desde o início como um palco privilegiado da mesma, resultado de um projecto colaborativo intergrupal local.

Por outro lado, os Perdigões e toda a realidade observável no vale da RVA revelam uma perfeita integração no mundo cultural do Sudoeste Peninsular e, dentro deste, na bacia do médio Guadiana, que poderemos considerar como a sua área regional por excelência. A forte identidade revelada através de uma significativa homogeneidade cultural encontra expressão numa cultura material de fundo comum.

Como já se viu, na Fase 1 dos Perdigões muito pouco existe que possa ser relacionado com uma interacção de escala extra regional (apenas a presença de algumas conchas marinhas, como as *Pecten maximus* e dos escassos elementos em sílex) e os artefactos ideotécnicos estão totalmente ausentes, reforçando a imagem de um Neolítico Médio iconoclástico. Mas durante a Fase 2, estes materiais fazem o seu aparecimento e com eles verifica-se um incremento da presença de materiais de ampla distribuição. A maioria dos elementos iconográficos presentes, sendo característicos da região, são partilhados com outras regiões periféricas, revelando uma integração numa esfera ideológica de larga escala. Os ídolos placas em xisto encontram no interior alentejano a sua grande concentração e a sua presença nos Perdigões nesta fase enquadra-se nessa esfera de integração cultural regional. O mesmo se poderá dizer dos tradicionalmente designados "ídolos de cornos" mais ou menos antropomorfizados que, tendo uma expressão importante da Estremadura e na Andaluzia sobretudo no Calcolítico, têm vindo a revelar igualmente uma significativa presença no interior Alentejo em momentos ainda neolíticos, nomeadamente em recintos de fossos: para além dos Perdigões, na Ponte da Azambuja (Rodrigues, 2015), em Moreiros 2 (Peace, 2015), em Jurumenha 1 (Mataloto *et al.* 2018) ou no Monte da Contenda. Também os motivos e organizações decorativas tradicionalmente designadas por "decoração simbólica" (triângulos invertidos preenchidos por pontaedo, por vezes com pasta branca, representações solares) aparecem agora com uma expressão regional. Já os "ídolos" almerienses são ainda raros na região, encontrando-se os únicos exemplares conhecidos no interior alentejano precisamente no vale do Álamo, nos Perdigões e na Anta Grande do Olival da Pega, sendo mais frequentes na Estremadura e na Andaluzia e atingindo a região valenciana, ainda que ocorram predominantemente em contextos calcolíticos (Valera, 2012). De facto, alguns destes elementos iconográficos neolíticos atingem uma expressão espacial de grande abrangência, documentando a construção em curso de redes de circulação e partilha de larga escala. É o caso das figuras em argila, semelhantes a "ídolos de cornos", mas com claros atributos antropomórficos, apresentando a representação dos olhos, nariz e tatuagens faciais, atributos que se generalizarão em diferentes figurinhas do 3º milénio AC. No Neolítico Final já cobrem todo o Sul peninsular, desde o Possanco (Ribeiro, Sangmeister, 1967) na costa atlântica, passando por Évora, no recinto da Ponte da Azambuja (Rodrigues, 2015), por Córdova, em Alcolea, e chegando a Múrcia, em Chorrillo Bajo (Martínez Sánchez, García Benavente, 2009).

A presença de elementos iconográficos de larga distribuição os Perdigões, juntamente com um incremento de alguns materiais exógenos, como o sílex, algum anfibolito e as conchas marinhas, revelam que durante o Neolítico Final o sítio se encontrava progressivamente mais integrado nessa rede de relações regionais e transregionais, indicando um reforço da interacção relativamente à fase prévia, e que viria a acentuar-se drasticamente durante a fase Calcolítica.

Estas evidências, contudo, contrastam com o que se conhece para os sítios de *habitat* ou outros contextos abertos do Neolítico Final do vale do Álamo, onde os artefactos ideotécnicos estão ausentes. Esta circunstância repete-se à escala regional, nos sítios abertos com mais informação publicada. O Cabeço da Mina, o Moinho de Valadares 1, as fossas do

Outeiro Alto 2 revelaram total ausência de artefactos ideotécnicos; na Foz do Enxoé registaram-se apenas quatro fragmentos de possíveis ídolos de cornos (Diniz, 1999) e nas várias fossas que na região de Beja, no âmbito de minimizações do empreendimento de Alqueva, têm vindo a ser atribuídas a este período a raridade ou total ausência é a regra.

Pelo contrário, nos recintos de fossos do Neolítico Final, mesmo que com representatividade variada, a presença destes artefactos é comum, ainda que existam algumas excepções. Para além dos Perdigões, na Ponte da Azambuja (Rodrigues, 2015) recolheram-se vários ídolos de cornos e as figuras antropomórficas já referidas, um ídolo placa de xisto e uma taça com decoração simbólica; em Moreiros 2 registaram-se cerca de três dezenas de ídolos de cornos, alguns dos quais decorados, e fragmentos de ídolos placa (Boaventura, 2006; Peace, 2015); em Águas Frias documentou-se a produção de ídolos placa (Calado, Rocha, 2007); no Monte da Contenda ocorrem ídolos de cornos e decoração simbólica; no Fosso 1 do Porto Torrão está presente a decoração simbólica (Valera, Filipe, 2004); em Juromenha 1 também ocorre decoração simbólica, um fragmento de ídolo de cornos e, ainda que de superfície, um fragmento cerâmico com morfologia antropomórfica (Mataloto *et al.,* 2018).

A ocorrência destes elementos relacionados com as esferas do sagrado, que se conjugam em várias situações com práticas de deposição formalizada, a proximidade ou articulação com recintos megalíticos (casos de Cortes 1, Torrão ou Perdigões), a própria presença de contextos funerários e de manipulação de restos humanos (para já, e para o Neolítico, só identificadas nos Perdigões – Cf. Capítulo 6), o aparato monumental que começam a exibir e expressão colectiva inerente à sua construção, conferem aos recintos de fossos uma identidade particular, que os transporta para um patamar de partilha que extravasa a circunstância local, integrando-se em âmbitos mais amplos, nomeadamente no plano do ideológico. De facto, durante a segunda metade do 4º milénio AC., este processo de incorporação em sistemas de interacção de escala mais ampla, de nível regional e até transregional, parece desenvolver-se mais num plano ideológico que no económico, mas concorrerá de forma decisiva para estimular o desenvolvimento da difusão de materiais exóticos e a produção a eles associada, o que se vai acentuar durante o 3º milénio AC. Sobretudo, altera a escala e o modo de operar destes sítios, pois, tal como o todo é mais que o somatório das partes, os planos de integração em escalas mais amplas não resultam apenas num somatório de mais e variadas fracções, mas num gerar de relações e de dinâmicas mais complexas e aceleradoras de mudança, que a uma escala estritamente local não se alcançam.

A emergência e evolução inicial dos recintos de fossos na região parece estar de alguma forma articulada com desenvolvimento de redes de relações mais amplas e com o surgir de novas formas de expressão ideológica. E se, na fase inicial dos Perdigões, essas relações têm ainda uma expressão ténue no registo arqueológico, o rápido crescimento dos recintos e da sua monumentalidade durante Neolítico Final ocorre a par do aumento das evidências de interacção regional e transregional, as quais se manifestam sobretudo no plano do ideológico, através do aparecimento dos artefactos ideotécnicos de ampla distribuição espacial.

A trajectória que se observa a partir dos finais do 4º milénio AC é de uma aceleração dos processos de complexificação social. Face à ausência de inequívocas evidências de uma agricultura pujante, terá sido o incremento dos níveis de interacção e de integração no plano das representações ideológicas, associado às crescentes necessidades de formas monumentais de expressão, a catalisar e a estimular as dinâmicas de mudança social, exercendo progressivamente maior pressão sobre o subsistema produtivo. Explicar o desenvolvimento da complexidade social implica perceber como as diferentes dimensões materiais e imateriais promovem a mudança nesse sentido (Bender, 1989). As visões do mundo neolíticas, as representações ideológicas que geraram e as necessidades criaram, actuaram de forma exigente

sobre as dinâmicas produtivas e de interacção, estimulando o seu desenvolvimento e intensificação, os quais se acentuarão sobretudo a partir do início do 3º milénio AC.

9.5 RECINTOS, PARA QUE VOS QUERO? O "*TAKEOFF*" E O "IDEOLÓGICO EM INTERACÇÃO".

A actual cronologia para a emergência dos primeiros recintos de fossos (Valera *et al.* 2017), os dados relativos à Fase 1 dos Perdigões, as propostas plausíveis para os primeiros recintos megalíticos fazendo-os recuar a momentos antigos do Neolítico, a expressão dos dados directos e indirectos da prática agrícola nesta fase, são circunstâncias que divorciam a origem da necessidade e da concepção de construir recintos, e da própria monumentalidade que lhes está associada, dos discursos que os procuram colocar como uma espécie de subproduto de uma intensificação agrícola. O que não significa que os divorcie das ideologias que se foram forjando de forma integrada com o desenvolvimento de uma economia onde a componente produtiva ia progressivamente ganhando terreno. Sobretudo, deixam claro que não tem que existir uma relação de dependência entre construções monumentais e uma base económica agrícola desenvolvida, onde as primeiras se convertem em inquestionável indicador da segunda, o que os templos monumentais de Göbekli Tepe, erigidos por comunidades ainda não produtoras, já vêm demonstrando há vários anos. Ou seja, concluir um sistema agrícola e um sedentarismo consolidado ou uma estrutura social fortemente hierarquizada a partir de investimentos em projectos monumentais é uma dedução arriscada. Tanto os dados empíricos, como as formulações teóricas sobre mecanismos sociais (como a das hierarquias provisórias e sequenciais de Johnson, 1982), nos indicam que grandes projectos construtivos estão igualmente ao alcance de sociedades de pequena escala. Nestas, podem mesmo funcionar como principal factor dinamizador, pelos requisitos a que progressiva e crescentemente vão obrigando, estimulando a mudança social e económica em determinadas direcções.

Como se argumentou, no momento em que surgem os primeiros fossos nos Perdigões, no dealbar da segunda metade do 4º milénio a.C., não há evidências de que o sítio se encontre associado a uma economia de grande preponderância agrícola e a fauna presente revela um peso significativo dos animais selvagens. E se se observa uma expansão e um aumento da complexidade dos recintos e das formas de expressão ideológica conforme nos aproximamos do final desse milénio, as evidências de uma intensificação agrícola não acompanham na mesma proporção.

Mas é dentro da segunda metade do 4º milénio a.C. que se opera nesta região, como noutras do Ocidente Peninsular, o que recentemente designei por "*Takeoff*" de uma trajectória de crescente complexidade social (Valera, 2018), na qual o subsistema ideológico assume desde logo um papel dinamizador, na interacção que estabelece com as outras componentes do sistema. Não se trata, naturalmente, de propor um novo "motor da história", nem de uma formulação eufemística em que a ideologia desce à infraestrutura para apenas aparentemente ocupar o lugar da produção e das suas formas de organização. Trata-se, antes, de reconhecer que a dinâmica estrutural das sociedades é sistémica e que as trajectórias seguidas resultam mais da interacção gerada em cada momento pelos diferentes componentes do sistema, do que das características específicas de cada um deles, como os estudos dos sistemas complexos nos revelam (Bernabeu Aubán *et al.,* 2013). Nesse processo, mais rizomático e de causalidades não lineares, as diferentes componentes do sistema podem assumir, em cada momento histórico, papéis mais ou menos preponderantes na configuração das trajectórias sociais que se vão delineando.

As alterações no subsistema económico, com a introdução das actividades produtivas de subsistência (pastorícia e agricultura), quando tratadas numa perspectiva estrutural de longa duração, integram uma trajectória revolucionária na relação do Homem com o Mundo, a qual tem sido descrita como a passagem de um situação de "Participação", caracterizada por uma atitude humana participativa e já com níveis básico de transformação do meio envolvente, a uma situação de "Domesticação", caracterizada pela acção transformadora activa e impositiva (Hodder, 1990; Craido Boado, 1993; Jorge, 1999). Esta última corresponde à construção do mundo neolítico. Todavia, este processo de "domesticar" tem sido com frequência associado exclusivamente ao mundo material, o que tem levado à concepção de que o processo domesticador se inicia apenas com a instituição das práticas que começam a controlar e a transformar os ciclos naturais da vida de plantas e animais, conferindo a esta dimensão da vida social o principal papel dinamizador do processo de mudança. A "domesticação" do natural, contudo, começa antes, no mundo das ideias e das suas expressões artísticas e performativas:

"A História da Humanidade (tomada globalmente) tem sido caracterizada por uma trajectória de progressiva auto-exteriorização, "controlo" e manipulação do natural. Contudo, e ao contrário do que por vezes se afirma e pensa, essa dinâmica de domínio gradual não se inicia com a domesticação, seja ela de animais ou de plantas. É bem anterior, pois antes de ser efectivo no concreto, o controlo foi primeiro simbólico.

A emergência do Humano como elemento de destaque na Natureza inicia-se com o desenvolvimento do pensamento simbólico. Ordenar o mundo simbolicamente, estabelecendo classificações e categorizações de sentido (consubstanciadas em nomes), é a forma mais especificamente humana de controlar esse mesmo mundo e com ela inicia-se o processo de domesticação antropológica da Natureza, que é antes de mais, repito, cognitiva. Quando ocorre a efectiva domesticação de animais e plantas, essa ocorrência opera-se num quadro pré-existente de "controlo" simbólico e mágico do mundo, que enquadra essa nova relação e a ajuda a explicar." (Valera, 2012: 25).

A trajectória que se seguirá forja-se no quadro das relações que se estabelecem entre as diferentes componentes do sistema no espaço e no tempo, gerando formas de estar, conceber e organizar o mundo onde as necessidades de expressão simbólica e monumental desempenham papéis estruturantes na conformação e desenvolvimento das trajectórias sociais. A construção do mundo neolítico é um processo não linear, simultaneamente simbólico e material. Mas, mais do que simplesmente domesticador, ele é essencialmente ordenador, construtor de uma ordem cosmológica que enquadra as relações sociais, estimula a constituição de novas paisagens (espaços categorizados) e formas de expressão progressivamente mais monumentais, geradoras de significativos investimentos colectivos. Se esses investimentos podem ser recuados no tempo no que respeita a menires e cromeleques, durante a segunda metade do 4º milénio a.C. o crescente aparato ideológico Neolítico começa a atingir patamares de investimento material muito significativos, que não podem deixar de se repercutir nas dinâmicas do sistema, nomeadamente no que corresponde a um impulso acelerador de mudança e de complexificação que se expressa em diferentes dimensões do todo social na região em apreço.

Esta crescente necessidade de novas formas de expressão ideológica que enquadram uma crescente monumentalidade, manifestada pelo aparecimento dos recintos, pelo rápido aumento da sua dimensão e das suas estruturas ou pelo maior investimento nas arquitecturas funerárias, não é dissociável do incremento de uma "ideologia do colectivo". De facto, aspecto estruturante destas mudanças parece ter sido a forma como as arquitecturas e a organização

dos espaços passam a expressar/induzir de forma mais evidente os colectivos. Estas monumentalidades, sendo produto de um investimento comunitário, são-no precisamente para uso e demostração desse colectivo, como que obliterando o indivíduo do discurso ideológico.

A questão da dualidade indivíduo/colectivo tem sido muito debatida na Arqueologia Ibérica (Hernando, 2004; Valera, 2007). As abordagens aos processos de individualização são realizadas seja através de elementos que rementem para a identidade individual (etária, de género), como elementos artefactuais directamente associados a indivíduos, seja através de contextos em que parecem existir intenções de os diferenciar, para daí se tirarem ilações sociais. Estas abordagens têm-se focado dominantemente os finais do Calcolítico e sobretudo a Idade do Bronze, para a qual a situação de preponderância de contextos funerários individuais ou múltiplos e a raridade ou inexistência de contextos funerários colectivos é vista como uma afirmação da individualidade num contexto de crescente desigualdade social, gerando-se uma espécie de ligação de dependência entre as duas condições. Situações de clara individuação, com associações artefactuais muito claras, como as registadas recentemente no monumento de Montelirios, são relativamente raras no Sudoeste Peninsular durante o Neolítico Final e Calcolítico. Algumas associações de artefactos foram identificadas no Sepulcro 1 da Sobreira de Cima (Valera, 2013c), neste caso geométricos (pontas de flecha transversais) a mulheres, e em Monte Canelas (Neves, Silva, 2010). Mas o que predomina é a diluição do indivíduo no colectivo de cada sepultura e, se diferenças podem ser observadas, é entre sepulturas, como acontece durante o Calcolítico nos Perdigões (Valera, *et al*., 2015; Valera 2017).

Contudo, se olharmos para a trajectória das práticas funerárias do Sul de Portugal durante o Neolítico, o que verificamos é que o fenómeno de colectivização sepulcral e de diluição do indivíduo no colectivo parece ser relativamente tardio.

No território nacional, os poucos enterramentos bem preservados que se conhecem atribuídos ao 6º e ao 5º milénios AC correspondem essencialmente a enterramentos individuais (Boaventura, 2011: 164). Todavia, na Estremadura e no seu prolongamento pela costa norte alentejana, as práticas funerárias de colectivização parecem surgir logo no primeiro / transição para o segundo quartel do 4º milénio AC em grutas naturais. Disso serão evidências casos como a Gruta do Cadaval e A Gruta do Lagar (*idem*), Lugar do Canto e Casa da Moura (Carvalho, Cardoso, 2015) ou, o caso mais evidente, Algar do Bom Santo (Carvalho, 2014), onde o fenómeno da colectivização funerária está já plenamente estabelecido. Esta prática em gruta natural parece ser ligeiramente antecedente à construção das primeiras sepulturas megalíticas, das quais se aventou poderem ser arquétipos (Boaventura, 2011).

Contudo, no interior alentejano, não existem contextos funerários colectivos bem preservados (ou seja, que tenham restos humanos em relativo bom estado e em contexto) e que estejam datados anteriores a 3600 AC. O tradicionalmente designado Proto-Megalistismo é constituído por pequenas sepulturas tipo cista, essencialmente vocacionadas para enterramentos individuais ou quando muito múltiplos e a cronologia destes monumentos e dos dólmens mais pequenos é ainda um debate em aberto.

Por outro lado, as datações existentes para enterramentos em hipogeu no interior alentejano durante o Neolítico (Tabela 9.1) revelam uma evolução consistente. Datas recentemente obtidas para enterramentos individuais ou múltiplos (estes não tendo mais que dois ou três indivíduos) em hipogeus (ou proto-hipogeus) colocam-nos precisamente num intervalo entre 3600-3400 AC, sendo que os hipogeus neolíticos colectivos datados se enquadram na segunda metade do 4º / transição para o 3º milénio a.C. (Figura 9.1), cronologia seguida pela utilização funerária colectiva da Gruta do Escoural (Araújo, Lejeune, 1995).

Assim, e com base em contextos funerários em hipogeu datados e com a componente antropológica bem preservada, parece ser no início da segunda metade do 4º milénio a.C. que

o fenómeno da colectivização se começa a impor no mundo funerário neolítico do Sul de Portugal. Esta colectivização acarretará consigo um maior investimento nas soluções arquitectónicas funerárias, que se tornam progressivamente mais complexas e monumentais ao longo da segunda metade do milénio. Por outras palavras, esta significante alteração na ideologia da morte é correlativa do incremento das formas monumentais de expressão ideológica e do "takeoff" da trajectória de complexificação social.

De facto, pouco depois desta alteração nas práticas e arquitecturas funerárias, ou acompanhando-a, opera-se uma mudança na expressão iconográfica ao nível da cultura material. Durante o Neolítico Antigo do Ocidente Peninsular os objectos ideotécnios são muito raros ou inexistentes (Diniz, 2008). Contudo, a cerâmica é profusamente decorada com motivos e organizações muito variadas, existindo alguns no Centro e Sul de Portugal que têm sido interpretados como eventuais elementos sagrados, caso das representações antropomórficas estilizadas tradicionalmente designadas por "figuras orantes", com paralelos na região valenciana. No Neolítico Médio a ausência de artefactos ideotécnicos mantém-se e a decoração da cerâmica torna-se extremamente rara (nalguns contextos está representada apenas por sulcos sob o bordo) ou simplesmente desaparece, circunstância que cria uma clara demarcação com o Norte de Portugal, onde a tradição de decoração das cerâmicas em grandes percentagens se mantém praticamente por toda a Pré-História Recente.

No Centro e Sul, será só precisamente durante uma fase avançada da segunda metade do 4º milénio AC que decoração cerâmica ressurge com expressão, ainda que sempre com baixas percentagens. Entre diversificadas organizações decorativas surgem as tradicionalmente interpretadas como simbólicas (triângulos invertidos preenchidos por ponteado frequentemente preenchidos a pasta branca; representações solares), agora acompanhadas por uma variada produção artefactual especificamente ideotécnica sem paralelo anteriormente, rompendo com a iconoclastia precedente: "ídolos almerienes", "ídolos de cornos", "ídolos placa", báculos, "ídolos antropomórficos" em cerâmica e figurinhas zoomórficas (lagomorfos).

Tabela 9.1 – Datações de radiocarbono para hipogeus neolíticos do interior alentejano com número mínimo de indivíduos (NMI) determinado.

Sítio	Tipologia Sepultura	Ref. Lab.	Data BP	NMI	Ref. Bibliográfica
Monte do Marquês	Proto Hipogeu	Sac-2634	4810±90	1	Baptista *et al.* 2013
Barranco de Vale do Alcaide 4	Proto Hipogeu	17B/0420	4690±40	1	Inédita
Quinta da Abóboda	Hipogeu 2	ICA16B/0938	4680±40	3	Valera *et al.* 2017
Quinta da Abóboda		ICA15B1255	4690±40		
Quinta da Abóboda		Beta474679	4770±30		
Quinta da Abóboda		ICA16B0303	4500±30		
Vale de Barrancas 1	Hipogeu 9	17B/0415	4690±40	2	Inéditas
Vale de Barrancas 1		Beta-474676	4650±30		
Vale de Barrancas 1	Hipogeu 6	Beta-474680	4670±30	2	
Vale de Barrancas 1	Hipogeu 8	17B/0423	4720±40	9	
Vale de Barrancas 1	Hipogeu 1	17B/0418	4620±40	10	
Vale de Barrancas 1		17T/0419	4610±40		
Vale de Barrancas 1	Hypogeum 2	17B/0416	4630±40	7	
Vale de Barrancas 1		17T/0422	4570±40		
Vale de Barrancas 1	Hypogeum 3	17B/0414	4560±40	15	
Vale de Barrancas 1		17B/0417	4310±40		
Sobreira de Cima	Hipogeu 1	Sac-2261	4500±70	<22	Valera, 2013
Sobreira de Cima		Wk-36003	4601±26		
Sobreira de Cima		Sac-2260	4530±50		
Sobreira de Cima		Wk-36005	4566±30		
Outeiro Alto 2	Hipogeu 14	17B/0421	4590±40	5	Inédita
Monte da Comenda	hipogeu	SANU-50014	4405±27	12	Valera, Wood, em preparação
Monte da Comenda		SANU-50015	4361±27		
Monte da Comenda		SANU-50016	4383±27		
Monte da Comenda		SANU-51724	4365±30		

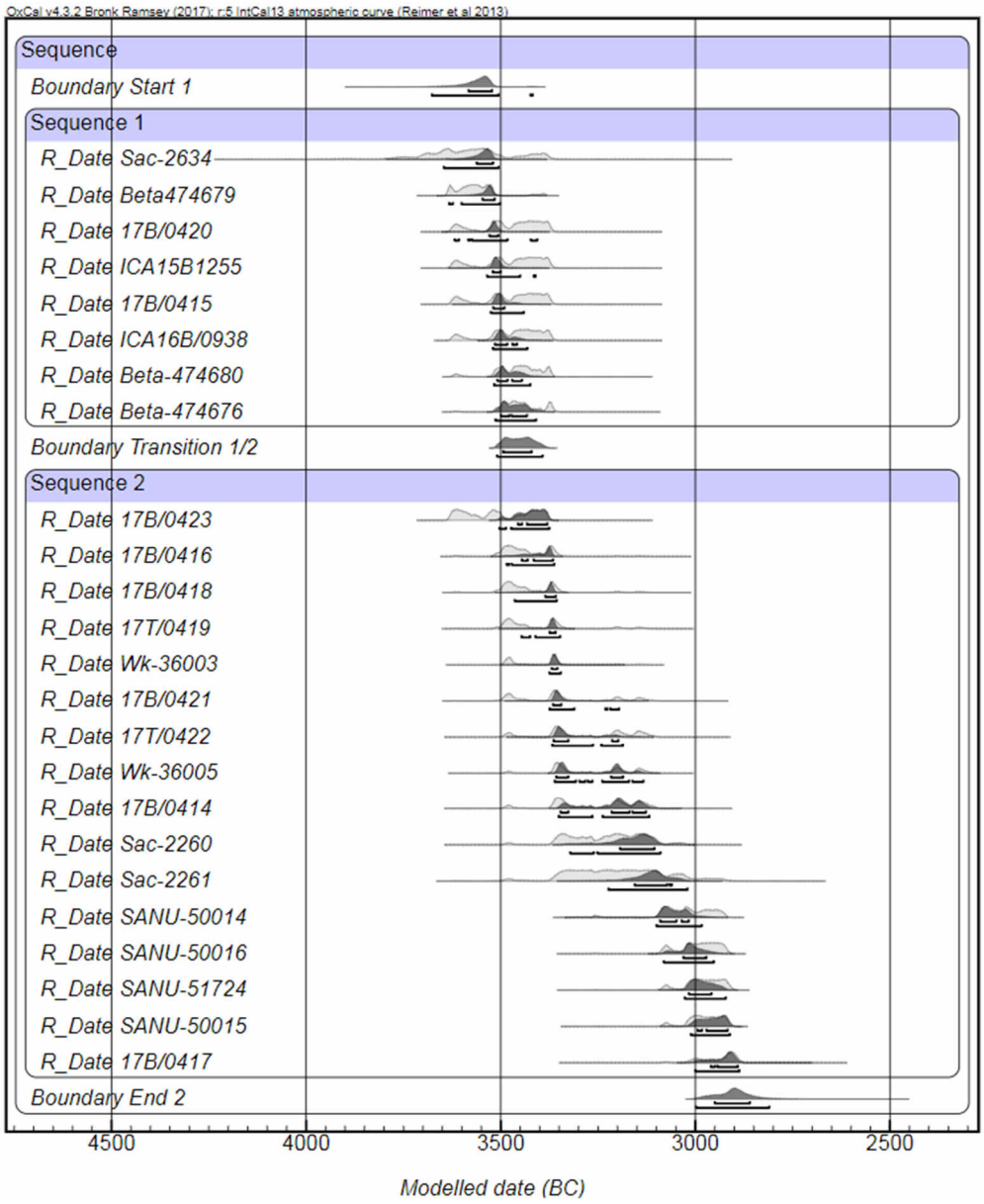


Figura 9.1 – Modelo sequencial para os hipogeus com deposições individuais/múltiplos (1-3) indivíduos e hipogeus com deposições colectivas (acima de 7 indivíduos). Amodel=169.3. A datação ICA16B0303 da Quinta da Abóbada foi considerada outleir e retirada do modelo.

É também a partir de meados/segunda metade do 4º milénio AC que se começa a observar um incremento da interacção, com evidências da circulação a longa distância de produtos exóticos ou sobre matérias-primas exóticas, caso do cinábrio (identificado, em meados do 4º milénio a.C., no hipogeu Neolítico da Quinta da Abóbada e no terceiro quartel em hipogeus da Sobreira de Cima), do marfim (presente na Sobreira de Cima na mesma cronologia), das grandes lâminas de sílex oolítico (na Sobreira de Cima ou no Poço da Gateira) (Valera, 2013; Nocete *et al*., 2005) ou as conchas marinhas/estuarinas (Valera, André, 2017).

Finalmente, é no início da segunda metade deste 4º milénio a.C. que os recintos de fossos começam a ser construídos no interior alentejano, podendo substituir, associar-se ou remodelar prévios recintos megalíticos (Valera *et al.,* 2017). Primeiro são de pequenas dimensões (Perdigões, Cortes 1), tanto no que respeita a fossos como à área delimitada, para

depois rapidamente alguns atingirem dimensões significativas, como está documentado nos Perdigões, mas também no Monte da Contenda e no Porto Torrão (Valera, Filipe, 2004; Valera, Becker, Costa, 2015) ou mesmo Juromenha 1 (Mataloto *et al.,* 2018), Moreiros 2 (Valera, Becker, Boaventura, 2013) ou Águas Frias (Calado, Rocha, 2007).

Do significativo aumento do número de contextos durante a segunda metade do 4º milénio a.C., do progressivamente maior número de indivíduos por monumento funerário e da própria dimensão que muitos contextos apresentam, pode legitimamente deduzir-se um aumento demográfico na região durante esta fase. Esta imagem está bem enunciada na distribuição de datações de radiocarbono para o Sudoeste peninsular (Lillios *et al.*, 2016; Blanco-González *et al*., 2018) (Figura 9.2), na qual se observa um rápido incremento a partir dos finais do 3º quartel do 4º milénio AC (por volta de 3300 AC), a que se segue, depois de uma ligeira estagnação, o crescimento exponencial calcolítico logo a seguir a 2900 AC (4900BP), trajectória que é genericamente coincidente com a sequência de periodização interna dos Perdigões (Cf. Capítulo 3). Note-se que essa estagnação, e até ligeiro recuo, que se observa na tendência expressa na Figura 9.2 é coincidente com a transição Neolítico Final – Calcolítico, a qual nos Perdigões parece registar um retraimento da área encerrada por fossos, uma vez que o fosso calcolítico mais antigo é o 10, seguido do 3, os quais se localizam numa área mais intermédia do anfiteatro natural, definido áreas encerradas mais pequenas que a estabelecida pelo Fosso 11 do Neolítico Final. Parece. Pois, existir uma arritmia nesta trajectória, que, contudo, foi ultrapassada, o que já não aconteceria no final do 3º milénio AC (Valera, 2015).

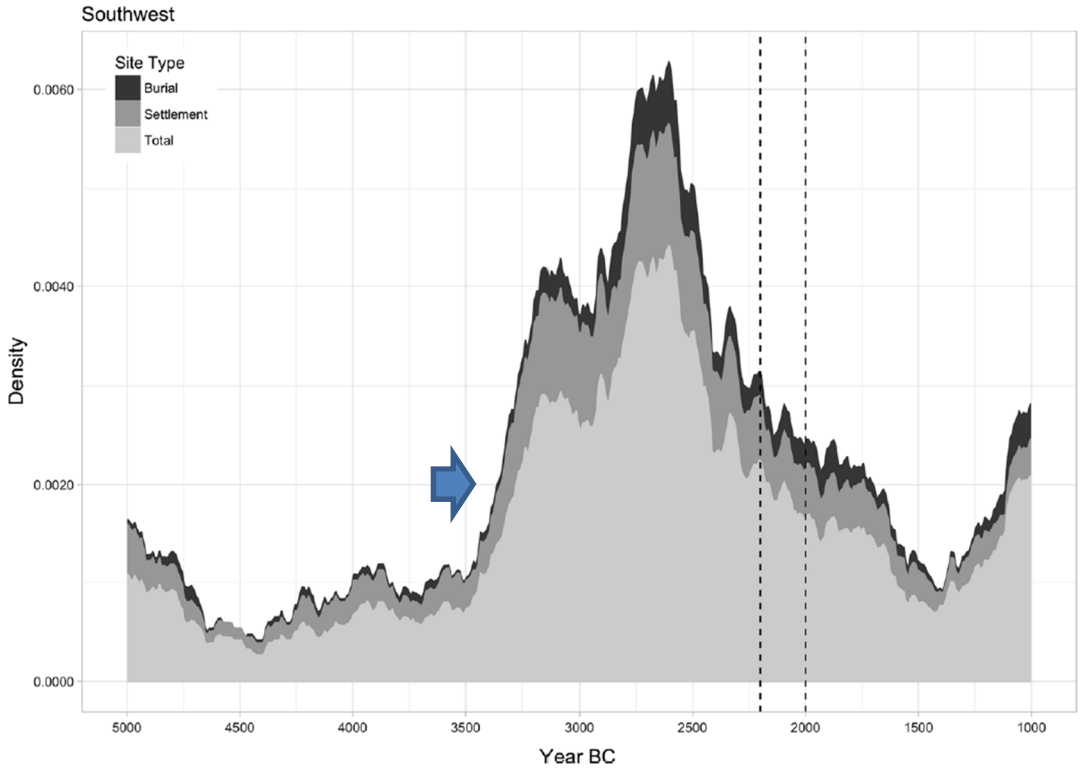


Figure 9.2 – Distribuição do somatório de datas de radiocarbono calibradas para o Sudoeste peninsular, com bandas de desvio padrão de 1σ e 2σ (Segundo Blaco-González *et al*., 2018). A seta acrescentada indica o momento a partir do qual a curva rompe com a tendência máxima anteriormente atingida (*takeoff*) e cresce de forma exponencial.

Estaremos perante um aumento demográfico suportado numa economia de subsistência onde a componente produtiva se torna preponderante, com uma produção agrícola em incremento, mas onde, como se viu acima, não se observam indicadores de uma intensificação muito significativa, nem comparável com a intensificação pastoril, que agora suplanta largamente a componente cinegética.

Mas a "força" que impulsionará as comunidades do interior alentejano na trajectória de consolidação e intensificação desta trajectória gera-se, não em nenhuma destas dimensões em particular (embora se possa expressar sobretudo através de algumas), mas na forma como elas interagiram entre si e no contexto da interacção desta região com outras que lhe são mais imediatas. Não há propriamente uma ruptura com o passado recente. A economia produtiva já lá estava. A visão do mundo e a necessidade da sua expressão monumental já se manifestava no megalitismo inicial, a interacção transregional já acontecia e o paulatino crescimento demográfico estava certamente em curso. A sensação de ruptura surge essencialmente devido a uma abrupta aceleração histórica que acontece na segunda metade do 4º milénio a.C., que, em pouco tempo, adquire um ritmo que, por paralelo com o que acontece anteriormente, podemos classificar de exponencial. Uma aceleração que não se expressa da mesma forma em todos as dimensões do social, tornando-se, assim, ela própria um elemento preponderante na interacção sistémica, fazendo com que determinados elementos adquiram um maior poder dinamizador e orientador da mudança.

Um dos sectores que parece emergir com maior preponderância é, precisamente, a ideologia, ou melhor, o da expressão ideológica, pois o incremento das necessidades comunicacionais neolíticas rapidamente atinge patamares de monumentalidade e investimento, cuja manutenção e reprodução se tornam fortes condicionantes da dinâmica sistémica e da trajectória social seguida. Expressar e gerir crescentes sentimentos identitários de agregação e diferenciação, exprimir visões híbridas de um mundo onde se opera um progressivo destacamento e consciência de controlo e posse, mas cuja efectivação ontológica está ainda por concluir, ordenar paisagens em função das cosmologias e relações sociais emergentes, gerou exigentes dispositivos comunicacionais. A construção de grandes sepulcros e necrópoles colectivas, a organização monumental de paisagens, o recurso ao exógeno e a construção de espaços de negociação e reprodução social (no sentido abrangente do termo) emergem da dinâmica do sistema, mas rapidamente se transformam num factor da sua aceleração, orientando-a para o que será um processo de intensificação e complexificação do itinerário que se desenvolverá durante quase todo o 3º milénio a.C.

É neste contexto que melhor se poderá compreender a emergência dos recintos de fossos, ou melhor, da necessidade de os construir. Mas uma coisa é a origem de um recinto, outra é a sua trajectória biográfica. O que nos trás à última questão que, de momento, se pretende tratar relativamente aos Perdigões neolíticos.

9.6 PERDIGÕES, UM PROJECTO DE SUCESSO.

Repetindo o que se afirmou na página 14:

"Mas ao contrário da biografia de um indivíduo, cuja a espectativa é que cresça e se desenvolva, ao sítio essa trajectória não está destinada à partida. As razões do seu crescimento engendrar-se-ão nas circunstâncias da sua vida inicial e nas redes de relações que vai estabelecendo com o que o rodeia a diferentes escalas. Os Perdigões nasceram, cresceram e viveram milénio e meio. Outros recintos, não muito distantes, nasceram mais ou menos ao

mesmo tempo, mas morreram cedo, outros mantiveram-se pequenos e sem a capacidade de se integrarem em relações de larga escala. Por outras palavras, explicar o sucesso do recinto dos Perdigões implica pensar que poderia não ter tido sucesso, obriga a tentar perceber o que, a cada momento, o fez desenvolver-se e emergir ou o que, desde o início, lhe conferia vantagem diferenciadora."

A cronologia actualmente disponível para os Perdigões diz-nos que o sítio viveu durante cerca de 1500 anos (que pode ser mais, se o cromeleque for mais antigo que os recintos de fossos). Na região, e de acordo com a informação hoje disponível, terá sido dos primeiros recintos de fossos a nascer e dos últimos a morrer, tendo atingido uma área de cerca de 16ha. Poderemos, pois, dizer que foi um projecto com sucesso. Ainda assim, não atingiu as dimensões, o investimento monumental e a complexidade que outros parecem evidenciar no Sudoeste Peninsular. As razões desse sucesso, chamemos-lhe então moderado, estarão, por um lado, nas circunstâncias em que se opera a sua génese e, por outro, nas dinâmicas catalisadoras e interacções que desenvolveu.

A relação dialogante que os Perdigões estabelecem desde o início com a paisagem simbólica em construção no vale da RVA parece ser a sua principal "vantagem diferenciadora" de partida relativamente a outros sítios congéneres próximos e que surgem igualmente durante a segunda metade do 4º milénio a.C.. A sua "centralidade descentrada", que lhe confere um papel decisivo na estruturação simbólica daquela paisagem progressivamente preenchida por mais de uma centena de monumentos megalíticos (Cf. Capítulo 2), ter-lhe-á proporcionado um estatuto distinto e a capacidade de se converter num palco privilegiado de interacção entre grupos a nível local, gerando uma dinâmica capaz de o catapultar para patamares de relações espacialmente mais abrangentes. Para essa integração em planos de interacção mais amplos, e a par dessa monumentalidade e coerência cosmológica da paisagem neolítica do vale do Álamo, terão concorrido também as condições locais propícias para o progressivo desenvolvimento de uma economia produtiva (mas onde faltavam outros recursos estratégicos) que pudesse acompanhar as "exigências ideológicas" e a sua localização numa área de intermediação entre regiões que registavam igual dinamismo social: a Estremadura, a Extremadura e a Andaluzia Ocidental.

O crescimento ao longo do 3º milénio AC não se vai operar ao nível das dimensões do sítio, cujo tamanho, no final desse milénio, era semelhante ao que se registava no final do Neolítico. Será ao nível da sua complexidade, investimento arquitectónico, práticas sociais que acolhe e das redes de interacção em que se integra que os Perdigões se desenvolverão. Esta dinâmica gera um efeito centrípeto, que vai reforçando a capacidade agregadora do sítio, ao mesmo tempo que fortalece a sua participação nas redes de relações de larga escala. Esta circunstância poderá explicar porque o recinto da Ponte da Azambuja, que surge com alguma pujança no Neolítico Final a 15km a Oeste dos Perdigões, não ultrapassa esse período, ou porque o recinto da Torre do Esporão, a 5,5km a Sul dos Perdigões, não terá ultrapassado a primeira metade do 3º milénio a.C..

As assimetrias nas redes de povoamento, e também nas redes de interacção, vão-se formando com base no princípio de "the big get bigger" (Johnson, 1982), resultado dos mecanismos que geram forças centrípetas e que podem ser de vária ordem (económica, política, religiosa, social, tecnológica, etc., ou em diferentes conjugações). Nesta situação, o crescimento e a complexificação de um sítio faz-se simultaneamente através do seu desenvolvimento e do atrofiamento de outros mais próximos, sem que tal implique necessariamente qualquer relação hierárquica de dependência e controlo.

Mas as dinâmicas das redes de povoamento não resultam de uma causalidade linear, mas de uma interacção sistémica que podem gerar outro tipo de resultados, como parece documentar a situação evidenciada pelos complexos de recintos da Salvada e Monte das Cabeceiras 2 (Valera, Pereiro, 2015; Valera, 2018). Neste caso, dois grandes complexos de recintos calcolíticos, genericamente do mesmo tamanho e com desenhos similares, da dimensão dos Perdigões ou mesmo ligeiramente maiores, situam-se a apenas 3,5km um do outro, sendo que a informação disponível indica contemporaneidade. Aqui, a proximidade não resultou numa assimetria entre os sítios durante o seu processo de crescimento e complexificação. Pelo contrário, tê-la-á estimulado através de mecanismos de emulação social (*Idem*).

As dinâmicas sociais, funcionando como sistemas complexos, não geram linearidades e, numa mesma área regional, a diversidade de trajectórias é possível, sobretudo em sociedades onde os mecanismos de controlo social e político são ainda fortemente negociados, sustentados mais no plano da tradição, do rito e do comportamento de reciprocidade, que num poder institucionalizado e na coerção. No caso dos Perdigões, durante o 3º milénio AC, a rede de interacções cresce e a capacidade agregadora do sítio parece fazer-se de forma assimétrica relativamente aos territórios envolventes, absorvendo processos de competição, os quais se parecem desenvolver no interior do sítio, plasmando-se em contextos funerários onde se amortizam grandes quantidades de materiais exógenos, mas de forma muito diferenciada, indiciando processos emulativos e de gestão identitária (Valera, 2017; Valera, 2018). Mas esta já é a fase "adulta" da trajectória de vida dos Perdigões, e isso fica para desenvolver num próximo volume.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (ORGANIZADAS POR CAPÍTULOS)

CAPÍTULO 1

VALERA, A.C. (2017), Duas décadas de investigação nos Perdigões: resenha da bibliografia produzida, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 12: 69-75.

CAPÍTULO 2

CRANG, M., (1998), *Cultural Geography*, London, Routledge.
CRIADO BOADO, F. (1993), The visibility of the archaeological record and the interpretation of social reality, in Hodder, I. et al (eds.), *Interpreting Archaeology. Finding meaning in the past*, London, Routledge: 194-204.
DANIELSEN, R.; MENDES, P.M. (2013), Pollen analysis of Late Neolithic ditch deposits from Perdigões archaeological site, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9: 13-20.
DANIELSEN, R.; MENDES, P.M. (2015), *Os Perdigões (Campanha 2013). Relatório de palinologia*, Trabalhos do LARC, 6, Lisboa, LARC, Policopiado.
GADAMER, G., (1998), *O problema da consciência histórica*, V.N.Gaia, Estratégias Criativas.
INGOLD, T. (2000), *The Perception of the Environment. Essays on Livehood, Dwelling and Skill*, London, Routledge.
MUIR, R., (1997), *Political Geography. A new introduction*, London, Macmillan Press Ltd.
PEARSON, P.; RICHARDS, C., (1994), *Architecture & Order. Approaches to Social Space*, London, Routledge.
SACK, R.D., (1980), *Conceptions of space in social thought: a geographic perspective*, London, Macmillan.
SILVANO, F. (2001), *Antropologia do Espaço. Uma introdução*, 2ª Ed., Oeiras, Celta Editora.
TÁVORA, F., (1999), *Da organização do Espaço*, 4ª Ed. (1ª Ed. 1962), Porto, FLUP.
VALERA, A.C. (2007), *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*, Braga, CMFA/TA.
VALERA, A.C., (2008), Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente, Era Arqueologia, 8: 112-127.
VALERA, A.C. (2012), Mind the gap": Neolithic and Chalcolithic enclosures of South Portugal", A. Gibson (ed.), *Enclosing the Neolithic. Recent studies in Britain and Europe*, BAR, 165-183.
VALERA, A.C. (2013), Breve apontamento sobre a dimensão cosmogónica dos recintos de fossos da Pré-História Recente no Interior Alentejano, *Cadernos do Endovélico*, 1: 51-63.

CAPÍTULO 3

ALVIM, P. (2006), *Menires, paisagem, paisagens: os Almendres e a Serra do Monfurado*, www.crookscape.org.

BRONK RAMSEY, C., (2009), Bayesian analysis of radiocarbon dates, *Radiocarbon*, 51 (1): 337-360.

BRONK RAMSEY, C., (2013), Recent and planned developments of the program OxCal, *Proceedings of the 21st International Radiocarbon Conference*, *Radiocarbon*, 55 (2-3): 720-730.

BUENO RAMIREZ, P; BALBÍN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO, R. (2013), Símbolos para los muertos, símbolos para los vivos, in: J. MASTÍNEZ GARCÍA, M.S. HERNÁNDEZ PÉREZ (Coord.), *Arte megalítico en Andalucía. Actas del II Congreso de arte rupestre esquemático en la Peninsula Ibérica*, Vélez-Blanco: 23-47.

BUENO RAMIREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R.; BALBÍN, R. (2007), El dolmen de Lagunita III: rituales y símbolos de la tradición en el megalitismo del tajo Internacional, in: E. CERRILLO CUENCA, J. VALADÉS SIERRA (Eds.), *Los primeros campesinos de la Raya. Aportaciones al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo*, Publicaciones del Museo de Cáceres. Memorias, 6: 67-96.

CALADO, M. (2000), O recinto megalítico de Vale Maria do Meio (Évora, Alentejo), *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Monsaraz, 1996)*, Lisboa, IPA: 167-182.

CALADO, M. (2004), *Menires do Alentejo Central. Génese e Evolução da paisagem megalítica regional*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, FLUL.

CALADO, M. (2015), Menhirs of Portugal: all quiet on the western front?, in: G. RODRIGUEZ/H. MARCHESI (Eds.), *Statues-menhirs et pierres levees du Neolithique à aujourd'hui. Actes du 3e colloque internationl sur la statuaire mégalithique*, Saint-Pons-de-Thomières: 243-253.

CASSEN, S. ; BOUJOT, C. ; VAQUERO LASTRES, J. (2000), Eléments d'architecture. Exploration d'un tertre funéraire à Lannec er Gadouer (Erdeven, Morbihan). *Constructions et reconstructions dans le Néolitique morbihonnais. Propositions pour une lecture symbolique*, Chauvigny, Association des publications chauvignoises.

CAVULLI, F. (2010), Structural evidences and interpretable features in Early Neolithic Northern Italy, D. Gheorghiu (ed.), *Neolithic and Chalcolithic Archaeology in Eurasia; building techniques and spatial organization,* Bar International Series 2097, Oxford: 135-155.

CAVULLI, F.; PEDROTTI, A. (2003), L'insediamento del Neolitico antico di Lugo di Grezzana: la palizzata lignea, *Preistoria Alpina,* 37: 11-24.

FLORS, E. (2009), *Torre la Sal (Ribera de Cabanes, Castellón). Evolución del paisage antrópico desde la prehistoria hasta el medioevo,* Monografias de Prehistória i Arqueologia Castellonenques, 8.

GOMES, M.V. (1987), *Relatório da campanha de escavações nos menires e povoado dos Perdigões – Reguengos de Monsaraz (Évora)*, policopiado.

GOMES, M.V. (1988), *Relatório da 2ª campanha de escavações na Herdade dos Perdigões – Reguengos de Monsaraz (Évora)*, Policopiado.

GOMES, M.V. (1994), Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português – trabalhos recentes e estado da questão, *Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal, Estudos Pré-Históricos*, 2: 317-342.

GOMES, M.V. (1997), Estátuas-menires antropomórficas do Alto-Alentejo. Descobertas recentes e problemática, *Brigantium*, 10: 255-279.

GOMES, M.V. (2007), Estela-menir da Herdade do Barrocal (Reguengos de Monsaraz, Évora): resultados dos trabalhos de 1995, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10(1): 43-71.

GONÇALVES, V.S.; BALBÍN-BEHRMANN, R.; BUENO-RAMÍREZ, P. (1997), A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal), *Brigantium*, 10: 235-254.

FERREIRA, A.; NUNES, T.; BRAZUNA, S. (2009), *Malhada da Ourada 2 (Fase 3)*, Relatório dos Trabalhos Arqueológicos, Lisboa, Era-Arqueologia.

LAGO, M.; ALBERGARIA, J. (2001), O Cabeço do Torrão (Elvas): contextos e interpretações prévias de um lugar do Neolítico alentejano, *Era Arqueologia*, 4: 39-62.

LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*, 2, Lieferung, Berlin.
REIMER, P.J.; BARD, E.; BAYLISS, A.; BECK, J.W.; BLACKWELL, P.G.; BRONK RAMSEY, C.; GROOTES, P.M.; GUILDER-SON, T.P.; HAFLIDASON, H.; HAJDAS, I.; HATTZ, C.; HEATON, T.J.; HOFFMANN, D.L.; HOGG, A.G.; HUGHEN, K.A.; KAISER, K.F.; KROMER, B.; MANNING, S.W.; NIU, M.; REIMER, R.W.; RICHARDS, D.A.; SCOTT, E.M.; SOUTHON, J.R.; STAFF, R.A.; TURNEY, C.S.M.; VAN DER PLICHT, J.; (2013), IntCal13 and Marine 13 radiocarbon age calibration curves 0e50,000 years cal BP, *Radiocarbon*, 55 (4): 1869-1887.
SILVA, C.M.; CALADO, M. (2003), New astronomically significant directions of megalithic monuments in the Central Alentejo, *Journal of Iberian Archaeology*, 5: 67-88.
SOARES, J.; SILVA, C.T. (s/d), Vale Pincel I. O mais antigo Neolítico do território português, *Atlas do Sudoeste Português* (www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt/mode/170).
VALERA, A.C. (2013a), "Cronologia absoluta dos fossos 1 e 2 do Porto Torrão e o problema da datação de estruturas negativas tipo fossos", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9: 7-11.
VALERA, A.C. (2013b), Breve apontamento sobre a dimensão cosmogónica dos recintos de fossos da Pré-História Recente no Interior Alentejano, *Cadernos do Endovélico*, 1: 51-63.
VALERA, A.C. (2015), The diversity of ideotechnic objects at Perdigões enclosure: a first inventory of items and problems, *Arpi*, 3: 238-256.
VALERA, A.C. (2018), Landscapes of complexity in South Portugal during the 4t^{h} and 3rd millennium BC, Megaliths, Societies, Landscapes – Early Monumentality and Social Differentiation in Neolithic Europe.
VALERA, A.C., ANDRÉ, L. (2016/2017), Aspectos da interacção transregional na Pré-História Recente do Sudoeste Peninsular: interrogando as conchas e os moluscos nos Pedigões, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 23: 189-218.
VALERA, A.C.; SILVA, A.M.; MÁRQUEZ ROMERO, J.E. (2014), The temporality of Perdigões enclosures: absolute chronology of the structures and social practices, *SPAL*, 23: 11-26.
VALERA, A.C.; SIMÃO, I.; NUNES, T.; PEREIRO, T. do; COSTA, C. (2017), Neolithic ditched enclosures in South Portugal (4th millennium BC): new data and new perspectives, *Estudos do Quaternário*, 17: 57-76.

CAPÍTULO 4

RODRIGUES, F. (2017), "t0 com cachet": as eventuais cabanas subterrâneas do recinto de fossos do porto torrão, *Arqueologia em Portugal – O estado da questão*, Lisboa, AAP: 631-640.
SENNA_MARTINEZ, J.C. (1995/1996), Pastores, recolectores e construtores de megálitos na plataforma do Mondego no IV e III milénios AC: (1) O sítio de habitat do Ameal VI, *Trabalhos de Arqueologia da EAM,* 3: 83-122.
SUÁREZ-PADILLA, J.; CARO, J. L.; MATA VIVAR, E.; MÁRQUEZ-ROMERO, J. E.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V. (2013), Excavaciones en extensión de la Universidad de Málaga (UMA) en el yacimiento de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). El sondeo L1. Campañas 2011-2012, *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, 521-549.
VALERA, A.C. (2008), Intervenção arqueológica de 2007 no interior do recinto pré-histórico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 1: 15-22.
VALERA, A.C. (2012), "Ídolos almerienses" provenientes de contextos Neolíticos do complexo de recintos dos Perdigões, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 8: 19-28.
VALERA, A.C., Coord. (2013), *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*, Memórias d'Odiana, 6, 2ª Série, EDIA/DRCALEN.

VALERA, A.C., FILIPE, I. (2004), O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular, *Era Arqueologia*, 6: 28-61.
VALERA, A.C.; FILIPE, V.; Cabaço, N. (2013), O recinto de fosso do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9: 21-35.
VALERA, A.C.; RAMOS, R.; CASTANHEIRA, P. (2015), Os recintos de fossos de Coelheira 2 (Santa Vitória, Beja), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 10: 33-45.
(VALERA *et al.* 2014a) VALERA, A.C; SILVA, A.M.; CUNHA, C.; EVANGELISTA, L.S. (2014), Funerary practices and body manipulations at Neolithic and Chalcolithic Perdigões ditched enclosures (South Portugal), in: A.C.Valera (ed) *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices*, Oxford: BAR International Series 2676: 37-57.
(VALERA *et al.* 2014b) VALERA, A.C., SILVA, A.M.; MÁRQUEZ ROMERO, J.E. (2014), The temporality of Perdigões enclosures: absolute chronology of the structures and social practices, *SPAL*, 23: 11-26.

CAPÍTULO 5

(5.1 a 5.5)

AIANO, L. (2006), Pots and drums: an acoustic study of Neolithic pottery drums, *EuroREA*, 3: 31-42.
BOAVENTURA, R. (2006), Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9(2): 61-73.
CALDWELL, D. (2009), Palaeolithic whistles or figurines? A preliminary survey of Pre-Historic phalangeal figurines, *Rock Art Reaserch*, 26: 65-82.
DINIZ, M. (1999), Povoado neolítico da Foz do Enxoé (Serpa): primeiros resultados, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2(1): 95-126.
DAUVOIS, M. (1989), Son et musique paléolithiques. *Les Dossiers D'Archéologie*, 142 : 2-11.
GUERRA DOCE, E. (2006), *Las drogas en la Prehistoria. Evidencias arqueológicas del consumo de sustancias psicoactivas en Europa*, Barcelona, Edicions Bellaterra.
GOMES, S. (2013), Tecelagem e pesca: os pesos, in: A.C. Valera (Coord.), *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*, Memórias d'Odiana, 6, 2ª Série, EDIA/DRCALEN:211-228.
GONÇALVES, V. S. (1989), *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental*, Lisboa: INIC - UNIARQ.
MARTÍN DE LA CRUZ, J.C. (1985), *Papa Uvas I. Aljaraque, Huelva. Campañas de 1976 a 1979*, Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos.
MARTÍN DE LA CRUZ, J.C. (1986), *Papa Uvas II. Aljaraque, Huelva. Campañas de 1981 a 1983*, Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos.
MATALOTO, R.; PEREIRO, T. do; CALADO, M.; ROQUE, C.; COSTA, C.; ANDRÉ, L.; PEREIRA, A. (2018), Neolítico de Juromenha 1 (Alandroal, Alentejo Central) – vinte anos depois, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 21: 25-43.
PEACE, R. (2015), *Moreiros 2 (Arronches): as leituras possíveis dos fossos interiores*, Dissertação de mestrado entregue à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Policopiado.
RODRIGUES, F. (2015), *O sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a emergência dos Recintos de Fossos no SW peninsular nos Finais do 4º milénio A.N.E.*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Algarve, Policopiado.

VALERA, A.C., Coord. (2013), *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*, Memórias d'Odiana, 6, 2ª Série, EDIA/DRCALEN.
VALERA, A.C.; FILIPE, I. (2004), O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular, *Era Arqueologia*, 6: 28-61.
VALERA, A.C.; LAGO, M.; DUARTE, C.; EVANGELISTA, L.S. (2000), Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo, *ERA Aqueologia*, 2: 84-105.
VALERA, A.C.; SIMÃO, I.; NUNES, T.; PEREIRO, T. do; COSTA, C. (2017), Neolithic ditched enclosures in South Portugal (4th millennium BC): new data and new perspectives, *Estudos do Quaternário*, 17: 57-76.

5.6

ALMAGRO GORBEA, Mª J. (1973), *Los Idolos del Bronce I Hispano, Bibliotheca Praehistorica Hispana*, XII, Madrid.
ANDRADE, M.A. (2015), Cherchez la femme! Iconografia e imagética nas placas de xisto gravadas do Megalitismo do Sudoeste da Península Ibérica, in : Figueiredo, S.S. de; Martins, A. (coords.), *From Paleolithic plaques, Chalcolithic Idols and Proto-Historic Engraved slabs: The Role of Mobile Art in European Pre and Proto-historic societies*, ARKEOS, 37: 1545-1571.
ANDRADE, M.A. (2016), As placas votivas da "Anta Grande" da Ordem (Maranhão, Avis): um marco na historiografia do estudo das placas de xisto gravadas do Sudoeste Peninsular, In: Sousa, A.C.; Carvalho, A.; Viegas, C. (eds.), *Terra e Água: Escolher sementes, invocar a Deusa*. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves, estudos & memórias, 9, Lisboa, UNIARQ/ FL-UL: 125-147.
APPADURAI, A. (1988), Putting Hierarchy in Its Place, *Cultural Anthropology*, 3: 36-49.
ARAÚJO, A.; ALMEIDA, J.P.; BORREGO, J.; PEDRO, J.; OLIVEIRA, T. (2013), As regiões Central e Sul da Zona de Ossa-Morena, In: Dias, R.; Araújo, A.; Terrinha, P.; Kullberg, J.C., *Geologia de Portugal, I - Geologia Pré-mesozóica de Portugal*, Escolar Editora: 151-172.
ARNAUD, J.M.; GOMES, M.V.; SOARES, A.M.; FERREIRA, S.D.; ESTRELA, C.L. (2005), Vila Nova de São Pedro: uma fortificação calcolítica do litoral estremenho, In: Arnaud, J.M.; Fernandes, C. (eds.), *Construindo a memória. As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses: 141–219.
BACELAR, L. (2013), Anexo I. A rocha gravada de Agualta 7, In: Valera, A.C., (Coord.), *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2ª metade do IV aos inícios do II milénio A.C*, Memórias d'Odiana, 6, 2ª Série, EDIA/ DRCALEN: 505-540.
BASÍLIO, A.C. (no prelo), The ceramics from tomb 1, In: Lago, M.; Evangelista, L.; Valera, A.C. (eds.), Tomb 1 of Perdigões enclosure, NIA-Era Arqueologia.
BINFORD, L.R. (1962), Archaeology as Anthropology, *American Antiquity*, 28(2): 217-225.
BOAVENTURA, R. (2006), Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9(2): 61-73.
CALADO, M. (2000), O recinto megalítico de Vale Maria do Meio (Évora, Alentejo), In: Gonçalves, V.S. (ed.), *Muitas Antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*: 167-182.
CALADO, M.; ROCHA, L. (2010), Megaliths as rock art in Alentejo, Southern Portugal, In: Calado, D.; Baldia, M.; Boulanger, M. (eds.), *Monumental Questions: Prehistoric Megaliths, Mounds, and Enclosures*. Proceedings of the XV IUPPS Congress: 25–31.

CARDOSO, J.L. (1992), A Lapa do Bugio, *Setúbal Arqueológica*, IX-X: 89-225.
CARDOSO, J.L. (2003), Ainda sobre os impropriamente chamados "ídolos de cornos" do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste, *Al-Madan*, 4, 12: 77-79.
COHEN A.P. (1985), *The Symbolic Construction of Community*, London: Tavistock.
COIMBRA, F. (2012), Astronomical representations in Rock Art: Examples of the cognitive and spiritual processes of non-literate people, In: Anati, E.; Oosterbeek, L.; Mailland, F. (eds.), *The Intellectual and spiritual expressions of Non-Literate Societies*, BAR International Series, 2360: 37-44.
COSTEIRA, C.; MATALOTO R. (2016), Gestos do simbólico I – Ídolos, idoliformes, figuras e representações do sagrado (?) nos povoados do IV / III milénios a.n.e. de São Pedro (Redondo), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 19: 63-96.
DIAS, C.B.; MIRÃO, J. (2013), Identificação de pigmentos vermelhos recolhidos no hipogeu da Sobreira de Cima por Microscopia de Raman e Microscopia Electrónica de Varrimento acoplada com Espectroscopia de Dispersão de energias de Raio-X (MED-EDX), In: Valera, A.C. (coord.), *Sobreira de Cima: Necrópole de Hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja),* ERA MONOGRÁFICA, 1: 101–108.
DINIZ, M. (1999a), O Povoado Neolítico da Foz do Enxoé (Serpa, Portugal): Enquadramento cronológico e cultural, *SAGVNTVM-PLAV*, 2: 235-243.
DINIZ, M. (1999b), Povoado Neolítico da Foz do Enxoé (Serpa): Primeiros resultados, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2(1): 95-126.
EMSLIE, S.D., BRASSO, R., PATTERSON, W.P., VALERA, A.C., McKENZIE, A., SILVA, AM., GLEASON, J.D. and BLUM, J.D. (2015), "Chronic mercury exposure in Late Neolithic/Chalcolithic populations in Portugal from the cultural use of cinnabar", *Scientific Reports*, (1/10/2015). DOI: 10.1038/srep14679.
FERNANDES, P. (2013), *Os Hipogeus de Vale de Barrancas 1 (Beringel, Beja): Práticas funerárias e análise antropológica dos restos ósseos humanos exumados*, Dissertação de mestrado entregue à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Policopiado.
FOWLER, C. (2004), *The archaeology of personhood. An anthropological approach*, London: Routledge.
GIBBS, K. (2013), Late Neolithic pottery and ambiguous symbols in the Southern Levant, *Paléorient,* 39(2): 69-84.
GOMES, M.V. (1997), Cromeleque da Portela de Mogos: um monumento sócio-religioso megalítico, In: Sarantopoulos, P. (ed.), *Paisagens arqueológicas a oeste de Évora*, Évora, Câmara Municipal: 35-40.
GONÇALVES, V.S. (1988/89), A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz), *Portugália*, IX-X, Porto: 49-61.
GONÇALVES, V. S. (1989), *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental*, Lisboa: INIC - UNIARQ.
GONÇALVES, V.S. (1992), *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa: INIC – UNIARQ.
GONÇALVES, V.S. (2003), *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*, Trabalhos de Arqueologia, 32, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
GONÇALVES, V.S. (2004), As deusas da noite: o projecto «Placa Nostra» e as placas de xisto gravadas da região de Évora, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7(2): 49-72.
GONÇALVES, V.S. (2011), As placas de xisto gravadas (e os báculos) do sítio do Monte da Barca (Coruche). Cadernos da UNIARQ, 7.
GONÇALVES, V.S. (2015), Alguns casos de placas de xisto gravadas excepcionais do Sul de Portugal: Anta do Curral da Antinha, Anta Grande da Comenda da Igreja, Anta do Zambujo, Gruta

artificial Alapraia 2, In: V.S. Gonçalves, M. Diniz, A.C. Sousa (eds.), *5.º Congresso do Neolítico Peninsular*, Lisboa: UNIARQ: 662-676.
GONÇALVES, V.S.; ANDRADE, M.A.; PEREIRA, A. (2003), A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora, *O Arqueólogo Português*, 4, 21: 209- 244.
GREEN, M. (1991), *The Sun-Gods of Ancient Europe*, Batsford: London.
HURTADO, V. (2008), Ídolos, estilos y territorios de los primeros campesinos en el sur peninsular, In: C. Cacho Quesada, R. Maicas Ramos, J.A. Martos, Mª I., Martínez (Coords.), *Acercándonos al pasado.* Prehistoria en 4 actos, Ministerio de Cultura, Museos Estatales, Museo Arqueológico Nacional e CSIC.
HURTADO, V.; PERDIGONES, L. (1984), Idolos inéditos del Calcolítico en el Suroeste hispano, *Madrider Mitteilungen*, Heidelberg, 24: 46-58.
JUNG, C.G. (1967), *Two Essays on Analytical Psychology*, Collected Works of C.G.
LEISNER, G., LEISNER, V. (1959), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*, 2, Berlin: Lieferung.
LEISNER, G.; LEISNER, V. (1985), *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa: IAC (UNIARQ/INIC).
LEISNER, V. (1965), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen* (Tafeln), Berlin: Walter de Gruyter
LILLIOS, K. (2002), Some new views of the engraved slate plaques of southwest Iberia, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 5(2): 135-151.
LILLIOS, K. (2003), Creating memory in Prehistory: The Engraved Slate Plaques of Southwest Iberia, In: R.M. Dyke, S.E. Alcock (eds.), *Archaeologies of Memory*, Blackwell Publishers Ltd: 129 – 150.
MÁRQUEZ-ROMERO, J.; SUÁREZ PADILLA, J.; MATA VIVAR, E.; JÍMENEZ-JÁIMEZ, V.; CARO, J.L.; CUEVAS ALBADALEJO, P. (2013), Actuaciones arqueológicas realizadas por la Universidad de Málaga en el yacimento de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal) trienio 2011 – 2013, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9: 61-76.
MARTÍN-GIL, J.; MARTÍN-GIL, F.J.; DELIBES-DE-CASTRO, G.; ZAPATERO-MAGDALENO, P.; SARABIA-HERRERO, F.J. (1995), The first known use of vermillion, *Experientia*, 51: 759-761.
MATALOTO, R.; PEREIRO, T. DO; CALADO, M.; ROQUE, C.; COSTA, C.; ANDRÉ, L.; PEREIRA, A. (2018), Neolítico de Juromenha 1 (Alandroal, Alentejo Central) – Vinte anos depois, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 21: 25-43.
MATTSON, H. (2016), Ornaments as socially valuable objects: jewellery and identity in the Chaco and post-Chaco worlds, *Journal of Antropological Archaeology*, 42: 122-139.
MITHEN, S. (1996), *The Prehistory of the mind: a search for the origins of art, religion and science*, Londres: Thames and Hudson Ltd, 333 p.
NICOLAU, A.C. (2016), El Ocre en la Prehistoria: entre la funcionalidad y el simbolismo, *Archivo de Prehistoria Levantina*, XXXI: 187-211.
ODRIOZOLA, C.P. (2008), Scientific analyses of the white inlayed material of the symbolic pottery from Povoado dos Perdigões, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3: 41-44.
ODRIOZOLA, C.P.; HURTADO, V. (2007), The manufacturing process of 3rd millennium BC bone based incrusted pottery decoration from the Middle Guadiana river basin (Badajoz, Spain), *Journal of Archaeological Science*, 34, 11: 1794-1803.
OLIVEIRA, C. (2008), The moon in the Perception and Measurement of Social and Ritual Time: Comments on the Prehistoric Record. *Cosmology Across Cultures - An International Conference on the Impact of the Study of the Universe in Human Thinking*, APS Conference Series, XXX.
OLIVEIRA, J. (2006), *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*, Edições Colibri/ Universidade de Évora

PEACE, R. (2015), *Moreiros 2 (Arronches): as leituras possíveis dos fossos interiores*, Dissertação de mestrado entregue à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Policopiado.
RIBEIRO, L.; SANGMEISTER, E. (1967), Der Neolithishe Fundplatz von Possanco bei Comporta/Portugal, *Madrider Mitteilungen*, 8: 31- 45.
ROBB J.E. (1998), The Archaeology of Symbols, *Annual Review of Anthropology*, 27: 329-346.
RODRIGUES F. (2013), Idolomania: Figuras antropomórficas e "ídolos de cornos" do recinto de fossos do Neolítico Final da Ponta de Azambuja 2 (Portel, Évora), *Arqueologia em Portugal 150 anos*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses: 435-446.
RODRIGUES, F. (2015), *O Sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a emergência dos Recintos de Fossos no SW Peninsular nos finais do 4º milénio A.N.E.*, Dissertação de Doutoramento em Arqueologia entregue à Universidade do Algarve. Policopiado.
SALANOVA, L. (2000), *La question du Campaniforme en France et dans les îles anglonormandes. Productions, chronologie et rôles d'un standard céramique*, Paris: CTHS/ Société Préhistorique Française
SOARES, J. (2013), Sal e conchas na Pré-História portuguesa: o povoado da Ponta da Passadeira (estuário do Tejo), In: J. Soares (ed.), *Pré-História das Zonas Húmidas: Paisagens de Sal*, MAEDS/ADS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal & SIMARSUL, S.A.: 171-196.
SOARES, J.; SILVA, C.T. (2013), Economia agro-marítima na Pré-História do estuário do Sado: novos dados sobre o Neolítico da Comporta, In: J. Soares (ed.), *Pré-História das Zonas Húmidas: Paisagens de Sal*, MAEDS/ADS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal & SIMARSUL, S.A.: 145-170.
THOMAS, J. (1996), *Time, culture and identity*, London.
VALERA, A.C. (2008), O recinto calcolítico dos Perdigões: fossos e fossas do Sector I, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3: 19-27.
VALERA, A.C. (2010), Marfim no recinto calcolítico dos Perdigões (1): Lúnulas, fragmentação e ontologia dos artefactos, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 5: 31-42.
VALERA, A.C. (2012), Ídolos Almerienses provenientes de contextos neolíticos do complexo de recintos dos Perdigões, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 8: 19-28.
VALERA, A.C. (2013), *Sobreira de Cima: Necrópole de Hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*, ERA MONOGRÁFICA, 1, Lisboa, NIA-ERA.
VALERA, A.C. (2015a), "Ídolos" Falange, cervídeos e equídeos. Dados e problemas a partir dos Perdigões, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 10: 7-20.
VALERA, A.C. (2015b), Social change in the late 3rd millennium BC in Portugal: the twilight of enclosures. In: H. Meller, R. Risch, R. Jung, H. Arz (eds.), *2200 BC – Ein Klimasturz als Ursache für den Zerfall der Alten Welt? 2200 BC – A climatic breakdown as a cause for the collapse of the old world.* 7th Archaeological Conference of Central Germany October 23-26, 2013 in Halle (Saale): 409 – 427.
VALERA, A.C. (2015c), The Diversity of Ideotechnic Objects at Perdigões Enclosure: A First Inventory of Items and Problems, *Arpi*, 3: 238-256.
VALERA, A.C. (2017), The "Exogenous" at Perdigões: Approaching Interaction in the Late 4th and 3rd Millennium BC in the Southwest Iberia, In: M. Bartelheim, P. Bueno Ramírez, M. Kunst (eds.), *Key resources and socio-cultural developments in the Iberian Chalcolithic*, RessourcenKulturen Band 6: 201-224.
VALERA, A.C., ANDRÉ, L. (2016/2017), Aspectos da Interacção Transregional da Pré-História Recente do Sudoeste Peninsular: interrogando as Conchas e Moluscos nos Perdigões, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 23, Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras: 189-218.
VALERA, A.C.; EVANGELISTA, L. S. (2014), Anthropomorphic figurines at Perdigões enclosure:

naturalism, body proportion and canonical posture as forms of ideological language, *Journal of European Archaeology*, 17, 2: 286-300.
VALERA, A.C.; EVANGELISTA, L.S.; CASTANHEIRA, P. (2014), Zoomorphic figures and the problem of Human-Animal relationship in the Neolithic and Chalcolithic Southwest Iberia, *MENGA*, 5: 15-41.
VALERA, A.C.; JORGE, A.; SILVA, I.M. DA; JACINTO, M.J.; ALBERGARIA, J. (2002), As Antas da Azinheira e Fonte da Senhora 1 (Montemor-o-Novo), *Era-Arqueologia*, 4: 65-83.
VALERA, A.C.; LAGO, M.; DUARTE, C.; EVANGELISTA, L. S. (2000), Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo, *ERA-Arqueologia*, 2, Lisboa: ERA/Colibri: 84-105.
VALERA, A.C.; TERESO, J.P.; REBUGE, J. (2006), O Monte da Quinta 2 (Benavente) e a produção de sal no Neolítico Final/Calcolítico do estuário do Tejo. *Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica – Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*: 291-305.
VERSCHOOR, C. (2011), *Bone in Funnel Beaker pottery: Bone based incrusted pottery decoration from the Dutch Funnel Beaker West Group*. Dissertação de conclusão de licenciatura apresentada à Universidade de Leiden. Policopiada.
VIGNAUX, G. (2000), *O Demónio da Classificação*, Lisboa, Instituto Piaget.

5.7

ALTAMIRANO GARCIA, M. (2014), Not Only Bones. Hard animal tissues as a source of raw material in 3rd Millennium BC South-Eastern Iberia, *Menga: Revista de Préhistoria de Andalucia*. Sevilha: Junta de Andalucía, 5: 43-67.
BENITO, J.L.P. (1998), *Utillage óseo, adornos e ídolos valencianos,* Valência, Disputación Provincial de Valência, Série de Trabajos vários, 95.
BOESSNECK, J. (1969), Osteologiacal diferences between sheep (Ovis aries L.) and goat (Capra hircus L.), in: D. Brothwell, E.S. Higgs (eds.), *Science in Archeology*, Londres, Thames and Hudson: 331-358.
CARDOSO, J.L. (2003), A utensilagem óssea de uso comum do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), *Estudos Arqueológicos de Oeiras,* Oeiras Câmara Municipal, 11: 25-84.
CHOYKE, A.; SCHIBLER, J. (2007), Prehistoric bone tools and the Archaeozoological perspective: research in Central Europe, in: C. St-Pierre; R. Walker (2007), *Bones as tools: current methods and interpretations in worked bone studies.* Proceedings from 69th annual meeting of the society for American Archaeology (Montreal, 2 de Abril de 2004), Oxford, British Archaeological Reports.
DETER-WOLF, A. (2013), Needle in haystack: examining the archaeological evidence for prehistoric tattooing, in: A. Deter-Wolf; Diaz-Granados (eds.), *Drawing with great needles: ancient tattoo traditions of North America,* Austin, University of Texas Press: 43-72.
DETER-WOLF, A.; PERES, T. (2013), Flint, Bone, and Thorns: Using Ethnohistorical Data, Experimental Archaeology, and Microscopy to Eamine Ancient Tattooing in Eastern North America, in: P.D. Casa; C. Witt (eds.), *Tattoos and Body Modications in Antiquity: Proceedings of the sessions at the EAA annual meetings in The Hague and Oslo, 2010/11,* Zurich Studies in Archaeology, 9: 35-48.
EMSLIE, S.D.; BRASSO, R.; PATTERSON, W.P.; VALERA, A.C.; McKENZIE, A.; SILVA, A.M.; GLEASON, J.D.; BLUM, J.D. (2015), Chronic mercury exposure in Late Neolithic/Chalcolithic populations in Portugal from the cultural use of cinnabar, *Scientific Reports*, (1/10/2015). DOI: 10.1038/srep14679.
GONÇALVES, V.S. (2009), *As ocupações pré-históricas das furnas do Poço Velho (Cascais),* Cascais, Câmara Municipal de Cascais, Colecção Cascais, Tempos Antigos, Vol. 3.

HATTING, T. (1995), Sex-related characters in the pelvic bone of domestic sheep (Ovis aries L.), *Archeofauna*, 4: 408-412.
JOHNSON, E. (1982), Paleoindian Bone Expediency Tools: Lubbock Lake and Bonfire Shelter, *Canadian Journal of Anthropology,* 2: 145-157.
LEGRAND, A.; SIDERÁ, I. (2007), Methods, means, and results when studying European bone industries, In C. St-Pierre; R. Walker (2007), *Bones as tools: current methods and interpretations in worked bone studies.* Proceedings from 69th annual meeting of the society for American Archaeology (Montreal, 2 de Abril de 2004), Oxford, British Archaeological Reports.
LYMAN, R. L. (1984), Broken bones, bone expediency tools and bone pseudotools: lessons from the blast zone around the Mount St. Helens, Washington, *American Antiquity,* 49(2): 315-333.
MORENO-GARCÍA, M.; PIMENTA, C; DAVIS, S.; GABRIEL, S. (2003), A osteoteca: uma ferramenta de trabalho, in: J.E. Mateus; M. Moreno-García (eds.), *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura,* Trabalhos de Arqueologia, 29, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.
PAYNE, S.; BULL, G. (1988), Components of variation in measurements of pig bones and teeth, and use of measurements to distinguish wild from domestic pigs remains, *ArcheoZoologia* II, (1.2): 27-66.
ROWLEY-CONWY, P. (1995), Wild or domestic? On the evidence for the earliest domestic cattle and pigs in South Scandinavia and Iberia, *International Journal of Osteoarchaeology,* 5: 111-126.
SIDERÁ, I. (1993), *Les assemblages osseux en bassins parisien et rhénan du VIe au IVe millénaire B. C. Histoire, techno-économie et cultura,* 3 vols, Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Paris-Ouest Nanterre La Défense, Versão policopiada.

CAPÍTULO 6

ALQAHTANI, S.J.; HECTOR, M.P.; LIVERSIDGE, H.M. (2010), Brief communication: The London atlas of human tooth development and eruption, *American Journal of Physical Anthropology*, 142(3): 481-490.
EVANGELISTA, L.S.; VALERA, A.C. (no prelo), Thinking about human remain depositions in ditches in Recent Prehistory. The case of Perdigões, in: A.C. Valera (ed.), *Fragmentation and depositions in Pre and Proto Historic Portugal*, Lisboa, NIA-ERA.
FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I.; STLOUKAL, M. (1980), Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons, *Journal of Human Evolution*, 9(7): 517-549.
GODINHO, R. (2008), Deposições funerárias em fossa nos Perdigões: dados antropológicos do Sector I, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3: 29-34.
MÁRQUEZ ROMERO, J.E. (2004), Muerte ubícua: sobre deposiciones de esqueletos humanos en zanjas y pozos en la prehistoria reciente de Andalucia, *Mainake*, XXVI: 115-138.
MORENO-GARCÍA, M.; CABAÇO, N. (2009), Restos faunísticos em contexto funerário: Fossas 7 e 11 dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 4: 11-14.
RODRIGUES, F. (2014), Skeletons in the ditch: funerary activity in ditched enclosures of Porto Torrão (Ferreira do Alentejo, Beja), in: A.C. Valera (ed.), *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe*, BAR International Series, 2676: 59-69.
SILVA, A.M.; LEANDRO, I.; VALERA, A.C.; PEREIRA, D.; AFONSO, C. (2015), Late Neolithic pit burial from Perdigões enclosure (Portugal): preliminary results of the paleobiological analysis of the exhumed human bones", in: L. Rocha, P. Bueno, G. Branco (eds.), *Death as Archaeology of transition: thoughts and materials*, Papers from the II International Conference of Transition Archaeology: Death Archaeology (29 April 1 May 2013), BAR, International Series 2708: 245-250.

VALERA, A.C. (2008), Intervenção arqueológica de 2007 no interior do recinto pré-histórico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 1: 15-22.
VALERA, A.C. (2015a), Ditched enclosures and the ideologies of death in the Late Neolithic and Chalcolithic South Portugal, in: V. Ard, L. Pillot (eds.), *Giants in the landscape: monumentality and territories in the European Neolithic*, Proceedings of the XVII UISPP World Congress (Burgos, Spain), Volume 3 / Session A25d: 69-84.
VALERA, A.C. (2015b), Social change in the late 3rd millennium BC in Portugal: The twilight of enclosures, In: H. Meller, R. Risch, R. Jung, H. W. Arz (eds.), *2200 BC – Ein Klimasturz als Ursache für den Zerfall der Alten Welt? 2200 BC – A climatic breakdown as a cause for the collapse of the old world?*, 7, Mitteldeutscher Archäologentag vom 23, Bis 26, Oktober 2014 in Halle (Saale), 7th Archaeological Conference of Central Germany October 23-26, 2013 in Halle (Saale), Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte Halle 13,1–2 (Halle [Saale].
VALERA, A.C.; GODINHO, R. (2009), A gestão da morte nos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): novos dados, novos problemas, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, Oeiras, Câmara Municipal: 371-387.
VALERA, A.C., GODINHO, R. (2010), Ossos humanos provenientes dos fossos 3 e 4 e gestão da morte nos Perdigões, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 6: 29-40.
VALERA, A.C;, SILVA, A.M.; CUNHA, C.; EVANGELISTA, L.S. (2014), Funerary practices and body manipulations at Neolithic and Chalcolithic Perdigões ditched enclosures (South Portugal), in: A.C.Valera (ed) *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices*, Oxford: BAR International Series 2676: 37-57.

CAPÍTULO 7

ALBARELLA, U.; DAVIS, S. J. M.; DETRY, C.; ROWLEY-CONWY, P. (2005), Pigs of the « Far West »: the biometry of Sus from archaeological sites in Portugal, *Anthropozoologica*, 40(2): 27-54.
ANTUNES, M. T. (1987), O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba IV: mamíferos (nota preliminar), *Setúbal Arqueológica Setúbal*, VIII, Setúbal, Assembleia Distrital de Setúbal: 103-144.
ARNAUD, J. M. (1993), O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): Síntese das investigações realizadas, *Vipasca, Arqueologia e História*, 2: 41-60.
BIGNON, O.; BAYLAC, M.; VIGNE, J.D.; EISENMANN, V. (2005), Geometric morphometrics and the population diversity of Late Glacial horses in Western Europe (Equus caballus arcelini): phylogeographic and anthropological implications, *Journal of Archaeological Science*, 22(3): 375-391.
BINFORD, L. (1981), *Bones: ancient men and modern myths*, New York, Academic Press.
BLUMENSCHINE, R.J. (1995), Percussion marks, tooth marks, and experimental determinations of the timing of hominid and carnivore access to long bones at FLK Zinjanthropus, Olduvai Gorge, Tanzania, *Journal of Human Evolution* 29: 21-51.
BOESNECK, J. (1969), Osteological differences between sheep (Ovis aries Linné) and goat (Capra hircus Linné), in: D. R. Brothwell, E. S. Higgs (eds.), *Science in Archaeology*, Thames & Hudson, London: 331-358.
CABAÇO, N. (2010), Restos faunísticos em contextos do Neolítico Final do Sector Q do recinto dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 5: 27-29.
CABAÇO, N. (2012), Restos faunísticos em contexto funerário nos Perdigões, Reguengos de Monsaraz (Sepulcros 1 e 2), in: J. Cascalheira, C. Gonçalves (eds.), *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica - JIA 2011, Vol. I, (Faro, 11 a 14 de Maio de 2011), Promontoria, 16*: 259-267.

CABAÇO, N. (2017), A fauna depositada sob o "cairn 1" dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 12: 23-35.
CAMARA SERRANO, J. A.; LIZCANO PRESTEL, R.; PÉREZ BAREAS, C.; GÓMEZ DEL TORO, E. (2008), Apropiación, sacrificio, consumo y exhibición ritual de los animales en el Polideportivo de Martos. Sus implicaciones en los orígenes de la desigualdad social, *CPAG*, 18: 55-90.
CARDOSO, J. L. (1993), *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*, Oeiras, Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras.
CARDOSO, J. L. (1994), Os restos de grandes mamíferos do povoado neolítico da Igreja de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho), *Vipasca, Arqueologia e História*, 3: 51-55.
CATRY, P.; COSTA, H.; ELIAS, G.; MATIAS, R., (2010), *Aves de Portugal*, Lisboa, Assírio e Alvim.
CORREIA, F. R.; COSTA, C.; VALERA, A. C. (em preparação), The faunal remains of vertebrates from the Late Neolithic Porto Torrão (Beja, Portugal).
COSTA, C. (2010), Os restos faunísticos de animais vertebrados do sector I dos Perdigões (Fossos 3 e 4 e Fossas), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 6: 53-74.
COSTA, C.; MATALOTO, R. (2017), Contributos para o conhecimento da componente animal dos recintos de fossos do Calcolítico: A fauna vertebrada de Montoito 2, in: J. Arnaud, A. Martins (coord.), *Arqueologia em Portugal 2017-Estado da questão*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses: 741-751.
DAVIS, S. J. M.; MATALOTO, R. (2012), Animal remains from Chalcolithic São Pedro (Redondo, Alentejo): evidence for a crisis in the Mesolithic, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 15: 47‑85.
FISHER, R. (1995), Bone surface modifications in zooarchaeology, *Journal of Archaeological Method and Theory*, 2: 7-68.
GABRIEL, S.; COSTA, C. (2017), Exploração de recursos aquáticos no final do Neolítico e Calcolítico: breve revisão do registo faunístico, in: J. Arnaud, A. Martins (coord), *Arqueologia em Portugal 2017-Estado da questão*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses: 723-740.
GODINHO, R. (2008), Deposições funerárias em fossa nos Perdigões: dados antropológicos do Sector I, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3: 29-34.
GOMES, S.; BAPTISTA, L.; OLIVEIRA, L. (2013), Práticas de inumação e práticas de construção em Horta da Morgadinha 2 (Salvador, Serpa), in: J. Jiménez Ávila, M. Bustamante, M. García Cabezas (eds.), *Actas del VI Encuentro de arqueologia del Suroeste Peninsular 4 - 6 de Octubre de 2012*, Villafranca de los Barros: 261-283.
GOURICHON, L.; CARDOSO, J. L. (1995), L'avifaune de l'habitat fortifié chalcolithique de Leceia (Oeiras, Portugal), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, Câmara Municipal de Oeiras: 165-186.
GRAYSON, D.K. (1984), *Quantitative Zooarchaeology,* London, Academic Press.
LEMOINE, X.; ZEDER, M. A.; BISHOP, K.J.; RUFOLO, S. J. (2014), A new system for computing dentition-based age profiles in Sus scrofa, *Journal of Archaeological Science*, 47: 179-193.
LYMAN, R. L. (1994), *Vertebrate Taphonomy*, Cambridge, Cambridge University Press.
LYMAN, R. L. (2008), *Quantitative Paleozoology*, Cambridge, Cambridge University Press.
MACDONALD, D.; BARRET, P. (1993), *Guias Fapas. Mamíferos de Portugal e Europa*, FAPAS, Câmara Municipal do Porto.
MATALOTO, R.; PEREIRO, T.; CALADO, M.; ROQUE, C.; COSTA, C.; ANDRÉ, L.; PEREIRA, A. (2018), Neolítico de Juromenha 1 (Alandroal, Alentejo Central) – vinte anos depois, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 21: 25-43.
MORALES MUÑIZ, A.; CEREIJO PECHARROMAN, M. A. (1992), Consideraciones faunísticas en la transición Neolítico Final – Calcolítico: El yacimiento arqueológico de Papa Uvas (Huelva), *Archaeofauna*, 1: 87-104.
MORENO-GARCÍA, M. (2013), Estudo arqueozoológico dos restos faunísticos do povoado

calcolítico do Mercador (Mourão), in: A. C. Valera (coord.), *As sociedades agro-pastoris na margem esquerda do Guadiana (2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC)*, Memórias d'Oriana, 2ª série, EDIA, DRCALEN: 321-349.

MORENO-GARCIA, M.; CABAÇO, N. (2009), Restos faunísticos em contexto funerário: Fossas 7 e 11 dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 4: 11-14.

MORENO GARCIA, M.; PIMENTA, C. M.; DAVIS, S.; GABRIEL, S. (2003), A osteoteca: uma ferramenta de trabalho, in: J. E. Mateus, M. Moreno-García (eds.), *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura. Trabalhos de Arqueologia*, 29, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

MORENO-GARCÍA, M.; SOUSA, A. C. (2015a), A exploração de recursos faunísticos no Penedo do Lexim (Mafra) durante o Neolítico Final, in: V. S. Gonçalves, M. Diniz, A. C. Sousa (eds.), 5º Congresso do Neolítico Peninsular, Actas, Estudos e Memórias 8, Lisboa, UNIARQ: 67-84.

MORENO-GARCÍA, M.; SOUSA, A. C. (2015b), Para além das muralhas, uma perspectiva dos recursos faunísticos no Calcolítico da Estremadura Portuguesa: o conjunto arqueofaunístico do locus 5 do Penedo do Lexim (Mafra), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18, Lisboa, DGPC: 101-124.

NABAIS, M., RODRIGUES, A. F. (2017), Animal bones from the Late Neolithic site of Ponte da Azambuja 2 (Évora, Portugal), *International Journal of Osteoarchaeology*, 27(3): 500-507.

NETO, M. I. S. (2017*), Contributo para o estudo de indicadores reprodutivos de caprinos de raça bravia no concelho e Terras de Bouro no modo de produção biológico e convencional*. Mestrado em Agricultura Biológica. Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

NICHOLSON, R. (1993), A morphological investigation of burnt animal bone and an evaluation of its utility in archaeology, *Journal of Archaeological Science*, 20: 411-428.

OUTRAM, A. (2001), A new approach to identifying bone marrow and grease exploitation: why the "indeterminate" fragments should not be ignored, *Journal of Archaeological Science*, 28(4): 401–410.

OUTRAM, A. (2002), Bone fracture and within-bone nutrients: an experimentally based method for investigating levels of marrow extraction, in: P. Miracle, N. Milner, N. (eds.), *Consuming Passions and Patterns of Consumption*, McDonald Institute for Archaeological Research, Cambridge: 51–64.

OUTRAM, A. (2004), Distinguishing bone fat exploration from other taphonomic processes: what caused the high level of bone fragmentation at the Middle Neolithic site of Ajvide, Gotland?, in: J. Mulville, A. Outram (eds.), *The Zooarchaeology of Fats, Oils, Milk and Dairying*, Oxbow Books, Oxford: 32–43.

PEREIRA, V. (2016), Repastos alentejanos: dados preliminares da fauna de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo), in: R. Vilaça, M. Serra (eds.), *Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades. Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e proto‐históricas*, Coimbra, Instituto de Arqueologia, Secção de Arqueologia, FLUC, Centro de Estudos Pré‐Históricos da Beira Alta, CEPBA, Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural Lda: 39‐53.

PEREIRA, V.; SOARES, J.; SILVA, C. T. (2017), Understanding the First Chalcolithic Communities of Estremadura: Zooarchaeology of Castro de Chibanes, Portugal. Preliminary Results, *Papers from the Institute of Archaeology*, 27(1): 1–11.

PRUMMEL, W. (1987a), Atlas for the identification of foetal skeletal elements of Cattle, Horse, Sheep and Pig. Part 1, *Archaeozoologia*, 1: 23-30.

PRUMMEL, W. (1987b), Atlas for the identification of foetal skeletal elements of Cattle, Horse, Sheep and Pig. Part 2, *Archaeozoologia*, I(2): 11-41.

PRUMMEL, W. (1988), Atlas for the identification of foetal skeletal elements of Cattle, Horse,

Sheep and Pig. Part 3, *Archaeozoologia*, II/1-2: 13-26.
PRUMMEL, W. 1989), Apendix to Atlas for the identification of foetal skeletal elements of Cattle, Horse, Sheep and Pig, *Archaeozoologia*, III/1-2: 71-78.
REITZ, E.; WING, E. (2008), *Zooarchaeology*. Cambridge, Cambridge University Press.
RIQUELME CANTAL, J. A. (1998), *Contribución al estudio arqueofaunístico durante el neolítico y la edad del cobre en las cordilleras béticas: el yacimiento arqueológico de Los Castillejos en Las Peñas de los Gitanos, Montefrío (Granada)*. Tesis doctoral. Universidad de Granada.
SCHMID, E. (1972), *Atlas of animal bones for prehistorians, archaeologists and Quaternary geologists,* Elsevier Publishing Company, Amsterdam, London, New York.
SILVER, I. (1969), The aging of domestic animals, in: D. Brothwell, E. Higgs (eds.), *Science in Archaeology*, Thames & Hudson, London: 250-268.
STINER, M. C. (1990), The Use of Mortality Patterns in Archaeological Studies of Hominid Predatory Adaptations, Journal of Anthropological Archaeology 9(4): 305-351.
TANIÇAS, A. F. A. (2009), *Caracterização produtiva e reprodutiva das raças Merina Branca e Merina Preta em Portugal.* Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Engenharia Agronómica-Agro-Pecuária. Instituto Superior de Agronomia. Universidade Técnica de Lisboa.
VALENTE, M. J. (2013), Moinho de Valadares, Mourão. Estudo da fauna mamalógica das sondagens 1, 2 e 3, in: A. C. Valera (coord.), *As sociedades agropastoris na margem esquerda do Guadiana (2ª metade do IV e inícios do II milénio AC), Memórias d'Odiana*, 2ª série, EDIA, DRCALEN: 353‑360.
VALERA, A. C. (2008), Recinto Calcolítico dos Perdigões: Fossos e Fossas do Sector I, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3: 19-27.
VALERA, A. C.; BECKER, H.; COSTA, C. (2014), Os recintos de fossos pré‑históricos de Monte da Contenda (Arronches) e Montoito 2 (Redondo), *Estudos Arqueológicos de Oeiras,* Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 21: 355‑377.
VALERA, A. C.; NUNES, T.; COSTA, C. (2010), Enterramentos de canídeos no Neolítico: A fossa 5 de Corça 1 (Brinches, Serpa), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 5: 7-17.
VALERA, A. C.; SIMÃO, I.; NUNES, T.; PEREIRO, T.; COSTA, C. (2017), Neolithic ditched enclosures in Southern Portugal (4th millennium BC): new data and new perspectives, *Estudos do Quaternário*, APEQ, Braga, 17: 57-76.
ZEDER, M. (2006), Reconciling Rates of Long Bone Fusion and Tooth Eruption and Wear in Sheep (Ovis) and Goat (Capra)", (Deborah Ruscillo ed.), *Recent Advances in Ageing and Sexing Animal Bones*, Oxford, Oxbow Books: 87-118.
ZEDER, M.; LEMOINE, X.; PAYNE, S. (2015), A new system for computing long-bone fusion age profiles in Sus scrofa", *Journal of Archaeological Science*, 55: 135-150.
Web sites:
Habitat Lince/Abutre.lpn.pt/Homepage/lince-ibérico (consultado em Novembro de 2017)

CAPÍTULO 8

VALERA, A.C., ANDRÉ, L. (2016/2017), Aspectos da Interacção Transregional da Pré-História Recente do Sudoeste Peninsular: interrogando as Conchas e Moluscos nos Perdigões, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 23, Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras: 189-218.

CAPÍTULO 9

ARAÚJO, A.C.; LEJEUNE, M. (1995), *Gruta da Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*, Trabalhos de Arqueologia, 8, IPPAR.

BENDER, B. (1989), The roots of inequality. In: D. Miller; M. Rowlands, in: C. Tilley (ed.), *Domination and Resistance*, London, Unwin Hyman: 83-95.

BERNABEU AUBÁN, J.; MORENO MARTÍN, A.; BARTON, C.M. (2013), Complex systems, social networks and the evolution of social complexity in the East of Spain from the Neolithic to Pre-Roman times, in: M. C. Berrocal, L. G. Sanjuán, A. Gilman (eds.), *The Prehistory of Iberia. Debating early social stratification and the State,* London, Routledge: 53 – 73.

BLANCO-GONZÁLEZ, B.; LILLIOS, K.; LÓPEZ-SÁEZ, J.A.; DRAKE, B.L. (2018), Cultural, Demographic and Environmental Dynamics of the Copper and Early Bronze Age in Iberia (3300–1500 BC): Towards an Interregional Multiproxy Comparison at the Time of the 4.2 ky BP Event, *J World Prehist,* https://doi.org/10.1007/s10963-018-9113-3.

BOAVENTURA, R. (2006), Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9(2): 61-73.

BOAVENTURA, R. (2011), Chronology of megalithism in South-Central Portugal, *Menga*, 1 :159-190.

BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R. (2013), Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do megalitismo do Sul de Portugal, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16: 81 – 101.

CALADO, M. (2003), Megalitismo, megalitismos: o conjunto neolítico do Tojal (Montemor-o-Novo), in:n V.S. Gonçalves (ed.), *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*, Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia: 351–369.

CALADO, M.; ROCHA, L. (2007), As primeiras sociedades camponesas no Alentejo Central: a evolução do povoamento, in: E. Cerrillo Cuenca, J.M. Aladés Sierra (eds.), *Los primeros campesinos de La Raya: aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo*, Cáceres, Museo: 29–46.

CARVALHO, A.F. (2014), *Bom Santo cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal,* Promontória Monográfica, 17, Faro, Universidade do Algarve.

CARVALHO, A.F.; CARDOSO, J.L. (2015), Insights in the changing dynamics of cemetery use in the Neolithic and Chalcolithic Of Southern Portugal. Radiocarbon dating of Lugar do Canto cave (Santarém), *SPAL*, 24: 35-53.

CRIADO BOADO, F. (1993), The visibility of the archaeological record and the interpretation of social reality, in: I. Hodder *et al.* (Eds.), *Interpreting Archaeology. Finding meaning in the past*, London, Routledge: 194-204.

DANIELSEN, R.; MENDES, P.M. (2013), Pollen analysis of Late Neolithic ditch deposits from Perdigões archaeological site, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9: 13-20.

DIAS, M.I.; PRUDÊNCIO, M.I.; VALERA, A.C.; LAGO, M.; GOUVEIA, M.A. (2005), Composition, Technology and functional features of Chalcolhitic pottery from Perdigões, Reguengos de Monsaraz (Portugal), a preliminary report, *Geoarchaeological and Bioarchaeological Studies*, Vol. 3, Amsterdam, Netherlands: 161-164.

DINIZ, M., (1999), Povoado neolítico da Foz do Enxoé (Serpa): primeiros resultados, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2(1): 95-126.

DINIZ, M. (2008), Far from Eden? Acerca de uma figurinha antropomórfica do povoado do Neolítico Antigo da Valada do Mato (Évora, Portugal), *Saguntum*, 40: 9-23.

ESPINO, D. (2004), *La gestión del paisaje vegetal en la Prehistoria Reciente y Protohistoria en la Cuenca Media del Guadiana a partir de la Antracología*, Tese de doutoramento apresentada à Universidad de Extremadura, policopiado.

FLETCHER, W. ; BOSKI, T.; MOURA, D. (2007), Palynological evidence for environmental and climate, change in the Lower Guadiana valley (Portugal) during the last 13,000 years, *The Holocene,* 17: 479–492.
GARCÍA SANJUÁN, L. (2017), Farming economy and wealth economy in the Copper Age of the Lower Guadalquivir river. Debating strategic resources at Valencina de la Concepción (Seville, Spain), in: M. Bartelhein, P. Bueno Ramírez, M. Kunst (coord), *Key resources and socio-cultural developments in the Iberian Chalcolithic*, Tübingen, Library Publishing: 237-256.
GONÇALVES, V. S. (1992), *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*, UNIARQ/INIC.
GONÇALVES, V.S. (1999), *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*, CMRM.
GONÇALVES, V.S. (2001), A Anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4(2): 115-206.
GONÇALVES, V.S. (2013), *No limite oriental do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz*, Memórias d'Odiana, 2ª Série, 4, Évora.
GONÇALVES, V.S.; SOUSA, A.C. (1997), A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do Megalitismo no Ocidente Peninsular, *Actas do Colóquio Internacional O Neolítico Atlantico e as Orixes do Megalitismo*, Santiago de Compostela: 609-634.
GONÇALVES, V.S.; SOUSA, A.C.; MARCHAND, G. (2013), *Na margem do grande rio. Os últimos grupos de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades camponesas no Guadiana médio*, Memórias d'Odiana, 2ª Série, 12, Évora.
HERNANDO, A. (2004), En la Prehistoria no vivieron "individuos". Sobre los problemas de aplicación de la Acción a las sociedades prehistóricas, *Era Arqueologia*, 6: 84-99.
HODDER, I. (1990), *The domestication of Europe: structure and contingency in Neolithic societies*, Social Archaeology, Oxford.
JOHNSON, G. (1982), Organizational Structure and Scalar Stress, in: C. Renfrew, M. J. Rowlads, B. A. Segraves (eds.), *Theory and explanation in Archaeology*, Open conference of the Theoretical Archaeology Group, Southampton: 389 – 421.
JORGE, S.O. (1999), *Domesticar a Terra: as primeiras comunidades agrárias em território português*, Trajectos portugueses, 45, Lisboa.
LAGO, M.; ALBERGARIA, J. (2001), O Cabeço do Torrão (Elvas): contextos e interpretações prévias de um lugar do Neolítico alentejano, *Era Arqueologia*, 4: 39-62.
LEISNER, G.; LEISNER, V. (1985), *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*, Lisboa.
LILLIOS, K.; BLANCO-GONZÁLEZ, B.; DRAKE, B.L.; LÓPEZ-SÀEZ, J.A. (2016), Mid-late Holocene climate, demography, and cultural dynamics in Iberia: A multi-proxy approach, *Quaternary Science Reviews*, 135: 138-153.
MARTÍNEZ SÁCHEZ, R.M.; GARCÍA BENAVENTE, R. (2009), Una terracota figurada del IV milenio AC en la vega media del Guadalquivir, *Trabajos de Prehistoria*, 66(1): 115-222.
MATALOTO, R.; ANDRADE, M.A.; PEREIRA, A. (2016/2017), O megalitismo das pequenas antas: novos dados para um velho problema, *Estudos Arqueológicos de Oeiras,* 23: 33-156.
MATALOTO, R.; PEREIRO, T.; CALADO, M.; ROQUE, C.; COSTA, C.; ANDRÉ, L.; PEREIRA, A. (2018), Neolítico de Juromenha 1 (Alandroal, Alentejo Central) – vinte anos depois, Revista Portuguesa de Arqueologia, 21: 25-43.
MATEUS, J.E.; QUEIROZ, P.F. (2000), Lakelets, lagoons and peat-mires in the coastal plane South of Lisbon – Palaeoecology of the Northern Littoral of Alentejo, in: J.E. Mateus,P.F. Queiroz (Eds.), *Rapid environmental change in the Mediterranean Region – The contribution of the high-resolution lacustrine records from the last 80 millennia*, IPA: 33-37.
MORENO-GARCÍA, M. (2013), Estudo arqueozoológico dos restos faunísticos do povoado

calcolítico do Mercador (Mourão), in: A. C. Valera (coord.), *As sociedades agro-pastoris na margem esquerda do Guadiana (2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC)*, Memórias d'Oriana, 2ª série, EDIA, DRCALEN: 321-349.

NEVES, M.J. ; SILVA, A.M. (2010), L'hypogée funéraire de Monte Canelas I: révision des donnés et potentiel informatif, *Antropo*, 2: 11-18.

NOCETE, F.; SAÉZ, R.; NIETO, J.M.; CRUZ-AUÑÓN, R.; CABRERO, R.; ALEX, E.; BAYONA, M.R. (2005), Circulation of silicified oolitic limestone blades in South-Iberia (Spain and Portugal) during the third millennium B.C.: an expression of a core/periphery framework, *Journal of Anthropological Archaeology*, 24: 62–81.

PEACE, R. (2015), *Moreiros 2 (Arronches): as leituras possíveis dos fossos interiores*, dissertação de mestrado apresentada à FLUL, policopiado.

RIBEIRO, L.; SANGGMEISTER, E. (1967), Der neolithische fundplatz von Possanco bei Comporta/ Portugal, *Madrider Mittlelungen*, 7: 31-45.

RODRIGUES, F. (2015), *O Sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a emergência dos Recintos de Fossos no SW Peninsular nos finais do 4º milénio A.N.E.*, Dissertação de Doutoramento em Arqueologia entregue à Universidade do Algarve. Policopiado.

SILVA, C.T. (1987), Megalitismo do Alentejo Ocidental e do Sul do Baixo Alentejo (Portugal), *Actas de la Mesa Redonda El Megalitismo en la Península Ibérica*, Madrid, Ministerio da Cultura: 85-93.

SILVA, C.T.; SOARES, J. (1976-77), Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve, *Setúbal Arqueológica*, II-III: 179-272.

SOARES, J.; SILVA, C.T. (1992), Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos, *Setúbal Arqueológica*, IX-X: 37-88.

SOARES, J.; SILVA, C.Y. (2000), Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas, Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, Trabalhos de Arqueologia*, 16: 117 – 134.

VALERA, A.C. (2007), *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*, Braga, CMFA/TA.

VALERA, A.C. (2012a), Ídolos Almerienses provenientes de contextos neolíticos do complexo de recintos dos Perdigões, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 8: 19-28.

VALERA, A.C. (2013a), Recintos de fossos da Pré-História Recente em Portugal. Investigação, discursos, salvaguarda e divulgação, *Almadan*, 18: 93 – 110.

VALERA, A.C. Coord. (2013b), *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*, Memórias d'Odiana, 6, 2ª Série, EDIA/DRCALEN.

VALERA, A.C., (2013c), *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja*), ERA Monográfica, 1, Lisboa, Nia-Era.

VALERA, A.C. (2012b), A "Vaca de Almada" e o problema das relações Homem/ Animal na Pré-História Recente, *Almadan*, 17: 22–29.

VALERA, A.C. (2015), Social change in the late 3rd millennium BC in Portugal: The twilight of enclosures", In: H. Meller, R. Risch, R. Jung, H. W. Arz (eds.), 2200 BC – A climatic breakdown as a cause for the collapse of the old world?, 7th Archaeological Conference of Central Germany October 23-26, 2013 in Halle (Saale). Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte Halle 13,1–2: 409-427.

VALERA, A.C. (2017), The "Exogenous" at Perdigões: Approaching Interaction in the Late 4th and 3rd Millennium BC in the Southwest Iberia, In: M. Bartelheim, P. Bueno Ramírez, M. Kunst (eds.), *Key resources and socio-cultural developments in the Iberian Chalcolithic*, RessourcenKulturen Band 6: 201-224.

(VALERA, *et al.,* 2017a) VALERA, A.C.; SIMÃO, I.; NUNES, T.; PEREIRO, T. do; COSTA, C. (2017), Neolithic ditched enclosures in Southern Portugal (4th Millennium BC): new data and new perspectives, *Estudos do Quaternário*, 17: 57-76.
(VALERA, *et al.*, 2017b) VALERA, A.C.; FERNANDES, M.; SIMÃO, P. (2017), Os hipogeus da Pré-História Recente da Quinta da Abóbada, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 12: 15-22.
VALERA, A.C. (2018), Landscapes of complexity in South Portugal during the 4t^{h} and 3rd millennium BC, Megaliths, Societies, Landscapes – Early Monumentality and Social Differentiation in Neolithic Europe.
VALERA, A.C., ANDRÉ, L. (2016/2017), Aspectos da Interacção Transregional da Pré-História Recente do Sudoeste Peninsular: interrogando as Conchas e Moluscos nos Perdigões, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 23, Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras: 189-218.
VALERA, A.C.; BECKER, H.; BOAVENTURA, R. (2013), Moreiros 2 (Arronches, Portalegre): geofísica e cronologia dos recintos interiores, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9: 37-46.
VALERA, A.C.; BECKER, H.; COSTA, C. (2015), Os recintos de fossos Pré-Históricos de Monte da Contenda (Arronches) e Montoito 2 (Redondo), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21: 195-216.
VALERA, A.C., FILIPE, I. (2004), O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular, *Era Arqueologia*, 6: 28-61.
VALERA, A.C.; FILIPE, V.; CABAÇO, N. (2013), O recinto de fosso do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9: 21-35.
VALERA, A.C.; PEREIRO, T. (2015), Os recintos de fossos da Salvada e Monte das Cabeceiras 2 (Beja, Portugal), *Actas do VII Encontro de Arqueologia Peninsular*, Aroche-Serpa: 316-327.
VALERA, A.C., WOOD, R. (Em preparação) - From individual to diluted collectives and back: a chronological trajectory of funerary practices in South Portugal (4th to middle 2nd millennium BC).
VALERA, A.C.; SCHUHMACHER, T.X.; BANERJEE, A. (2015), Ivory in the Chalcolithic enclosure of Perdigões (South Portugal): the social role of an exotic raw material, *World Archaeology*, 47(3): 390-413.
ZALAITE, I.; MAURER, A.F.; GRIMES, V.; SILVA, A.M.; RIBEIRO, S.; SANTOS J.F.; DIAS, C.B.; VALERA, A.C. (2018), Diet and mobility of fauna from Late Neolithic–Chalcolithic site of Perdigões, Portugal, *Journal of Archaeological Science: Reports*, 19: 674–685.

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA